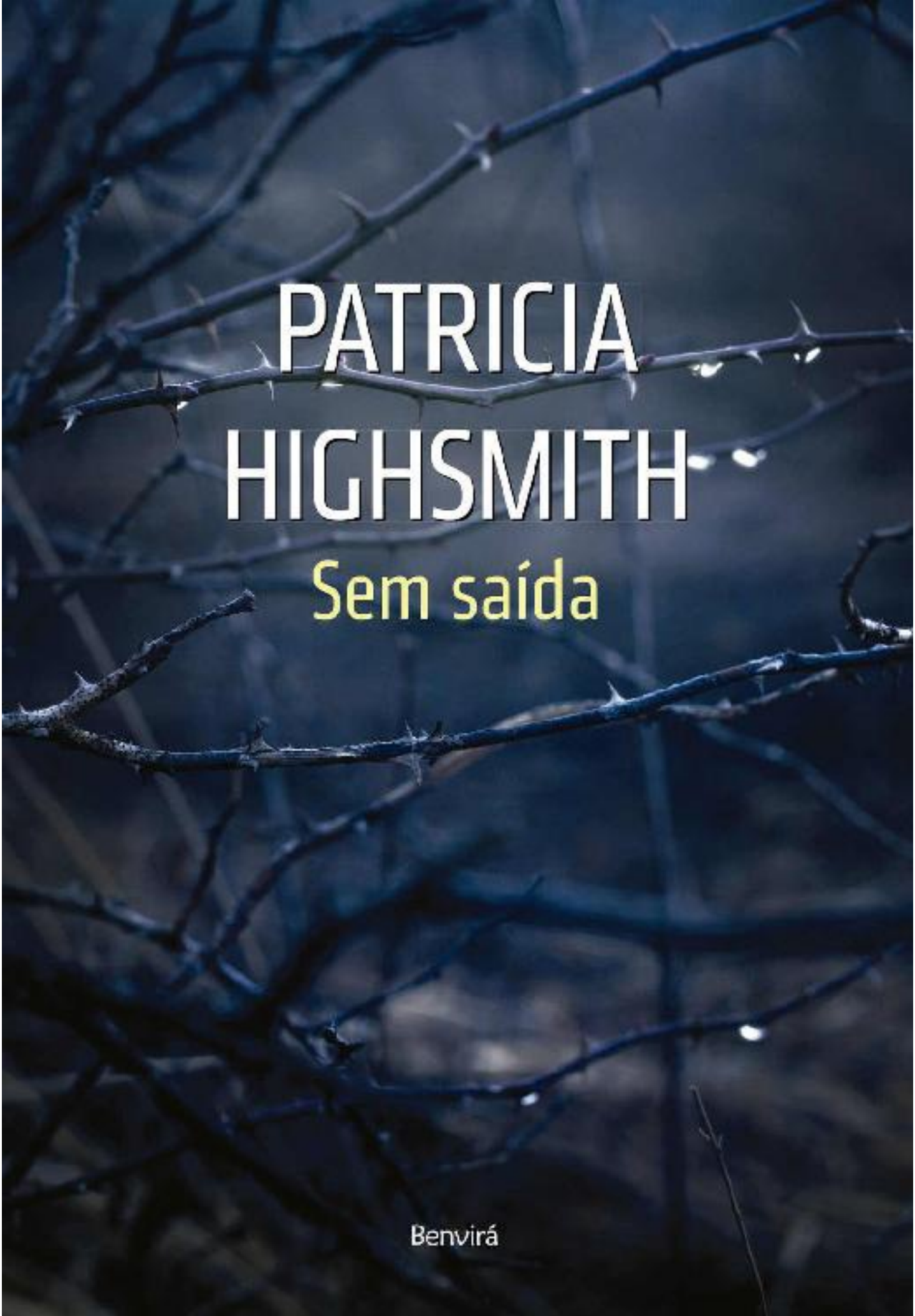

PATRICIA
HIGHSMITH
Sem saída
Benvirá

Sem saída

PATRICIA
HIGHSMITH

Sem saída

Tradução
Sonia Pinheiro

Benvirá

Editora Saraiva

Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP: 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC | **0800-0117875**
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial	Flávia Alves Bravin
Gerente editorial	Rogério Eduardo Alves
Planejamento editorial	Rita de Cássia S. Puoço
Editoras	Débora Guterman Luiza Del Monaco Paula Carvalho Tatiana Vieira Allegro
Assistente editorial	Lara Moreira Félix
Produtores editoriais	Alline Garcia Bullara Amanda Maria da Silva Daniela Nogueira Secondo Deborah Mattos Rosana Peroni Fazolari William Rezende Paiva
Comunicação e produção digital	Mauricio Scervianinas de França Nathalia Setrini Luiz
Suporte editorial	Juliana Bojczuk
Produção gráfica	Liliane Cristina Gomes

Preparação	Maísa Kawata
Revisão	Cátia de Almeida Mauricio Katayama

Diagramação Caio Cardoso
Capa William Rezende Paiva
Imagem de capa Wojciech Zwolinski/Arcangel Images
Adaptação para eBook: Hondana

ISBN 978-85-8240-241-2

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Highsmith, Patricia

Sem saída / Patricia Highsmith ; tradução de Sonia Pinheiro. – São Paulo : Benvirá, 2015.

280 p.

ISBN: 978-85-8240-241-2
Título original: The blunderer

1. Literatura norte-americana - Ficção I. Título II. Pinheiro, Sonia

15-0759

CDD 813.6
CDU 82(73)

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura norte-americana - ficção

Copyright © Diogenes Verlag AG Zürich, 1993
Título original: The blunderer, de Patricia Highsmith.
Publicado originalmente em 1956.

Todos os direitos reservados à Benvirá,
um selo da Editora Saraiva.
www.benvira.com.br

1ª edição, 2015

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei no 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

546.935.001.001

Para L.

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41

1

O homem de calça azul-escura e camisa esporte verde-bandeira esperava impacientemente na fila.

A moça do guichê era uma tonta, ele pensou, nunca fora capaz de dar o troco com rapidez. Ele inclinou a cabeça gorda e careca para cima, em direção à marquise iluminada, leu "HOJE: *Mulher marcada*", olhou desinteressadamente o cartaz com uma mulher seminua exibindo uma de suas coxas, depois olhou para a fila atrás de si para ver se havia algum conhecido. Não havia. Mas não poderia ter escolhido melhor momento, pensou. Bem na hora da sessão das oito. Empurrou seu dólar pela abertura no vidro.

– Olá – disse, sorrindo, para a garota loura.

– Olá. – Os inexpressivos olhos azuis dela se animaram. – Como vai o senhor esta noite?

Era o tipo de pergunta que ela sabia que não teria resposta. E não teve.

Ele entrou no cinema que cheirava ligeiramente a mofo e ouviu o som, nervoso e marcial, da trombeta que precedia o noticiário que acabara de começar. Passou diante do balcão em que se vendiam balas e pipoca e, quando chegou ao outro extremo do saguão, virou-se graciosamente, apesar do corpo volumoso, e olhou de maneira displicente ao redor. Lá estava Tony Ricco. Apertou o passo até alcançá-lo, enquanto os dois se dirigiam para o corredor central.

– Olá, Tony – ele disse, com o mesmo tom condescendente que usava quando Tony estava atrás do balcão da confeitaria de seu pai.

– Oi, sr. Kimmel – Tony sorriu. – Sozinho esta noite?

– Minha mulher acaba de embarcar para Albany – respondeu, acenando com a mão, e começou a andar de lado em uma fileira de

poltronas.

Tony continuou a descer o corredor, para chegar mais perto da tela.

O homem pressionava os joelhos na parte de trás das poltronas, murmurando “desculpe-me” e “obrigado”, porque todos tinham que ficar de pé ou levantar-se um pouco para lhe dar passagem. Ele seguiu até chegar ao corredor que ficava junto à parede. Caminhou até a porta no fundo da sala, na qual estava sinalizado “Saída”, atravessou duas portas de metal e saiu para o ar quente e abafado da rua. Tomou a direção oposta à marquise e atravessou a rua quase que imediatamente. Dobrou a esquina e entrou em seu Chevrolet preto de duas portas.

Dirigiu até o quarteirão que antecedia o terminal de ônibus Cardinal Lines e ficou esperando, dentro do carro, até que um ônibus com o letreiro NEWARK-NEW YORK-ALBANY deixou o terminal, e então o seguiu.

Seguiu o ônibus no tráfego lento pelo túnel Holland e depois, em Manhattan, seguiu para o norte. Mantinha dois carros entre ele e o ônibus, mesmo depois que saíram da cidade e que o trânsito se tornou leve e rápido. A primeira parada para descanso seria nos arredores de Tarrytown, ou talvez antes, imaginou. Se o local não fosse propício, teria que seguir em frente. E se não houvesse uma segunda parada para descanso... Bem, lá mesmo, em Albany, em algum beco. Seus lábios grandes e carnudos franziram-se enquanto ele se concentrava em dirigir, mas seus olhos de um castanho-amarelado, bem abertos por trás dos óculos grossos, não se alteraram.

O ônibus parou diante de um conjunto de mercearias iluminadas e de um café. Ele passou pelo ônibus, depois parou e estacionou o carro tão perto da beira da estrada que alguns gravetos arranharam a lateral do veículo. Saiu rapidamente e correu, só passando a caminhar quando chegou perto da área iluminada onde o ônibus havia parado.

As pessoas ainda estavam saltando do ônibus. Ele a viu descer, distinguiu os desajeitados movimentos de seu corpo robusto descendo os poucos degraus. Alcançou-a antes que ela andasse dois metros.

– Você! – ela disse.

Seu cabelo grisalho estava despenteado, e seus olhos inexpressivos olharam para ele com um ar de surpresa raivosa. Ele teve a impressão de que ainda estavam na cozinha, em Newark, discutindo.

– Ainda tenho umas coisinhas a dizer, Helen. Vamos até ali.

Ele a pegou pelo braço e virou-a na direção da estrada. Ela se soltou.

– Eles só vão parar dez minutos aqui. Diga logo o que quer dizer.

– A parada é de vinte minutos. Já me informei – retrucou num tom aborrecido. – Vamos até ali, onde ninguém pode nos ouvir.

Ela o acompanhou. Ele já havia notado que as árvores e a vegetação rasteira eram densas e elevadas do lado direito, o lado onde estava o carro dele. Mais uns poucos metros adiante haveria...

– Se você acha que eu vou mudar de ideia a respeito de Edward – ela começou, com voz trêmula e orgulhosa –, eu não vou mudar. Nunca mudarei.

Edward! A orgulhosa mulher apaixonada, ele pensou com asco.

– Pois *eu* mudei de ideia – ele disse em tom calmo e contrito, mas seus dedos apertaram involuntariamente o braço flácido da mulher. Mal podia esperar. Levou-a para a estrada.

– Mel, não quero ir tão longe do...

Ele se atirou sobre ela, jogando-a no meio da vegetação rasteira que ladeava a estrada. Ele quase caiu também, mas não soltou o pulso dela, preso por sua mão esquerda. Com a direita, golpeou a cabeça da mulher, com força suficiente para lhe quebrar o pescoço, pensou, mas mesmo assim continuou segurando-a pelo pulso esquerdo. Mal tinha começado. Ela estava caída no chão, e a mão esquerda dele foi em busca de sua garganta e apertou-a, sufocando o grito dela. Com o outro punho, usando-o de lado como se fosse um martelo, golpeou o corpo da mulher bem no centro do peito, entre os seios volumosos e protetores. Depois golpeou a testa, a orelha, com os mesmos golpes regulares e semelhantes a marteladas. Por fim, deu-lhe um soco no queixo, como teria feito com um homem. Então enfiou a mão no bolso para pegar o canivete, abriu-o e enterrou a lâmina – três, quatro, cinco vezes. Concentrou-se na cabeça porque queria destruí-la, socando-a várias vezes com as mãos cerradas, até que sua mão

começou a escorregar no sangue e a perder força, embora ele não percebesse. Estava consciente apenas de seu total contentamento, de um glorioso sentido de justiça, de injúrias vingadas, anos de insultos e ofensas, tédio, estupidez, sobretudo estupidez, sendo descontados.

Só parou quando perdeu o fôlego. Viu-se ajoelhado sobre a coxa dela e afastou o joelho com repugnância. Não a via, a não ser o claro vestido de verão que ela usava. Olhou em torno de si, à escuta. Não ouviu qualquer ruído, a não ser o zumbido de insetos, o ronco rápido de um carro seguindo velozmente pela rodovia. Estava a apenas alguns passos da rodovia, percebeu. Estava quase certo de que ela estava morta. Tinha certeza. Subitamente, desejou ver o rosto dela e procurou uma lanterna no fundo do bolso, mas não quis correr o risco de alguém ver a luz.

Inclinou-se cautelosamente para a frente e estendeu uma de suas mãos enormes com os dedos delicadamente esticados, prontos para tocar nela, e sentiu sua aversão aumentar à medida que a mão chegava mais perto. Assim que seus dedos tocaram a pele escorregadia, a outra mão disparou diretamente para logo abaixo da ponta dos dedos. Então ele se levantou, respirando profundamente por um momento, sem pensar em nada, apenas escutando. Começou a andar em direção à rodovia. Sob a luz amarelada da autoestrada, examinou-se em busca de sangue, mas não havia nada, a não ser em suas mãos. Limpou as mãos uma na outra, distraidamente, enquanto andava, mas elas só se tornaram mais pegajosas e mais repulsivas, e ansiou por lavá-las. Lamentou o fato de ter que tocar no volante antes de lavar as mãos e imaginou com exatidão meticulosa como molharia o pano de limpeza que havia debaixo da pia assim que chegasse em casa, para limpar toda a superfície do volante. Até o esfregaria.

Notou que o ônibus havia partido. Não tinha noção de quanto tempo havia passado ali. Voltou para o carro, fez a curva e rumou para o sul. Em seu relógio de pulso faltavam quinze minutos para as onze horas. A manga da camisa estava rasgada, e teria que se livrar dela, pensou. Calculou que estaria de volta a Newark pouco depois da uma hora.

2

Começou a chover enquanto Walter esperava no carro.

Ergueu os olhos do jornal e tirou o braço da janela. Havia pontos de um azul mais escuro espalhados pelo linho azul de seu paletó.

O martelar dos grandes pingos da chuva se tornou mais forte no teto do carro e, em um instante, a rua curva de asfalto estava molhada e brilhando, refletindo, em um comprido borrão vermelho, o letreiro de neon de uma drogaria cerca de um quarteirão adiante. Anoitecia, e a chuva havia lançado uma densa sombra sobre a cidade. Ao longo da rua, as bem-comportadas casas no estilo da Nova Inglaterra pareciam mais brancas do que nunca sob o entardecer, e as cercas brancas e baixas ao redor dos gramados se destacavam como pontos costurados em um pano.

Ideal, ideal, pensou Walter. O tipo de cidadezinha em que você se casa com uma garota saudável e simpática, mora com ela em uma casa branca, vai pescar aos sábados e ensina os filhos a fazer o mesmo.

Irritante, havia dito Clara essa tarde, apontando para a pequena roda de fiar ao lado da lareira do hotel. Ela achava que Waldo Point era um lugar tipicamente turístico. Walter havia escolhido a cidadezinha depois de muito refletir, porque era a de aparência menos turística em uma lista de cidades no Cabo Cod. Ele se lembrou de que ela havia se divertido muito em Provincetown e não havia se queixado de que a cidade era turística. Mas aquele tinha sido o primeiro ano deles de casados, e agora já estavam no quarto ano. O proprietário do hotel Spindrift dissera a Walter, na véspera, que o avô dele havia fabricado a roda de fiar para suas filhinhas praticarem. Se Clara se desse ao trabalho por um minuto...

Era algo tão insignificante, pensou Walter. Todas as discussões deles eram insignificantes. Como a de ontem, sobre se um homem e uma mulher inevitavelmente se cansavam um do outro fisicamente após dois anos de casamento. Walter não achava que isso fosse inevitável. Clara era sua prova, embora ela argumentasse de maneira cínica e desagradável que *era* inevitável. Walter preferiria cortar a própria língua fora a dizer a ela que ainda a amava fisicamente tanto quanto antes. Será que Clara não sabia disso? E não fora exatamente esta a finalidade da discussão: irritá-lo?

Walter mudou de posição dentro do carro, passou os dedos pelos cabelos louros e abundantes e tentou relaxar e ler o jornal. Meu Deus, ele pensou, isso deveriam ser férias.

Seus olhos percorreram rapidamente uma matéria sobre a situação do exército americano na França, mas continuou pensando em Clara. Pensou na manhã de quarta-feira, quando, depois de terem saído bem cedo para um passeio no barco de pesca (pelo menos ela havia gostado da pescaria com Manuel, porque fora educativa), voltaram para casa e tiraram uma soneca. Clara estava com uma disposição maravilhosa e extraordinária. Tinham rido de alguma coisa e então os braços dela, que rodeavam o pescoço dele, se estreitaram lentamente...

Aquilo fora na quarta-feira, e só haviam se passado três dias... Mas no dia seguinte a voz dela já estava ácida, o velho padrão punitivo depois de um favor concedido.

Eram 20h10. Pela janela, Walter olhou para a fachada do hotel, um pouco atrás dele. Ainda não havia sinais dela. Tornou a olhar para o jornal e leu: CORPO DE MULHER ENCONTRADO PRóXIMO A TARRYTOWN, NY.

A mulher havia sido brutalmente esfaqueada e espancada, mas não fora roubada. A polícia não tinha nenhuma pista. Ela estava em um ônibus que ia de Newark para Albany, e sentiram sua falta depois de uma parada para descanso, mas o ônibus seguiu viagem sem ela.

Walter perguntou-se se isso forneceria uma história para seus ensaios; se o assassino mantivera algum tipo de relação incomum com a mulher. Lembrou-se de ter lido certa vez uma matéria sobre um

assassinato, aparentemente sem motivo, mais tarde explicado por uma relação distorcida entre o assassino e a vítima, uma amizade como a que existia entre Chad Overton e Mike Duveen. Walter pudera usar a história do assassinato para assinalar alguns elementos potencialmente perigosos da amizade Chad-Mike. Recortou o pequeno artigo sobre a mulher de Newark e colocou-o no bolso. Valia a pena guardá-lo pelo menos por alguns dias, para ver se descobriam alguma coisa sobre o assassino.

Os ensaios tinham sido o passatempo de Walter nos últimos dois anos. Seriam onze ao todo, sob o título *Amizades desiguais*. Só um já estava terminado – o ensaio sobre Chad e Mike –, mas já havia escrito o esboço de vários outros, e todos se baseavam na observação de seus próprios amigos e conhecidos. Sua tese era de que a maioria das pessoas mantinha pelo menos uma amizade com alguém inferior a si, para atender a certas necessidades que eram refletidas ou complementadas pelo amigo inferior. Chad e Mike, por exemplo: ambos pertenciam a famílias ricas que os haviam mimado, mas Chad havia preferido trabalhar, enquanto Mike continuava sendo um *playboy* que já não tinha como viver como tal desde que a família cortara sua mesada. Mike era um bêbado imprestável e não tinha escrúpulos em se aproveitar de todos os amigos. A essa altura, Chad era o único que lhe restava. Chad aparentemente pensava "Aqui vou eu, mais uma vez", e dava dinheiro a Mike, além de lhe fornecer abrigo periodicamente. Mike não era importante para ninguém como amigo. Walter não pretendia publicar seu livro. Os ensaios eram puramente para seu próprio prazer, e ele nem ao menos se importava em saber quando ou se os terminaria.

Walter afundou no assento do carro e fechou os olhos. Pensava na propriedade de cinquenta mil dólares em Oyster Bay que Clara estava tentando vender. Rezou silenciosamente para que um dos compradores em potencial a comprasse, para o bem de Clara, para o bem dele mesmo. Na véspera, ela tinha passado boa parte da tarde estudando a planta da casa e do terreno. Estava planejando o ataque que faria na semana seguinte. Sabia que ela se atiraria furiosamente aos pretendentes. Era inacreditável que ela não os aterrorizasse, que

algum deles comprasse alguma coisa. Mas compravam. A Imobiliária Knightsbridge a considerava uma excelente corretora.

Se ele ao menos conseguisse fazê-la relaxar... Dar-lhe a necessária dose de segurança, costumava pensar. Mas não era isso que ele dava? Amor, afeição e também dinheiro. Mas não adiantava nada.

Ouviu os passos dela – *toc, toc, toc* em cima dos saltos altos, enquanto ela corria –, endireitou-se no banco e pensou: "Que droga, está chovendo e eu devia ter estacionado o carro na frente do hotel". Inclinou-se e abriu a porta da frente para ela.

– Por que você não parou o carro na porta? – ela perguntou.

– Desculpe. Só pensei nisso agora. – E arriscou um sorriso.

– Espero que você tenha notado que está chovendo – ela disse, sacudindo desesperançada a cabeça pequena. – Saia daí, querido, você está molhado. – E empurrou Jeff, seu *fox terrier*, para fora do banco, mas ele tornou a subir com um salto. – Assim não, Jeff.

Jeff deu um latido alegre, como se fosse uma brincadeira, e saltou pela terceira vez, como uma mola. Clara deixou-o ficar e envolveu-o afetuosamente com o braço. Walter seguiu em direção ao centro da cidade.

– Que tal um drinque no Melville antes de irmos comer? É nossa última noite.

– Eu não quero um drinque, mas posso ir com você, já que faz questão de um.

– OK.

Talvez ele conseguisse convencê-la a tomar um Tom Collins. Ou um vermute doce com soda. Mas provavelmente não conseguiria. Valeria a pena fazê-la ficar ali sentada enquanto ele tomava um drinque? E ele, geralmente, preferia tomar dois. Walter passou por um daqueles momentos ambivalentes, um apagão da vontade, em que não conseguia decidir se tomaria ou não um drinque. Passou diante do hotel sem entrar.

– Pensei que iríamos ao Melville – disse Clara.

– Mudei de ideia, já que você não vai me acompanhar na bebida. – Walter pousou a mão sobre a dela e apertou-a de leve. – Vamos direto para o Lobster Pot.

Ele virou à esquerda perto do final da rua. O Lobster Pot ficava em um promontório no litoral. A brisa marinha, fresca e salgada, penetrava fortemente pela janela do carro. De repente, Walter viu-se em meio a uma escuridão absoluta. Olhou à sua volta, procurando a fileira de luzes azuis do Lobster Pot, mas não a viu em lugar nenhum.

– É melhor voltarmos para a estrada principal e recomeçarmos a partir do posto de gasolina, como sempre faço – disse Walter.

Clara riu.

– E olha que você já esteve aqui cinco vezes, ou mais!

– E isso importa? – Walter perguntou com uma indiferença calculada. – Não estamos com pressa. Ou estamos?

– Não, mas é uma loucura perdermos tempo e energia quando, com um pouco de inteligência, você poderia ter tomado o caminho certo desde o início.

Walter precisou se conter para não dizer que ela estava desperdiçando mais energia do que ele. A linha tensa do corpo dela e o rosto voltado em direção ao para-brisa magoavam-no, faziam-no sentir que as férias de uma semana haviam sido inúteis, que a manhã maravilhosa depois da pescaria havia sido inútil. Haviam sido esquecidas no dia seguinte como tantas outras noites maravilhosas e manhãs que ele podia enumerar durante o ano anterior, pequenos oásis esparsos. Tentou pensar em alguma coisa agradável para dizer antes de saírem do carro.

– Você fica bem com esse xale – ele disse sorrindo. Ela o usava frouxo sobre os ombros nus e enrolado nos braços. Ele sempre admirara o modo como Clara usava suas roupas e o bom gosto que demonstrava ao escolhê-las.

– É uma estola – ela disse.

– Uma estola. Amo você, querida. – E se curvou para beijá-la, então ela voltou os lábios para ele. Ele a beijou de leve, para não borrar o batom.

Clara pediu lagosta fria com maionese, que adorava, e Walter pediu peixe grelhado e uma garrafa de Riesling.

– Pensei que você fosse comer carne hoje, Walter. Se você comer peixe outra vez, Jeff não vai ganhar *nada* hoje.

– Está bem – disse Walter. – Vou pedir um bife. Jeff pode ficar com a maior parte dele.

– Você fala como se fosse um mártir!

Os bifes não eram muito bons no Lobster Pot. Walter havia pedido bife outra noite, por causa de Jeff, que se recusava a comer peixe.

– Não tem problema nenhum para mim, Clara. Não vamos brigar por pouca coisa em nossa última noite.

– Quem está brigando? Lá vem você.

No fim das contas, o bife foi pedido. Clara impusera sua vontade; então suspirou e deixou o olhar vagar pelo espaço, aparentemente pensando em outra coisa. Estranho, pensou Walter, que a parcimônia de Clara envolvesse até a alimentação de Jeff, embora este fosse mimado em todos os outros aspectos. Por que ela era assim? O que acontecera no passado para torná-la uma pessoa que contava cada tostão? Sua família não era pobre nem rica. Esse era mais um mistério a respeito de Clara para o qual provavelmente nunca encontraria resposta.

– Kits – ele disse afetuosamente. Era o apelido carinhoso que dera a ela e usava-o raramente, para que não se gastasse. – Esta noite vamos apenas nos divertir. Provavelmente vai demorar muito para termos outras férias juntos. Que tal dançarmos no Melville depois do jantar?

– Tudo bem – disse Clara. – Mas não se esqueça de que temos que acordar às sete amanhã.

– Não vou me esquecer.

A viagem de volta até a casa deles durava apenas seis horas, mas Clara queria chegar no meio da tarde, a tempo de tomar chá com os Philpott, seus chefes na Imobiliária Knightsbridge. Walter deslizou a mão por cima da mão dela, sobre a mesa. Amava as mãos dela. Eram pequenas, mas não pequenas demais, bem formadas e fortes. A mão dela se acomodou à dele quando ele a segurou.

Clara não olhou para ele. Fitava o espaço, mas não com olhar sonhador, e sim fixamente. Tinha um rosto miúdo, bonito, mas a expressão era fria e distante, e sua boca, quando em repouso, tinha uma expressão triste. Era um rosto de traços sutis que um estranho dificilmente lembraria.

Ele olhou para trás, procurando Jeff. Clara o havia soltado da guia e ele passeava pela sala comprida, farejando os pés das pessoas, aceitando bocadinhos de comida de seus pratos. Ele sempre aceitava peixe do prato de outras pessoas, lembrou Walter. Isso o deixou constrangido, já que o garçom, em uma noite anterior, havia pedido que eles mantivessem o cão preso à guia.

– O cachorro está bem – disse Clara, sem esperar que ele fizesse algum comentário.

Walter provou o vinho e acenou com a cabeça para o garçom, aprovando a bebida. Esperou que enchesse o copo de Clara e, então, ergueu o dele.

– Um brinde a um feliz final de verão e à venda de Oyster Bay – ele disse, e notou que os olhos castanhos dela brilharam à menção da venda de Oyster Bay. Depois de Clara ter bebido um pouco de vinho, ele perguntou: – O que você acha de marcarmos a data daquela festa?

– Qual festa?

– A festa sobre a qual conversamos antes de sair de Benedict. Você disse que seria no fim de agosto.

– Tudo bem – respondeu Clara, em voz baixa e sem entusiasmo, como se tivesse sido derrotada em um jogo e tivesse que abrir mão de um direito, por mais que isso a aborrecesse. – Talvez no sábado, dia 28.

Começaram a fazer a lista de convidados. Não havia nenhum motivo especial para a comemoração, a não ser o fato de que não davam uma festa desde o almoço no Ano-Novo e de que tinham comparecido a pelo menos uma dúzia desde então. Seus amigos da região de Benedict davam muitas festas e, embora Walter e Clara nem sempre fossem convidados, eram convidados um número de vezes suficiente para não se sentirem excluídos. Tinham que convidar os Ireton, é claro, os McClintock, os Jensen, os Philpott, Jon Carr e Chad Overton.

– Chad? – perguntou Clara.

– Sim. Por que não? Acho que lhe devemos alguma coisa, não acha?

– Acho que ele é quem nos deve desculpas, se quer saber.

Walter pegou um cigarro. Chad tinha ido à casa deles certa noite, apenas uma visita não anunciada, ao voltar de Montauk, e de alguma forma – Walter nem mesmo soube como – tinha bebido martínis suficientes para desmaiar no sofá deles, ou pelo menos adormecer profundamente. De nada adiantaram as explicações de que Chad estava cansado por ter dirigido o dia todo no calor. Chad entrou para a lista negra. E, mesmo assim, eles haviam se hospedado várias vezes no apartamento dele nas noites em que iam a Nova York assistir a alguma peça, quando Chad, para ser gentil, passava a noite na casa de um amigo para lhes ceder o próprio apartamento.

– Você não pode esquecer aquilo? – perguntou Walter. – Ele é um bom amigo, Clara, e um sujeito inteligente também.

– Tenho certeza de que ele apagaria novamente se ficasse diante de uma garrafa de bebida.

De nada adiantaria dizer a ela que nunca vira Chad apagar, antes ou depois. De nada adiantaria lembrar-lhe que ele, para todos os efeitos, devia a Chad seu emprego atual. Walter havia trabalhado como assistente de Chad no escritório de advocacia Adams, Adams e Branover, no ano seguinte à sua graduação em Direito. Walter deixara o escritório e fora para São Francisco com a intenção de abrir seu próprio escritório, mas conhecera Clara, casara-se com ela, e ela desejava que ele voltasse para Nova York e continuasse trabalhando com direito empresarial, que era mais lucrativo. Chad o havia recomendado, com referências acima do que ele realmente merecia, à firma de advocacia Cross, Martinson e Buchman. Chad era muito amigo de Martinson. A firma pagava um salário equivalente ao de advogado sênior, embora Walter tivesse apenas trinta anos. Se não fosse Chad, pensou Walter, eles não estariam sentados no Lobster Pot bebendo Riesling importado naquele momento. Achou que deveria convidar Chad para almoçar um dia desses, em Manhattan. Ou mentir para Clara e sair com ele uma noite. Talvez contar para ela, sem ter que mentir. Walter tragou a fumaça do cigarro.

– Fumando no meio da refeição?

A comida havia chegado. Walter apagou o cigarro no cinzeiro, com deliberada calma.

– Você não concorda que *ele* nos deve alguma coisa? Um ramo de flores, pelo menos.

– Está bem, Clara, *está bem*.

– Mas por que essa voz zangada?

– Porque eu gosto de Chad, e se continuarmos a boicotá-lo acabaremos perdendo a amizade dele. Como perdemos a dos Whitney.

– Nós não perdemos os Whitney. Parece que você acha que temos que bajular todo mundo e aceitar todos os insultos. Nunca vi ninguém tão preocupado com a opinião dos outros.

– Não vamos brigar, querida. – Walter cobriu o rosto com as mãos, mas baixou-as imediatamente. Era um gesto antigo, que costumava fazer na privacidade de sua casa. Não suportava fazê-lo no final das férias. Virou-se para procurar Jeff outra vez. O cachorro estava na outra extremidade do salão, tentando de todas as maneiras abraçar o pé de uma mulher. A mulher parecia não entender e continuava passando a mão na cabeça de Jeff. – Acho que devo ir buscá-lo – disse Walter.

– Ele não está causando nenhum problema. Acalme-se. – Clara desmembrava sua lagosta com destreza e comia rapidamente, como sempre.

No momento seguinte, um garçom aproximou-se e disse, sorrindo:

– O senhor poderia colocar uma guia em seu cachorro?

Walter levantou-se e atravessou a sala em direção a Jeff, constrangido, sentindo-se vistoso demais com sua calça branca e seu paletó azul. Jeff ainda brincava com o pé da mulher, com a cabeça malhada olhando de lado e mostrando os dentes, como se nem ele levasse aquilo a sério, mas Walter teve dificuldade em soltar as perninhas dele do tornozelo da mulher, a quem disse:

– Mil desculpas.

– Imagine, ele é uma gracinha – disse a mulher.

Walter refreou o desejo de esmagar o cachorro com as mãos. Levou-o de volta, da maneira correta, isto é, com uma mão sob o peito pequeno e arfante e a outra em seu dorso, para equilibrá-lo, e delicadamente sentou-o no chão, ao lado de Clara, e prendeu a guia.

– Você odeia esse cachorro, não é mesmo? – Clara perguntou.

– Acho que ele é mimado. Só isso.

Walter observou a fisionomia de Clara enquanto ela colocava Jeff no colo. Quando acariciava o cão, seu rosto se tornava belo, suave e amoroso, como se ela estivesse acariciando uma criança, seu próprio filho. Observar o rosto de Clara enquanto afagava Jeff era o maior prazer que aquele cão lhe proporcionava. Não o odiava, odiava sua personalidade egoísta, atrevida, sua expressão idiota que parecia, sempre que olhava para Walter, dizer "*Eu* tenho uma boa vida, e veja só *você*". Odiava o cachorro porque ele jamais estava errado na opinião de Clara, e ele, Walter, nunca tinha razão.

– Você acha mesmo que ele é mimado? – perguntou Clara, acariciando a orelha preta e molenga do cão. – Acho que ele se comportou muito bem quando fomos à praia de manhã.

– Eu quis dizer que você escolheu um *fox terrier* porque eles são mais inteligentes do que a maioria dos cães, mas você não se dá ao trabalho de ensinar-lhe um pouco de bons modos.

– Imagino que você esteja se referindo ao que ele estava fazendo do outro lado do salão.

– Em parte é por isso. Sei que ele tem quase dois anos de idade, mas, enquanto ele proceder desse jeito, acho que não devemos deixá-lo andar pelos salões de jantar. Não é muito agradável de se ver.

Clara ergueu as sobrancelhas.

– Ele estava se divertindo sem incomodar ninguém. Do jeito que você fala, parece até que tem inveja dele. Vindo de você... isso me espanta – ela disse, com expressão friamente divertida.

Walter não sorriu.

Na tarde seguinte, já haviam voltado para casa. Clara ficou sabendo que a venda de Oyster Bay não seria decidida antes de um mês, e, vivendo essa expectativa, uma festa estava fora de questão, até que soubesse se a propriedade seria vendida ou não.

Durante a quinzena que se seguiu, Chad telefonou perguntando se podia ir até lá, recebeu um "não" como resposta e talvez tenham batido o telefone na cara dele antes que Walter pudesse pegá-lo. Jon Carr, o melhor amigo de Walter, recebeu uma negativa bem diante de

Walter quando telefonou no sábado de manhã. Clara disse ao marido que Jon os havia convidado para um jantar que daria na semana seguinte, mas ela havia decidido que não valia a pena dirigir até Manhattan para isso.

Walter às vezes sonhava que um ou vários de seus amigos o haviam abandonado. Eram sonhos tristes, de partir o coração, e ele acordava com a sensação de que estava sufocando.

Já havia perdido cinco amigos – para todos os efeitos estavam perdidos, pois Clara não os recebia em casa, embora Walter ainda escrevesse para eles, e, quando podia, encontrava-se com eles. Dois estavam na Pensilvânia, estado natal de Walter. Um morava em Chicago, e os outros dois, em Nova York. Walter, para ser honesto consigo mesmo, tinha que admitir que Howard Graz, em Chicago, e Donald Miller, em Nova York, estavam tão magoados com ele que já nem se dava ao trabalho de lhes escrever. Ou talvez eles lhe devessem cartas.

Walter lembrou-se do sorriso de Clara, um verdadeiro sorriso de triunfo, quando ficou sabendo que Don havia dado uma festa em Nova York para a qual ele não fora convidado. Tinha sido uma reunião apenas para homens. Clara teve certeza de que o havia afastado de Don, e ficara encantada.

Foi naquele momento, havia cerca de dois anos, que Walter realmente se dera conta pela primeira vez de que havia se casado com uma neurótica, uma mulher que, em certos aspectos, chegava a ser louca, e, além disso, uma neurótica pela qual ele estava apaixonado. Não conseguia deixar de pensar no primeiro e maravilhoso ano com ela, do quanto se sentia orgulhoso porque ela era mais inteligente do que a maioria das mulheres (e agora ele detestava a palavra inteligência, porque Clara a transformara num fetiche), o quanto haviam rido juntos, como tinham se divertido decorando a casa em Benedict, e desejava que a Clara daqueles dias voltasse milagrosamente. Ela continuava sendo, apesar de tudo, a mesma pessoa, a mesma carne. Ele ainda amava aquela carne.

Quando ela aceitara o emprego na Knightsbridge, há oito meses, Walter tivera esperanças de que isso daria vazão à competitividade

decorrente da inveja que percebia nela, até mesmo dele, porque ele seguia uma carreira considerada promissora. Mas o trabalho só aguçara sua competitividade e sua estranha insatisfação consigo mesma, como se o fato de voltar a trabalhar tivesse destampado a chaminé de um vulcão que, até o momento, apenas fumegava. Walter chegara a sugerir que ela se demitisse. Clara nem admitia pensar nisso. O lógico teria sido ela se ocupar com filhos, e Walter os queria, mas Clara não, e ele não tentou persuadi-la com veemência. Clara não tinha paciência com crianças, e Walter duvidava de que ela agisse de forma diferente com os próprios filhos. Mesmo aos 26 anos, idade com que havia se casado, Clara declarava jocosamente que estava muito velha para isso. Ela se sentia constrangida pelo fato de ser dois meses mais velha do que Walter, e ele tinha que tranquilizá-la com frequência dizendo-lhe que ela parecia ser muito mais nova do que ele. Ela agora estava com trinta anos, e Walter sabia que a questão dos filhos nunca mais seria cogitada.

Às vezes, segurando um segundo uísque com soda, de pé no gramado de algum conhecido em Benedict, Walter perguntava-se o que estava fazendo ali, no meio daquela gente agradável, satisfeita com a própria riqueza e, sobretudo, chata, e o que ele estava fazendo de sua vida. Pensava constantemente em deixar a firma Cross, Martinson e Buchman, e fazia planos com Dick Jensen, o colega com o qual mantinha melhores relações no escritório. Dick, como ele, queria ter o próprio escritório de advocacia. Haviam conversado certa noite, a noite toda, sobre abrirem um escritório para cuidar de pequenas causas, as que a maioria dos escritórios se recusava a aceitar. Os honorários seriam mais modestos, mas, em compensação, seriam muito mais numerosos. Atraíram Blackstone e Wigmore para o escritório de Dick, repleto de livros, e conversaram sobre a crença, quase mística, no poder que tinha a lei de criar uma sociedade ideal. Para Walter, havia sido como um retorno ao entusiasmo dos seus dias na faculdade de Direito, quando a lei era um instrumento eficiente que ele começava a usar, quando se sentira, no âmago do seu ser, como um jovem cavaleiro prestes a correr pelo mundo para socorrer os oprimidos e apoiar os virtuosos. Naquela noite, ele e Dick tinham

decidido abandonar a Cross, Martinson e Buchman no primeiro dia do ano. Alugariam uma sala nas imediações da Rua 40 Oeste. Walter comentara o assunto com Clara e, embora ela não demonstrasse entusiasmo, pelo menos não tentara dissuadi-lo. Dinheiro não era problema, pois Clara deveria ganhar no mínimo cinco mil dólares por ano. A casa era deles; tinha sido um presente de casamento da mãe de Clara.

A única coisa que poderia dar a Walter uma resposta positiva a respeito do que estava fazendo com sua vida seria o escritório de advocacia que pretendia abrir com Dick. Imaginava o escritório florescendo, de onde sairiam inúmeros clientes satisfeitos. Mas também se perguntava se o escritório ficaria aquém do que esperava; se Dick perderia o entusiasmo. Walter tinha noção de que realizações absolutas eram poucas. Os homens faziam leis, estabeleciam metas, mas nem sempre eram bem-sucedidos. Seu casamento não era o que ele esperava. Clara não era o que ele esperava, e talvez ele também não atendesse às expectativas dela. Mas ele tentara e ainda tentava. Uma das poucas coisas das quais tinha certeza era de que amava Clara e de que se sentia feliz agradando-a. Ele tinha Clara e a havia agradado ao aceitar seu atual emprego e ao vir morar aqui, em meio a toda essa gente agradável e maçante. Se ela parecia não gostar tanto quanto deveria da vida que levava, pelo menos não mostrava desejos de se mudar para outro lugar para fazer algo diferente do que fazia aqui. Walter havia lhe perguntado sobre isso. Aos trinta anos, Walter chegara à conclusão de que a insatisfação era normal. Como a maioria das pessoas, imaginava que a vida consistia em não atingir os ideais, um após outro, a não ser que a pessoa tivesse a sorte de contar com a presença de uma pessoa amada. No entanto, não conseguia tirar da cabeça a ideia de que Clara, se continuasse assim, poderia pôr fim ao que restava da esperança que depositava nela.

Seis meses atrás, na primavera, ele e Clara tinham tido sua primeira conversa a respeito de um divórcio, e, mais tarde, haviam consertado as coisas de forma insatisfatória.

3

Na noite de 18 de setembro, cerca de quinze carros estavam encostados em um lado da Marlborough Road e mais alguns haviam estacionado no gramado dos Stackhouse. Clara não gostou que os convidados tivessem colocado os veículos sobre o gramado, que acabara de passar por um tratamento revigorante à base de superfosfato, calcário agrícola e uns vinte e poucos quilos de turfa, o que custara quase duzentos dólares, incluindo a mão de obra. Clara disse a Walter que pedisse às pessoas para tirarem seus carros dali.

– Eu mesma pediria, mas acho que é atribuição de um homem fazer isso – disse Clara.

– Se tirarmos esses carros, simplesmente virão outros depois – respondeu-lhe Walter. – Eles preferem estacionar aqui porque as mulheres não querem andar tanto de salto alto desde a estrada. Você pode entender isso.

– O que eu entendo é que você não tem coragem de pedir a eles – retrucou Clara.

Walter desejou que ela não pedisse a ninguém para sair do lugar. Em Benedict, todo mundo estacionava em gramados.

Todos os convidados, inclusive os Philpott, mais idosos e conservadores, pareciam estar muito alegres. O sr. Philpott usava *smoking* branco, calça social preta e alpargatas por uma questão de hábito, já que Clara avisara que os homens não precisavam usar trajes formais, e as mulheres podiam usá-los se quisessem. As mulheres sempre queriam usar, mas não os homens. A sra. Philpott havia trazido uma grande caixa de bombons para Clara. Walter observou-a enquanto entregava a caixa, com palavras elogiosas que deixaram radiante o rosto da esposa, que havia vendido a propriedade em

Oyster Bay para um dos clientes dos Philpott, dez dias atrás.

Walter foi até onde estava Jon Carr, de pé, sozinho, diante da lareira cheia de toras de madeira. O rosto de Jon começava a adquirir uma expressão imperturbável de bom humor, que em geral surgia depois que ele tomava o quarto ou quinto drinque. Jon lhe havia dito que acabara de chegar de um coquetel em Manhattan e que não havia jantado.

– Que tal um sanduíche? – perguntou Walter. – Há pilhas de sanduíches na cozinha.

– Sanduíches não – disse Jon com convicção. – Preciso tomar cuidado com a barriga, e prefiro que os centímetros a mais sejam provenientes do uísque.

– Quais são as novidades no seu escritório? – Walter perguntou.

Jon falou sobre a nova edição de sua revista, que falaria somente de vidro e materiais de vidro usados na construção de edifícios. Jon Carr era o editor da *Skyline*, uma revista de arquitetura, já no seu sexto ano de existência, fundada por ele próprio e que já era tão influente quanto as demais revistas de arquitetura de grupos editoriais existentes no mercado. Para Walter, Jon representava um tipo raro de americano: refinado, bem-educado e que não se importava de trabalhar duro para conseguir o que queria. Os pais de Jon não eram ricos o bastante para ajudá-lo na carreira, e Jon tinha até mesmo trabalhado a maior parte do tempo para pagar a faculdade de Arquitetura. Walter francamente admirava Jon e se sentia envaidecido por ser admirado por ele. Chegava a colocar a amizade deles na categoria de “amizade desigual”, se olhada do ponto de vista de Jon.

Jon perguntou a Walter se topava dar uma escapada no domingo seguinte para ir pescar com ele e Chad, num veleiro, na costa de Montauk Point.

– Se Clara quiser ir, tudo bem – disse Jon. – Chad está com uma namorada nova, e pensei que Clara poderia ficar com ela na praia enquanto nós iríamos pescar. O nome dela é Millie. É inteligente, e Clara pode gostar dela. A Clara gosta de praia, não? Por falar nisso, onde está o Chad?

Walter sorriu levemente.

– Sinto muito, mas o Chad é *persona non grata* no momento.

Jon fez um gesto com a mão que significava “tudo bem, deixe para lá”.

Walter pegou mais um uísque com soda da bandeja que Claudia estava servindo e levou-o para a sra. Philpott. Ela protestou dizendo que não precisava de mais um, mas Walter insistiu. Discretamente, enquanto conversava com ela junto à lareira, ele impediu, com um leve gesto do pé, que Jeff abusasse da perna de uma mulher. O cachorro correu para a porta para receber novos convidados que chegavam. Jeff adorava festas. Circulava pela sala, pelo terraço e pelo jardim, recebendo agrados e canapés de todo mundo.

– Sua mulher é a funcionária mais extraordinária que já tivemos, sr. Stackhouse – disse a sra. Philpott. – Acho que, quando ela quer, não há nada que não consiga vender ou comprar.

– Direi a ela que a senhora falou isso.

– Oh, acho que ela sabe – respondeu a sra. Philpott dando uma piscadinha.

Walter respondeu com um sorriso, com a impressão de que havia trocado uma profunda confidência com aqueles olhinhos azuis cercados de rugas.

– Só não permita que ela trabalhe demais – ele pediu.

– Mas isso faz parte da natureza dela. Acho que não há nada que possamos fazer quanto a isso.

Walter concordou com um gesto de cabeça, sorrindo. A sra. Philpott tinha falado alegremente e, com certeza, do ponto de vista dela, estava tudo bem. Walter viu Clara parada à porta do corredor da sala de estar e foi até ela.

– Está tudo indo bem, não está? – ele perguntou.

– Está, sim. Onde está a Joan?

– Telefonou dizendo que não podia vir porque a mãe está doente e que vai ficar em casa com ela.

Joan era a secretária de Walter, uma garota bonita e inteligente, de 24 anos, que Walter admirava muito. Ele se sentia feliz por Clara nunca ter demonstrado ciúmes de Joan.

– A mãe dela deve estar muito doente – comentou Clara.

Clara não gostava da própria mãe. Walter havia notado que ela não aprovava aqueles que gostavam da sua.

– Você está linda esta noite, Clara. Absolutamente linda.

Clara olhou-o de relance e concedeu-lhe um vestígio de sorriso. Ainda estava examinando os convidados.

– E aquele outro... Como é mesmo o nome dele? Peter. Ele não está aqui.

– Pete Slotnikoff! Tem razão – Walter sorriu. – É muita esperteza sua notar isso, já que não o conhece pessoalmente.

– Mas conheço todos os que *estão* aqui, obviamente.

O relógio de Walter marcava dez horas e dezessete minutos.

– Talvez ele ainda venha. Pode ter se perdido.

– Ele vinha de carro?

– Não, ele não tem carro. Suponho que vá pegar o trem. – Walter queria oferecer a Pete o sofá da sala para dormir, no caso de não haver ninguém que lhe desse uma carona de volta para Nova York, mas decidiu adiar a comunicação desse fato a Clara até a hora em que se tornasse necessário. – Por falar nisso, querida, Jon me convidou para pescar com ele no próximo domingo. Na costa de Montauk. Você foi convidada para ir e ficar na praia, se quiser, porque a namorada de Jon vai também.

– A namorada de Jon?

– Bem, uma amiga – corrigiu Walter, porque Jon se mantinha notoriamente cauteloso em relação a mulheres desde seu divórcio.

O rosto miúdo de Clara exibia uma expressão espantada, como se tivesse perdido o equilíbrio por um momento, até que tivesse examinado o assunto sob todos os pontos de vista, avaliado que vantagens e desvantagens ela teria.

– Quem é a garota?

– Nem sei o nome dela, mas Jon disse que é simpática.

– Não sei se estou com vontade de passar um dia inteiro com uma pessoa que talvez seja terrivelmente chata – disse Clara.

– Aliás, o Jon disse que ela...

– Acho que seu amigo está chegando.

Peter Slotnikoff entrava pela porta da frente. Walter caminhou em direção a ele, tentando exibir a expressão agradável e despreocupada de um bom anfitrião.

Peter parecia intimidado e desnorteado, porém feliz por ver Walter. Tinha 26 anos, era sério e um tanto gordinho. Seus pais eram russos brancos refugiados, e Peter não sabia nada de inglês até vir para os Estados Unidos, aos quinze anos de idade. Mas concluíra brilhantemente o curso na Faculdade de Direito da Universidade de Michigan, e a firma de Walter considerava uma sorte tê-lo como sócio júnior.

– Eu trouxe uma amiga – disse Peter depois que Walter o apresentou a algumas pessoas que estavam próximas da porta. Peter apontou para uma garota que Walter não havia notado. – Esta é Ellie Briess. Este é Walter Stackhouse. Srta. Elspeth Briess – disse Peter mais cuidadosamente.

Trocaram cumprimentos, depois Walter levou-os até a sala para apresentá-los e lhes oferecer bebidas. Walter não imaginava que Peter tivesse uma namorada. E até que ela era bem bonita. Walter escolheu, da bandeja de Claudia, o uísque com soda que parecia mais forte e entregou-o a Peter.

– Se não encontrarem ninguém com quem desejem conversar, Peter, há uma televisão na varanda para os que querem assistir ao jogo desta noite.

Walter foi até o carrinho de bebidas e preparou para Clara o drinque favorito dela, vermute italiano e soda, e levou-o para ela, que conversava com Betty Ireton ao lado da lareira.

– Eu gostaria que meu marido também cuidasse assim dos meus drinques – disse Betty.

– Vou buscar um para você – ofereceu Walter.

– Não é isso que eu queria dizer. Meu copo ainda está cheio. – O rosto dela, alongado e bonito, sorriu para ele por trás da borda do copo.

Betty Ireton adorava flertar, de modo absolutamente sem malícia, e frequentemente dizia a Walter, na presença de Clara, que o achava o homem mais bonito de Benedict. E Clara, sabendo que se tratava de

uma brincadeira, não se importava nem um pouco.

– Queria apresentar-lhe o Peter – Walter disse para Clara.

– E eu vou ver como está meu marido – falou Betty. – Ele desapareceu no jardim.

– E sobre domingo? – Walter perguntou a Clara. – Quero dar uma resposta ao Jon esta noite.

– Você tinha que escolher justo o domingo, o único dia que passamos juntos, para ir pescar. Não acho que seria legal para *mim*.

– Deixe disso, Clara. Há meses eu não vou pescar.

– E Chad certamente também vai, haverá bebidas e você vai voltar para casa com um bafo de álcool que durará horas.

– Não acho que isso seja inevitável.

– Pois eu acho. Sei muito bem como é isso. – Clara afastou-se.

Walter cerrou os dentes. Por que diabos ele simplesmente não ia? Bem, a resposta para isso era: o inferno que ela criaria depois não valia a pena. A sra. Philpott o olhava lá do sofá. Walter abrandou a expressão imediatamente e ficou pensando se por acaso a sra. Philpott entendera. O rosto dela parecia muito velho e perspicaz. Praticamente todo mundo que estava na festa entendia, todos os que já haviam passado uma noite com ele e Clara.

– Walter, meu velho, será que posso encher meu copo outra vez?

Walter sorriu para o rosto familiar de Dick, cuja consistência era semelhante a borracha, e sentiu vontade de abraçá-lo.

– Claro que sim, irmão. Eu também quero mais um. Vamos até a cozinha.

Claudia estava ocupada com o rosbife frio. Walter disse que era muito cedo para começar a servir e que seria melhor ela conferir quem precisava de mais um drinque.

– A sra. Stackhouse me disse para servir a comida agora, sr. Stackhouse – disse Claudia com expressão neutra.

– Pronto – disse Dick. – O tribunal indeferiu seu pedido.

Walter não insistiu. Até Dick entendeu que Clara, ao servir mais cedo o bufê, queria impedir que alguém ficasse bêbado esta noite. Walter preparou um drinque enorme para Dick e outro, generoso, para ele mesmo.

– Onde está Polly? – Walter perguntou.

– Na varanda, eu acho.

Walter preparou um drinque para Polly, para o caso de ela não ter sido servida, e foi até a varanda. Ela estava encostada à grade, assistindo à TV, mas, ao ver Walter, sorriu e fez sinal para que ele se aproximasse. Polly não era bonita. Seu quadril era largo, e ela prendia os cabelos castanhos em um coque sem graça, atrás do pescoço, mas era dona da personalidade mais agradável possível. Para Walter, estar perto dela por alguns momentos satisfazia um desejo profundo, como o que às vezes sentia ao deitar-se nu sob o sol.

– Como você se sente casado com uma magnata do ramo imobiliário? – Polly perguntou, com um sorriso que deixava à mostra todos os dentes.

– Me sinto ótimo! Agora não tenho mais qualquer preocupação financeira. Estou pensando em me aposentar em breve. – Walter estava começando a sentir os efeitos da bebida. Sentiu certo calor na face.

Dick aproximou-se e pegou o braço da mulher.

– Desculpe-me. Preciso pegá-la emprestada. Quero que ela conheça Peter.

– Por que o Peter não vem até aqui? – Walter perguntou.

– Ele está lá, submerso em uma conversa. – Dick afastou-se com Polly.

Walter pegou o uísque que Polly não havia aceitado e olhou em volta, à procura de alguém a quem dá-lo. Seus olhos se detiveram em uma garota que olhava para ele lá da outra extremidade da varanda. Era a garota de Pete, sozinha. Walter foi até lá.

– Você não bebeu nada – disse. Não conseguia se lembrar do nome dela.

– Já tomei um, obrigada. Vim aqui para aproveitar o ar campestre.

– Seria melhor você tomar outro. – Ele entregou-lhe a bebida, e ela a aceitou. – Você é de Nova York? – perguntou.

– Moro lá. No momento estou procurando emprego lá, ou em qualquer outro lugar. – Os olhos dela fitaram os dele, calorosos e amistosos. – Sou musicista. Dou aulas de música.

– E o que você toca?

– Violino. Toco piano também, mas me interesso mais pelo violino. Dou aulas de música para crianças. Apreciação musical.

– Música para crianças! – A ideia de aulas de música para crianças de repente parecia a Walter uma coisa encantadora. Sentiu vontade de dizer: "Que pena não termos filhos para você lhes ensinar música".

– Estou procurando emprego em alguma escola pública, mas é difícil sem ter vários diplomas e um bom currículo. Estou pensando em tentar alguma escola particular.

– Desejo-lhe sorte – disse Walter. A garota parecia ter a mesma idade que Peter. Tinha um ar de simplicidade, uma robustez de camponesa, que Walter achou que se adaptavam perfeitamente a Peter. Sua pele era bronzeada, em especial no nariz. Quando sorria, mostrava dentes muito brancos. – Conhece o Peter há muito tempo?

– Há poucos meses apenas. Desde que ele começou a trabalhar para você. Ele está muito contente com o emprego.

– Nós também gostamos dele.

– Ele começou a falar comigo no ônibus um dia, porque nós dois carregávamos estojos de violino. O Pete também toca violino, você deve saber. Um pouco.

– Não, não sabia – respondeu Walter. – Ele é um bom rapaz.

– Ah, é um *ótimo* rapaz – ela concordou com tanta convicção que Walter achou que seu próprio comentário, em comparação, tinha parecido superficial. – Eu gostaria de um pouco de angostura neste drinque... se vocês tiverem, claro.

– Claro que temos! Dê-me seu copo. – Walter atravessou a sala até o carrinho de bebidas, pingou cuidadosamente seis gotas de angostura e misturou o drinque com um canudinho. Quando retornou à varanda, Jon conversava com a garota. Ela jogou a cabeça para trás e riu de alguma coisa que ele disse.

– Walter! – chamou Jon. – E domingo?

– Não sei se vou poder, Jon. Parece que no domingo teremos que...

– Compreendo. Compreendo – Jon murmurou.

– Sinto muito. Se eu...

– Eu *compreendo*, Walter – Jon falou com impaciência.

Walter olhou para a garota, constrangido e sentindo um leve enjoo. Se ela não estivesse ali, Jon teria dito: “Diga para a Clara ver se eu estou na esquina!”. Ele já havia dito isso algumas vezes, mas Walter não tinha ido com ele nessas ocasiões também. Jon não se daria ao trabalho de dizer isso por muito mais tempo, pensou Walter.

– Me escute por um minuto – começou Jon, com uma voz autoritária de editor-chefe, depois interrompeu e respirou fundo, como se fosse inútil continuar.

A garota havia se afastado discretamente e descia os degraus que levavam ao jardim.

– Sei o que você vai dizer – disse Walter –, mas tenho que aceitar.

Jon deu um sorriso simpático. Preferiu não dizer nada.

– Por falar nisso, Chad me pediu que avisasse a você que ele vai fazer uma reunião na próxima sexta-feira. Jantamos na casa dele, depois vamos ao teatro. O amigo dele, Richard Bell, vai estrear uma nova peça na sexta-feira. Seremos seis pessoas. Vá sem a Clara, vai fazer bem a você. Chad sabe que não está nas boas graças dela e nem quis telefonar para sua casa.

– Está bem, eu vou. – Se Clara excluíra Chad, Chad tinha muito bem o direito de excluir Clara.

– É o que você deve fazer. – Jon fez um gesto com a mão e desceu para o jardim.

Ninguém ficou bêbado naquela noite, a não ser a sra. Philpott, que perdeu o equilíbrio e caiu sentada na frente da radiovitrola, mas levou tudo com bom humor e continuou sentada no mesmo lugar, ouvindo o que Vic Rogers tocava para um grupo pequeno e atento. Ainda estava lá às três horas da madrugada, quando todo mundo, exceto seis pessoas, já tinha ido embora para casa. Clara ficou exasperada. Achava que três horas da madrugada já era hora para qualquer festa acabar, mas evidentemente eram os Philpott que impediam que tudo terminasse, e era impensável dar uma indireta a eles.

– Deixe que ela se divirta – disse Walter.

– Acho que ela está *bêbada*! – Clara sussurrou, horrorizada. – Não consigo fazer que ela se levante do chão. Já lhe pedi três vezes.

Subitamente, Clara caminhou em direção à sra. Philpott, e Walter, incrédulo, viu a esposa colocar as mãos sob os braços da sra. Philpott e levantá-la. Por um instante ele viu o olhar que a sra. Philpott lançou a Clara, um olhar de pura surpresa e ressentimento.

A sra. Philpott sacudiu os ombros, como que para se livrar do toque de Clara.

– Ora! Nunca ouvi dizer que fosse ilegal ficar sentada no chão!

Um silêncio terrível caiu sobre a sala. Bill Ireton ficou subitamente tão sóbrio quanto uma truta. Walter se adiantou automaticamente para ajudar a amenizar a situação e começou a contar à sra. Philpott o quanto ele também gostava de se sentar no chão.

Bill Ireton caiu na risada. E sua mulher fez o mesmo. Todos então caíram na gargalhada, até a sra. Philpott. Todos menos Clara, que deu apenas um sorriso nervoso. Walter passou os braços em torno de Clara e apertou-a de leve, afetuosamente. Ele sabia que o impulso de Clara de levantar a sra. Philpott do chão fora absolutamente irresistível.

Poucos minutos depois, todos haviam se despedido.

A janela do quarto de dormir deixava ver o cinza leitoso da madrugada. Jeff estava deitado no vale formado entre os travesseiros da cama já preparada, seu lugar preferido.

– Vamos, garoto – disse Walter, estalando os dedos para acordá-lo. O cão levantou-se sonolento e saltou da cama. Walter afofou a almofada no cesto que servia de cama para Jeff, em um canto do quarto, e o cão se enfiou lá. – Ele teve uma noite difícil – Walter disse sorrindo.

– Acho que ele aguenta melhor do que você – disse Clara. – Você está cheirando a bebida e sua cara está vermelha.

– O mau hálito vai desaparecer depois que eu escovar os dentes. – Walter entrou no banheiro.

– Quem é aquela garota que veio com Peter Slotnikoff?

– Não sei – ele gritou sob o chuveiro. – Ellie alguma coisa, eu acho.

– Ellie Briess. Fiquei pensando *quem* seria ela.

Walter estava cansado demais para gritar que ela dava aulas de música, e também tinha a impressão de que Clara não estava muito

interessada em saber. Aparentemente, Ellie possuía um carro, já que ela e Peter tinham voltado para Nova York juntos. Walter acomodou-se na cama e envolveu Clara suavemente com os braços, beijou-lhe o rosto, a orelha, tomando cuidado para que o cheiro da pasta de dentes não a incomodasse.

– Walter, estou cansada demais.

– Também estou – ele disse, aninhando a cabeça no travesseiro ao lado dela, evitando o lugar ainda morno onde Jeff estivera deitado. Com um dos braços, envolveu a cintura de Clara. O toque de sua pele sob a camisola de dormir era macio e quente. Sentiu prazer com o movimento da respiração dela. Puxou-a para mais perto.

Ela se contorceu, afastando-o.

– Walter...

– Dê-me só um beijinho de boa-noite, Kits. – Ele continuou segurando-a apesar dos esforços dela de se afastar e de sua expressão de aversão, perceptível na luminosidade acinzentada.

Ela o empurrou e sentou-se na cama.

– Acho que você é tarado por sexo! – disse, indignada.

Walter sentou-se também.

– Eu pareço mais uma humilde violeta ultimamente. A única coisa errada comigo é o fato de eu amar você.

– Você me dá náuseas! – ela disse, jogando-se novamente sobre o travesseiro, dando as costas a ele.

Walter sentiu a raiva ferver dentro dele e ficou com vontade de saltar da cama e sair lá fora, ou descer para dormir na sala, mas sabia que dormiria mal, caso conseguisse dormir, e se sentiria pior na manhã seguinte. *Deite e relaxe*, ele disse para si mesmo. Afundou em seu travesseiro. Então ouviu Clara emitir um som de leve com os lábios para chamar Jeff, ouviu o *clique-clique* dos passos sonolentos do cachorro pisando no assoalho e sentiu a vibração do colchão quando Jeff saltou para o lado de Clara.

Walter afastou o lençol e pulou para fora da cama.

– Ah, Walter, deixe de besteira – disse Clara.

– Está tudo bem – disse com uma calma irritada. Tirou o roupão de seda do armário, devolveu-o ao mesmo lugar e tateou no fundo do

armário à procura do velho roupão de flanela. – Nunca gostei de dormir com um cachorro na mesma cama.

– Que bobagem.

Walter desceu para o andar inferior. A casa estava cinzenta, da cor de um sonho. Ele se sentou no sofá. Clara tinha recolhido os cinzeiros e os copos vazios, e tudo estava de volta a seu lugar. Olhou para o vaso italiano, cheio de filodendros, no parapeito da janela. Ele havia dado o vaso e uma pulseira de ouro no último aniversário dela. A luz do alvorecer atravessava o vidro verde do vaso e revelava os cabos das flores que se entrecruzavam graciosamente. Eram lindos, pareciam uma pintura abstrata.

Ah, que vida encantadora!

4

Walter sentiu-se cansado e adoentado no dia seguinte. Tinha uma ligeira dor de cabeça, mas não sabia se isso era por causa da falta de sono ou das reclamações de Clara. Ela o havia encontrado dormindo no chão da sala e o acusado de estar tão bêbado que nem percebera onde havia deitado. Naquela manhã, Walter fez uma longa caminhada no bosque que começava no final da Marlborough Road, não muito longe de casa, depois voltou e tentou em vão dormir um pouco.

Clara havia dado banho em Jeff e escovava seu pelo sob o sol, na varanda do andar superior. Walter foi para seu escritório, que ficava em frente ao quarto de dormir. Era um cômodo no lado norte da casa, agradavelmente sombreado no verão pelas árvores logo em frente da janela. Duas paredes eram cobertas por estantes de livros, havia uma escrivaninha com tampo liso e o piso tinha um tapete oriental já gasto, que viera de seu quarto na casa de seus pais, em Bethlehem, na Pensilvânia. Clara queria jogar o tapete fora porque nele havia um furo. Era uma das poucas coisas em que Walter se negava a ceder. O escritório era seu, e ele pretendia manter o tapete.

Walter sentou-se diante da escrivaninha e releu uma carta de seu irmão, Cliff, enviada de Bethlehem, na semana anterior. Era uma longa carta, escrita em papel barato, e falava dos eventos cotidianos na fazenda que Cliff administrava para o pai deles. A elevação do preço dos ovos e o último recorde da galinha poedeira campeã. Seria uma carta enfadonha se não fosse o humor seco de Cliff, presente em quase todas as linhas. Cliff havia acrescentado um recorte de um jornal de Bethlehem, que Walter ainda não tinha lido, com uma observação: “Experimente mostrar à Clara. Veja se ela ri”. Tratava-se de uma coluna chamada “Cara sra. Plainfield”.

Cara sra. Plainfield,

Minha mulher me irrita mais do que qualquer outra pessoa que eu já tenha conhecido. Ela não faz nada, mas se torna uma *expert* em tudo, de um jeito que fica impossível viver com ela. Se ela acompanha futebol americano, bem, ela passa a saber os resultados do país inteiro e o histórico dos times melhor do que qualquer outra pessoa, então deixa de ser divertido conversar com ela sobre futebol.

Atualmente, a mania dela são as plantas de decoração de interiores. Ela tem gastado semanas – sem falar nos dólares – montando uma coleção de *philodendron dubium, philodendron monstera* e até um pobrezinho *philodendron hastatum* (que gente como eu e você chama de filodendro).

Há uma figueira-lira bem simpática na coleção, mas basta eu chamá-la de figueira que ela fica furiosa e rosna para mim "*ficus pandurata*!". Acontece a mesma coisa com uma árvore-da-borracha, que, para ela, não é árvore-da-borracha, é "*ficus elastica*".

Não tenho nada contra as plantas ou contra aqueles que as cultivam, mas sou contra as pessoas que empinam o nariz diante de uma trepadeira de batata-doce porque não se trata de uma *dracaena warneckii*. E minha mulher é assim.

Sr. Aspidistra

Walter sorriu. Duvidou que isso pudesse provocar uma risada em Clara. Mas sabia o que levara Cliff a lhe enviar o texto. Quando ele e Clara haviam visitado o pai dele, Cliff os acompanhara ao celeiro e, ao apontar um trator, disse "Chad", que era uma abreviação do nome do fabricante. Clara perguntara a Cliff, seriamente, o que ele queria dizer com "Chad" e depois examinou a frente do trator e anunciou que se tratava de "Chadwick". Depois disso, sem sorrir, Cliff se referira a todas as máquinas para as quais apontava usando algum nome abreviado ininteligível. Aparentemente, Clara não havia entendido a brincadeira e ficara confusa. Ela achava que Cliff era meio maluco e frequentemente tentava convencer Walter disso, e de que este deveria tomar alguma providência. Walter sentia-se grato a

Cliff por permanecer na fazenda e por cuidar do pai deles. O pai de Walter desejara que ele fosse um pastor episcopal, tal como ele, e Walter o havia decepcionado ao escolher a advocacia. Cliff era dois anos mais jovem do que Walter e menos sério; o pai nem mesmo tentara convencê-lo a entrar para a Igreja. Todos imaginavam que Cliff iria para outro lugar quando terminasse a faculdade, mas ele preferira voltar e trabalhar na fazenda.

Walter colocou a carta de lado e abriu um caderno grande que usava para tomar notas para seus ensaios. O caderno estava dividido em onze seções, cada uma referente a um par ou grupo de amigos. Algumas páginas estavam repletas de anotações feitas com a caligrafia pequena de Walter. Em outras, haviam sido colados pedaços de papel nos quais, em momentos diversos, ele tinha anotado pensamentos, muitas vezes à máquina, no escritório. Outras páginas mostravam o começo de esboços. Walter voltou-se para o esboço que havia começado sobre Dick Jensen e Willie Cross. Havia duas colunas paralelas com a lista das características de Dick e o que, na personalidade de Cross, as complementava.

Dick: idealista e ambicioso, embora a aparência exterior seja a de alguém suave e simples. Admira Cross, mas afirma desprezá-lo.

Cross: ganancioso e pomposo, a maioria de suas realizações se deve ao blefe. Teme o potencial de Dick caso lhe seja dada a oportunidade.

Walter lembrou-se de outra nota que havia escrito sobre eles em seu caderno de anotações e foi buscá-lo no quarto. Procurou nos bolsos do paletó se havia outras notas soltas, achou um pedaço que tinha recortado de um jornal e um envelope dobrado, no qual havia escrito alguma coisa. Levou tudo de volta para o escritório. A nota sobre Dick dizia: *Almoço de D. e violento ressentimento de C. D. por causa da proposta de C. de fazerem trabalhos freelances para outra firma de advocacia.*

Era uma nota curta e fértil. Cross também era sócio de outra firma de consultores jurídicos, cujo nome exato Walter havia esquecido. Dick havia comentado com Walter a oferta. Era tentadora. Walter estava em dúvida se Dick resistiria.

Bateram de leve na porta.

– Entre, Claudia – ele disse.

Claudia entrou com uma bandeja. Trazia para ele um sanduíche de frango e uma cerveja.

– Exatamente do que eu preciso – disse Walter, e abriu a cerveja.

– Achei que o senhor podia estar com fome. A sra. Stackhouse disse que já almoçou. Não quer que eu abra essas cortinas, sr. Stackhouse? O sol está lindo hoje.

– Obrigado. Eu me esqueci – disse Walter. – Você tinha que vir hoje, Claudia? Acho que não vamos precisar de cozinheira com tanta comida que sobrou da festa.

– A sra. Stackhouse não disse que eu não precisava vir.

Walter observou a figura alta e magra que abriu as cortinas e as prendeu. Claudia era um artigo raro, uma empregada que gostava do trabalho que fazia e, por isso, executava-o com perfeição. Muita gente em Benedict tentara atraí-la oferecendo um salário melhor, mas Claudia preferia ficar com eles, apesar das regras severas de Clara quanto ao modo correto de cuidar de uma casa. Claudia morava em Huntington e chegava de ônibus todas as manhãs às sete em ponto, saía às onze para trabalhar como babá em Benedict, voltava às seis horas e ficava até as nove. Não podia ficar para dormir porque cuidava do neto pequeno, Dean, que morava com ela em Huntington.

– Sinto muito termos estragado seu domingo – falou Walter.

– Que nada, sr. Stackhouse, não me importo. – Claudia estava ao lado da escrivaninha, observando enquanto ele comia o sanduíche. – Deseja mais alguma coisa, sr. Stackhouse?

Walter levantou-se e enfiou a mão no bolso.

– Quero, sim. Quero que você leve estes dez dólares e compre alguma coisa para o Dean. – E entregou-lhe uma nota de dez dólares.

– Dez dólares, sr. Stackhouse! Para que ele precisa de dez dólares? – Mas Claudia sorria radiante com o presente.

– Bem, você pensa em alguma coisa – disse Walter.

– Muito, muito obrigada mesmo, sr. Stackhouse. O senhor foi muito gentil – disse ela ao sair.

Walter leu o recorte de jornal bebericando a cerveja. Era o que ele

havia recortado em Waldo Point.

> CORPO DE MULHER ENCONTRADO PRÓXIMO A TARRYTOWN, NY.
>
> *Tarrytown, 14 de agosto*. O corpo de uma mulher, identificada como sra. Helen P. Kimmel, 39 anos, moradora de Newark, NJ, foi encontrado na vegetação a cerca de um quilômetro e meio ao sul de Tarrytown, declarou hoje o Terceiro Distrito Policial. A morte foi causada por estrangulamento e por diversos cortes brutais e golpes no rosto e no corpo. Sua carteira, cujo conteúdo parecia intacto, foi encontrada a poucos metros do corpo. A vítima viajava de ônibus – de Newark para Albany – para visitar uma irmã, sra. Rose Gaines. O motorista do ônibus, John MacDonough, da Cardinal Bus Line, declarou ter notado a ausência da sra. Kimmel depois de uma parada de quinze minutos para descanso em um café à beira da estrada, às 21h55. A mala da sra. Kimmel ainda estava no ônibus. Acredita-se que ela tenha sido atacada enquanto caminhava pela estrada. Nenhum dos passageiros, ao ser interrogado, disse ter ouvido gritos.
>
> O marido da vítima, Melchior J. Kimmel, 40 anos, um livreiro de Newark, identificou o corpo em Tarrytown esta tarde. A polícia está em busca de pistas.

Sem qualquer utilidade para o ensaio, pensou Walter, porque o atacante devia ser algum maníaco. Mas era estranho que ninguém tivesse visto nem ouvido qualquer coisa, a não ser que ela tivesse se afastado muito do ônibus. Walter pensou que talvez algum conhecido a tivesse encontrado ali, a tivesse atraído para um lugar afastado, com o pretexto de conversarem, e depois a atacara. Hesitou, depois se inclinou em direção à cesta de papéis e jogou fora o recorte, e viu quando o papel flutuou até cair sobre o tapete, ao lado da cesta. Mais tarde o recolheria, pensou.

Apoiou a cabeça sobre os braços. Sentiu-se subitamente sonolento.

5

Na terça-feira, Walter estava de cama, com gripe.

Clara insistiu em chamar um médico para descobrir o que era, mesmo Walter sabendo que se tratava de gripe. Na festa, alguém lhe dissera que havia dois casos de gripe nos arredores de Benedict. Mesmo assim, o dr. Pietrich veio, diagnosticou gripe e mandou Walter ficar na cama, tomando comprimidos e penicilina. Clara ficou com ele alguns minutos e rapidamente colocou por perto tudo de que precisaria – cigarros, fósforos, livros, uma jarra de água e lenços de papel.

– Obrigado, querida, muito obrigado – disse Walter, por tudo que ela havia feito por ele. Ele percebeu que estava dando trabalho a ela, que cumpria contrariada seu dever de cuidar do conforto do marido. Nas raras ocasiões em que ficava doente, Walter sentia-se tão constrangido diante dela como se sentiria diante de um estranho. Gostou quando ela finalmente saiu para o trabalho. Sabia que ela não telefonaria nem uma vez durante o dia, que à noite provavelmente ficaria sentada na sala, no andar inferior, lendo o jornal vespertino antes de subir para ver como ele estava passando. Sentia uma irritação na narina que tornava impossível fumar. Os comprimidos o faziam cochilar e, nos intervalos em que ficava acordado, a depressão tomava conta de sua mente, como se fosse uma atmosfera pesada e escura. Perguntou-se como fora parar ali, esperando que a mulher pela qual se acreditava apaixonado voltasse para casa, uma mulher que nem colocaria a mão em sua testa. Perguntou-se por que não insistira mais com Dick para deixarem a firma no outono, em vez de esperar a virada do ano. Tinha falado com ele na noite da festa, o que não fora uma boa hora, mas Dick não se sentia à vontade para tratar

do assunto no escritório, como se o local estivesse cheio de gravadores escondidos por Cross. Walter pensou se não seria melhor sair sozinho. Mas mesmo em sua raiva febril se dava conta de que precisaria de Dick como sócio. O tipo de escritório que planejavam precisaria de duas pessoas para funcionar, e Dick era um colega de trabalho com algumas virtudes difíceis de encontrar.

Quando chegou em casa, Clara falou:

– Está se sentindo melhor? Como está sua temperatura?

Ele sabia qual era a temperatura, porque Claudia havia verificado à tarde. Era de 39,5°.

– Não está mal – ele disse. – Estou me sentindo melhor.

– Ótimo. – Clara esvaziou metodicamente a bolsa, colocou algumas coisas na penteadeira e desceu para esperar o jantar.

Walter fechou os olhos e tentou pensar em alguma coisa além de Clara sentada na sala de estar, ouvindo rádio e lendo o jornal da tarde. Jogou um jogo com o qual costumava entreter-se às vezes, à noite, quando estava começando a ficar com sono, ou assim que acordava, pela manhã: imaginou um jornal aberto diante dele e passou os olhos rapidamente pela primeira frase de cada matéria. *Hoje, em Gibraltar, na presença dos ministros do Exterior, blá-blá-blá, um novo acordo recíproco bilateral foi assinado pelo presidente Mugwump de Blotz... A esposa diz: "Ele destruiu meu amor? Eu tinha que salvar meu filho?"... Uma história sinistra se desenrolou diante do delegado de polícia Ronald W. Frigarty. Uma jovem loura, os olhos dilatados de terror, narrou que seu marido chegava em casa e batia nela e no filho com uma frigideira, todas as noites, às seis horas... O tempo na América do Sul fica cada vez mais temperado, declaram os especialistas. A descoberta acidental de um meteorito no ombro esquerdo do sr. Achinche, na Bolívia, levou os climatologistas a pensar que, dentro de seiscentos anos, as chinchilas vão poder calcular seu próprio imposto de renda... Uma imagem mostra filas de pessoas em luto desfilando em Moscou diante do caixão do explorador assassinado, Tomyatkin... A Feira Internacional de Têxteis será aberta em breve no Palácio de Cristal em Colônia...* Walter sorriu. Visualizou o artigo que havia recortado sobre a mulher assassinada na parada de ônibus. As palavras não lhe vieram à mente, mas viu seu

retrato. Estava deitada em um bosque, e havia um corte sangrento em sua face, do olho até o canto do lábio. Não era bonita, mas tinha uma fisionomia agradável, cabelos pretos ondulados, um corpo simples e forte e uma boca confiante, que certamente se abrira horrorizada à primeira ameaça do atacante. Uma mulher como ela não teria acompanhado um estranho por uma estrada. Ele a imaginou sendo abordada por alguém que conhecia. *Helen, preciso conversar com você. Venha cá...* Ela certamente o olhou surpresa. *Como você veio parar aqui? Não importa, preciso falar com você, Helen, nós temos que resolver isso*. Poderia ter sido o marido dela, Walter pensou. Tentou lembrar se o jornal tinha dito onde ele estava na hora do crime. Tinha a impressão de que não haviam dito nada. Talvez Helen e Melchior Kimmel também vivessem juntos em um pequeno inferno. Walter imaginou-os brigando em sua casa em Newark, chegando a um impasse familiar, depois a mulher resolvendo viajar para visitar um parente. Se o marido quisesse matá-la, podia segui-la de carro, esperar que ela descesse do ônibus em uma parada. Poderia ter dito à mulher *eu preciso falar com você*, e a mulher o acompanharia até um local escuro com muitas árvores, ao lado da rodovia...

Na quinta-feira à noite, Clara entrou e sentou-se por alguns momentos aos pés da cama. Tinha medo de pegar gripe e estava dormindo no sofá do escritório. Agora, depois de três dias sem contato com o marido, estava positivamente florescente, pensou Walter. Ele falou pouco com ela, mas pareceu que ela não notou. Estava absorta em uma nova possibilidade de venda em North Shore.

Eu a odeio, pensou Walter. Percebeu-o nitidamente. Sentiu certo prazer ao pensar nisso.

Mais tarde, nessa mesma noite, o som do motor de um carro o acordou de um cochilo. Ouviu duas vozes na escada, uma delas era de mulher.

Clara conduziu ao quarto Peter Slotnikoff e a garota chamada Ellie. Peter desculpou-se por não ter telefonado antes. Ellie tinha trazido um buquê de gladíolos.

– Eu ainda não morri – disse Walter encabulado.

Olhou em volta, procurando onde colocar as flores. Clara tinha

saído do quarto – Walter sabia que ela estava aborrecida por eles terem vindo sem avisar –, e não havia um vaso ali. Peter pegou um no corredor e encheu-o de água no banheiro. Walter recostou-se no travesseiro e observou as mãos de Ellie colocando as flores no vaso. Suas mãos eram fortes e quadradas, como o rosto dela, mas suaves ao tocar nas coisas. Walter lembrou-se de que ela tocava violino.

– Alguém gostaria de um drinque? – Walter perguntou. – Ou de uma cerveja? Há cerveja na geladeira. Peter, por que você não desce e pega o que quiser?

Todos quiseram cerveja. Peter saiu.

Ellie sentou-se do outro lado do quarto em uma cadeira sem braços, que Clara usava diante da penteadeira. Vestia uma blusa branca, com as mangas arregaçadas, uma saia de *tweed* e mocassim.

– Há quanto tempo você mora aqui? – ela perguntou.

– Há mais ou menos três anos.

– A casa é linda. Gosto muito do campo.

– Campo? – Walter riu.

– Comparado a Nova York, isto para mim parece campo.

– É difícil para as pessoas virem até aqui se não têm carro.

Ela sorriu, e seus olhos castanho-azulados se iluminaram.

– Isso não é uma vantagem?

– Não. Eu gosto que as pessoas apareçam para uma visita. Espero que você venha outra vez, já que tem carro.

– Muito obrigada. Você não viu meu carro. É um conversível maltratado, e a capota já não fecha muito bem, então dirijo com ela aberta. A não ser que, é claro, esteja caindo um temporal. Nesse caso tem as goteiras. Eu sempre tive o carro da família em casa, mas quando vim para Nova York senti falta de um veículo, mesmo estando sem dinheiro, então comprei Boadicea. Esse é o nome do conversível.

– De onde você é?

– Do interior. Corning. Uma cidadezinha sem nada de interessante.

Walter tinha passado por lá uma vez, de trem. Lembrava-se de lá como um lugar totalmente cinzento como uma cidade de mineração. Não conseguia imaginar Ellie naquele cenário.

Peter voltou com a cerveja e colocou-a nos copos cuidadosamente.

– Cigarro incomoda você? – Ellie perguntou. – Eu não preciso fumar.

– Nem um pouco – disse Walter. – Eu só queria poder fumar também.

Ela acendeu um cigarro.

– Quando eu tive gripe, meu nariz ficou tão irritado que eu quase não conseguia dormir, porque respirar doía. Imagine fumar.

Walter sorriu. Teve a impressão de que era a coisa mais gentil que lhe tinham dito desde que ficara doente.

– E como vai o escritório, Pete?

– O caso Parsons e Sullivan está dando trabalho à sra. Jensen – disse Peter. – Eles têm dois representantes. Um é ótimo. O outro... bem, eu acho que ele mente. O mais velho deles.

Walter olhou para a fisionomia franca e jovem de Peter e pensou: dentro de dois ou três anos Peter nem vai erguer as sobrancelhas diante das mentiras mais descaradas do mundo.

– Eles costumam mentir – disse Walter.

– Espero que sua esposa não esteja aborrecida porque viemos sem avisar – disse Peter.

– É claro que não.

Walter ouviu os passos de Clara no corredor, aproximando-se, afastando-se. Ela havia dito que faria uma contagem da roupa de cama e de banho esta noite, e Walter soube que era exatamente isso o que ela estava fazendo. O que Ellie pensaria de Clara e de sua óbvia indiferença a respeito dela e de Peter, ele se perguntou. Ellie, um pouco além do círculo de luz criado pelo abajur da cabeceira, olhava firmemente para ele. Walter não se importou. Porque não era um olhar crítico, pensou, não era como o olhar de Clara ou de outras mulheres que pareciam cortá-lo aos poucos em pedacinhos.

– Teve alguma sorte em sua procura por emprego, Ellie? – perguntou Walter.

– Sim, talvez consiga algo na Escola Harridge. Ficaram de me dar uma resposta na próxima semana.

– Harridge? Em Long Island?

– Isso mesmo, em Lennert. Ao sul de onde estamos.

– Não fica longe – disse Walter.

– Não, mas ainda não consegui o emprego. Não precisam de mim lá. Eu estou tentando forçar minha entrada. – Ela sorriu e levantou-se subitamente. – É melhor nós irmos embora.

Ellie estendeu a mão.

– Você não tem medo de pegar gripe?

– Não – ela disse rindo.

Ele segurou a mão que ela estendia. O toque da mão dela era exatamente como ele imaginara, enérgico, com uma pressão firme e rápida. Seus olhos brilhantes pareciam maravilhosamente gentis. Perguntou-se se ela olharia para todo mundo do mesmo modo como olhava para ele.

– Desejo-lhe rápidas melhoras – ela disse.

Eles então saíram, e o quarto ficou vazio. Walter ouviu as palavras corteses trocadas entre eles e Clara no andar inferior e, a seguir, o ruído do carro se afastando lentamente.

Clara entrou no quarto.

– Então a srta. Briess vai aceitar um emprego aqui perto?

– Talvez. Você a ouviu dizer isso?

– Não. Eu perguntei a ela. Agora mesmo. – Clara colocou algumas toalhas de banho em uma gaveta da cômoda. – O que será que ela pretende andando por aí com o ingênuo do Pete?

– Acho que ela gosta dele. Simples assim.

Clara olhou para ele com olhar crítico.

– Ela gosta de ter um homem qualquer ao lado dela, disso estou certa.

6

Walter levantou-se da cama no sábado, e no domingo foram almoçar na casa dos Ireton.

Fazia um lindo dia ensolarado e umas vinte pessoas tomavam coquetéis no gramado quando Walter e Clara chegaram.

Clara se deteve junto a um grupo do qual faziam parte Ernestine McClintock e a amiga dos McClintock, a pintora Greta Roda. Walter seguiu em frente. Bill Ireton estava contando uma piada para os homens reunidos em volta de um bar portátil.

– Ele não muda – Bill estava dizendo. – Sempre cantando a mulher errada.

O coro de risadas que se seguiu feriu os ouvidos de Walter. Ele estava naquele típico estágio, pós-gripe, em que ruídos mais parecem um soco e até pentear os cabelos é algo doloroso.

Bill Ireton, com a mão que os cubos de gelo haviam tornado úmida e fria, apertou a mão de Walter.

– Fico muito contente por você ter vindo! Está melhor?

– Estou bem agora – respondeu Walter. – Obrigado por ter ligado pedindo notícias.

Betty Ireton se aproximou, deu-lhe as boas-vindas também e o levou para apresentá-lo a uma mulher que passava o fim de semana com eles; depois disso, Walter passou a circular sozinho, sentindo o prazer de ter a grama da primavera sob os pés e o efeito calmante do álcool que lhe subia diretamente à cabeça.

Bill se aproximou, pegou o copo de Walter para tornar a enchê-lo e fez sinal para que ele o seguisse.

– O que há com a Clara? – Bill perguntou enquanto caminhavam. – Ela foi muito agressiva com a Betty.

Walter ficou tenso.

– E qual foi o motivo?

– Acho que a festa toda. Clara disse que não queria um drinque e, quando Betty se ofereceu para ir buscar um refrigerante, ela disse que *ela* não precisava beber nada para se sentir bem e se divertir. – Bill falou com voz afetada e ergueu as sobrancelhas, como Clara costumava fazer. – Bom, Betty teve a impressão de que ela estava querendo dizer que estaria muito melhor se tivesse ficado em casa.

Walter imaginou a cena em todos os detalhes.

– Desculpe, Bill. Não leve a sério. Você sabe, comigo doente durante todo o fim de semana e Clara trabalhando no ritmo dela, ela fica um pouco irritada de vez em quando.

Bill não pareceu convencido.

– Se ela não quiser vir, companheiro, nós vamos entender. Sempre nos sentimos felizes por ver você, não se esqueça disso.

Walter não disse nada. Estava pensando que, na verdade, as palavras dele eram um insulto a Clara, se ele quisesse interpretá-las assim, mas não quis porque compreendia perfeitamente a reação de Bill. Walter deu uma volta pelo jardim, olhando as pessoas, as mulheres usando coloridas saias de verão. Subitamente se deu conta de que estava procurando Ellie, e não havia a menor chance de ela estar ali. Ellie Briess. Ellie Briess. Pelo menos agora se lembrava do nome dela. O nome era perfeitamente adequado, pensou, simples, mas não banal, e ligeiramente germânico. Walter percebeu que estava ficando agradavelmente embriagado com o segundo drinque. Almoçou com os McClintock e com Greta Roda, sentado em um dos compridos bancos do jardim, depois de se servir das bandejas de um delicioso churrasco com batatas fritas que a empregada e as duas filhas dos Ireton ofereciam. Cambaleou ao se levantar para ir embora, e Bill e Clara aproximaram-se para acompanhá-lo.

– Não estou bêbado, simplesmente me senti terrivelmente cansado de repente – disse Walter.

– Você mal saiu da cama, meu velho – disse Bill. – Você não bebeu muito.

– Você é um sujeito legal – declarou Walter.

Mas Clara estava furiosa. Walter permaneceu em silêncio sentado ao lado dela, enquanto a esposa dirigia para casa (ela insistira que ele não tinha condições de dirigir), xingando-o o tempo todo por sua estupidez e por seu descuido, embebedando-se ao meio-dia.

– Bastou haver bebida disponível e ninguém para impedi-lo para você beber até cair.

Ele tinha tomado apenas dois drinques, e, depois de um café ao chegar em casa, sentiu-se absolutamente sóbrio, e assim se comportou, sentando-se na grande poltrona da sala de estar para ler o jornal dominical. Mas Clara, sentada do outro lado da sala, costurando botões em um vestido branco, continuou repreendendo-o intermitentemente.

– Você é ou não é um advogado, um intelectual? Acho que existem coisas melhores para você fazer com seu intelecto do que afogá-lo no álcool. Mais alguns episódios como o de hoje e você vai entrar para a lista negra de todos os seus amigos.

Ao ouvir isso, Walter ergueu os olhos.

– Clara, o que é isso? – ele perguntou sem perder a calma. Pensou em subir para o escritório e fechar a porta, mas ela muitas vezes subia atrás dele, acusando-o de não ser capaz de aceitar críticas.

– Eu vi a cara da Betty quando você atravessou o gramado cambaleando. Ela estava chocada!

– Se você acha que Betty ficaria chocada ao ver alguém um pouco alcoolizado, você não está raciocinando direito.

– De todo modo, você não pôde ver, você estava bêbado!

– Posso dizer algumas palavras? – Walter perguntou, levantando-se. – Você se deu ao trabalho de demonstrar que desaprovava todos que estavam lá, não foi? Inclusive a dona da casa. Você é que vai fazer com que entremos na lista negra. Você se mostra negativa contra tudo e contra todos.

– E você é tão positivo. Gentil e atencioso.

Walter cerrou os punhos dentro dos bolsos e deu alguns passos pela sala, consciente de que desejava bater nela.

– Posso afirmar que os Ireton não estavam gostando muito de você hoje, e acho que já não gostam há muito tempo. Isso acontece com

muitas pessoas que conhecemos.

– Do que você está falando? Você está paranoico! Acho que isso já é caso de psicopatia, Walter, eu francamente acho.

– Posso fazer uma lista para você! – Walter falou mais alto, avançando na direção dela. – Bom, tem o Jon. Você não suporta que eu vá pescar com ele. E tem o Chad, que perdeu a consciência uma vez. E os Whitney antes disso. O que aconteceu com os Whitney? Eles simplesmente se afastaram, não foi? Misteriosamente. E, antes deles, Howard Graz. Você o fez passar um fim de semana terrível quando o convidamos para vir aqui.

– Tudo escrito e etiquetado. Você deve ter levado um tempão preparando esse caso arrasador.

– O que mais eu tenho para fazer à noite? – Walter disse rapidamente.

– Vai começar tudo de novo! Você não consegue deixar esse assunto de lado por muito tempo, não é?

– Acho melhor esquecer tudo de vez. Não é disso que você gostaria? Assim você fica inteiramente livre de mim. Pode dedicar todo seu tempo a me afastar dos meus amigos.

Ela recomeçou a costurar.

– Você se preocupa muito mais com eles do que comigo, é óbvio.

– O que eu quero dizer – falou Walter com a garganta seca e arranhando – é que não posso colaborar com uma atitude negativa que acabará, por fim, me afastando de todos os seres vivos do mundo.

– Oh, você se preocupa tanto consigo mesmo.

– Clara, eu quero o divórcio.

Ela levantou os olhos da costura com os lábios entreabertos. Sua aparência era muito semelhante à que tinha quando ele lhe perguntava se ela se aborreceria caso ele, ou ambos, marcassem um encontro com um de seus amigos.

– Acho que você não está falando sério.

– Sei que é isso que você acha, mas falei sério, sim. Não é como da outra vez. Não vou acreditar que as coisas podem melhorar porque, obviamente, não é possível.

Clara parecia aturdida, e ele se perguntou se ela não estaria se

lembrando da última vez, quando haviam chegado a esse mesmo ponto, e Clara havia ameaçado tomar o veronal que tinha guardado no andar de cima. Walter preparara vários martínis e a havia forçado a beber um deles para se recompor. Depois se sentara ao lado dela, no sofá em que ela estava agora, e ela fraquejara e começara a chorar, dizendo-lhe que o adorava, e a noite terminara de modo muito diferente do que Walter havia esperado.

– Agora já não basta amar você fisicamente, porque mentalmente eu a desprezo – Walter disse com calma. Sentiu que expressava ali os milhares de dias e noites acumulados, quando ele ainda não ousara dizer aquelas coisas, não por falta de coragem, mas porque era horrível e muito severo para Clara. Agora, ao ver que ela começava a acreditar nele aos poucos, ele a olhava como olharia para uma coisa ainda viva, mas contra a qual havia desferido um golpe mortal.

– Talvez eu possa mudar – ela disse, com a voz embargada pelas lágrimas. – Posso ir a um analista e...

– Não creio que isso possa transformar você, Clara. – Walter sabia que ela desprezava a psiquiatria, pois já havia tentado convencê-la a procurar um psiquiatra. Ela nunca fora.

Ela mantinha os olhos fixos nele, arregalados e sem expressão, marejados de lágrimas, e Walter teve a impressão de que, mesmo nesse momento de descontrole, ela estava sob o efeito de uma raiva mais violenta do que nos momentos em que gritava com ele como uma harpia. Jeff, agitado pela discussão, pulava em torno de Clara, lambendo-lhe a mão, mas nenhum movimento do dedo demonstrou perceber que Jeff estava ali.

– É por causa daquela garota, não é? – Clara perguntou subitamente.

– O quê?

– Não disfarce. Eu sei. Por que você não confessa? Você quer se divorciar de mim para ficar com ela. Você está enfeitiçado por aqueles sorrisos bobos que ela lhe dá.

Walter franziu a testa.

– *Que* garota?

– Ellie Briess.

– Ellie Briess? – repetiu Walter num murmúrio incrédulo. – Meu Deus, Clara, você está louca!

– Você nega? – Clara perguntou.

– Nem vale a pena negar!

– Então é verdade, não é? Ao menos admita. Pelo menos uma vez na vida diga a verdade!

Walter sentiu um frio na espinha. Seu pensamento tomou outro rumo, tentando ajustar-se a uma situação totalmente nova: lidar com uma pessoa insana.

– Clara, eu só estive com essa garota duas vezes. Ela não tem nada a ver conosco.

– Não acredito em você. Você vem se encontrando com ela às escondidas, nas noites em que não chega em casa às seis e meia.

– Quais noites? Na última segunda-feira? Esse foi o único dia em que fui trabalhar desde que a conheci.

– No domingo.

Walter engoliu em seco. Lembrou-se de que tinha feito uma longa caminhada na manhã de domingo, a manhã seguinte ao dia em que havia conhecido a garota.

– Não somos suficientemente racionais para terminar isto sem criar fantasias?

A boca de Clara tremeu.

– Você não vai me dar mais uma chance?

– Não.

– Então vou tomar aquele veronal esta noite – disse Clara numa voz que, de repente, se tornara calma.

– Não vai, não.

Walter foi até o bar, serviu uma dose de conhaque e a trouxe para ela.

Clara pegou a bebida com a mão trêmula e engoliu o conhaque de um trago, sem ao menos olhar para ver o que era.

– Você pensa que estou brincando porque eu desisti da outra vez, não é? Mas agora vou fazer isso, sim!

– Você está me ameaçando, querida?

– Não me chame de querida, você me despreza. – Ela se levantou. –

Me deixe sozinha! Me dê ao menos um pouco de privacidade!

Walter ficou alarmado. Ela agora parecia louca, com os olhos castanhos duros e brilhantes como uma pedra, o corpo rígido como se tivesse sido tomada por um ataque epilético que a deixara de pé, firme como uma rocha.

– Privacidade para quê?

– Para me matar!

Involuntariamente ele deu meia-volta para ir até a penteadeira dela, no andar superior, onde pensava que estavam as pílulas, depois tornou a olhar para ela.

– Você não sabe onde elas estão, eu as escondi.

– Clara, não vamos ser melodramáticos.

– Então me deixe sozinha!

– Tudo bem. Vou sair.

Ele subiu correndo para o escritório, fechou a porta e ficou andando em círculos por alguns momentos, fumando um cigarro. Não acreditava que ela fosse se matar. Era em parte uma ameaça e em parte o verdadeiro terror que ela tinha de ficar sozinha. Mas isso passaria, como da outra vez. Amanhã ela estaria tão dura e dona da verdade como sempre. E, enquanto isso, ele teria que passar toda sua vida servindo-lhe de babá, acorrentado a ela por causa de uma ameaça? Ele escancarou a porta e correu para o andar de baixo.

Ela não estava na sala de estar, e ele a chamou, depois correu escada acima novamente. Encontrou-a no quarto. Ela se virou rapidamente para ele, escondendo alguma coisa no vestido branco que segurava, ou talvez apenas apertando o vestido de encontro ao corpo enquanto esperava que ele saísse. Depois, quando o pendurou em um cabide, ele viu que ela não tinha mais nada nas mãos. Quando ela foi até o armário, Walter viu um copo de conhaque, pela metade, no parapeito da janela, e olhou-o com incredulidade por um momento.

– Por que você não me deixa sozinha? – ela perguntou. – Por que não sai para uma longa caminhada?

Jeff interrompeu suas corridinhas alegres pelo quarto, sentou-se e olhou diretamente para Walter, como se também estivesse esperando

que ele saísse.

– Está bem. Talvez eu faça isso – disse Walter, e bateu a porta ao sair.

Retornou ao escritório. Não ficara lá para protegê-la, disse a si mesmo, simplesmente não estava com vontade de dar uma caminhada. Levou um susto quando a porta se abriu atrás dele.

– Achei por bem, para que você se sinta um pouco melhor, lembrá-lo de que, depois desta noite, você tem permissão para passar *todo* o seu tempo livre com Ellie Briess!

Walter tinha na mão um peso de papel feito de vidro e, por um instante, sentiu desejo de jogá-lo na mulher. Bateu com o peso no tampo da escrivaninha e passou por Clara para sair do aposento, furioso como jamais estivera, mas, ainda assim, capaz de observar a si mesmo de maneira bem objetiva: um homem furiosamente zangado, jogando camisas e uma calça dentro de uma mala, escova de dentes, bucha de banho e, lembrança de última hora, a pasta de que precisaria no dia seguinte. Fechou a mala.

– A casa é toda sua esta noite – falou alto ao passar por ela no corredor.

Walter entrou no carro. Já estava na autoestrada de North Island quando se deu conta de que não sabia para onde estava indo. Para Nova York? Poderia ficar na casa de Jon. Mas não queria contar todos os seus problemas para ele. Walter tomou a pista que saía da estrada e foi dar em uma cidadezinha que não reconheceu. Avistou um cinema próximo dali. Estacionou o carro e entrou. Sentou-se na parte superior da sala, fixou o olhar na tela e acendeu um cigarro. Pretendia se obrigar a ficar sentado ali até que começasse o desenho animado que entrara para ver. Quase no final do filme, Walter pensou: se Clara tivesse *realmente* tomado os soníferos, já seria tarde demais para que uma lavagem estomacal a salvasse. Um acesso de pânico o pegou de surpresa.

Levantou-se e saiu.

7

Na mesa de cabeceira, havia um frasco esverdeado vazio e um copo com um pouquinho de água.

– *Clara?* – Ele a pegou pelos ombros e a sacudiu.

Ela não fez nenhum movimento, e sua boca estava aberta. Walter pegou seu punho. Ainda pulsava, aparentemente regular, forte e normal, ele pensou. Foi até o banheiro e molhou uma toalha em água fria, levou-a para o quarto e passou-a no rosto dela. Não houve qualquer reação. Ele lhe deu um tapinha no rosto.

– Clara! Acorde!

Sentou-a, mas seu corpo estava mole como o de uma boneca de pano. Inútil, ele pensou, tentar enfiar-lhe algum café pela garganta. A língua pendia para fora da boca. Correu para o telefone no corredor.

O dr. Pietrich não estava em casa, mas a empregada lhe deu o telefone de outro médico. O segundo médico disse que chegaria em quinze minutos.

Vinte e cinco minutos se passaram e Walter entrou em pânico, temendo que ela deixasse de respirar ali diante de seus olhos, mas a respiração, embora fraca, não cessou. O médico chegou e começou imediatamente a trabalhar com uma sonda estomacal. Walter ajudava derramando água morna no funil em uma extremidade do tubo. Nada saía de dentro dela, a não ser a água, tingida de um muco sanguinolento. O médico aplicou-lhe duas injeções e tornou a tentar a sonda. À espera de algum sinal de consciência, Walter observava os olhos dela semiabertos, a boca flácida, de aparência pouco natural. Mas não viu sinal algum.

– O senhor acha que ela vai sobreviver? – ele perguntou.

– Como posso saber? – o doutor falou irritado. – Ela não acorda.

Terá que ir para o hospital.

Walter sentiu imensa antipatia pelo médico.

Poucos minutos depois, Walter desceu a escada carregando Clara nos braços e levou-a até o carro.

Alguns médicos, pensou Walter, agiam como se considerassem um grande aborrecimento ter que lidar com um caso de suicídio. Ou como se acreditassem, automaticamente, que ele era o culpado.

– Ela já teve algum problema cardíaco? – um médico perguntou.

– Não – disse Walter. – O senhor acha que ela vai sobreviver?

O médico ergueu as sobrancelhas com indiferença e continuou escrevendo no prontuário.

– Depende do coração dela – disse o médico, caminhando na frente de Walter pelo corredor.

Ela estava deitada dentro de uma tenda transparente de oxigênio. A enfermeira friccionava-lhe o braço para lhe dar uma injeção, e Walter estremeceu quando a agulha penetrou cerca de cinco centímetros veia acima. Clara não esboçou o menor gesto.

– Ou ela acorda curada depois de dormir bastante, ou não – disse o médico.

Walter inclinou-se para a frente e examinou atentamente o rosto de Clara. Sua boca permanecia imóvel, deformada, os lábios retraídos, ligeiramente afastados dos dentes, o que lhe dava uma expressão que Walter nunca vira antes, semelhante à da morte, ele pensou. Nesse momento, acreditou que Clara não queria viver. Imaginou que a vontade inconsciente de Clara, em vez de levá-la a lutar para viver, como uma pessoa normal, a empurrava para a morte. E sentiu-se impotente.

Por volta das duas horas da madrugada, ainda não havia nenhuma alteração no estado dela, e Walter foi para casa. Telefonava para o hospital de tempos em tempos, e a resposta era sempre a mesma: “Sem alterações”. Perto das seis da manhã, tomou uma xícara de café e um conhaque e foi de carro para o hospital. Claudia chegaria às sete. Não queria vê-la porque não sabia o que dizer.

Clara continuava na mesma posição. A ele pareceu que suas pálpebras estavam um pouco inchadas. Havia algo horrível na boca

sem expressão e nas pálpebras inchadas, como as de um feto. O médico comunicou a Walter que a pressão dela caíra um pouco, o que era mau sinal, mas o coração parecia estar resistindo bem.

– O senhor acha que ela vai sobreviver?

– Não posso lhe dar uma resposta. Ela ingeriu o suficiente para matá-la, caso o senhor não a tivesse trazido para cá. Saberemos alguma coisa dentro de 48 horas.

– Quarenta e oito horas!

– O coma pode durar mais do que isso, mas, nesse caso, duvido que ela se recupere.

Em torno das nove horas, Walter foi a Nova York. Sua mala ainda estava no banco traseiro do carro, e ele tirou de lá sua pasta, antes de subir para o escritório. Parecia-lhe que nunca tivera a intenção de ir para um hotel com a mala, que fora apenas um acessório usado com a verdadeira intenção de sair de casa para permitir que Clara se matasse sem a interferência dele. Walter não conseguia negar que sabia que ela tomaria os comprimidos. Podia até dizer a si mesmo que não havia acreditado realmente que ela os tomaria, já que não o havia feito da outra vez, mas desta vez era diferente. E ele sabia disso. De certa forma, pensou, ele a matara, isto é, caso ela morresse. Portanto, acreditava que certamente quisera matá-la.

Walter preferiu não almoçar e permaneceu sentado diante de sua escrivaninha, tentando compreender as anotações de Dick sobre as entrevistas com Parsons e Sullivan. Leu uma mesma passagem várias vezes, sem conseguir concluir se faltava alguma coisa ou se era sua própria mente que não conseguia dar significado às palavras. Subitamente estendeu a mão para o telefone, discou o número de Jon e perguntou-lhe se podia ir vê-lo imediatamente, no escritório dele.

– É a respeito de Clara? – Jon perguntou.

– É, sim. – Walter não imaginara que sua voz o trairia, mas só Clara poderia deixá-lo nesse estado, e Jon sabia disso.

Jon tinha uísque no escritório e ofereceu um trago a Walter, que recusou.

– Clara está em coma no hospital. Ela pode morrer – disse Walter. – Tomou soníferos na noite passada, todos os que havia lá em casa. Uns

trinta, mais ou menos.

Walter contou a Jon a conversa sobre o divórcio, o fato de ela ter ameaçado se suicidar e o momento em que ele saíra de casa.

– Essa foi a primeira vez que você mencionou o divórcio? – Jon perguntou.

– Não. – Walter contara a Jon, meses atrás, que estava pensando em se divorciar, mas não contara que havia realmente falado sobre isso com Clara. – Na primeira vez que pedi o divórcio ela ameaçou se matar. Foi por isso que não acreditei nela ontem.

– E foi por isso que você fez as pazes na primeira vez, não foi, porque ela ameaçou?

– Acho que sim – disse Walter. – Foi um dos motivos.

– Entendo. – Jon se levantou e olhou pela janela. – E ontem finalmente você chegou àquele ponto, não é?

– O que você quer dizer com isso?

– Chega-se a um ponto em que se diz: "Tudo bem, estou me lixando se ela vai se matar ou não. Não aguento mais".

Walter fixou o olhar sobre o grande porta-canetas de bronze, que havia dado a Jon no primeiro aniversário de fundação da revista do amigo, e que estava sobre a mesa.

– Isso mesmo. – Walter cobriu o rosto com as mãos. – É como se fosse um assassinato, não é?

– Ninguém que conheça os fatos diria que é assassinato. Você não precisa contar a ninguém o que houve, a ninguém que não conheça os fatos. Pare de ficar pensando nisso, no fato de você ter saído de casa.

– OK – disse Walter.

– Provavelmente ela vai se recuperar. Ela é muito forte, Walt.

Walter olhou para o amigo. Jon sorria, e Walter retribuiu com um leve sorriso. Sentia-se subitamente melhor.

– O verdadeiro problema é o que vai acontecer quando ela acordar. Você ainda quer o divórcio?

Walter precisou fazer um esforço para imaginar Clara recuperada. Sua mente estava obcecada pelo remorso e sentia pena dela.

– Sim – ele disse.

– Então trate de obtê-lo. Há vários meios, nem que você tenha que

ir a Reno. Não se deixe mais paralisar por uma medusa em miniatura.

Walter sentiu certo ressentimento, depois pensou em Jon paralisado por seu amor à mulher quando ela teve um caso com aquele homem chamado Brinton. Por dois meses, Walter fez companhia a Jon quase todas as noites, mas, finalmente, Jon superou a fase e obteve o divórcio.

– Está certo – disse Walter.

À noite, no caminho de volta para casa, Walter passou no hospital. As unhas dela agora estavam azuladas. O rosto, inchado. O médico disse que ela estava resistindo, mas Walter não acreditou. Na opinião dele, ela morreria.

Foi para casa com a intenção de tomar um banho quente, barbear-se e tentar comer alguma coisa. Sentiu-se sonolento dentro da banheira, coisa que nunca lhe acontecera antes. Só acordou quando Claudia o chamou, avisando que o jantar estava quase pronto.

– Talvez seja melhor o senhor descansar um pouco, sr. Stackhouse, ou também vai ficar doente outra vez – disse Claudia.

Walter tinha dito a ela que Clara estava no hospital com uma forte gripe.

O telefone tocou enquanto ele estava comendo, e Walter correu para o aparelho, pensando que fosse uma chamada do hospital.

– Alô, sr. Stackhouse. Aqui é Ellie Briess. Já está bom da gripe?

– Estou, sim, obrigado.

– Sua mulher gosta de bulbos?

– Bulbos?

– Bulbos de tulipas. Tenho duas dúzias. Acabei de jantar com um supervisor em Harridge e ele insistiu que eu os aceitasse, mas não tenho onde plantá-los. São bulbos muito especiais. Pensei que o senhor e sua mulher talvez os quisessem.

– Ah, muito obrigado por pensar em nós.

– Posso deixá-los aí, se estiverem em casa nos próximos vinte minutos.

– Está bem, pode vir – disse Walter desajeitadamente.

Sentiu uma sensação estranha ao desligar o telefone. Lembrou-se das acusações de Clara. Imaginou os lábios entorpecidos dela se

movendo e repetindo as mesmas palavras. Como uma profecia de moribundo.

Poucos minutos depois, Ellie Briess estava à porta, com uma caixa de papelão nas mãos.

– Aqui estão. Se o senhor estiver ocupado nem vou entrar.

– Não estou ocupado. Entre. – Ele segurou a porta para ela. – Aceita um café?

– Aceito, sim. Obrigada. – Tirou um papel dobrado de dentro da bolsa e colocou-o sobre a mesinha. – Aqui estão as instruções para cuidar da planta.

Walter olhou para ela. Parecia mais velha e mais sofisticada. Percebeu subitamente que ela usava um vestido preto elegante e sapatos altos de camurça preta, que a faziam parecer mais alta e mais esbelta.

– Conseguiu o emprego em Harridge? – ele perguntou.

– Consegui. Hoje. Era com meu futuro chefe que eu estava jantando.

– Espero que ele seja simpático.

– Na verdade, *a* chefe. É simpática, sim. Ela foi muito insistente a respeito desses bulbos.

– Meus parabéns pelo emprego – disse Walter.

– Obrigada. – Ela abriu um sorriso largo. – Acho que vou gostar de lá.

Ellie parecia estar contente, era visível em seu rosto. Ele queria olhar para ela, mas mirava o chão.

Claudia entrou com uma bandeja com café e o bolo de laranja que tinha feito especialmente para ele.

– Acho que você conheceu a srta. Briess na noite da festa, não é, Claudia? Ellie, esta é a Claudia.

Elas trocaram cumprimentos, e Walter percebeu o prazer que Claudia sentira ao ser apresentada. Ele nem sempre apresentava Claudia às pessoas. Clara não gostava.

– Sua mulher não está em casa? – Ellie perguntou.

– Não, não está. – Walter serviu o café com todo cuidado. Era um café bem preto, forte, que Claudia não faria se Clara estivesse em

casa.

Walter foi buscar conhaque e dois copos. Sentou-se e deu-se conta por um desconfortável minuto de que não tinha nada para dizer à jovem. Conscientizou-se da atração que sentia por ela e que o deixava envergonhado. Seria atração sexual? Desejava pousar a cabeça sobre o colo dela, sobre as coxas que se curvavam um pouquinho sob o vestido preto.

– Sua mulher trabalha muito, não é? – Ellie perguntou.

– Sim, ela prefere trabalhar muito ou não trabalhar. – Walter olhou Ellie nos olhos. Seu olhar expansivo e caloroso continuava o mesmo, não havia mudado esta noite da mesma forma que seu cabelo e suas roupas. Walter hesitou e disse: – Ela está doente, com um pouco de gripe. Isto é, mais do que um pouco. Ela está no hospital.

– Oh, eu sinto muito – disse Ellie.

Walter sentia-se à beira de um colapso, mas não sabia como esse colapso se manifestaria: se ele desmaiaria, se pegaria Ellie nos braços ou se correria para longe de casa para sempre.

– Gostaria de ouvir um pouco de música? – perguntou.

– Não, obrigada. Não é preciso. – Ellie estava sentada na borda do sofá. – Vou-me embora assim que terminar meu conhaque.

Walter observou, impotente, enquanto ela pegava a bolsa e as luvas, dava uma última tragada no cigarro e o apagava. Acompanhou-a até a porta.

– Obrigada pelo café delicioso – ela disse.

– Espero que você venha outras vezes. Onde você mora? – Walter queria saber onde encontrá-la.

– Moro em Nova York – ela respondeu.

O coração de Walter bateu forte, como se ela tivesse lhe dado o número do telefone e lhe pedido para ligar. Em todo caso, já sabia que ela morava em Nova York.

– Você terá que se deslocar diariamente?

– Acho que sim – ela sorriu, subitamente tímida. – Meus cumprimentos a sua mulher. Boa noite.

– Boa noite. – Walter permaneceu de pé na soleira da porta até que o som do carro houvesse quase desaparecido.

Walter foi para o hospital e passou a noite lá, ora lendo, ora cochilando num banco do corredor.

Na terça-feira à tarde, no escritório, Walter recebeu um telefonema do hospital. A já conhecida voz impessoal da enfermeira denotava certa satisfação.

– A sra. Stackhouse saiu do coma há cerca de quinze minutos.

– Ela vai ficar boa?

– Ah, sim, vai ficar muito bem.

Walter desligou sem perguntar mais nada. Sua vontade era saltar até o teto, sair correndo para dar a notícia a Dick, mas só havia dito a ele que Clara estava com gripe. E não se fica assim tão feliz porque alguém se recuperou de uma gripe. Walter obrigou-se a terminar o trabalho que estava sobre a mesa. Executou a tarefa com humildade e paciência, assim como um pecador, agradecido por ter sido poupado do inferno, executaria uma tarefa para se redimir.

Clara estava dormindo, a enfermeira informou a Walter quando ele chegou, mas permitiram que ele a visse. Os lábios dela agora se tocavam tranquilamente. Ela se sentiria muito tonta durante algumas semanas, disse o médico, mas poderia ir para casa dentro de um ou dois dias.

– Gostaria de conversar um momento com o senhor – disse o médico. – Pode vir até a minha sala?

Walter seguiu-o. Já sabia o que o médico iria dizer.

– Sua mulher vai precisar de tratamento psiquiátrico durante algum tempo. Tomar uma *overdose* demonstra um tipo de insanidade, como o senhor deve saber. Além disso, o suicídio é crime neste estado. Se ela não tivesse tido a sorte de ser internada em um hospital particular, teria mais problemas com a lei do que já teve.

– O que o senhor quer dizer com isso, problemas que ela já teve?

– Tivemos que comunicar o que aconteceu, é claro. Já que sou o médico particular dela, sou o responsável até certo ponto. Quero ter a certeza de que ela receberá tratamento psiquiátrico depois de deixar este hospital.

– Vai ser difícil convencê-la. Ela não gosta de psiquiatras.

– Não me importa se ela gosta deles ou não.

– Compreendo – disse Walter.

A conversa terminou. Walter telefonou para Jon e lhe deu a notícia.

Um pouco depois das dez da noite, Walter viu Clara se mexer. Estava sentado ao lado da cama e inclinou-se em direção à mulher. Esperava que ela demonstrasse ressentimento por ele a ter deixado sozinha naquela noite, mas não foi o que aconteceu. Ela sorriu debilmente para ele, então ele pensou que ela estava tonta demais para reconhecê-lo.

– Walter. – A mão dela deslizou sobre o lençol em direção a ele.

Walter a tocou carinhosamente com as duas mãos, sentou-se à beira da cama e deitou a cabeça sobre o lençol que cobria os seios dela. Sentiu o corpo dela cálido e vivo. Achou que nunca a havia amado tanto.

– Walter, nunca me deixe, nunca me deixe – ela disse num murmúrio rápido e quase imperceptível. – Nunca me deixe, nunca.

– Não, querida – ele disse sinceramente.

Clara saiu do hospital na quinta-feira de manhã. Walter levou-a no colo do carro até a casa porque, durante o caminho, ela ficara sonolenta demais para andar.

– É como carregar a noiva para entrar em casa, não é? – disse Clara suavemente enquanto entravam.

– Sim. – Walter nunca atravessara a soleira da porta com ela no colo. Quando se casaram, Clara achou que isso era sentimental demais.

Claudia havia enchido o quarto de flores do jardim, e Walter trouxe mais algumas. Jeff tomara banho e acolheu Clara com latidos e lambidas, mas não tão entusiasticamente quanto Walter havia previsto.

– Você e Jeff se deram bem? – Clara perguntou.

– Jeff e eu nos demos muito bem. Você quer ficar um pouco sentada ou quer ir direto para a cama?

– As duas coisas – ela disse, rindo um pouquinho.

Ele pegou o penhoar no armário, tirou os sapatos dos pés dela, sem meias, e pendurou o vestido que ela havia tirado. Ajeitou o

travesseiro atrás dela, que pediu uma limonada com muito açúcar. Walter desceu para preparar a limonada porque Claudia estava ocupada fazendo uma sopa *vichysoisse* que Clara adorava, e a receita era complicada.

– A quem você contou o que aconteceu? – perguntou Clara quando ele voltou ao quarto.

– Só ao Jon. A mais ninguém.

– E o que você disse ao pessoal do meu trabalho?

Walter mal se lembrava de quando eles haviam telefonado.

– Eu disse que você estava com gripe. Não se preocupe, querida. Ninguém precisa saber.

– Claudia me disse que Ellie Briess esteve aqui.

– Ela passou por aqui na segunda-feira à noite. Ah, ela trouxe uns bulbos de tulipas para você. Você precisa vê-los amanhã. Ela disse que são bulbos muito raros.

– Pelo visto você não ficou entediado enquanto eu estava no hospital.

– Ah, Clara, por favor... – E entregou-lhe o copo de limonada. – O doutor disse que você tem que beber muito líquido.

– Eu estava certa quanto à Ellie, não estava?

Ele não devia ficar com raiva, pensou. Ela ainda estava mentalmente confusa, ainda não voltara ao normal. Então lembrou-se de que ela também não estava normal antes de tomar os comprimidos. Ela havia acabado de renascer e estava retomando as coisas do ponto em que havia parado.

– Clara, vamos conversar amanhã. Você está muito cansada.

– Por que você não confessa que está apaixonado por ela?

– Mas não estou. – Inclinando-se para a frente, abraçou-a. Que ironia, ele nunca a havia amado tanto, desejado tanto quanto agora, e ela nunca confiara tão pouco nele. – Eu disse a ela que você estava doente. Ela telefonou ontem à noite para saber como você estava passando. Respondi que muito bem.

– Isso deve tê-la deixado contente.

– Esta noite vou dormir no escritório, meu bem. – Walter apertou-lhe o braço afetuosamente e se levantou. – Acho que você descansará

melhor se dormir sozinha – acrescentou, para evitar mal-entendidos.

Mas, pelo olhar fixo e ofendido, percebeu que, de todo modo, ela havia dado outro sentido ao que fora dito.

8

Durante cerca de uma semana, Clara passou a maior parte do tempo na cama, cochilando de vez em quando. Walter a levava para curtos passeios de carro à noite e comprava-lhe *milk-shakes* de chocolate na lanchonete de Benedict, na qual não era preciso sair do carro para ser servido. Betty Ireton veio visitá-la duas vezes. Todos pareciam acreditar na história contada por Walter de que a esposa havia tido um caso grave de gripe. Finalmente Clara pôde ir ao cinema uma noite e, no dia seguinte, anunciou que voltaria ao trabalho na segunda-feira. Haviam se passado quase duas semanas desde que voltara do hospital. Na mesma noite, sexta-feira, a mãe de Clara telefonou de Harrisburg.

Walter ouviu o cumprimento frio e pouco surpreso que Clara dirigiu à mãe, depois houve uma pausa enquanto a mãe, como ele imaginou, pedia a Clara que fosse visitá-la.

– Ora, se você *não* está se sentindo tão mal, por que eu iria? – Clara perguntou. – Como você sabe, eu tenho um emprego, não posso viajar para atender aos caprichos de alguém.

Walter levantou-se inquieto e desligou o rádio. Ele sabia que a mãe dela não estava passando bem. Já tinha sofrido dois derrames. Como Clara podia ser tão impiedosa com a fraqueza alheia, ele pensou, quando ela mesma tinha estado tão perto da morte doze dias antes?

– Mãe, vou escrever para você. A conta vai ficar muito alta falando tanto tempo assim... Sim, mãe, esta noite, eu prometo.

Walter pensou de repente nos bulbos de Ellie.

Clara virou-se para ele e suspirou.

– Ela é insuportável, simplesmente insuportável.

– Pelo visto, você não vai.

– É claro que não.

– Sabe, acho que um mês lá faria bem a você. Contanto que você descanse e não...

– Você sabe que não suporto a presença da minha mãe.

Walter não insistiu. Estava tentando evitar assuntos que a irritassem, e este certamente era um deles.

– Diga-me, o que aconteceu com aqueles bulbos de tulipa? Claudia não os mostrou para você? Eu disse a ela para mostrar.

– Eu os joguei fora – disse Clara, que voltou a sentar-se no sofá, pegou de novo o livro e olhou para Walter de maneira desafiadora.

– Isso era necessário? – Walter perguntou. – Não precisava se vingar em uma dúzia de inocentes bulbos de tulipa.

– Não quero as flores dela enfeitando nosso jardim.

A raiva dele cresceu subitamente.

– Você fez uma coisa estúpida e mesquinha!

– Se quisermos tulipas, podemos comprar nossos próprios bulbos – disse Clara. – É por isso que você quer que eu vá para Harrisburg, não é? Quer que eu fique fora do caminho por algum tempo.

Nunca Walter estivera tão próximo de esbofeteá-la.

– É revoltante o que você está dizendo. É degradante.

– Vá embora com ela. Telefone para ela esta noite e vá encontrá-la. Você deve estar sentindo falta dela depois de todo esse tempo.

Walter deu um passo em direção a Clara e segurou o pulso dela.

– Pare com isso, ouviu? Você está ficando histérica!

– Me solte!

Ele a soltou, e ela esfregou o pulso.

– Desculpe – ele disse. – Há momentos em que penso que um bom tapa na cara poderia trazê-la à sanidade de novo.

– Tratamento de choque – ela disse desdenhosamente. – Estou em meu juízo perfeito, e você sabe disso. Por que não diz a verdade, Walter? Você dormiu com aquela garota enquanto eu estava no hospital, não foi?

Walter começou a dizer algo, depois desistiu e saiu do quarto. Foi até a cozinha, desabotoando a camisa. Sob a luz difusa que vinha da sala de estar, tirou a roupa e começou a vestir peças velhas que

estavam penduradas no armário da cozinha, atrás das vassouras e dos panos de chão. Vestiu uma calça esportiva e a camisa e o suéter velhos que usava para fazer serviços domésticos. Embaixo do pano de pó encontrou os tênis. Depois saiu de casa e entrou no carro.

Foi em direção a Benedict. Tremia, e sabia que isso se devia principalmente à exaustão. Desde a noite de domingo em que ela fizera o que fizera, ele estivera tenso como uma tábua, e não melhorou agora que ela estava novamente de pé. Que idiota fora ao pensar que poderiam começar de novo.

Evitou a taverna Three Brothers. Queria ir a um bar ao qual nunca tivesse ido antes. Antes de chegar a Huntington, viu um à beira da estrada.

Entrou no bar e pediu um uísque duplo com água. Olhou de relance os outros frequentadores: dois homens que pareciam ser motoristas de caminhão; uma mulher malvestida que lia uma revista, tendo diante de si um repugnante licor de menta; um casal de meia-idade, de aparência comum, um pouco bêbados e discutindo entre si. Walter cerrou os olhos e prestou atenção às palavras banais da música que tocava na vitrola automática. Queria esquecer quem era, esquecer tudo em que pensara essa noite. Sentado no bar, olhou para baixo, para a calça, e notou que um botão estava desabotoado, abotoou-o despreocupadamente, levantou-se do banco e apoiou-se no balcão do bar. A voz do homem e da mulher que discutiam aumentou de volume, misturando-se ao som da vitrola.

Ele devia ter uns cinquenta anos e seu rosto era magro, com a barba por fazer. Ela era gorda e estava desarrumada. Deviam estar casados há uns trinta anos, pensou Walter. Invejou-os. Suas brigas eram tão simples, tão superficiais. Até mesmo quando o rosto do homem se enrugava de raiva, era uma raiva branda e superficial. O homem ergueu o braço e levou-o para trás jocosamente, como se fosse esbofeteá-la, depois abaixou o braço novamente.

Walter sentiu que a cena o fazia se lembrar de alguma coisa, embora ele não soubesse o quê. Nunca havia batido em Clara. Walter ergueu o copo e tornou a baixá-lo, vazio. Lembrou-se da mulher Kimmel assassinada: seu marido não havia se contentado em espancá-

la, ele a havia assassinado. Mas ninguém dissera que o marido a havia matado, lembrou-se Walter. Essa era uma suposição dele. Mas o marido *poderia* tê-lo feito, aproximando-se da mulher na parada de ônibus e a persuadindo a caminhar com ele. Walter perguntou-se o que teriam descoberto a respeito do crime e se por acaso teria deixado de ver outras notícias no jornal. Isso podia muito bem ter acontecido. Não é o tipo de caso ao qual os jornais concedem muito espaço. Walter tentou imaginar se o assassino não fora descoberto, se nunca haviam suspeitado do marido.

– Mais uma dose? – perguntou o *barman*, com a mão no copo de Walter.

– Não, obrigado – respondeu. – Vou esperar um minuto.

Walter acendeu outro cigarro e continuou olhando fixamente para as garrafas e os copos na prateleira inferior do bar. Lembrou-se de que Melchior Kimmel era um livreiro. Seria possível saber se alguém era um assassino só de olhar para ele? Não com certeza absoluta, é claro, mas sim saber se a pessoa era ou não capaz de cometer um assassinato. Subitamente, sentiu muita curiosidade a respeito de Melchior Kimmel. Desejou ir a Newark para ver se havia uma livraria cujo proprietário fosse Melchior Kimmel, se existia um homem chamado Melchior Kimmel que ele pudesse de fato ver.

Walter pagou pelo drinque, deixou uma gorjeta e saiu.

Naquela noite, dormindo no escritório, Walter sonhou que tinha ido visitar Melchior Kimmel na livraria, e que este era, na verdade, um dos atlantes seminus de pedra cinzenta que sustentavam o lintel da loja. Walter o reconheceu imediatamente e dirigiu-lhe a palavra, mas Melchior Kimmel apenas ria, sacudindo a barriga de pedra, e se recusou a responder a qualquer pergunta feita por Walter.

9

Dia seguinte, sábado. Walter dormiu até depois das nove horas, e, quando desceu para o café da manhã, Claudia lhe disse que Clara havia saído.

– Ela disse que ia fazer compras em Garden City – disse Claudia. – E que não sabia a que horas voltaria.

– Tudo bem. Obrigado – agradeceu Walter.

Em torno das três horas da tarde, Clara ainda não havia chegado. Walter cortara a grama e podara as sebes, e tinha terminado de ler um livro sobre o código penal de Nova York que Dick Jensen lhe havia emprestado. Sentia-se inquieto e tomou uma garrafa de cerveja, na esperança de que a bebida o deixasse sonolento o bastante para dar um cochilo. Não adiantou. Pouco antes das quatro horas, Walter entrou no carro e rumou para Newark.

Não havia nenhum Melchior Kimmel na lista telefônica, mas havia uma Livraria Kimmel, no número 313 da South Huron Street. Walter não sabia coisa alguma sobre as ruas de Newark. Pediu informações ao funcionário de uma charutaria, onde havia consultado a lista telefônica. O homem disse que ficava a dez quarteirões, e explicou-lhe como chegar lá.

A loja estava localizada em uma suja rua comercial. Os olhos de Walter automaticamente procuraram o atlante à frente da loja, mas não encontrou nenhum. Viu apenas duas vitrines empoeiradas, cheias de livros, ladeando uma porta dentro de uma reentrância. A aparência era a de um estabelecimento especializado em livros didáticos e usados. Walter estacionou o carro do lado oposto da rua e se aproximou lentamente da livraria. Não avistou ninguém lá dentro, a não ser um rapaz de óculos lendo um livro apoiado a uma das mesas

compridas. Havia uma pirâmide de livros de álgebra em uma vitrine e, na outra, uma variedade de romances populares que se irradiavam de um cartaz no qual estava escrito, em letras vermelhas, 89 CENTAVOS. Walter entrou.

O local exalava um cheiro rançoso, adocicado. Prateleiras de livros cobriam todas as paredes, do chão ao teto. Havia duas mesas compridas que ocupavam metade do comprimento da loja, sobre as quais livros estavam desordenadamente amontoados. Duas ou três lâmpadas pendiam do teto, e havia uma luz mais forte vinda dos fundos. Walter foi andando devagar. Sob a luz forte pendente, protegida por uma cúpula verde de vidro, avistou um homem calvo, de mais ou menos quarenta anos, sentado diante de uma escrivaninha. Teve certeza de que se tratava de Melchior Kimmel, como se já o tivesse visto antes em uma fotografia.

O homem encarou Walter. Tinha uma boca grande, rosada, com lábios carnudos que pareciam dolorosamente inchados. Seus olhos pequenos, por trás de óculos sem armação, seguiram os movimentos de Walter por um momento, depois ele baixou os olhos novamente para os papéis que estavam sobre a mesa. Atrás dele (a loja continuava por mais uns dois metros além da mesa e terminava em mais estantes de livros), Walter viu que seu corpo era proporcionalmente tão largo e pesado quanto seu rosto. A curvatura das costas era como uma montanha sob a camisa branca limpa. Os cabelos castanho-claros remanescentes se encaracolavam acima da orelha e rodeavam a parte inferior da nuca, de um repugnante rosado brilhante.

– Procura alguma coisa em particular? – o homem perguntou a Walter, agarrando-se a um canto da mesa para girar a cadeira. Seu pesado lábio inferior pendia ligeiramente.

– Não, obrigado. Se importa se eu der apenas uma olhada?

– Nem um pouco. – E voltou a prestar atenção em seus papéis.

Era uma voz civilizada, pensou Walter, diferente da voz que era de se esperar daquele corpo. Fora o fato de a fisionomia do homem ser inteligente, apesar de sua feiura. Walter começou a perder o entusiasmo. Tratava-se apenas de um homem cuja mulher fora

assassinada, Walter pensou, um homem atingido por uma tragédia violenta. Nesse momento lhe parecia absurdo ter se indagado se Melchior Kimmel teria mesmo assassinado a esposa. Se isso fosse verdade, a polícia já não o teria descoberto?

Walter estava de frente para uma estante com a etiqueta POESIA METAFíSICA. Os livros eram antigos, e a maioria deles parecia pertencer ao gênero didático. Avistou a seção de livros de Direito e foi até lá. Queria falar de novo com o homem. Walter olhou para a fileira de obras em mau estado: os *Comentários*, de Blackstone, uma miscelânea de livros sobre delitos civis, *Tribunal de delitos civis de New Jersey de 1938*; *Jornal da Corte do estado de Nova York de 1945*; *O ônus da prova*, de Moore. Walter foi até onde estava o homem, sob a lâmpada.

– Por favor, o senhor tem um livro chamado *Homens que deturpam a interpretação da lei*? – Walter perguntou. – Estou certo do título, mas tenho dúvidas quanto ao autor. Acho que é Robert Miles.

– *Homens que deturpam a interpretação da lei*? – o homem repetiu enquanto se levantava. – Em que época foi publicado?

– Há cerca de quinze anos, acho.

O homem parou diante das prateleiras de Direito e apontou uma lanterna para os títulos, percorrendo-os rapidamente, depois puxou com o antebraço a fileira da frente de livros e olhou os exemplares que estavam atrás. A prateleira era iluminada e não havia motivo para usar a lanterna na primeira fila. Walter supôs que ele tivesse problemas de visão. A luz sobre a escrivaninha era extremamente forte.

– Por acaso não seria de Marvin Cudahy?

Walter conhecia o nome, mas ficou surpreso por Kimmel conhecê-lo – um juiz aposentado de Chicago que havia escrito alguns livros obscuros sobre ética legal.

– Tenho certeza de que o autor não é Cudahy – respondeu Walter. – Não sei quem é o autor. Só sei o título.

Do topo de sua altura superior, o homem examinou Walter, que pressentiu, ou imaginou, algo pessoal e perturbador na inspeção, a ponto de fazê-lo desviar o olhar dos olhos do homem e pousá-lo sobre

a frente da camisa branca e limpa.

– Provavelmente poderei obtê-lo para o senhor – disse Kimmel. – Levará algumas semanas, no máximo. Quer deixar seu nome para que eu possa avisá-lo?

– Obrigado. – Seguiu o homem até sua mesa. Repentinamente se sentiu constrangido em revelar seu nome. Mas quando viu Kimmel esperando, com o lápis pousado sobre o papel, Walter disse "Stackhouse" e soletrou-o, como sempre fazia. – Marlborough Road, 49, Benedict, Long Island.

– Long Island – Kimmel murmurou, escrevendo rapidamente.

– O senhor é Melchior Kimmel, não é? – Walter perguntou.

– Sim. – Os olhos acastanhados, reduzidos a uma pequenez absurda pelas grossas lentes, olharam fixamente para Walter.

– Tenho a impressão de que me lembro... Sua esposa foi assassinada não faz muito tempo, não foi?

– Sim, ela foi assassinada.

Walter balançou a cabeça.

– Não me lembro de ter lido que o assassino foi encontrado.

– Não. Ainda estão à procura.

Walter teve a impressão de ter ouvido um tom de aborrecimento na voz de Kimmel. Sentiu que o corpo do livreiro se tornara ligeiramente rígido. Walter não sabia o que fazer a seguir. Torceu as luvas com as mãos e tentou encontrar uma frase de despedida.

– Por que pergunta? O senhor conhecia minha mulher? – Kimmel perguntou.

– Oh, não, apenas me lembrei do nome... por acaso.

– Ah, entendo – disse Kimmel com sua voz elegante e precisa. Seus olhos não se desviavam do rosto de Walter.

Walter olhou para as costas largas e arredondadas da mão direita de Kimmel, sobre a qual incidia a luz da lâmpada, e viu que era cheia de manchas e desprovida de pelos. Subitamente Walter teve certeza de que Kimmel sabia que ele tinha vindo à loja apenas para vê-lo, para satisfazer alguma curiosidade sórdida. E Kimmel agora sabia que ele morava em Long Island. Kimmel estava muito próximo. Um medo tomou conta de Walter; o livreiro poderia levantar a mão enorme e,

com um golpe, arrancar sua cabeça.

– Espero que encontrem o culpado.

– Obrigado – disse Kimmel.

– Desculpe-me por minha indiscrição – Walter falou desajeitadamente.

– Mas não foi uma indiscrição – disse Kimmel, repentinamente cordial. Os lábios protuberantes, em formato semelhante a um coração obeso e dividido horizontalmente, moviam-se nervosamente. – Obrigado por suas palavras animadoras.

Walter se dirigiu para a porta da frente, com Kimmel seguindo-o de perto, de maneira cortês. Sentiu-se subitamente à vontade, e nos minutos finais, isto é, no momento em que Kimmel dissera que ele não fora indiscreto, Walter sentira que era possível que ele houvesse assassinado a esposa. Não por causa de seu físico abrutalhado nem por causa do olhar cauteloso, mas sim por sua súbita cordialidade. Walter teve a impressão de que Kimmel se sentira aliviado ao saber que ele apenas estava lhe desejando que tudo desse certo e não era um detetive da polícia. Walter virou-se ao chegar à porta e, sem pensar, estendeu a mão.

Kimmel segurou a mão estendida, apertou-a com um toque surpreendentemente suave, curvando-se um pouco.

– Até breve – disse Walter. – Obrigado.

– Até breve.

Walter atravessou a rua até onde estava seu carro. De dentro do veículo, olhou para a loja e viu Melchior Kimmel de pé atrás do vidro da porta da frente, viu-o levantar o braço e, lentamente, passar a mão sobre a cabeça calva, gesto de alguém que relaxa após um período de tensão. Viu também quando ele retornou serenamente para as profundezas da loja, com a cabeça calva erguida e os braços compridos ligeiramente afastados do corpo enorme.

Melchior Kimmel sentou-se diante de sua mesa de trabalho e olhou fixamente para os escaninhos em desordem. Mais um bisbilhoteiro, pensou, apenas mais inteligente e mais bem-vestido do que os outros. Ou seria ele *por acaso* um detetive? Os olhinhos de Melchior Kimmel quase se fecharam enquanto ele relembrava cautelosamente a

conversa que haviam travado. Não, o homem estivera genuinamente pouco à vontade, e, além disso, o que ele tentara descobrir? Nada. Tudo lhe dizia que o homem era mesmo um advogado. Embora não houvesse dito que era. Kimmel estendeu a mão para pegar o bloco de notas em que anotara o nome do homem e do livro que ele queria, arrancou a folha amarela de papel e guardou-a no escaninho onde colocava os assuntos por resolver. O gesto, como se tivesse dado início a uma sequência de gestos mecânicos habituais, foi seguido por uma arrumação de papéis, cartas e vários cadernos de tamanhos diversos em vários escaninhos da escrivaninha na sua frente, que parecia tão complicada quanto um painel de controles. Seu corpo pesado balançava a cada movimento e, por alguns minutos, seu cérebro pareceu se concentrar em seus braços e mãos gordos. Antes de colocar um caderninho marrom no escaninho apropriado, abriu-o em uma das últimas páginas e riscou uma linha vertical seguida pela data e por "ver B-2489", que era o número da fatura seguinte, menos um. Agora eram sete as linhas verticais, com datas anotadas ao lado e três asteriscos com datas. Os três asteriscos representavam detetives que ele reconhecera como tais, mas que provavelmente não imaginavam que haviam sido reconhecidos. Os restantes eram meros visitantes. E Kimmel não dava muita importância a toda a lista.

Bocejou, estendendo os pulsos gordos para o alto e arqueando sensualmente as costas. Depois relaxou e recostou-se na cadeira de couro sem braços. Fechou os olhos e deixou pender a cabeça, apoiada na gordura sob seu queixo. Mas não dormiu. Estava saboreando a sensação deliciosa de seus músculos relaxados, a preguiça que fluía suavemente por seu corpo e descia pelos braços até a ponta roliça de seus dedos inertes. Fora um sábado trabalhoso.

10

Eram quase nove horas quando Walter chegou em casa. Trouxera uma dúzia de crisântemos brancos para Clara, que estava sentada na sala de estar, examinando alguns papéis do escritório que havia espalhado sobre o sofá.

– Olá – ele disse. – Desculpe eu me atrasar para o jantar. Nem sabia se você estaria aqui ou não.

– Ora, está tudo bem.

– Estas são para você. – E entregou-lhe as flores.

Ela olhou para a caixa, depois para ele.

O sorriso de Walter se desvaneceu.

– Quer que eu as ponha em um vaso com água? – Subitamente a voz dele se tornara tensa.

– Sim, por favor – ela disse friamente, como se as flores não tivessem nada a ver com ela.

Walter abriu a caixa de flores na cozinha e encheu o vaso de água. Havia até escrito um cartãozinho: “Para a minha Clara”. Rasgou-o e jogou-o na caixa de flores vazia.

– Como estava a Ellie? – Clara perguntou quando ele trouxe as flores para a sala.

Walter não respondeu. Colocou o vaso sobre a mesinha de centro, tirou um cigarro do maço e o acendeu.

– Por que você não passa o resto da noite com ela?

Seria uma ótima ideia, pensou Walter, mas ficou de boca fechada e dentes cerrados. Foi até a cozinha, lavou as mãos e o rosto com o sabão que havia na pia e secou-os com uma toalha de papel. Depois dirigiu-se ao corredor e foi até a porta da frente. Clara estava falando mais alguma coisa quando ele saiu.

Foi até a taverna Three Brothers para ver se Bill ou Joe estariam lá. Gostaria de tomar um drinque com eles. Não havia ninguém conhecido. Cumprimentou Ben, o *barman*, com um aceno, pegou a lista telefônica de Manhattan e procurou o número de Ellie Briess. Encontrou uma Ellen Briess e uma Elspeth Briess. O endereço de Elspeth Briess pareceu mais provável. Walter telefonou para lá. A telefonista disse que o número havia mudado e deu-lhe um número em Lennert, em Long Island.

Ellie atendeu e disse que havia se mudado naquele dia mesmo.

– O que você está fazendo? – ele perguntou. – Já jantou?

– Nem pensei nisso ainda. Hoje tive que ficar na escola até as quatro horas, e os homens da mudança largaram tudo empilhado no chão. Desculpe-me, mas não posso sair para jantar.

Falou de um modo tão agradável que Walter sorriu.

– Talvez eu possa ajudar – ele disse. – Posso ir até aí? Não estou muito longe.

– Se você não se importar com a bagunça...

– Qual é o endereço?

– Brooklyn Street, número 187. A campainha está embaixo do nome Mays. M-a-y-s.

Walter apertou o botão embaixo do nome Mays. Assim que soou o zumbido da campainha, ele empurrou a porta, entrou e subiu de dois em dois degraus a escada, com a garrafa de champanhe embaixo do braço, como se fosse uma bola de futebol. Com o outro braço carregava uma sacola de uma confeitaria.

Ellie estava parada na soleira da porta no segundo andar.

– Olá – ela disse. – Bem-vindo.

Diante dela, Walter parou sem saber o que fazer. Depois estendeu a sacola de papel.

– Eu trouxe uns sanduíches.

– Obrigada. Entre, mas duvido que encontre um lugar para sentar.

Ele entrou. Era uma única sala grande, com duas janelas no lado voltado para a rua, e, nos fundos, havia um corredor que dava para a cozinha e o banheiro. Ele percorreu com o olhar a confusão de malas e caixas de papelão. Havia dois estojos de violino, um já gasto e o

outro com aparência de novo. Ele a seguiu até a cozinha.

– E mais isto – ele disse entregando-lhe a garrafa de champanhe. – Não está gelada. A geladeira da loja de bebidas de Benedict estava com defeito esta noite.

– Champanhe? Para comemorar o quê?

– O apartamento novo.

Ela segurou a garrafa de champanhe como se gostasse muito da bebida. Não havia nada que pudesse servir como balde de gelo. Ellie pegou uma toalha de banho em uma das caixas na sala de estar e enrolou a garrafa e duas formas de gelo na toalha.

– Quer um uísque enquanto esperamos gelar? – ela perguntou.

– Ótimo.

– E um sanduíche? Você trouxe coisas tão gostosas. Sanduíche de peru... E o que é isto?

– Trufas.

– Trufas – ela repetiu.

– Você gosta de trufas?

– Adoro. – Ela pegou alguns pratos embalados em jornal. Usava mocassins, saia e blusa e estava sem nenhuma maquiagem. – Estou contente por ter companhia. Não gosto de embalar e desembalar coisas sem tomar um drinque, e beber sozinha me deprime.

– Vou ajudá-la a beber e também a desembalar. Quer que eu a ajude com alguma dessas coisas?

– Quero esquecer isto por um momento. – Ela estendeu um prato e ele pegou um sanduíche.

Levaram os drinques e os pratos para a sala e, como não havia mesa, colocaram os pratos no chão.

Ellie olhou para uma pilha de livros de música.

– Você gosta de Scarlatti?

– Sim. No piano. Tenho alguns...

– Ótimo. Eu toco Scarlatti no violino.

Walter sorriu de leve. Colocou as malas no chão e sentaram-se no sofá. Sentia que já tinha estado ali muitas vezes e que, dentro de alguns minutos, depois que terminassem seus drinques, começariam a fazer amor, como já tinham feito muitas vezes. Ellie falava sobre uma

mulher de Nova York chamada Irma Gartner, que sentiria sua falta, porque, segundo Ellie, a mulher dependia dela para trocar seus livros de música na biblioteca de duas em duas semanas. Irma Gartner era deficiente física, com aproximadamente 65 anos de idade, e tocava violino.

– Ela ainda toca bem – contou Ellie. – Se não fosse mulher, conseguiria emprego em um conjunto de cordas para tocar em restaurantes, mas ninguém contrataria uma mulher da idade dela. É horrível, não é?

Walter tentou imaginar Clara se preocupando com alguém ou indo visitar essa pessoa apenas por amizade ou piedade. Impossível. Os ombros de Ellie pareciam macios sob a blusa branca, e ele gostaria de envolvê-la em seus braços. O que aconteceria se ele o fizesse? Ela corresponderia ou não? Ou ela corresponderia ou se mostraria fria e esta seria a última vez que ele a veria. Walter pensou: de todo modo, se não podia abraçá-la, não queria se torturar tornando a encontrá-la. Colocou um braço sobre o encosto do sofá, depois o baixou até o ombro dela. Ela levantou os olhos para ele, depois encostou nele a cabeça. O desejo dele se espalhou, como uma trepadeira, por todo o corpo. Ela virou a cabeça enquanto ele também virou a dele e eles se beijaram. Foi um beijo longo, mas subitamente ela se afastou e se levantou.

Ela deu meia-volta e, do centro da sala, olhou para Walter, dirigindo a ele um sorriso amplo e desconcertado.

– Até onde isto vai?

Ele foi em direção a ela, que parecia um tanto assustada e aborrecida, então se deteve.

Ela foi andando devagar para a cozinha. Seu corpo, com saia e blusa, pareceu a ele muito jovem; jovem em sua pretensa indiferença. Ela tocou na garrafa de champanhe.

– Com gelo no copo ficaria na temperatura certa. Você se importaria com gelo no copo?

– Não.

Ela tornou a olhar para ele com olhos tímidos e excitados.

– Não estou vestida apropriadamente para tomar champanhe. Pode

esperar dez minutos? Aqui estão os copos. Só tenho copos antiquados. – Entregou os copos a Walter, foi até a sala e tirou algo branco de dentro de uma mala. Depois desapareceu banheiro adentro.

Walter ouviu o ruído da água do chuveiro correndo. Colocou gelo nos copos e pousou-os, junto com a garrafa de champanhe, sobre a tampa de uma mala. A água do chuveiro continuou correndo por muito tempo, e ele começou a preparar um uísque para si mesmo, depois desistiu.

Ellie saiu vestindo um grosso roupão branco e descalça.

– Devo vestir minha melhor roupa – ela disse, procurando dentro de uma mala.

– Não vista nada. – O roupão era feito de tecido atoalhado e, pensou Walter de repente, Clara detesta tecido atoalhado. – Gostaria que você tirasse isso – ele disse.

Ela não deu a menor atenção ao comentário dele, o que, para Walter foi a reação mais excitante que ela poderia ter demonstrado.

– Abra a garrafa. – Ela se sentou no chão, ao lado da mala, e encostou-se ao sofá.

Walter tirou a rolha e serviu a bebida, que ambos provaram em silêncio. Ele apagara a luz principal, e havia apenas a luminosidade vinda da cozinha. Ela tinha pés bonitos, macios, estreitos e bronzeados, como suas pernas. Não pareciam combinar com as mãos. Ele serviu mais champanhe.

– Nada mau, não acha?

– Nada mau – ela repetiu, recostando a cabeça no sofá. – Maravilhoso. Há momentos em que amo a desordem. Esta noite é um deles.

Ele se levantou e estendeu um cobertor verde sobre o assoalho.

– Não acha que o chão é muito duro?

Ela se deitou de bruços sobre o cobertor, com o rosto apoiado sobre o braço, olhando para ele, que se sentou ao lado dela no cobertor. A champanhe parecia não acabar nunca, como o cântaro da lenda.

– Por que você não tira a roupa? – perguntou ela.

Ele fez o que ela pediu, depois desamarrou a faixa de tecido

atoalhado do roupão. Ela era adoravelmente suave, e seus seios eram macios como leite nas mãos dele. Walter agiu lentamente, tomando cuidado para não machucá-la no chão que continuava duro, apesar do cobertor, mas Ellie parecia não sentir a dureza, então ele deixou de pensar nisso. No entanto, teve um momento de fria racionalidade ao perguntar-se se alguém já teria feito amor com ela tão bem quanto ele. Teve a impressão de que já haviam ficado juntos muitas vezes antes e que, para eles, essa intensidade jamais diminuiria enquanto vivessem. E de que Clara era algo muito pálido em comparação àquilo.

Seu desejo era dizer “eu te amo”. Não disse nada.

Ela abriu os olhos e olhou para ele.

Walter serviu o que ainda restava do champanhe, depois acendeu um cigarro para compartilhar com ela.

– Sabe que horas são? – perguntou ela.

Ele detestou o fato de ainda estar usando o relógio de pulso.

– São apenas cinco para as duas.

– Apenas! – Ela se levantou, foi até o rádio e ligou-o baixinho. Depois, voltou, ajoelhou-se diante dele e beijou sua testa.

Walter a observou enquanto ela vestia o roupão. Então vestiu rapidamente a roupa. Não queria passar a noite ali, mas sentia que ela queria que ele ficasse.

– Quando posso vê-la de novo?

Ela olhou para ele, que percebeu a decepção no olhar dela porque ele pretendia ir embora.

– Não quero planejar nada.

– Há alguma coisa que eu possa fazer para você?

– O que você quer dizer com isso?

– Ajuda. Coisas para o apartamento novo.

Ellie riu. Estava encostada à estante vazia. Mesmo com pouca luz, ele pôde ver os olhos azul-acastanhados dela, que sorriam, como se ela o adorasse.

– Pode ser que eu nunca o arrume. Eu lhe disse que gosto de desordem.

Ele foi lentamente até ela.

– Eu vou te ligar.

– Muito gentil da sua parte – ela disse.

Sorrindo, ele a pegou pelo pulso e a puxou para perto. Beijaram-se, e Walter bem que gostaria de recomeçar tudo de novo, mas abriu a porta. Disse “boa noite” e saiu. Ao descer a escada, sentia o corpo flexível e jovem, como se cada célula houvesse mudado de alguma forma. Sorria.

Clara acordou assim que ele entrou no quarto.

– Onde você estava? – perguntou sonolenta.

– Bebendo. Com o Bill Ireton. – Não se importava se ela ficasse sabendo que ele não estivera com Bill. Não se importava se ela descobrisse que estivera com Ellie.

Clara evidentemente voltou a dormir, pois não disse mais nada.

Walter telefonou para Ellie na segunda-feira de manhã e perguntou se ela podia jantar com ele. Diria a Clara que tinha um encontro com Jon em Nova York. Não iria para casa depois do trabalho. Mas Ellie disse que teria que estudar violino a noite toda, e não tinha como escapar, porque precisava selecionar um novo conjunto de músicas para seus alunos. Walter achou que ela falava de maneira fria e que talvez nunca mais concordasse em vê-lo.

Na segunda-feira, na hora do almoço, Walter entrou na Biblioteca Pública e procurou o caso Kimmel nos jornais de agosto de Newark. Havia uma foto do corpo na cena do crime. A mulher tinha uma aparência atarracada e escura, mas o rosto estava voltado para o lado e não conseguiu ver muita coisa, a não ser um vestido claro manchado de sangue, semicoberto por um cobertor. Sentiu enorme curiosidade em saber qual era o álibi de Kimmel. Encontrou uma única declaração, repetida de várias maneiras: “Melchior Kimmel declarou que estava em Newark na noite do crime e que assistiu a um filme das vinte até as vinte e duas horas”. Walter supôs que ele tivesse alguma testemunha para confirmar a declaração e que isso nunca havia sido contestado.

Mas o assassino também não havia sido encontrado. Walter examinou os jornais de Newark dos dias seguintes ao assassinato. Não havia nenhuma outra pista. Saiu da biblioteca frustrado e com raiva.

11

– Preciso me encontrar com você – disse Walter. – Nem que seja por alguns minutos.

Ellie finalmente concordou.

Walter foi imediatamente para Lennert. Eram apenas sete horas. Claudia lhe disse que Clara havia saído para jantar com os Philpott. Esperava que Ellie estivesse livre a noite toda. Da calçada abaixo da janela do apartamento, ouviu o violino. Esperou até que ela tivesse tocado uma frase musical três vezes, tocou a campainha e ouviu-a tocar um acorde vigoroso. O porteiro eletrônico zumbiu.

Ela estava mais uma vez de pé, na porta do apartamento.

Ele começou a beijá-la, mas ela disse:

– Se importa se sairmos?

– É claro que não.

O apartamento havia mudado completamente: havia um tapete rosado no chão, alguns quadros haviam sido pendurados e os livros estavam nas prateleiras. Somente a pilha de livros de música, ainda com Scarlatti no topo, restava para lembrá-lo da outra noite. Ela voltou do armário com o casaco.

Ele decidiu levá-la ao Old Millhouse Inn, perto de Huntington, onde haveria menos probabilidade de encontrarem conhecidos. No carro, ela falou sobre a escola. Walter sentiu que ela estava em outro mundo, distante do seu, que não havia sentido nem um pouco a falta dele.

Pediram martínis à mesa. Walter teria preferido beber no bar, mais afastado, mas os bancos estavam ocupados por um grupo ruidoso de homens – um encontro de algum clube ou reunião apenas para homens –, que faziam tanto barulho que podiam ser ouvidos da mesa

em que estavam. Ellie havia se calado. Parecia acanhada diante dele.

– Eu te amo, Ellie – ele disse.

– Não, não ama. Eu te amo.

Isso foi direto ao coração dele, provocando uma dor agradável, como se ele fosse um adolescente.

– Por que diz que não a amo?

– Porque eu sei. E nunca mais vou fazer o que fiz naquela noite até que você me ame. Talvez eu só tenha feito naquela noite para provar como sou forte.

– Oh, Ellie. – Ele franziu a testa. – Isso tudo é muito complicado. E muito "russo".

– Bem, eu sou metade russa. – Ela sorriu. – Quer que eu seja franca? Você não me ama, mas se sente atraído por mim porque sou diferente da sua mulher. Você tem problemas com ela, então recorre a mim... não é mesmo? – Ela falou tão baixinho que ele teve que se esforçar para ouvi-la. – Mas não vou ser imprudente a ponto de ter um caso com um homem casado, mesmo o amando.

– Ellie, posso amar você mais do que qualquer outra mulher neste mundo. Eu te amo de verdade.

– Mas o que vai fazer a respeito disso é o que me pergunto. Penso que não vai fazer nada. – Não havia qualquer ressentimento na voz dela, que falou como quem constata um fato.

– Como você sabe?

– Eu não sei. Talvez esteja errada.

Foi a seriedade com que ela falava que o deixou sem ação, ele percebeu. Percebeu que sua seriedade não se igualava à dela: não formulara nenhum plano, não tinha pensado em nenhuma solução nem sentia a mesma emoção. Olhou para si mesmo com objetividade, como ela certamente fazia, e sentiu-se envergonhado.

– Não conheço você e, no entanto, tenho a impressão de que conheço... o bastante para amá-lo – disse Ellie. – Você é um sujeito bem decente, eu acho. E forte. E acho que me apaixonei por você na primeira vez em que o vi.

Walter perguntou a si mesmo se poderia dizer a mesma coisa. A noite da festa...

– Minha vida não tem sido das mais divertidas – ela continuou. – Meu pai bebia. Morreu quando eu tinha dezesseis anos. Tive que sustentar minha mãe, porque meu irmão é quase tão inútil quanto era meu pai. Minha mãe me deu o nome de Elspeth porque ela achou que era um nome bonito. Acho que foi a única coisa que minha mãe fez à sua maneira, contra a vontade do meu pai. A única coisa segura que eu conhecia era a música. Já tive dois amores. Amores sem importância, nada como você. – Ela sorriu, e sua aparência era a de alguém muito jovem, mais jovem do que sua voz. – Gosto de coisas seguras. Quero um lar. Quero filhos.

– Eu também – disse Walter.

– Com um homem que eu possa admirar. Quero algo definido. E tinha que me apaixonar logo por você, imagine.

– Entendo perfeitamente. Entendo tudo que você está dizendo. – Walter olhou para a madeira escura da mesa. – Eu nunca lhe disse que pretendo me divorciar em breve de minha mulher. É claro que não me dou bem com ela. Isso é óbvio para todos que frequentam nossa casa. Quero o divórcio o mais cedo possível.

Walter realmente queria. Mas queria casar-se com Ellie? Sentiu que não podia dar ainda uma resposta definitiva, e foi isso, pensou ele, que o impediu de dizer mais.

– Quando? – ela perguntou.

– É uma questão de apenas poucas semanas. Então, se nós ainda gostarmos um do outro... se ainda nos amarmos...

– Ainda amarei você dentro de algumas semanas. Veja, é você que está em dúvida. – Ela acendeu um cigarro. – Acho melhor você não me procurar até saber com certeza.

– Certeza de que a amo?

– Certeza de que quer o divórcio.

– Tudo bem – disse Walter.

– Eu o amo demais, entende? Eu nem deveria lhe dizer isso, não acha? Amo o simples fato de estar fisicamente perto de você. E isso é tudo por enquanto. Você não me verá nas imediações da Marlborough Road.

Ele olhou para o isqueiro.

– Você se importa se eu for para casa agora? Não consigo falar mais nada.

– Está bem – respondeu Walter. Olhou em volta, à procura do garçom, para pedir a conta.

Quando saíram, os homens ainda faziam algazarra no bar.

Eram apenas nove e quinze da noite quando Walter chegou em casa, mas Clara estava na cama, lendo. Ele lhe perguntou como havia sido a noite na casa dos Philpott.

– Não estive com eles – disse Clara, no tom de voz indiferente que costumava usar no início de uma briga.

Walter olhou para ela.

– Não?

– Vi seu carro na frente do apartamento de Ellie Briess esta noite.

– Quer dizer que agora você já sabe até onde ela mora?

– Procurei me informar.

Walter sabia que ela devia ter ficado pacientemente de vigia, já que ele não passara mais do que cinco minutos no apartamento, nas duas vezes que estivera lá esta noite.

– E o que você vai fazer a respeito? Por que não se divorcia de mim por adultério? – Abriu lentamente um maço de cigarros, mas seu coração pulsava com uma espécie de terror, pois, pela primeira vez, ele era mesmo culpado daquilo de que ela o acusava.

– Porque acho que você vai se esquecer logo disso – respondeu Clara. Ela estava recostada no travesseiro, mas sua cabeça e ombros aparentavam rigidez, e sua boca estava esticada, em linha reta. Subitamente Walter a achou anos mais velha. Ela ergueu os braços para ele. – Venha cá, querido – disse num tom de voz que soou odioso para ele por simular afeição.

Sabia que ela queria que ele a beijasse, que fosse além. Havia acontecido outras vezes desde que ela voltara do hospital: ofendendo-o e acusando-o durante o dia e, à noite, tentando recuperar terreno e fazer amor para prendê-lo. Na única vez em que Walter correspondera, percebera que ela fazia amor com ele por obrigação, e isso o revoltara.

– Vamos botar tudo em pratos limpos agora? Eu gostaria. Não

quero mais esperar.

– Botar o que em pratos limpos?

– Quero o divórcio, Clara. Desta vez não estou pedindo, estou comunicando. E não é por causa da Ellie. Estou comunicando isso também.

– Há seis semanas você dizia que me amava.

– Foi um erro meu.

– Quer ter outro cadáver nas mãos?

– Não vou passar o resto da sua vida nem da minha servindo de enfermeiro para você. Se você não concordar com o divórcio, irei a Reno para obtê-lo.

– Reno! – ela zombou.

Walter olhou para Clara. Provavelmente ela não acreditava nele, pensou. Pior para ela.

12

Ellie estava, de alguma forma, por trás da decisão que ele havia tomado. Não muito longe dali, ela o esperava. Os passageiros deixaram, um a um, o ônibus, e lá estava Clara descendo o degrau com algo semelhante a uma manta dobrada sobre o braço. Walter se aproximou rapidamente.

– Clara?

Ela não parecia surpresa ao vê-lo ali.

– Preciso falar com você – ele disse. – Saímos do quarto e deixamos tudo em tanta desordem.

Ela murmurou qualquer coisa relutantemente, mas acompanhou-o.

Ele seguiu na frente dela pela estrada.

– Um pouco mais adiante, onde poderemos falar com privacidade – ele disse.

Aproximaram-se da moita que ele havia escolhido.

– Não devemos ir longe demais. O ônibus vai partir em dez minutos – disse Clara, embora não parecesse preocupada.

Walter saltou sobre ela e colocou as duas mãos em torno do seu pescoço. Puxou-a para o meio da vegetação rasteira, mas teve que empregar toda a força porque ela se tornara estranhamente pesada, mais pesada do que um homem, e se agarrava aos arbustos com as duas mãos. Walter puxou-a, mas manteve as mãos em sua garganta para que ela não pudesse gritar. A garganta dela começou a ficar dura e torta, como uma corda grossa. Ele começou a temer que não conseguiria matá-la, então percebeu que ela havia parado de lutar. Estava morta. Ele largou o pescoço, que mais parecia uma corda, ficou de pé e cobriu-a com a manta que ela estava levando. Jeff estava ali, latindo e saltitando, alegre como sempre, e, quando Walter

saiu do bosque, Jeff foi atrás dele.

E lá estava Ellie, esperando por ele na estrada, exatamente onde dissera que estaria. Walter fez-lhe um sinal indicando que tudo acabara, e Ellie sorriu aliviada. Ela o pegou pelo braço, olhou para ele com admiração e ia dizer-lhe alguma coisa quando houve uma explosão bem diante deles, como se fosse uma bomba ou uma batida de carro, e uma nuvem de fumaça cinzenta encobriu tudo.

– A ponte caiu! – disse Walter. – Não podemos seguir em frente.

Mas Ellie continuou andando e ele tentou detê-la. Ela continuou sozinha.

Walter deu por si com a cara virada para baixo, tentando se erguer apoiando-se nos braços. Virou a cabeça, tonta e ressonante. Era Ellie deitada ao seu lado? Olhou fixamente até focalizar a cabeça morena e pequena de Clara, deitada com o rosto voltado para ele.

– Com o que você estava sonhando? – ela perguntou, calma e firmemente, como se estivesse acordada há alguns minutos.

Walter sentiu-se transparente.

– Nada. Um pesadelo.

– Sobre o quê?

– Sobre... não me lembro.

Deixou-se cair na cama novamente e desviou o rosto do dela. Teria falado durante o sono? Ficou tenso, esperando que ela falasse alguma coisa, mas, como ela continuou calada, apurou o ouvido na tentativa de ouvir o leve ressonar que indicava que ela dormia. Não ouviu. Sentiu que uma gota de suor lhe percorria a espinha. Segurou a madeira fria da cabeceira da cama e agarrou-se a ela com força, as mãos encharcadas de suor.

13

Da taverna Three Brothers, Walter telefonou para Ellie.

– Está sozinha? – ele perguntou, mas dava para ouvir que havia alguém com ela.

– Não, estou com visita – respondeu delicadamente.

– Pete?

– Não, é uma amiga.

Walter a imaginou de pé junto ao telefone no corredor, de costas para a sala de estar, desprovida de porta.

– Eu queria lhe dizer que vou para Reno no próximo sábado. Ficarei seis semanas fora. É o único modo de conseguir. – Ele esperou, mas ela não disse nada. Walter sorriu. – Como está você, querida?

– Estou bem.

– Pensa em mim de vez em quando?

– Penso sim.

– Eu te amo – disse Walter.

Ouviram o silêncio um do outro.

– Se você ainda tiver os mesmos sentimentos daqui a dois meses, estarei aqui.

– Terei sim – ele disse e desligou.

Clara o esperava na porta de casa.

– Soube do que aconteceu? Tive um acidente de carro. Meu carro está destruído.

Walter largou a pasta sobre a mesa do corredor e olhou para o corpo dela tremendo. Não viu qualquer sinal de ferimento. Passou o braço em torno do ombro dela e a levou até o sofá da sala. Era a primeira vez que a tocava depois de vários dias.

Ela contou que havia sido atingida por um caminhão que saía de

marcha a ré de uma estrada perto de Oyster Bay. Ela estava a não mais de quarenta quilômetros por hora, mas não vira o caminhão por causa das árvores, e o caminhão não tinha feito barulho algum porque estava descendo em ponto morto, de marcha a ré, uma ladeira.

– O carro está no seguro – disse Walter, servindo uma bebida para ela. – O estrago foi grande?

– Toda a parte da frente ficou amassada. Eu quase capotei! – Ela puxou a mão que Jeff beijava com solicitude, então se abaixou e o acariciou nervosamente.

Walter passou-lhe o conhaque.

– Beba isto. Vai acalmá-la.

– Eu não quero ficar calma! – ela gritou, depois se levantou e correu para a escada com um lenço de papel no nariz.

Walter preparou para si mesmo um uísque com soda, sem gelo. Sua mão tremia ao levar o copo à boca. Podia imaginar o impacto que isso causara em Clara. Ela sempre se orgulhara de nunca ter sofrido um acidente. Walter levou a bebida para o andar superior. Clara estava no quarto, meio reclinada na cama, ainda chorando.

– Todo mundo acaba sofrendo um acidente um dia – ele disse. – Não deixe que isso a abale. Os Philpott podem lhe ceder um carro com chofer, não podem? Você provavelmente não deve dirigir por alguns dias.

– Não precisa fingir que se importa com o que sinto. Por que não passa a noite fora de casa e vai ver Ellie? Você não precisa voltar para casa para ficar com uma mulher que odeia!

Walter trincou os dentes, saiu do quarto e desceu a escada. Sabia que Clara pensava que ele se encontrava com Ellie sempre que passava a noite fora de casa. Devia se mudar dali, pensou. Mas na verdade tinha medo de que Clara fizesse alguma coisa, como botar fogo na casa e morrer queimada lá dentro. Não duvidava nem um pouco de que ela fosse capaz disso. Então ele a protegia. E nesse processo estava se tornando tão irritadiço quanto ela.

Claudia entrou na sala.

– Sr. Stackhouse, o senhor e a senhora Stackhouse estão prontos

para jantar?

Essa não era sua maneira habitual de anunciar que o jantar estava servido. Walter percebeu que ela tinha ouvido a gritaria lá em cima.

– Estamos, sim, Claudia. Eu vou chamá-la.

14

A campainha da porta da frente soou enquanto tomavam o café da manhã. Claudia estava na cozinha. Walter levantou-se. Era um telegrama para Clara. Algo lhe disse que era da mãe dela.

Clara leu o telegrama rapidamente.

– Minha mãe está morrendo. Foi o médico que enviou isto.

Walter pegou o telegrama. A mãe dela havia sofrido mais um derrame e não se esperava que vivesse mais do que 36 horas.

– É melhor você pegar um avião – ele disse.

Clara empurrou a cadeira para trás e se levantou.

– Você sabe que não consigo voar.

Walter sabia. Clara tinha medo de voar.

– Mas você, pelo menos, vai ter que ir até lá.

Walter seguiu-a até o corredor. Ela tinha que sair de casa muito cedo nessa manhã porque precisava estar às nove horas em algum lugar.

– É claro. Tenho que resolver certos problemas financeiros dos quais ela se descuidou durante todos esses anos – disse Clara, com voz aborrecida, depois pegou alguns papéis na mesa do corredor e colocou-os em uma pasta de cartolina que sempre carregava consigo.

– Que azar seu carro estar na oficina – disse Walter.

– Sim. Faz tudo sair mais caro.

Walter sorriu um pouco.

– Quer levar meu carro?

– Você vai precisar dele.

– Só hoje e amanhã. No sábado não vou precisar mais.

Walter iria de avião para Nevada no sábado pela manhã.

– Fique com seu carro.

Walter deu uma tragada no cigarro.

– A que horas você pensa em sair?

– Hoje, no final da tarde. Preciso resolver um assunto no escritório, com mãe doente ou não.

– Tentarei telefonar para você – disse Walter. – A que horas você estará no escritório?

– Para quê?

– Para saber a que horas você parte. Talvez eu possa ajudar em alguma coisa – ele disse, impaciente. Sentia-se irritado consigo mesmo. Por que diabos deveria ajudá-la?

– Bom, já que você quer, pode me telefonar por volta do meio-dia. – Ela olhou pela janela quando viu chegar o grande Packard dos Philpott. – Roger chegou. Tenho que ir. Claudia, pode deixar algumas roupas separadas em cima da cama para eu fazer a mala? Meu vestido cinzento e o conjunto verde. Estarei de volta lá pelas três ou quatro.

E saiu.

Walter telefonou para o escritório de Clara ao meio-dia. Ela disse que havia decidido ir de ônibus e que partiria do terminal da Rua 34 às 17h30.

– *Ônibus!* – exclamou Walter. – Você vai ficar exausta, Clara. Vai levar horas.

– São apenas cinco horas até Harrisburg. Não há nenhum trem num horário que me convenha. Tenho que desligar, Walter. Tenho um almoço em Locust Valley às 12h30. Até logo.

Walter colocou o telefone no gancho com raiva. Afrouxou o colarinho e ouviu o som dos botões se soltando e quicando duas vezes no assoalho de cortiça. Ele provavelmente estaria lá na hora do embarque, mas estava revoltado por ter de fazer-lhe essa gentileza. Na verdade, queria se informar sobre algumas coisas que planejara perguntar a ela antes do sábado. O que ela pretendia fazer da casa, por exemplo. A casa era dela, é claro, então o que lhe importava o que ela faria? Havia no mundo uma mulher mais capaz de tomar conta de si mesma?

Ajeitou novamente a gravata e penteou os cabelos. Depois chamou Joan ao telefone. Precisava enviar algumas cartas. Joan não atendeu e

Walter se deu conta de que era hora do almoço dela. Começou a escrever ele mesmo as cartas, mas Joan entrou, carregando dois sacos de papel.

– Eu trouxe alguma coisa para o senhor almoçar – ela disse – porque achei que não comeria nada se eu não trouxesse. É minha boa ação de hoje.

– Hum, muito obrigado – agradeceu Walter, surpreso. Não era hábito de Joan fazer algo assim tão pessoal. Enfiou a mão no bolso. – Deixe-me pagar por isso.

– Não. É por minha conta. – Ela tirou do saco um sanduíche e um recipiente com café e colocou-os sobre a mesa dele. – Sr. Stackhouse, não sei o que aconteceu aqui entre o senhor e o sr. Cross, mas só quero dizer que, se o senhor estiver pensando em sair daqui para outro escritório, espero que possa me levar junto. A questão do salário não importa.

Walter sentiu-se comovido a ponto de se sentir constrangido. O escritório tinha concordado rápido demais com seu pedido de licença por seis semanas. Walter imaginava que, no decorrer desse período, Cross o informaria de que não precisava voltar. Cross havia dado a entender que sabia que ele e Jensen planejavam deixar a firma, e também havia lhe dito, ontem, que não estava satisfeito com o trabalho dele.

– Pode haver uma mudança – disse Walter. – Para ser franco, espero que sim. Se eu não voltar, Joan, entrarei em contato com você.

– Ótimo. – O rosto redondo de Joan era só sorrisos.

– Mas não diga nada aqui no escritório, por favor.

– Ah, não direi nada. E espero que o senhor se cuide, sr. Stackhouse.

Walter sorriu.

– Obrigado.

Assim que Dick voltou do almoço, Walter foi perguntar-lhe quanto ele pensava que Cross sabia sobre os planos deles. Dick respondeu que Cross lhe dissera apenas que não estava satisfeito com o trabalho de Walter, a quem achava que faltava entusiasmo. Dick aconselhou Walter a reagir e a trabalhar durante o tempo que lhes restava na

firma.

– Não me importo se nunca mais vir este lugar depois de amanhã – disse Walter.

Dick olhou-o franzindo a testa.

Walter saiu, fechando a porta.

Chegou à rodoviária às 17h15. Avistou Clara imediatamente, examinando a banca de jornais. Vestia seu novo conjunto verde de *tweed* ajustado ao corpo.

– Mais uma coisa – ela disse quando ele se aproximou. – O carro fica pronto amanhã. Não pague nem um centavo a mais pela cromagem nova do para-choque dianteiro. Isso estava incluído no primeiro orçamento. O gerente agora está dizendo que não estava incluído.

Walter pegou a mala azul de Clara. Ela precisava ir até um guichê perguntar alguma coisa. Walter esperou, olhando para ela.

– Quanto tempo você acha que vai ficar em Harrisburg? – ele perguntou quando ela voltou.

– Ah, acho que devo estar de volta no sábado. Ou amanhã à noite.

Ela olhou para ele. Seu rosto estava animado e sorridente, mas havia algumas lágrimas, que brilhavam, e isso espantou Walter.

– E se ela morrer? – Walter perguntou. – Você não vai ficar para o enterro?

– Não.

Clara se inclinou para baixo, equilibrando-se sobre um dos sapatos de salto alto, e arrancou um pedacinho de papel que se agarrara na sola do outro salto. Automaticamente estendeu a mão para Walter ampará-la, e ele a segurou.

Uma sensação estranha percorreu todo seu corpo ao ser tocado pelos dedos dela, um ímpeto de prazer, de ódio, de certa ternura sem esperança, que Walter esmagou assim que a reconheceu. Sentiu um desejo súbito de abraçá-la bem forte nesse último minuto e, depois, empurrá-la para longe de si.

– E isto – ela disse, entregando-lhe um pedaço de papel dobrado que tirou do bolso do casaco. – São duas pessoas para quem eu deveria telefonar amanhã. Telefone para a sra. Philpott e dê os

números a ela. Ela saberá o que fazer. – Ela baixou os olhos ao colocar uma das luvas de pelica preta, e Walter viu uma lágrima pingar na luva.

Walter a observava ansioso, perguntando a si mesmo se ela estava realmente chateada por causa da mãe ou se seria por outro motivo.

– Telefone-me quando chegar lá. Telefone a qualquer hora.

– Você não está contente com a expectativa de passar 48 horas sem mim? Por que está rangendo os dentes? Por que não leva Ellie para Reno com você? – Ela o olhou com um olhar cortante e um sorriso maldoso e forçado, como se sua mente de feiticeira já tivesse tudo planejado e soubesse que ele jamais ficaria com Ellie, que nunca haveria felicidade para ele neste mundo.

Walter seguiu-a com a mala enquanto ela se afastava na direção dos ônibus. Segurou a alça com força, desejou ter coragem de jogá-la na cabeça dela. Colocou a mala no chão, ao lado das demais bagagens que esperavam ser guardadas no ônibus Nova York-Pittsburgh.

– Você não parece nem um pouquinho feliz – ela disse alegremente.

Walter olhou para ela com um ligeiro sorriso nos lábios pensando que, se ele a odiasse bastante...

– Onde o ônibus para? – ele perguntou subitamente.

– Onde para? Não sei. Provavelmente só em Allentown. – Ela olhou à sua volta, ainda com aquele sorriso fixo, louco. – Acho que já posso embarcar.

Clara subiu os degraus do ônibus. Walter a viu caminhar pelo corredor, à procura do seu assento, e sentar-se em uma poltrona nos fundos, afastada da janela. Ela olhou para fora, sorrindo, e acenou para ele, que ergueu um pouco a mão. Olhou o relógio de pulso. Faltavam ainda cinco minutos para a partida do ônibus. Virou-se abruptamente e voltou para a sala de espera. Subitamente quis uma bebida, mas passou diante do bar e saiu.

Havia deixado o carro em um estacionamento dois quarteirões a oeste da rodoviária. Dirigiu o carro para a saída e rumou para o leste. A rua estava engarrafada. Um ônibus entrou na avenida e seguiu na direção sul. Não conseguiu ver se era ou não o ônibus de Clara.

Avançou lentamente em meio ao trânsito pesado, foi obrigado a parar novamente e acendeu um cigarro. O ônibus de Nova York para Pittsburgh entrou na Décima Avenida, bem à sua frente, e chegou a avistar Clara durante alguns minutos.

Quando o farol abriu, Walter dobrou à direita e seguiu o ônibus, sempre em direção ao centro financeiro e ao túnel Holland. Entrou no túnel, seguindo o ônibus.

Vou parar em Newark, dar a volta e retornar, pensou. Pensou em Melchior Kimmel em Newark. Talvez passasse na frente da loja, talvez ela ainda estivesse aberta. Seu livro podia ter chegado.

Mas continuou a seguir a forma cinzenta do ônibus, semelhante a um pão. Ficou nervosíssimo quando um sinal vermelho o fez parar, e o ônibus dobrou uma esquina e desapareceu por alguns minutos.

Vou acender um cigarro e, quando acabar de fumá-lo, vou dar meia-volta, Walter pensou.

Finalmente o ônibus enveredou por uma das longas avenidas comerciais dos arredores da cidade, e Walter continuou atrás dele.

Em que estaria pensando Clara, ele se perguntou. Dinheiro? Tirando os impostos, ela herdaria cerca de cinquenta mil dólares se a mãe morresse. Isso poderia deixá-la mais bem-humorada. Estaria pensando nele e em Ellie? Seria possível que Clara estivesse chorando? Ou lendo o *World-Telegram* e não pensando em nada disso? Imaginou-a colocando de lado o jornal, inclinando a cabeça para trás, como às vezes fazia, para descansar os olhos. Imaginou as próprias mãos apertando o pescoço dela.

Que tipo de coragem era preciso ter para cometer um assassinato? Quanto ódio era preciso sentir? Não um ódio comum, sabia, mas um tipo especial de mistura de emoções, entre as quais o ódio era apenas uma. E certo tipo de loucura. Pensou em si mesmo como alguém absolutamente racional. Pelo menos nesse momento. Se fosse num daqueles momentos em que desejara bater nela... Mas nunca havia batido. Era sempre racional. Até mesmo agora, enquanto seguia o ônibus em que ela viajava e as condições eram as melhores possíveis. Como no sonho que havia tido.

Não iria além da primeira parada, pensou. Ele se aproximaria de

Clara e lhe diria o mesmo que dissera no sonho. O mesmo que Melchior Kimmel talvez dissera. *Clara, preciso conversar com você. Venha comigo*. Então caminharia ao lado dela apenas alguns metros, as palavras amargas ditas na rodoviária se repetiriam, ela diria algo provocador a respeito de Ellie, depois o chamaria de idiota por ter dirigido até tão longe, ele a acompanharia de volta até o ônibus, com os nervos a ponto de explodir. Walter, involuntariamente, pisou no acelerador, e o carro disparou. Pisou fundo e só diminuiu a velocidade quando se aproximou de um carro que ia à sua frente.

Tentou imaginar o que aconteceria se ele chegasse a pôr em prática o que pensava. Primeiro, não teria nenhum álibi. E havia o perigo de que alguém o visse na parada de ônibus, ou que alguém ouvisse a inevitável exclamação de Clara, "Walter!", ao vê-lo, ou que as pessoas se lembrassem dos dois caminhando pela estrada.

E Ellie o desprezaria.

Seguiu em frente, correndo atrás do ônibus que se distanciava.

Lembrou-se da primeira vez que vira Clara, num almoço em São Francisco com seu antigo colega de faculdade, Hal Schepps, que a trouxera. Por acaso, como disse Hal mais tarde, e era verdade, mas na época Walter não sabia. Walter lembrava-se muito bem da agitação em seu peito assim que a vira. Como amor à primeira vista. Tempos depois, Clara dissera ter sentido o mesmo. Walter lembrava-se bem da ansiedade com que telefonara para Hal naquela tarde. Temia que Hal e Clara estivessem noivos ou apaixonados. O amigo lhe garantira que não. *Mas tome cuidado*, dissera Hal, *ela tem uma personalidade independente. É uma pessoa complicada – para amar e esquecer*. Walter lembrou-se do quanto ela tinha sido agradável, como tinha sido irresistível naquelas primeiras semanas. Ela contara a Walter que dois homens haviam se apaixonado por ela antes. Ela mantivera um relacionamento de cerca de um ano com cada um deles, e ambos tinham querido casar-se com ela, que recusara. Pelo que Clara dizia, ambos deviam ter personalidade fraca. Clara lhe dissera que gostava de homens fracos, mas não quisera casar-se com eles. Walter suspeitou que Clara o considerava o mais fraco de todos e que, por isso mesmo, se casara com ele. Não era uma suspeita agradável.

A parte de baixo do carro se chocou com os trilhos de uma ferrovia, como se fosse uma série de explosões, e a cabeça de Walter sacudiu até que o carro se estabilizasse. O ônibus ia rápido. O relógio de Walter marcava vinte para as seis. Walter encostou-o ao ouvido e viu que estava parado. Segurou o volante com a mão esquerda e acertou o relógio, por estimativa, em 19h05 e deu corda. Deveria haver uma parada para descanso dentro de meia hora, ele pensou.

A estrada levava a uma ladeira e, então, a uma curva. Walter teve que diminuir a velocidade quando o ônibus trocou de marcha, preparando-se para a subida. Ao longe, à esquerda, viu as luzes de uma cidade. Não sabia onde estava.

O ônibus diminuiu a marcha no alto de um morro. Walter fez o mesmo e viu o veículo virar abruptamente à esquerda. Sentiu-se tenso e ansioso porque o ônibus dava a impressão de que continuaria sua marcha e se precipitaria num despenhadeiro. O vulto comprido do ônibus desapareceu na escuridão.

Walter dirigiu até o alto do morro e viu que o que lhe parecera escuridão era um grupo de árvores, e que o ônibus havia estacionado em um local com formato de meia-lua, diante de um café à beira da estrada. Continuou dirigindo até alguns metros além do café, parou no acostamento e apagou os faróis. Saiu do carro e começou a andar em direção ao café. A área em forma de meia-lua era iluminada por um letreiro em neon, acima da entrada do restaurante, cujas luzes alternavam entre o vermelho e o lilás. Procurou entre as pessoas que se afastavam do ônibus o vulto pequeno e ágil de Clara, mas não a viu. Olhou para dentro do ônibus quando chegou mais perto. Ela já havia descido.

Walter abriu a porta de vidro do restaurante e entrou, passeando os olhos pelo balcão e pelas mesas. Não a viu em nenhum lugar. Sentia-se como se estivesse em um teatro, em um palco, e atuando de forma tão convincente: um marido ansioso, procurando pela esposa que viera seguindo com a finalidade de assassiná-la. Suas mãos se fechariam em torno da garganta dela dentro de alguns minutos, mas ele não a mataria, porque tudo não passava de uma peça. Ele fingiria. Um assassinato de mentira.

Walter chegou à porta do toalete feminino. Só desviou o olhar dele para observar a porta de vidro, pela qual entravam algumas pessoas. Walter tornou a revistar com os olhos o balcão e as mesas, mais atentamente.

Saiu do café e deu a volta no ônibus, depois voltou e ficou de pé junto ao balcão, a apenas poucos metros do toalete das senhoras. Acertou seu relógio de pulso pelo relógio de parede que havia acima da porta: 19h29. Havia errado por pouco.

– Quanto tempo vamos ficar aqui? – Walter perguntou a um homem sentado junto ao balcão.

– Quinze minutos – respondeu o homem.

Walter deu alguns passos tensos na direção da porta, mas voltou. Pelos seus cálculos, já haviam se passado sete minutos. O toalete feminino era o local mais provável. Por outro lado, Clara não usava banheiros públicos a não ser que fosse uma necessidade absoluta. Ela os detestava. Walter virou-se abruptamente para olhar para o rosto do homem que havia interrogado antes. Mas antes que pudesse fazê-lo o homem olhou em outra direção. Walter seguiu caminhando lentamente para a porta da frente. A parede era toda coberta por um espelho, mas Walter não ousou olhar para si mesmo. Apenas desfranziu deliberadamente a testa, que lhe dava, ele sabia, um aspecto severo que muitas vezes despertava a atenção de estranhos.

Walter andou rapidamente na direção das pessoas que estavam paradas em volta do ônibus. Clara não estava lá. Ficou na ponta dos pés e olhou para dentro do ônibus. Mais ou menos um terço dos assentos estava ocupado. Seria o ônibus errado? Mas havia o letreiro NOVA YORK-PITTSBURGH lá na frente. Haveria, por acaso, dois ônibus com o mesmo destino?

Os dedos de Walter remexeram os bolsos do paletó. Ele havia destroçado uma caixa de fósforos e atirou ao chão os pedaços da caixa desfeita. Esperou, circulando lentamente em volta do ônibus. Os quinze minutos estavam se esgotando. Virou-se e esbarrou em alguém.

– Desculpe-me!

– Desculpe-me – disse a mulher, com uma voz de papagaio, e

seguiu em frente.

Subitamente, Walter sentiu o suor brotando por todo seu corpo. Viu o motorista do ônibus sair do restaurante. O ônibus estava quase cheio. Walter se esforçou para ver o que havia na escuridão da estrada, dos dois lados. Sair para caminhar não fazia o gênero de Clara. Tornou a olhar para a porta iluminada do restaurante. Estava vazia. Acima da porta, o letreiro Harry's Rainbow Grill piscava em lilás, depois vermelho.

O motor do ônibus foi ligado. Walter viu o motorista caminhando pelo corredor e movendo a mão enquanto contava os passageiros. Depois voltou até a parte dianteira e parou, olhando para fora.

Walter ouviu o motorista dizer.

– Estamos esperando por uma passageira.

Walter teve certeza de que se tratava de Clara. Cerrou as mãos dentro do bolso. Viu o motorista entrar no restaurante, gritar alguma coisa, que não conseguiu ouvir, e depois sair.

O motorista ajudou uma mulher baixinha e rechonchuda a subir o degrau do ônibus.

– A senhora sabe se ainda há alguém no toalete feminino? – o motorista perguntou-lhe.

– Não vi ninguém – respondeu a mulher.

De onde estava, Walter podia ver as margens escuras da estrada, a porta do restaurante e a porta do ônibus. O motor do ônibus roncou mais forte, fazendo tremer o chão sob os pés de Walter. O ônibus recuou, depois andou para a frente e fez a curva em direção à estrada. Walter apertou os dentes para não gritar. Entrou no restaurante, foi até a porta do toalete feminino e estava a ponto de abri-la e de gritar o nome dela, mas desistiu. Saiu mais uma vez do restaurante, franzindo a testa.

Só havia uma explicação possível: ela havia desembarcado em Newark em um dos sinais vermelhos. Mas não poderia ter pegado a mala durante a parada em um sinal vermelho. E o motorista estava procurando por ela agora mesmo. Quem mais poderia estar faltando a não ser Clara? Na estrada, Walter olhou nas duas direções e não viu ninguém. Saiu correndo pela estrada para o carro. Como era bom

correr, embora tivesse patinado no cascalho e caído quando tentou parar. As palmas das mãos ficaram arranhadas, mas achou que não havia rasgado a calça. Na viagem de volta, ainda procurava por ela, insanamente, pela estrada. Depois parou de procurar e passou a dirigir em alta velocidade.

15

Walter chegou em casa pouco depois das onze horas. A casa estava às escuras. Subiu e encontrou o quarto vazio. Desceu, ainda com certa expectativa de encontrar a mala de Clara ou algum sinal da presença dela na sala de estar. Acendeu um cigarro e obrigou-se a sentar no sofá por uns minutos, enquanto esperava uma chamada telefônica que explicaria onde ela estava. O telefone se manteve silencioso.

Walter discou o número de Ellie, mas ninguém atendeu.

Entrou no carro e tomou a direção de Lennert. Precisava tomar um conhaque, pensou. Sentia-se apreensivo, em alerta, contra o que nem ele sabia. Sentia-se culpado, como se a tivesse matado, e sua mente cansada relembrou os momentos de espera ao lado do ônibus. Viu a si mesmo andando ao lado de Clara perto de um denso arvoredo à margem da estrada. Walter balançava a cabeça de um lado para o outro, involuntariamente, como que evitando alguma coisa. Mas não havia acontecido, ele tinha certeza. Exatamente nesse momento a estrada começou a oscilar diante de seus olhos e ele segurou com força o volante. Luzes deslizavam embaçadas na estrada escura. Ele se deu conta de que estava chovendo.

As janelas de Ellie estavam às escuras. Não viu o carro dela na rua nem na vaga ao lado do prédio onde ela morava. Esperançoso, tocou a campainha. Sem resposta.

Walter dirigiu até um bar, algumas ruas adiante, e pediu um Martell. Demorou o mais que pôde bebendo-o, depois voltou à casa de Ellie. As luzes ainda estavam apagadas, e ninguém atendeu a campainha. Voltou para o bar.

– Qual é o problema? – o *barman* perguntou. – Tem alguém no hospital?

– O quê?

– Achei que alguém da sua família estivesse no hospital. – O *barman* pegou um copo e começou a limpá-lo. – Ah, você sabe... tem um hospital logo adiante.

– Eu não sabia – disse Walter. – Ninguém no hospital. – Percebeu que seus dentes iam começar a tremer apesar das doses de conhaque que deveriam tê-lo acalmado.

Walter tocou a campainha de Ellie mais uma vez à meia-noite e meia. Exatamente quando ia se afastando, o carro dela entrou na rua e seu coração saltou dentro do peito. Ellie não estava dirigindo. Walter viu Pete Slotnikoff atrás do volante.

– Olá, sr. Stackhouse! – disse Pete com um sorriso alegre.

– Olá! – Walter respondeu.

– Estávamos na casa do Gordon – disse Ellie ao descer do carro. – Nós o esperamos a noite toda.

Walter lembrou-se de que Gordon havia telefonado uns dias antes e convidado Clara e ele para um coquetel.

– Não pude ir.

– Melhor eu ir embora, Ellie. Só me restam sete minutos – disse Peter. – Vou deixar o carro à direita da nova banca de jornais.

– Ótimo – disse Ellie. – Foi muito bom ver você, Pete. – Ela deu uma palmadinha afetuosa na mão de Pete apoiada à borda da janela do carro, uma palmadinha simpática e platônica, pensou Walter. – Boa noite.

Pete deu a partida no carro.

Walter se perguntou de repente se Pete suspeitava que ele estava tendo um caso com Ellie, se fora por isso que ele havia ido embora tão cedo, ou ele teria mesmo que pegar o trem naquele horário? Walter e Ellie olharam um para o outro. Havia quase duas semanas que ele não a via.

– Aconteceu alguma coisa? – ela perguntou.

– Eu só queria ver você antes de viajar. Podemos subir?

Os olhos dela sorriam, mas dava para perceber que ela mantinha certa distância.

– Tudo bem. – Ela se virou e caminhou para a porta com a chave

na mão.

Subiram as escadas em silêncio e entraram no apartamento.

– Foi uma pena você não ter ido à casa do Gordon – disse Ellie. – Jon também estava lá.

– Eu realmente me esqueci do convite.

– Não quer se sentar um pouco?

Walter sentou-se inquieto.

– Clara partiu para Harrisburg esta noite para visitar a mãe. A mãe dela está muito doente. Acho que ela pode morrer.

– Oh. Essa é uma notícia ruim – disse Ellie.

– Mas não altera meus planos, é claro. Ainda pretendo viajar no sábado.

Ellie sentou-se na poltrona.

– Você está preocupado com Clara?

– Não. Na verdade ela não está nem aí para a mãe. Não é muito ligada a ela. – Walter esfregou um dos tornozelos entre as mãos. – Pode me dar um drinque, Ellie?

– Claro! – E levantou-se para ir buscá-lo. – Com água ou soda?

– Um pouco de água, por favor, e sem gelo.

Ele se levantou e pegou o violino dela que estava em cima da mesinha comprida, diante do sofá. Nas mãos dele parecia não ter peso algum. Olhou-o contra a luz e leu, escrito no interior do instrumento, embaixo das cordas: *Raffaele Gagliano, Napoli, 1821*. Ele recolocou o violino sobre a mesinha, foi para a cozinha e fechou a garrafa de *scotch* que estava sobre a pia. Ellie virou-se para ele com o drinque na mão. Ele pegou o drinque, puxou-a para perto com o outro braço e beijou-a, um beijo longo e desesperado, mas que não o fez sentir o mesmo que sentira nas outras vezes em que a beijara. Mesmo com os braços dela apertados em torno do seu pescoço. Subitamente lhe veio um pensamento: e se não estivesse apaixonado por ela e nunca se apaixonasse? E se dentro de um mês ele se sentisse tão enojado pela franqueza, pelo nariz brilhante e pelo roupão atoalhado quanto se sentira atraído por eles um mês antes? Mas Ellie não era o motivo principal do divórcio, lembrou a si mesmo. Se tivesse que dizer a Ellie que nunca se casaria com ela, apenas se sentiria mal porque tinha

dito que se casaria. Ele a soltou e voltou para a sala com seu drinque. Percebeu que Ellie estava pensando que ele podia passar a noite. Sentiu que ela esperava que ele lhe pedisse permissão para isso.

– Algum problema? – Ellie perguntou. – O que está preocupando você?

Enquanto esperava por Ellie essa noite, pensara em contar-lhe que havia seguido o ônibus. Agora tinha medo de fazê-lo.

– Não, nada.

– Vai tudo bem no escritório? Eles não se importam que você se ausente por seis semanas?

– Eles se importam, sim, quem não se importa sou eu. Dick Jensen e eu talvez deixemos a firma em meados de dezembro. Estamos pensando em abrir um escritório nosso, de pequenas causas. Portanto, se decidirem me despedir, não me importaria nem um pouco. Segundo combinamos, me deram férias não remuneradas.

– Que tipo de pequenas causas?

– Apenas para pessoas físicas, nada de direito corporativo. Dirigir embriagado, inquilinos despejados, esse tipo de coisa. – Walter se surpreendeu por não ter contado nada disso a ela até agora.

– É uma mudança grande – disse Ellie.

– É, sim.

– Tenho que dar um telefonema antes que fique tarde demais.

Walter a ouviu falar com uma mulher chamada Virgínia, que também dava aulas na escola, lembrou-se Walter. Ellie combinou uma hora para Virgínia apanhá-la na manhã seguinte, já que o carro dela estava estacionado na estação de trem.

– Você se encontra com Pete com muita frequência? – Walter perguntou quando ela desligou o telefone.

– Não, não encontro. Ele não pode sair muito porque não tem carro. – Ellie tornou a sentar-se e olhou para ele. – Não creio que ele esteja seriamente interessado em mim, se é isso que você está pensando.

Walter sorriu diante da honestidade dela. Ela estava sentada meio de lado na cadeira, com o braço estendido junto ao encosto, e sua aparência era alta e graciosa, cheia de serenidade. Ele se lembrava do

quanto apreciava sua paz de espírito e seus silêncios, tão diferentes de Clara. Sentiu-se inquieto. Aproximou-se dela, ajoelhou-se e passou os braços em torno do corpo dela. Beijou a pele no decote do seu vestido, depois a garganta, a seguir seus lábios. Sentiu que o corpo dela relaxava em seus braços.

– Você quer passar a noite aqui? – ela perguntou.

Ele se pôs de pé lentamente, passou a palma da mão em sua testa, depois nos cabelos castanhos dela.

– Prefiro esperar.

Ela olhou para ele, mas não parecia decepcionada nem aborrecida, ele pensou.

– Talvez eu não a veja até eu voltar, Ellie. Clara talvez esteja de volta amanhã à noite, mas só talvez.

Ela se levantou também.

– Está bem. Você vai embora?

– Sim. – Ele foi até a porta da frente, mas deu meia-volta, abraçou-a mais uma vez e beijou com força seus lábios.

– Eu te amo, Walter.

– Também te amo – ele disse.

16

– Espero sinceramente que não seja uma daquelas mortes longas, cheias de agonia – disse Claudia. – Mesmo que não se goste da própria mãe, não é agradável assistir à agonia de alguém, e, independentemente do jeito de ser da sra. Stackhouse, ela não está preparada para assistir a uma coisa dessas.

– Não, não está mesmo. – Walter observou as mãos delgadas e morenas de Claudia enquanto tirava a louça do café. – Vou telefonar para ela esta manhã – ele disse e levantou-se da mesa. Sua vontade era telefonar agora para Harrisburg, mas não queria falar na frente de Claudia.

– Posso perguntar se o senhor vem jantar em casa esta noite, sr. Stackhouse?

– Não sei. Pode ser que a sra. Stackhouse chegue, mas não vale a pena você vir. Tire folga esta noite mais uma vez. – Walter pegou o casaco que estava em cima da cadeira. Claudia olhava para ele, que sabia que ela pretendia dizer que ele não comeria se ela não estivesse lá para cozinhar. Ele se dirigiu apressadamente para a porta da frente. – Vejo você amanhã de manhã, Claudia. Estarei em casa até as onze horas.

Walter telefonou para Harrisburg assim que chegou ao escritório. Atendeu uma mulher que disse ser a enfermeira da sra. Haveman.

– A sra. Stackhouse está? – Walter perguntou.

– Não, não está. Nós a esperávamos ontem à noite. Quem está falando?

– Sou Walter Stackhouse.

– Onde está Clara?

– Não sei – Walter falou desesperadamente. – Eu a coloquei no

ônibus ontem, às cinco e meia. Ela deveria ter chegado aí na noite passada. Não tiveram nenhuma notícia?

– Não, não tivemos, e o doutor acha que a sra. Haveman não tem mais do que algumas horas de vida.

– Quer anotar meu número? Montague cinco sete nove três oito. Peça para a sra. Stackhouse me ligar assim que chegar, sim?

Walter telefonou para a Imobiliária Knightsbridge. Falou com a sra. Philpott e perguntou-lhe se tinha recebido algum recado de Clara desde as cinco e meia da tarde do dia anterior.

– Não, nem estava esperando receber. Sabe me dizer como a mãe dela está passando?

– Eu não sei onde a *Clara* está– disse Walter. – Telefonei para Harrisburg e ela ainda não chegou. Deveria ter chegado por volta das onze horas da noite de ontem.

– Deus do céu! Você acha que o ônibus sofreu algum acidente?

– A esta altura eu já teria sido avisado.

– Bom, se você não tiver nenhuma notícia esta manhã, eu sugiro que telefone para a polícia.

A voz fina, mas sábia, da sra. Philpott teve um efeito calmante.

– Acho que vou fazer isso. Muito obrigado, sra. Philpott.

Walter tinha uma reunião às dez. Era meio-dia quando fizeram um intervalo. Foi direto à sua sala para telefonar para a polícia, mas Joan lhe telefonou da sala dela ali ao lado e lhe disse que o Departamento de Polícia da Filadélfia telefonara havia quinze minutos. Tinham deixado um número para que ele retornasse.

– Ligue para eles agora – disse Walter. Subitamente teve um pressentimento de que Clara estava morta, que seu corpo havia sido encontrado, machucado e esfaqueado, em um bosque.

– Sr. Stackhouse? – disse uma voz arrastada. – Aqui fala o capitão Millard, do Décimo Segundo Distrito Policial da Filadélfia. O corpo de uma mulher, provisoriamente identificado como sendo de Clara Stackhouse, foi encontrado no fundo de um despenhadeiro perto de Allentown. Gostaríamos que o senhor viesse até o necrotério o mais breve possível para fazer o reconhecimento.

17

Não podia haver nenhuma dúvida no mundo. Bastou Walter enxergar o pé esquerdo usando meias esfarrapadas para saber. O policial puxou o lençol até a altura dos quadris. A saia rasgada estava em parte preta de sangue.

– É o suficiente para o senhor fazer a identificação?

– Deixe-me ver o restante.

O policial puxou o lençol até em cima.

Walter cerrou os olhos ao ver a cabeça esmagada, abriu os olhos e olhou para o braço dobrado sobre o corpo, aparentando naturalidade, mas quebrado e imóvel.

– A mala dela está aqui – disse o policial. – Foi encontrada dentro do ônibus. O senhor pode entrar? Queremos que responda a algumas perguntas.

Walter atravessou a porta, agarrando-se ao batente durante um minuto. Já havia visto cadáveres antes, corpos atingidos por bombas no Pacífico, e eles o haviam feito vomitar. O que vira ali era pior. Vagamente viu o vulto escuro do policial rodear a mesa, sólido como um touro. Walter afundou a cabeça para não desmaiar. Havia um cheiro enjoativo de desinfetante. Tornou a levantar a cabeça. Tudo seria melhor do que vomitar. Viu quando o policial apontou para uma cadeira e, obedientemente, dirigiu-se para ela e sentou-se.

– O nome completo dela, por favor? – pediu o homem sentado à mesa.

– Clara Haveman Stackhouse. – Walter soletrou os nomes.

– Idade?

– Trinta anos.

– Local de nascimento?

– Harrisburg, Pensilvânia.

– Filhos?

– Não.

– Parente mais próximo?

Walter forneceu o nome da mãe dela e o endereço em Harrisburg. Observou enquanto o homem colocava marcas aqui e ali em um formulário, como se fizesse isso todos os dias.

– Vocês pegaram o homem? – Walter perguntou.

– O homem? – o policial olhou para ele.

– O homem que fez isso – disse Walter.

O policial esfregou o nariz.

– Supõe-se que a causa da morte seja suicídio, sr. Stackhouse, a não ser que surjam provas em contrário. O corpo foi encontrado no fundo de um despenhadeiro.

Essa possibilidade não havia ocorrido a Walter. Não acreditou nela.

– Como vocês sabem que ela não foi empurrada?

– Isto não compete ao nosso departamento. Vai ser feita uma autópsia oficial, é claro.

Walter levantou-se.

– Acho que alguém deveria se interessar em saber se ela saltou ou se foi empurrada. Eu quero saber.

– Está bem. O senhor pode falar com ele – o homem respondeu, fazendo sinal com a cabeça para um canto atrás de Walter.

Walter olhou para trás e viu um homem que não notara antes. Era um jovem, vestido à paisana, que levantou de um pulo da cadeira e veio na direção de Walter com um tímido sorriso no rosto.

– Como vai o senhor? – perguntou o jovem. – Sou o tenente Lawrence Corby, do Departamento de Homicídios da Filadélfia.

– Como vai? – Walter murmurou.

– Quando foi a última vez que o senhor viu sua esposa, sr. Stackhouse?

– Ontem, às cinco e meia, na rodoviária de Nova York.

– O senhor tinha motivos para desconfiar que sua mulher ia se suicidar?

– Não, ela... – Walter parou. Lembrou-se das lágrimas dela no

terminal de ônibus. – Seria possível – ele disse rapidamente. – Isto é, eu imagino. Ela andava chateada.

– Eu vi o despenhadeiro hoje – disse o jovem. – Não é provável que ela tenha caído sem querer. Não é fácil chegar ao penhasco, que forma um declive de cerca de dez metros e depois se precipita. – Ele ilustrou o que dizia com um movimento da mão. – Ninguém ficaria passeando ali por acaso. O penhasco fica próximo a um restaurante de beira de estrada, e uma cena violenta não poderia acontecer ali sem que ninguém escutasse.

Walter não havia pensado até então que o penhasco ficava exatamente *ali*. Agora se lembrava do terreno alto em que se localizava o restaurante, da escuridão que reinava em torno e que sugeria a existência de um precipício logo atrás. Tentou imaginar Clara saindo correndo do ônibus, passando ao lado do restaurante e jogando-se do penhasco. Realmente não conseguia imaginar. E quando ela poderia ter feito isso?

– Mas duvido muito que ela lançaria mão desse meio para se matar. Não condiz com seu jeito. Embora ela tenha tentado se matar há um mês tomando soníferos. Acho que ela tinha a intenção de se suicidar. – Deu-se conta de que estava falando em círculos. Olhou para o estranho à sua frente. A incongruência do leve sorriso cortês na face do estranho captou o olhar de Walter. – Mas não estou convencido de que tenha sido suicídio – disse Walter. – Espero que alguém investigue.

– Investigaremos – disse Corby.

O homem da escrivaninha disse:

– Aqui estão as joias dela. Por favor, assine o recibo. Está faltando um brinco. E empurrou para Walter a pesada pulseira de ouro em forma de corrente, os dois anéis e um brinco de pérola, tudo amontoado, tal como Walter os vira muitas vezes em casa, largados sobre a penteadeira.

Walter rabiscou o nome no local indicado. Depois guardou as joias no bolso do sobretudo.

– Antes que o senhor vá embora, quero fazer-lhe as perguntas de praxe. – Os olhos azuis e ávidos do tenente o observavam. – O senhor

sabe se ela tinha algum inimigo?

– Não – disse Walter. Depois repassou na mente as pessoas que não gostavam dela, as pessoas que ela havia afastado desde que começara a trabalhar. – Certamente ninguém que fosse capaz de matá-la. – Walter olhou para o rapaz com mais interesse. Ele pelo menos faria perguntas, faria algum esforço. Não devia ter mais do que 35 ou 36 anos, pensou Walter, mas parecia inteligente e eficiente.

O tenente Corby sentou-se em um canto da mesa do policial e cruzou os braços.

– O senhor foi para casa depois que deixou sua mulher na rodoviária?

Walter hesitou um momento.

– Sim. Não diretamente para casa. Estava tentando encontrar uma amiga. Em Long Island. Dirigi por ali durante um bom tempo.

– E encontrou a amiga?

– Sim.

– Quem era a amiga?

Walter voltou a hesitar.

– Ellie Briess. Uma mulher que mora em Lennert. Você pode... – Walter interrompeu-se.

O tenente Corby concordou com um aceno de cabeça.

– Pode me dar o endereço dela?

Walter forneceu o endereço e também o número do telefone. Viu que o tenente os anotou em um bloco de capa marrom que tirara do bolso.

– Gostaria de ver o penhasco? – o tenente Corby perguntou.

Walter reviu mentalmente o restaurante, o letreiro espalhafatoso. De repente, veio-lhe uma ideia. Clara conhecia a estrada. Várias vezes fora dirigindo de Long Island para Harrisburg e voltara. Provavelmente conhecia o penhasco.

– Não, acho melhor não ir.

– Achei que o senhor talvez quisesse.

– Não – disse Walter, balançando a cabeça. Viu o lápis do tenente movimentar-se novamente sobre o bloco de anotações. Viu-se agarrando Clara pela garganta, puxando-a penhasco abaixo, viu

ambos despencando até atingirem as pedras agudas e a vegetação lá no fundo. Fechou os olhos e, quando voltou a abri-los, o jovem tenente olhava para ele.

– Vamos esperar para ver o que diz a autópsia – disse Corby despreocupadamente. – O senhor não descarta totalmente a hipótese de suicídio, não é?

A pergunta pareceu a Walter pouco profissional.

– Não, acho que não descarto. Simplesmente não sei.

– É claro. Bom, teremos um relatório da autópsia esta noite e telefonaremos para o senhor dando o resultado. – Corby estendeu a mão e, por um momento, seu rosto se tornou sério enquanto Walter a apertou. Depois o homem se virou e saiu rapidamente pela porta da sala.

– Pode nos dizer para onde o corpo deve ser enviado amanhã? – perguntou o policial sentado à escrivaninha.

Walter pensou na funerária diante da qual passava todos os dias no caminho para Benedict.

– Ainda não tenho certeza. Posso telefonar mais tarde?

– Ficamos abertos noite e dia.

E a funerária também. Era o que dizia o letreiro em neon.

– É só isso? – perguntou Walter.

– Só isso.

Walter saiu e encontrou uma tarde sem sol. Teve que pensar por alguns momentos onde teria estacionado o carro e, então, encaminhando-se para ele, lembrou-se da mala de Clara e voltou para a delegacia.

O policial lhe disse que a mala ainda não havia sido examinada e seria enviada no dia seguinte, junto com o corpo. Walter teve a impressão de que o homem estava sendo propositalmente teimoso e indiferente. A mala de lona azul, lotada com os pertences de Clara, estava encostada na parede, a apenas dois metros dele.

– Mas não há papéis lá dentro, só roupas.

– Regulamentos são regulamentos – disse o policial sem levantar os olhos. Walter dirigiu-lhe um olhar furioso, deu meia-volta e saiu da sala.

Já tinha dado a partida no motor quando lhe ocorreu que devia avisar Ellie. Já eram quase quatro horas. Ela devia ter acabado de chegar em casa. Abriu a porta do carro para sair, depois tornou a fechá-la. Deu-se conta de que não queria que o tenente o visse telefonando, embora o jovem não estivesse à vista nesse momento. Walter dirigiu alguns quarteirões e telefonou de uma farmácia.

Contou a Ellie que Clara havia morrido e que a polícia acreditava em suicídio. Interrompeu as perguntas que ela fazia e disse:

– No momento estou em Allentown. Disse à polícia que me encontrei com você ontem à noite. Talvez lhe telefonem para verificar se é verdade.

– Tudo bem, Walter.

– Eu não disse a eles *a que horas* encontrei você. É claro que teremos que dizer que foi depois da meia-noite.

– Isso tem alguma importância?

Ele cerrou os dentes, maldizendo o próprio nervosismo. Pete, pelo menos, o havia visto lá depois da meia-noite.

– Não – disse Walter. – Não tem importância.

– Direi a eles que você veio aqui em torno de meia-noite e meia – disse Ellie, como se esperasse que ele a desmentisse. – Está bem assim?

– Sim, é claro.

– Você está livre agora? Quer vir até aqui?

– Sim, irei diretamente.

– Você pode deixar seu carro e vir de trem?

– Deixar o carro?

– Você me parece nervoso demais para dirigir.

– Estou indo para aí. Vou levar cerca de duas horas. Me espere.

18

– Não posso dizer despreocupadamente que a culpa não é minha – disse Walter levantando as mãos para o alto. – Eu devia tê-la forçado a consultar um psiquiatra. Devia ter insistido para acompanhá-la nessa viagem. E não fiz nada disso.

– Você tem certeza de que foi suicídio? – Ellie perguntou.

– Certeza eu não tenho, mas é o mais provável. E eu devia ter pensado nessa possibilidade – disse, e sentou-se subitamente na poltrona.

– Pelo que você contou, tudo na vida dela, no momento atual, leva a pensar em suicídio, inclusive o acidente de carro há poucos dias.

– Sim. – Walter acabara de contar a Ellie sobre os soníferos. Ela não pareceu surpresa. Parecia saber muita coisa sobre o relacionamento dele com Clara, fosse por intuição, fosse suposição. – Mas não consigo imaginá-la pulando de um penhasco. Ela adotaria um método mais fácil.

– A polícia vai investigar, não vai?

Walter encolheu os ombros.

– Sim. Dentro de suas possibilidades.

– Mas o que você não pode fazer é dizer que foi por sua culpa, Walter. Não se pode forçar uma pessoa a ir a um psiquiatra se ela não quiser.

Walter sabia que Jon diria a mesma coisa

– Ela sabia de alguma coisa a respeito de nós? – acrescentou Ellie.

Walter disse que sim com a cabeça.

– Ela suspeitava. Há várias semanas, antes mesmo que eu prestasse atenção em você. Acusava-me de estar com você todas as vezes que eu passava uma noite fora.

Ellie franziu a testa.

– Por que você não me contou isso?

Walter levou alguns momentos para responder.

– Ela sentia ciúme patológico até dos meus amigos – disse calmamente.

– Lamento que ela suspeitasse. Foi mais um motivo para levá-la a fazer o que fez. E então o divórcio...

– Ela nunca acreditou realmente que eu gostasse de você. – Walter levantou-se e recomeçou a andar. – Ela precisava de alguém ou de alguma coisa da qual sentir ciúmes. Desta vez, por acaso, ela tinha razão.

– O que você disse à polícia sobre onde estava na noite passada? – Ellie perguntou.

Walter hesitou. Queria contar tudo a Ellie, mas lembrou-se de Corby: todas as suas respostas estavam anotadas no bloco do tenente.

– Primeiro eu disse a eles... Acho que eu disse que fiquei dirigindo por aí durante algum tempo, tentando encontrar você e esperando por você. Depois fui para casa um pouco. Tornei a sair e passei a maior parte da noite fora.

Ellie trouxe um sanduíche em um prato, que colocou sobre a mesinha. Olhou para ele e disse cuidadosamente.

– Estive pensando, se eles... se eles não têm certeza de que foi suicídio, pode parecer que você tinha um motivo para matá-la.

– O que você quer dizer com isso?

– Sabe... O fato de você vir se encontrar comigo. O quadro geral.

– Eles não vão lhe fazer perguntas desse tipo – disse Walter, franzindo a testa. – Corby nem telefonou para você.

– Eles disseram que tudo aconteceu por volta das sete e meia, não foi?

– Sim.

– Onde você estava nessa hora?

A ruga na testa de Walter tornou-se ainda mais profunda.

– Acho que eu estava em casa. Fui para casa depois de deixar Clara no ônibus.

– Gordon telefonou para você por volta das sete e meia. Ninguém

atendeu.

– Talvez eu já tivesse saído.

– Ele tornou a telefonar às oito e meia. Sei disso porque estava sentada ao lado do telefone quando ele ligou.

– Então certamente eu não estava em casa. – Walter sentiu que empalidecia. E, do jeito que Ellie olhava para ele, ela também percebera.

– Pensei que, caso eles perguntem, seria melhor você saber dizer onde estava exatamente. Sabe onde estava exatamente às sete e meia?

– Não – respondeu num tom de protesto. – Talvez eu estivesse em Huntington a essa hora. Fui lá para comer alguma coisa. Não estava prestando atenção no horário. Eles não vão perguntar tudo isso, Ellie.

– Tudo bem, pode ser que não perguntem. – Ela se sentou no sofá, mas ainda parecia tensa. Seu corpo estava ereto, sentado sobre uma de suas pernas, que estava dobrada. – Por que não come seu sanduíche?

Será que ela também suspeitava dele, Walter indagou-se, por intuição?

O telefone tocou. Ellie atendeu.

– Ah, sim, Jon! – Ellie virou-se e olhou para Walter. – Meu Deus! Não, eu não sei, acho que... Você tem razão, ele não deveria estar.

Walter, com passos rígidos, deu a volta em torno da mesa de centro, olhando para Ellie. Era o jornal da noite, ele supôs. Walter teve a impressão de que Ellie olhava para ele espantosamente calma. Ele esperava que ela se preocupasse mais. Não imaginava que ela fosse capaz de fingir tão bem, como estava fingindo para Jon agora.

– Tenho certeza de que com um dos amigos dele – disse Ellie. – Sim, talvez os Ireton. Espero que você consiga. *Muito* obrigada por ter telefonado, Jon. – Ellie colocou o fone no gancho. – Achei que não devia dizer a Jon onde você estava.

Walter encolheu o ombro.

– Eu não teria me importado. Jon disse que o caso já saiu no jornal?

– Sim, mas disse que Dick Jensen havia telefonado para ele e contado tudo hoje à tarde. Por que você não telefona para os Ireton e

pergunta se pode ficar na casa deles esta noite? Acho que você não deve ir para sua casa.

Ele gostaria de ficar com ela, mas sentiu que ela não o queria ali.

– Não quero ir para lá. Não quero ter que contar tudo outra vez a mais ninguém. Vou para casa.

– Você acha que vai conseguir dormir lá?

– Consigo, sim. E vou para lá agora.

Ele sentiu a mão firme dela em sua nuca. Ela o beijou no rosto.

– Telefone a qualquer hora que sentir necessidade. Telefone esta noite, se quiser.

– Obrigado, Ellie. – Ele não a tocou. De repente se lembrou de que ficara de telefonar esta noite para Allentown dizendo para onde deviam mandar o corpo de Clara. – Obrigado – tornou a dizer e saiu.

19

Na casa dele havia um telegrama para Clara enviado pelo dr. Meacham, médico da mãe dela, dizendo que a mãe havia morrido às 15h25. Walter colocou-o na mesa do *hall* de entrada.

Já era meia-noite. Pensou em telefonar para Jon, mas preferiu não fazê-lo.

Betty Ireton telefonou. Walter conversou com ela de maneira mecânica, agradeceu-lhe o convite para ficar na casa deles. Bill também falou com ele e se ofereceu para ir buscá-lo, mas Walter declinou com um agradecimento.

Depois telefonou para a funerária Wilson-Hall, em Benedict, e disse que queria uma cremação. Então, telefonou para o necrotério de Allentown e perguntou pelo relatório da autópsia: não haviam descoberto qualquer causa interna para a morte e nenhuma outra causa a não ser as lesões provocadas, ao que tudo indicava, pela queda no precipício. Ele lhes disse onde ficava a funerária Wilson-Hall.

Naquela noite, deitado em seu escritório em casa, Walter escutava o silêncio que envolvia a casa, pensando que este nunca mais seria rompido pelo som dos passos apressados e zangados de Clara no corredor, que ela jamais voltaria a invadir a privacidade de seu escritório, e sentiu-se estranhamente indiferente. Deu-se conta de que ainda não derramara uma única lágrima. Porque, pensou ele, ela mesma não fora humana. Sua mente cansada a viu como uma tempestade de movimentos violentos e vertiginosos à qual ela pusera fim com um derradeiro ato de violência... *Bang!* Tal como a morte solitária e melancólica da mãe dela, a morte de Clara parecia-lhe ser a mais adequada à pessoa que ela fora. O furacão Clara tomou conta da

mente de Walter, girando em torno de um núcleo de dúvida e ambiguidade, tão ambígua quanto seus sentimentos a respeito dela. A certa altura, pegou no sono.

Acordou assustado ao ouvir o som de uma porta se fechando. Depois se deu conta de que era Claudia que chegava às sete, como sempre. Walter vestiu um roupão e desceu as escadas.

Claudia estava parada na cozinha, com o jornal da manhã na mão.

– Sr. Stackhouse, eu vi ontem à noite, mas não consigo acreditar.

Walter tirou o jornal da mão dela. Era o jornal local de Long Island. O caso estava na primeira página. Havia até uma foto, uma imagem sorridente que Clara havia fornecido ao jornal há muito tempo, quando fora eleita presidente de um clube feminino de Long Island.

CORPO DE UMA MULHER DE BENEDICT ENCONTRADO NA PENSILVÂNIA

Ele passou os olhos pela notícia. Provavelmente um suicídio, era o que dizia. Em algum momento falava-se de sua mala ter sido encontrada dentro do ônibus e que ele, Walter, a havia identificado.

– O senhor a *viu*, sr. Stackhouse? – Claudia continuava ali, como que paralisada, e de seus grandes olhos castanhos brotavam lágrimas.

– Vi – disse Walter. Pareceu-lhe que a frase sobre a mala fora redigida exatamente igual à frase do artigo sobre o caso Kimmel. Não havia comprado jornais na noite anterior. Estava cansado demais. Agora se espantava por não tê-lo feito. Pôs a mão sobre o ombro de Claudia e apertou-o. Não sabia o que dizer. – Pode fazer um pouco de café para mim, Claudia? Mais nada.

– Sim, sr. Stackhouse.

Dick Jensen, Ernestine McClintock e outros vizinhos passaram na casa de manhã. Todos muito solidários e oferecendo ajuda, mas Walter não precisava de nada. Mais tarde, Jon telefonou, e, pela primeira vez, Walter fraquejou e chorou. O amigo se ofereceu para ir ficar com ele, mas Walter não aceitou, apesar de ser um domingo e Jon estar livre. No entanto, aceitou que Jon viesse à noite, às seis horas, para jantar com ele.

À tarde, logo depois das duas horas, Walter recebeu um telefonema do tenente Corby, da Filadélfia. Corby perguntou se Walter podia fazer a gentileza de comparecer ao Departamento Central de Polícia da Filadélfia, nesse dia, às sete da noite.

– O que aconteceu? – Walter perguntou.

– Não posso explicar agora. Lamento incomodá-lo, mas o senhor nos ajudaria bastante se viesse – disse a voz cortês de Corby.

– Estarei aí – disse Walter.

Pensou se por acaso Corby havia prendido um suspeito e encontrado um homem que confessara o crime. Walter não se sentia em condições de imaginar nada, na verdade, quase incapaz de pensar. Na véspera se sentira nervoso e hoje percebia que fazia tudo em câmera lenta.

Telefonou para Jon e disse-lhe que tinha que ir à Filadélfia e só poderia encontrá-lo bem mais tarde. Jon se ofereceu para levá-lo de carro ou para acompanhá-lo.

– Muito obrigado – disse Walter agradecido. – Posso passar para pegá-lo em seu apartamento por volta das cinco horas?

Jon concordou.

Jon dirigiu o carro de Walter assim que saíram de Nova York. Ao amigo, Walter contou a mesma história que havia contado a Ellie, e Jon respondeu mais ou menos o mesmo que Ellie. Mas havia algo mais em Jon: um alívio óbvio, que transpareceu a despeito de sua seriedade, por Clara ter sumido totalmente, por vontade própria, da vida de Walter.

– Não se sinta culpado! – Jon não parava de repetir. – Eu entendo isso melhor do que você pode entender agora. Você também vai entender, dentro de uns seis meses.

20

Jon esperou no carro, e Walter entrou no prédio sozinho. Perguntou a um policial, sentado diante de uma mesa, onde estava o tenente Corby.

– Sala 117, no final do corredor.

Walter foi até lá e bateu à porta.

– Boa noite. – O tenente Corby cumprimentou-o com um aceno de cabeça e um sorriso.

– Boa noite.

Walter viu um homem forte, de aproximadamente cinquenta anos de idade, sentado em uma cadeira de espaldar reto, inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Walter perguntou-se se aquele seria o suspeito.

– Sr. Stackhouse, este é o sr. De Vries – disse Corby.

Ambos esboçaram um cumprimento acenando com a cabeça.

– O senhor já viu o sr. De Vries alguma vez?

A aparência do homem era a de um operário, pensou Walter. Uma jaqueta de couro marrom, cabelos castanhos entremeados de fios brancos, um rosto redondo e de aparência não muito inteligente, embora houvesse em seus olhos um brilho de interesse ou divertimento.

– Acho que não – disse Walter.

Corby virou-se para o homem na cadeira.

– E o senhor, o que acha?

A cabeça grisalha enterrada entre os ombros disse que sim.

O tenente Corby apoiou-se confortavelmente sobre a mesa. Seu sorriso juvenil animou-se ainda mais, embora sua boca pequena e seus dentes pequenos e regulares demonstrassem certa mesquinhez.

Walter não gostou do sorriso.

– O sr. De Vries acha que o senhor é o homem que lhe perguntou, na noite em que sua mulher foi morta, quanto tempo o ônibus ficaria parado no Harry's Rainbow Grill.

Walter tornou a olhar para De Vries. Era esse o homem. Lembrou-se daquela cara redonda, de aparência comum, olhando para ele por sobre a xícara de café. Walter umedeceu os lábios. Deu-se conta de que se Corby havia se dado ao trabalho de descrevê-lo para De Vries era porque suspeitava dele.

– Veja só, isso foi totalmente por acaso – disse Corby, dando uma risada de prazer que provocou um sobressalto em Walter. – O sr. De Vries é motorista de caminhão e trabalha para uma empresa de Pittsburgh. De vez em quando, ele volta para Pittsburgh de ônibus. Nós o conhecemos. Eu apenas estava perguntando a ele se tinha visto alguma pessoa suspeita na parada de ônibus naquela noite.

Walter ficou em dúvida se teria sido mesmo assim. Lembrou-se de Corby na véspera: "encontrou a amiga?", "quem era a amiga?".

– Sim – disse Walter. – Eu estava lá. Segui o ônibus porque queria falar com minha mulher.

– E falou?

– Não, não consegui encontrá-la. Procurei por toda parte. – Walter engoliu em seco. – Por fim, perguntei a este homem quanto tempo era a parada.

– O senhor não quer se sentar, sr. Stackhouse?

– Não.

– Por que não nos contou isso?

– Achei que havia a possibilidade de eu ter seguido o ônibus errado.

– Mas por que não contou depois que soube que sua mulher estava morta? Então sua história de ficar dirigindo sem rumo por Long Island era uma mentira – Corby falou num tom de voz cortês.

– Sim – disse Walter. – Foi uma burrice minha, eu estava com medo.

O tenente Corby desabotoou o paletó e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Havia um chaveiro de universidade pendurado em uma

corrente presa a seu colete estreito.

– O sr. De Vries me disse que o motorista aguardou vários minutos porque sua mulher não havia voltado e que se lembra do senhor de pé, ao lado do ônibus, até que ele partiu.

– Sim, eu fiquei – disse Walter.

– E o que o senhor achou que tinha acontecido com ela?

– Eu não sabia. Achei que ela talvez tivesse saltado em Newark, mudado de ideia a respeito de ir de ônibus. Eu tinha tentado convencê-la a não ir de ônibus.

Corby estava sentado a um canto da mesa, levantando e mudando de lugar vários objetos que estavam em cima da mesa: o grampeador, o tinteiro, uma caneta, com ar possessivo e satisfeito. Em cima da mesa, uma placa de bom tamanho dizia capitão j. p. macgregor.

– Acho que o senhor já pode se retirar, sr. De Vries – disse o tenente Corby sorrindo para o homem.

– Boa noite – De Vries cumprimentou os dois.

– Boa noite – Corby respondeu e cruzou os braços. – Agora diga exatamente o que aconteceu. O senhor seguiu o ônibus desde Nova York?

– Sim. – Walter sacudiu a cabeça diante do cigarro que Corby lhe oferecia e pegou o próprio maço.

– O que o senhor tinha tamanha urgência de falar com sua mulher?

– Achei... Achei que não tínhamos terminado um assunto sobre o qual estivéramos conversando no terminal de ônibus, então...

– Vocês estavam discutindo?

– Não, discutindo não. – Walter olhou diretamente para o jovem. – Acho melhor descrever tudo passo a passo. Vi o ônibus entrar no espaço em frente ao restaurante e parar. Parei meu carro na estrada e andei até...

– Na estrada? Por que não parou no estacionamento?

As perguntas se sucederam. Walter respondia devagar.

– Eu passei em alta velocidade. Parei assim que pude e desci do carro. – Walter se calou, esperando ser novamente inquirido, mas não foi. – Não sei como não a vi. Apressei-me, mas não a vi, nem no ônibus nem no restaurante.

– A distância entre a estrada e o restaurante é grande. Por que você não deu marcha a ré e entrou?

– Não sei – disse Walter, sem muita convicção.

– Se ela foi diretamente do ônibus para o penhasco, poderia ter saltado em trinta segundos. *Poderia* – Corby repetiu.

– Ela conhecia a estrada – disse Walter. – Ela já a percorrera muitas vezes de carro. Podia perfeitamente saber da existência do penhasco.

– O ônibus já estava parado quando o senhor caminhou até ele?

– Sim, as pessoas estavam descendo.

– E o senhor não viu nenhum sinal dela?

– Não. – Walter viu-o anotar no bloco de papel de capa marrom. Sua mão ossuda se movimentava rapidamente, fazendo pressão sobre o papel, mas terminou logo, como se utilizasse taquigrafia. Corby deixou o bloco de lado. – Imagino que o senhor não tenha encontrado nenhum bilhete suicida em sua casa.

– Não.

– Não – Corby repetiu, e olhou para o canto da sala, depois para Walter. – Desculpe-me pela pergunta, mas que tipo de relacionamento o senhor mantinha com sua mulher?

– Tipo de relacionamento?

– Vocês eram felizes?

– Não. Para ser franco, nós estávamos nos divorciando. Estaríamos divorciados dentro de algumas semanas.

– Quem queria o divórcio? Vocês dois?

– Sim – disse Walter em tom corriqueiro.

– Posso perguntar por quê?

– Sim, pode perguntar. Ela era uma mulher neurótica, de convívio difícil. Nós nos desentendíamos a respeito de tudo. Simplesmente não nos dávamos bem.

– Os dois eram da mesma opinião?

– Definitivamente.

Corby o observava, sentado em cima da mesa com as mãos delicadamente à cintura. O bigodinho o fazia parecer absurdamente jovem em vez de mais velho. Para Walter, parecia um janota detestável tentando fazer o papel de Sherlock Holmes.

– O senhor acha que a perspectiva do divórcio a deprimia?

– Não tenho dúvida disso.

– Era sobre isso, sobre o divórcio, que o senhor queria conversar com sua mulher?

– Não, o divórcio já estava decidido – disse Walter num tom cansado.

– Um divórcio nova-iorquino? Por adultério?

Walter franziu a testa.

– Não. Eu pretendia ir a Reno. Hoje. – Pegou sua carteira. – Aqui está minha passagem de avião – ele disse, jogando o bilhete sobre a mesa.

Corby virou a cabeça para ver a passagem, mas sem pegá-la.

– O senhor não a cancelou?

– Não – disse Walter.

– Por que Reno? Estava assim com tanta pressa ou era porque sua mulher não concordava?

Walter havia se preparado para essa pergunta.

– Não – ele disse sem dificuldade –, ela não queria o divórcio. Eu sim. Mas ela sabia que não havia nada que pudesse fazer para me impedir de me divorciar, a não ser se matar.

O canto da boca de Corby se curvou para cima, sem demonstrar prazer.

– Isso não era inconveniente para o senhor, ter que passar seis semanas em Reno?

– Não – ele respondeu no mesmo tom. – Meu escritório havia me concedido seis semanas de folga.

– O que sua mulher pretendia fazer depois?

– Depois? Acredito que cuidar da casa, que é dela, e manter seu emprego. – Walter guardou a passagem. Corby estava esperando. – Suponho que para o senhor pareça uma situação estranha, nós dois morando lá juntos até o último minuto. Eu temia deixar minha mulher sozinha, temia exatamente isto: suicídio ou algum ato de violência.

Walter sentiu um otimismo súbito, uma impressão de que sua história começava a fazer sentido. Mas Corby continuava olhando

para ele com os olhos muito abertos, como se a questão do divórcio houvesse aberto caminho para suposições.

– O senhor tinha algum motivo para querer um divórcio exatamente agora? Está apaixonado por outra pessoa?

– Não – Walter respondeu com voz firme.

– Estou perguntando isso porque o tipo de vida que o senhor disse que levava com sua esposa é do tipo que pode continuar por muito tempo sem que nenhum dos dois faça nada a respeito. – Corby sorriu. – Provavelmente – acrescentou.

– Isso é a mais pura verdade. Fiquei casado por quatro anos e foi... no ano passado que começamos a falar em divórcio.

– O senhor lembra qual era o assunto que queria terminar de conversar com sua mulher na quinta-feira à noite?

– Honestamente não consigo.

– Então o senhor devia estar muito zangado.

– Não estava. Apenas achava que o assunto tinha que ser concluído, independentemente do que fosse.

Walter de repente sentiu-se violentamente entediado e aborrecido, como havia se sentido algumas vezes na Marinha, quando tinha que esperar muito tempo, nu, a chegada do médico para um exame de rotina. Sentiu-se cansado também, tão cansado que até seus nervos estavam exaustos e não mais o faziam estremecer, e até poderia cair no chão e dormir, o que só não acontecia por causa de seu desejo de sair do prédio da polícia.

– Mais uma pergunta – disse o tenente. – Gostaria de lhe perguntar se *você* viu algum tipo estranho enquanto procurava sua mulher.

Walter estava farto do sorriso do rapaz.

– Acho que minha mulher era do tipo suicida. Não, não vi nenhum tipo estranho.

– Ontem o senhor não tinha tanta certeza de que sua mulher era do tipo suicida.

Walter não disse nada.

O tenente saiu de cima da mesa.

– O senhor é diferente. A maioria das pessoas nunca se convence de que suas esposas ou maridos, ou parentes, são suicidas. Sempre

exigem que a polícia encontre um assassino.

– Eu faria o mesmo, se a situação fosse outra – disse Walter. – Acho que, em casos como este, nunca se pode provar que foi realmente suicídio, não é?

– Não podemos, mas podemos eliminar as outras possibilidades. – Corby sorriu e foi em direção à porta como se a entrevista estivesse encerrada, mas parou pouco antes de sair e virou-se para Walter.

Walter queria perguntar-lhe se o fato de ele estar na parada de ônibus apareceria nos jornais. Mas não queria que Corby pensasse que ele estava com medo disso.

– Este é o último interrogatório? – Walter perguntou.

– Espero que sim. Só mais uma coisa. – Corby atravessou a sala de novo. – Por acaso o senhor ouviu falar em outra morte semelhante a esta acontecida há poucos meses? Uma mulher que foi encontrada morta, espancada e esfaqueada perto da parada de ônibus de Tarrytown?

Walter estava certo de que sua expressão não se alterara.

– Não, não ouvi.

– Uma mulher com o sobrenome Kimmel? Helen Kimmel?

– Não – disse Walter.

– O assassino ainda não foi encontrado. *Essa* foi com certeza assassinada – Corby acrescentou com um sorriso agradável. – No entanto, a semelhança entre os dois casos me chamou a atenção, aquela parada de ônibus.

Walter não disse nada. Olhou diretamente para os olhos azuis de Corby. O tenente sorria para ele da maneira mais amistosa que sua fisionomia anêmica e radiante de colegial era capaz, segundo supunha Walter. E nada amistosa.

– É por isso que o senhor se interessa tanto por este caso? – perguntou Walter.

Corby abriu as mãos.

– Ah, eu não me interesso tanto por este caso. – De repente, ele pareceu constrangido. – Este aconteceu no meu estado. Lembrei-me do outro caso porque ainda não foi resolvido e aconteceu há pouco tempo. Em agosto. – Corby abriu a porta. – Muito obrigado por ter

vindo.

Walter esperou.

– Já chegou a uma conclusão? Está convencido de que minha mulher se suicidou?

– Não cabe a mim chegar a uma conclusão – respondeu Corby, sorrindo mais uma vez. – Não sei se já temos todos os fatos.

– Compreendo.

– Boa noite – disse Corby, inclinando a cabeça.

– Boa noite – disse Walter.

O caso sairia nos jornais de qualquer maneira, pensou Walter. Tinha a impressão de que Corby colocaria esse assunto em todos os jornais. Walter contou a Jon o que havia se passado. Mentiu apenas sobre a razão que o levara a seguir o ônibus. Disse que desejava encerrar uma conversa que Clara e ele haviam começado.

– Foi mesmo muito azar – disse a voz grave de Jon. – Vai aparecer nos jornais?

– Isso eu não sei. Não perguntei.

– Pois devia ter perguntado.

– Eu devia ter feito uma porção de coisas.

– Eles estão convencidos de que foi suicídio?

– Eu acho que não, acho que o assunto ainda está em aberto. Aberto a dúvidas. – Ele não queria dizer a Jon que Corby estava visivelmente desconfiado. Deu-se conta de que Jon poderia ficar tão desconfiado quanto Corby, caso resolvesse desconfiar. Olhou para Jon, tentando imaginar o que ele estaria pensando. Viu apenas o perfil familiar do amigo, um pouco carrancudo, com o lábio inferior projetando-se para a frente.

– Pode não chegar aos jornais, mesmo que suspeitem de você – disse Jon. – Dentro de poucos dias alguma coisa conclusiva há de aparecer, para provar se foi assassinato ou suicídio. Eu, pessoalmente, acredito em suicídio. Se eu fosse você, não me preocuparia com os jornais.

– Ah, não é com isso que estou preocupado!

– É com o que, então?

– A vergonha, eu acho. Ser apanhado numa mentira.

– Tire um cochilo. O caminho até Nova York é longo.

Walter não queria dormir, mas recostou a cabeça e caiu no sono poucos minutos depois. Acordou quando o carro fez uma curva mais brusca. Percorriam uma zona escura, com armazéns. Havia altos reservatórios de água, uma fábrica de gim cuja fachada de vidro mais parecia um hospital. Walter chegou à conclusão de que tinha sido um grande erro se mostrar tão ressentido com as perguntas de Corby. Afinal, o tenente estava apenas fazendo seu trabalho. Se voltasse a encontrá-lo, pensou, se portaria de outra maneira.

– Para onde vamos? – Jon perguntou. – Para sua casa ou para a minha? Ou prefere ficar sozinho esta noite?

– Não quero ficar sozinho. Para minha casa, se não se importar. Gostaria que você passasse a noite lá.

Jon dirigiu até sua garagem em Manhattan para pegar o próprio carro. Antes de sair do carro de Walter, disse:

– Acho melhor você se preparar para o caso de isso sair nos jornais, Walt. Se há mais alguém a quem você queira contar tudo antes que isso aconteça, talvez você deva fazê-lo ainda esta noite.

– Sim – disse Walter. Ele contaria tudo a Ellie esta noite, pensou.

21

Eram quase onze horas da noite quando chegaram a Benedict, mas Claudia ainda estava lá. Tinha ficado para anotar as mensagens telefônicas, ela disse. Havia muitas. Ellie tinha telefonado duas vezes.

Walter disse a Jon que procurasse alguma coisa na geladeira para comer, depois levou Claudia de carro até Benedict, para que ela pudesse pegar o ônibus das onze horas para Huntington. No caminho de volta, parou na taverna Three Brothers e telefonou para Ellie.

– Claudia não sabia onde você estava – disse Ellie. – Por que passou o dia todo sem me telefonar?

– Terei que explicar quando nos encontrarmos. É tarde demais para você vir até minha casa? Jon está lá e não posso ir até aí.

Ellie disse que iria.

Walter foi para casa e disse a Jon que Ellie estava a caminho.

– Você tem se encontrado muito com ela? – Jon perguntou.

– Tenho, sim – disse Walter, muito sério. – Encontro-me com ela de vez em quando.

Preparou um drinque para si mesmo e pegou uma das fatias de rosbife que Jon havia colocado num prato. Notou que o amigo permanecia em silêncio. Walter não queria o rosbife, então deu o pedaço para Jeff, que, nervoso, corria pela sala, depois foi até o telefone ligar para a sra. Philpott, cujo recado, *Por favor telefone*, Claudia havia sublinhado.

Ellie chegou enquanto ele falava com a sra. Philpott, e foi Jon quem abriu a porta para ela. A sra. Philpott não tinha nada de importante a dizer e, depois de um minuto, Walter se deu conta de que ela estava embriagada. Fazia elogios exagerados a Clara. Compadecia-se dele. Ele havia perdido a mulher mais brilhante, mais

encantadora, atraente, a criatura mais jovial deste mundo. Walter sentia vontade de esmagar o telefone entre as mãos. Tentou várias vezes desligar e a interrompia com agradecimentos por ela ter telefonado. Finalmente terminou.

Jon e Ellie interromperam sua conversa quando ele voltou para a sala de estar. Ellie olhou para ele ansiosamente.

– Vocês preferem ficar sozinhos, Walt? – Jon perguntou.

– Não, obrigado – disse Walter. – Ellie, tenho que lhe contar uma coisa que já contei para o Jon. Ontem à noite... na quinta-feira à noite, segui o ônibus de Clara. Segui-o até o lugar onde ela foi morta, onde ela saltou do rochedo. Eu estava procurando por ela, mas não consegui encontrá-la. Deve ter acontecido antes de eu chegar. Esperei por ela e procurei por toda parte, até que o ônibus partiu, e eu, finalmente, vim embora.

– Ela havia sumido e você sabia disso? – Ellie perguntou incrédula.

– Eu não tinha certeza. Achei que ela podia ter saltado do ônibus em algum lugar sem que eu tivesse visto. Pensei também que eu podia ter seguido o ônibus errado.

– E não disse isso a ninguém? – ela perguntou.

– Eu não tinha certeza de que era *Clara* quem estava faltando – disse Walter com impaciência. – Eu ia justamente comunicar isso à polícia na manhã seguinte, depois que telefonei para Harrisburg e soube que ela não havia chegado, mas a polícia me avisou primeiro... de que haviam encontrado seu cadáver. – Walter olhou para a fisionomia intrigada de Ellie. Sabia que não havia outra explicação a não ser a verdadeira: ele se sentira culpado ainda quando esperava perto do ônibus. E mais, enquanto dirigia de volta para Nova York, tinha chegado a ter uma alucinação, na qual ele a levava para o bosque e a matava. Pegou um copo que estava em cima da mesinha e bebeu. – Bem... esta noite fui até a polícia da Filadélfia. Alguém me viu na parada de ônibus. Fui identificado. Isso provavelmente vai sair nos jornais. Acho que sou suspeito de assassinato. A morte dela ainda é considerada suicídio, mas se *realmente* quiserem fazer sensacionalismo... bem, eles têm assunto.

Jon estava sentado com a cabeça inclinada para trás, sobre a

almofada do sofá, ouvindo em silêncio, mas Walter teve a sensação de que Jon não estava gostando da história e começava a duvidar dela.

– Quem identificou você? – Ellie perguntou.

– Um homem chamado De Vries. Das duas uma: ou o homem se lembrava de mim por ter me visto andando por todo o restaurante à procura de Clara, ou Corby suspeita de mim realmente e se deu ao trabalho de me descrever para esse sujeito. De Vries era um dos passageiros do ônibus.

– Quem é Corby?

– Um detetive. Da Filadélfia. Aquele com quem conversei quando identifiquei o corpo de Clara. – Walter conseguiu manter a voz firme. Acendeu um cigarro. – Segundo ele, pelo menos foi o que ele me disse no início, Clara era uma suicida.

– Se o homem viu você o tempo todo...

– Mas não viu – Walter interrompeu-a. – Ele não me viu na hora que cheguei, quando Clara deve ter saltado do penhasco. Ele me viu depois, esperando no restaurante.

– Mas se você tivesse feito alguma coisa, assassinado Clara, não teria ficado lá no restaurante procurando por ela durante quinze minutos!

– Exatamente! – concordou Jon.

– Está certo. – Walter sentou-se no sofá. Ellie pegou a mão dele e segurou-a entre eles dois, sobre o sofá.

– Você está com medo, não está? – Ellie perguntou.

– Não! – disse Walter. Viu que Jon havia notado as mãos dadas e puxou a sua. – Mas as coisas não podiam estar piores, não acham? Num caso como este, nunca se pode provar o que aconteceu exatamente, não é?

– É possível, sim – Jon comentou impaciente. – Eles vão atormentá-lo durante algum tempo com perguntas, obterão novos fatos, então decidirão que foi suicídio, que não poderia ter sido de outro modo.

Walter olhou para Jeff, que dormia encolhido em uma poltrona. Sempre que um carro se aproximava, o cachorro ia para a porta, procurando por ela. Walter levantou-se de um salto para pegar outro drinque. Ele também havia amado Clara em certa época, pensou.

Ninguém, a não ser a sra. Philpott, parecia lembrar-se de que ele havia amado Clara. Sorriu um pouco amargamente ao esguichar soda no copo. Quando se virou, Ellie estava olhando para ele.

Ellie se levantou.

– Tenho que ir. Preciso acordar cedo amanhã.

– Amanhã? – Walter perguntou.

– Para me encontrar com Irma, minha amiga de Nova York. Vou levá-la de carro até East Hampton. Ela tem amigos lá e eles nos convidaram para almoçar.

Walter queria implorar a Ellie que ficasse mais um pouco, mas, na presença de Jon, não ousou fazê-lo.

– Você me telefona amanhã? – ele perguntou. – Vou passar o dia todo em casa... a não ser entre três e cinco horas, horário do velório na igreja de Benedict.

– Vou telefonar – disse Ellie.

Ele a acompanhou até o carro. Percebeu nela uma frieza que ele se sentia impotente para remediar. Então, da janela do carro, ela falou:

– Tente não se preocupar, Walter. Sairemos bem disso tudo. – Ela se inclinou para ele, que a beijou.

Walter sorriu.

– Boa noite, Ellie.

Ela e o carro partiram. Walter assobiou para Jeff, que tinha saído de casa com eles, e voltaram a entrar. Nem ele nem Jon disseram qualquer coisa por vários minutos.

– Eu gosto da Ellie – Jon disse finalmente.

Walter simplesmente concordou com a cabeça. Fez-se novo silêncio. Walter imaginou o que Jon poderia estar pensando a respeito de Ellie. Apertou as mãos, tenso. As mãos estavam suadas.

– Mas até que tudo esteja resolvido, acho melhor manter Ellie afastada disso.

– Sim – disse Walter.

Não voltaram a falar nela.

Na manhã seguinte, Jon entrou no escritório de Walter com o jornal na mão.

– Eles publicaram – disse Jon, e jogou o jornal no sofá de Walter.

22

Na espaçosa cozinha de seu sobrado, em Newark, Melchior Kimmel tomava o café da manhã, composto de pão de centeio com requeijão e uma caneca de café preto forte com açúcar. O *Daily News*, de Newark, estava diante dele, apoiado no açucareiro, e Kimmel olhava fixamente para o canto inferior da primeira página. Sua mão esquerda havia se detido no ar, com a fatia de pão comida pela metade. A boca continuou aberta com os lábios grossos pendentes.

Stackhouse. Lembrou-se do nome e, ao ver a fotografia, não teve mais dúvidas. *Stackhouse*. Teve certeza.

Kimmel leu atentamente as duas colunas curtas. Ele a havia seguido e tinha sido identificado, embora ainda houvesse dúvidas quanto a tê-la matado. "Assassinato ou Suicídio?" era o título de um parágrafo.

> [...] Stackhouse declarou não ter visto sua mulher na parada de ônibus. Esperou quinze minutos, disse, então dirigiu de volta para Long Island depois que o ônibus partiu. Ele afirmou que foi só no dia seguinte, quando foi chamado pela polícia de Allentown para identificar o corpo da mulher, que soube que algo de ruim lhe havia acontecido. A autópsia oficial não revelou outros ferimentos a não ser os que teriam sido causados por uma queda do penhasco [...]

A cabeça calva de Kimmel se inclinou atentamente para a frente.

"Por que ele não deu parte da ausência da esposa?" era o título do parágrafo seguinte. Isso mesmo, por quê, pensou Kimmel. Essa era exatamente a pergunta que ele se fazia.

Mas o último parágrafo declarava apenas que o sr. Stackhouse era um advogado da firma Cross, Martinson e Buchman e que ele e sua mulher estavam se divorciando. Esse último dado era interessante.

Kimmel sentiu um arrepio percorrer todo seu corpo, uma espécie de pânico. Por que Stackhouse teria vindo lá de Long Island para vê-lo? Levantou-se lentamente da mesa e olhou para o caos de garrafas de cerveja sob a pia, para o relógio elétrico na parede acima do fogão, para o linóleo gasto sobre a bancada da pia, estampado com pequenas maçãs verdes e cor-de-rosa que sempre o faziam se lembrar de Helen. Stackhouse devia ser culpado. Não havia outra explicação para coincidências estranhas como essa! E Stackhouse ia ser apanhado. Provavelmente acabaria confessando depois de ser pressionado durante duas horas. E se com isso a polícia suspeitasse dele mesmo também?

Bem, ele *não* era do tipo de homem que cedia à pressão. Que tipo de provas poderiam ter contra ele? Principalmente depois de transcorridos dois meses. Kimmel fez as contas cuidadosamente para determinar o dia exato em que Stackhouse tinha ido a sua loja. Há cerca de umas três semanas, ele pensou, no início de outubro. Ainda tinha a nota com o pedido do livro, que não havia chegado. Indagou-se se deveria destruí-la ou não. Se o livro chegasse, pensou Kimmel, não avisaria Stackhouse. Aliás, a essa altura Stackhouse já deveria estar preso.

Kimmel começou a arrumar a cozinha. Limpou com um pano de prato molhado a mesa pintada de branco. Havia Tony, que o vira no cinema, e o fato de ele ter ido lá naquela noite já deveria estar tão gravado na memória de Tony que este devia pensar que tinha ficado atrás dele a noite toda. Mas Tony só havia passado alguns minutos aqui e ali com a polícia. O que aconteceria se a polícia o interrogasse durante muitas horas?

Mas isso ainda não havia acontecido, pensou Kimmel.

Começou a juntar as garrafas de cerveja, segurando-as pelo gargalo, primeiro as mais velhas. As garrafas foram enfileiradas junto à parede, numa fila que começava sob a pia e ia até a porta da cozinha. Kimmel olhou em volta, viu uma caixa velha de papelão

perto do fogão e chutou-a grosseiramente para perto das garrafas. Encheu a caixa, saiu com ela pela porta da cozinha e levou-a para o Chevrolet de cor escura estacionado no quintal. Voltou com a caixa vazia e tornou a enchê-la. Depois lavou as mãos com água e sabão, pois as garrafas estavam empoeiradas, e subiu para o quarto para pegar uma camisa branca limpa. Ainda estava de cueca e calça.

A caminho de sua loja, levou as garrafas para a Ricco's Delicatessen. Tony estava atrás do balcão.

– Como está passando hoje, sr. Kimmel? – Tony perguntou. – O que aconteceu? Andou limpando a casa?

– Um pouquinho – respondeu Kimmel alegremente. – E como está a salsicha de fígado hoje?

– Ora, ótima como sempre, sr. Kimmel.

Kimmel pediu um sanduíche de salsicha de fígado e outro de arenque com creme e cebolas. Enquanto Tony preparava os sanduíches, o livreiro foi até o balcão de comida embrulhada em celofane e voltou com um saquinho de nozes, biscoitos de manteiga de amendoim e um pacotinho de biscoitos de chocolate com *marshmallow*, e espalhou as compras sobre o balcão.

Quando somaram o valor referente à entrega das garrafas, viram que Tony ainda lhe devia dinheiro. Kimmel comprou duas garrafas de cerveja. Ainda era cedo, antes do horário para a venda legal de cerveja, mas Tony sempre abria uma exceção para ele.

Kimmel entrou no carro e dirigiu em velocidade moderada até sua loja. Gostava muito das manhãs de domingo e geralmente passava esse tempo, mais uma parte da tarde, em sua loja. O estabelecimento não funcionava para venda naquele dia, mas Kimmel sentia uma sensação de lazer e liberdade passando seu único dia livre no mesmo local em que trabalhava a semana inteira. Além disso, gostava mais da loja do que de sua casa, e ali, aos domingos, podia folhear seus livros sem ser perturbado, almoçar, cochilar e botar em dia a excêntrica correspondência erudita que recebia de pessoas que jamais havia visto, mas que tinha a sensação de conhecer bem. Bibliófilos. Sabendo-se o tipo de livro que um homem desejava, conhecia-se o homem.

O carro de Kimmel era um Chevrolet 1941 preto, com o estofamento manchado e gasto, embora o exterior parecesse quase tão bom como quando era novo. Kimmel gostaria de ter um carro novo, porque Nathan e alguns outros, e até Tony, zombavam dele por conta do modelo 1941, mas, como não tinha dinheiro para um carro zero quilômetro, preferia conservar o velho em vez de comprar algo ligeiramente mais novo dando o seu como parte do pagamento. Dirigia o carro com dignidade. Detestava excesso de velocidade. Havia dito a todos os amigos que o modelo 1941 servia-lhe perfeitamente bem e acabara por acreditar nisso.

Seus lábios grossos se franziram e ele começou a assobiar *Reich' Mir die Hand, Mein Leben*[1]. Olhou para o céu e para os edifícios que passavam, como se essa área feia de Newark que atravessava fosse realmente bela. Era uma agradável manhã de outono, fresca o suficiente para ser revigorante. Kimmel fitou a águia negra de pedra no frontão de um edifício do outro lado da rua, com a cabeça empinada para trás destacando-se contra o céu azul e uma pata provida de garras esticada para a frente. Sempre que via a águia lembrava-se de um edifício em Breslau, embora nunca pensasse em Breslau. Pensava de preferência em como Newark era pacífica e em como era pacífica sua rotina da livraria para casa, seus amigos, seus entalhes em madeira e seus livros, e em como ele era calmo e feliz desde que Helen não vivia mais na casa. Lembrava-se de que a havia matado, e isso lhe parecia uma façanha discreta e de seu próprio mérito, uma façanha aprovada pelo resto do mundo também, já que ninguém o chamara a prestar contas. O mundo simplesmente seguia rolando, como se nada tivesse acontecido. Kimmel gostava de imaginar que todos na vizinhança – Tony, Nathan, a bibliotecária srta. Brown, Tom Bradley e os Campbell da casa ao lado – sabiam que ele havia matado Helen e não se importavam, até o admiravam por isso e o consideravam alguém acima das leis que governam o comportamento dos demais homens. Certamente seu *status* na comunidade se elevara desde que Helen deixara sua companhia. Tom Bradley o havia convidado para conhecer pessoas importantes na casa dele, e Tom nunca o havia convidado enquanto Helen fora sua esposa.

E havia também o fato de que nunca se levantara a menor suspeita contra ele. Ele mantinha ótimas relações com a polícia de Newark e, na verdade, com todos os que o haviam interrogado.

Eram 9h55 quando Kimmel abriu a porta. Nunca abria a loja antes das 9h30, mesmo em dias úteis, porque detestava acordar cedo, embora achasse que com isso perdia ocasionalmente um pouco da freguesia estudantil. Isso porque muitos alunos passavam por ali, a caminho do colégio, três quarteirões adiante. Ate dois meses atrás, Kimmel tinha uma assistente, Edith, que abria a loja para ele e trabalhava na parte da manhã. Ela começou a ficar nervosa, e Kimmel teve medo de que estivesse grávida. Finalmente se demitira. De vez em quando, Kimmel se perguntava se ela não teria se demitido porque suspeitava de que ele havia matado a mulher. Edith havia testemunhado muita coisa: a briga que resultara em uma luminária de vidro quebrada e todas as vezes em que Helen tinha vindo pedir dinheiro, dando início a uma discussão, e ele tivera que torcer os pulsos da esposa algumas vezes, pois essa fora a única maneira de fazê-la calar a boca.

Kimmel estremeceu. Isso tudo estava acabado.

Enquanto se dirigia à escrivaninha, pensou na nota com o pedido de Stackhouse que estava guardada num escaninho, mas, quando se sentou, pegou em outro escaninho as cartas que pretendia responder e colocou-as sobre o tampo da escrivaninha. Havia também alguns catálogos de editoras e panfletos que ainda não havia acabado de ler. Kimmel gostava muito de catálogos de editoras e os lia detalhadamente, pretendesse ou não encomendar os livros, com o mesmo prazer que sente um *gourmet* examinando um cardápio variado. Havia uma carta do velho Clifford Wrexall, da Carolina do Sul, para responder. Ele queria outro livro esotérico de pornografia. Pornografia era a principal fonte de lucro de Kimmel, que era conhecido entre os colecionadores sérios desse tipo de livro como um fornecedor no qual se podia confiar para conseguir algum exemplar, se tal exemplar existisse. Kimmel conseguia livros na Inglaterra, na França, na Ilha de Man, na Alemanha e na biblioteca de um americano excêntrico que morava na Turquia, um produtor

aposentado de petróleo no Texas e na Pérsia que cedia valiosas iguarias a Kimmel só depois de meses de complicadas e torturantes trocas de cartas. Quando o livreiro arrebatava de Dillard, na Turquia, um livro de pornografia, fazia com que o cliente pagasse caro por isso.

Kimmel acendeu seu fogão a gás portátil, um complemento necessário ao débil calor que vinha dos dois radiadores atrás das janelas da frente, sentou-se novamente e estendeu a mão para o escaninho onde guardava as faturas. Encontrou a nota com o pedido de Stackhouse entre uma dúzia de outras e a examinou. Stackhouse. E o endereço em Long Island. Voltou a dobrar o papel e dobrou-o uma vez mais. O livro de Stackhouse ainda não havia chegado. Não havia razão para ele destruir o papel, pensou Kimmel. Isso poderia parecer muito suspeito. No entanto, ainda sentiu o impulso de escondê-lo no compartimento secreto, embaixo da gavetinha mais baixa à esquerda, ou no fundo da caixa de charutos cheia de tocos de lápis e carimbos de borracha. Kimmel segurou o papel entre o polegar e o indicador, em dúvida.

A porta da frente se abriu, e um homem entrou.

Kimmel ficou de pé.

– Sinto muito – ele disse. – A loja não abre hoje.

O homem continuou andando em direção a ele, sorrindo.

– Como vai? O senhor é Melchior Kimmel?

– Sim, sou eu. Posso ajudá-lo em alguma coisa? – Kimmel perguntou, embora um tanto sem fôlego, porque, até que o homem pronunciasse seu nome, não havia se dado conta de que se tratava de um detetive, e geralmente Kimmel não demorava tanto a perceber as coisas.

– Sou o tenente Corby, da polícia da Filadélfia. Pode me conceder alguns minutos do seu tempo?

– Pois não. Do que se trata? – Enfiou a mão com o papel dentro do bolso da calça e colocou a outra mão dentro do outro bolso.

– Uma questão de coincidências. – O jovem tenente apoiou um cotovelo na mesa alta de Kimmel e empurrou o chapéu para trás. – O senhor, por acaso, viu a notícia da mulher que foi morta perto de uma

parada de ônibus há poucos dias?

– Sim, vi hoje pela manhã. – Kimmel tentava aparentar o que julgava ser um jeito americano de falar, direto e sincero. – É claro que eu li.

– Será que o senhor pensou na possibilidade de um mesmo assassino, ou será que descobriu alguma coisa desde a morte de sua esposa que o leve a suspeitar de alguma pessoa em especial?

Kimmel sorriu de leve.

– Se soubesse de alguma coisa, eu certamente teria relatado. Continuo em contato com a polícia de Newark.

– Sim, e eu sou da Filadélfia – disse Corby sorrindo. – Essa morte recente ocorreu no meu estado.

– Parece que o jornal falou em suicídio – comentou Kimmel. – O marido é o culpado?

O tenente Corby tornou a sorrir.

– Ele ainda não está totalmente livre de suspeita, digamos assim. Ainda não sabemos. Ele se *comporta* como se fosse culpado. – Corby pegou um cigarro, acendeu-o, afastou-se alguns passos da escrivaninha e depois voltou para o mesmo lugar.

Kimmel observou-o aborrecido. A expressão dele era boba e brincalhona. Kimmel ainda não conseguira perceber se ele era inteligente ou não.

– Afinal de contas, é um modo tão conveniente de se cometer um assassinato – disse Corby –, seguir o ônibus até que ele pare. – Os olhos de Corby se fixaram em Kimmel. – Não tinha como dar errado, já que a mulher não se recusaria a segui-lo até um lugar afastado...

Kimmel quase sorriu zombeteiramente de um raciocínio tão ingênuo, e, para disfarçar, piscou, ajeitou os óculos, depois os tirou, soprou-os e esfregou-os com um lenço limpo. Kimmel estava pensando em algo fulminante para dizer, ou, pelo menos, algo depreciativo.

– Só que Stackhouse nem ao menos tem um álibi – disse Corby.

– Talvez ele não seja culpado.

– Não lhe ocorreu a possibilidade de que Stackhouse possa ter matado a mulher desse jeito?

Que pergunta, pensou Kimmel. Realmente, o jornal dizia que ele poderia ter matado a mulher assim. Kimmel olhou para Corby com arrogância.

– O assunto assassinato me deprime, naturalmente. Só dei uma passada de olhos sobre a matéria de manhã. Vou ler novamente. O jornal está lá em casa. – O sr. Stackhouse em cima da mesa da cozinha. Kimmel gostava menos ainda de Corby do que de Stackhouse. Stackhouse podia ter tido suas razões. Kimmel cruzou os braços. – O que você queria me perguntar especificamente?

– Bem, na verdade eu já perguntei – disse Corby num tom mais modesto. Movimentava-se ininterruptamente no pequeno espaço vazio entre a escrivaninha de Kimmel e uma das mesas compridas, cheias de livros. – Esta manhã examinei os relatórios da polícia sobre o assassinato da sua mulher. O senhor estava no cinema naquela noite, certo?

– Sim. – As mãos de Kimmel brincavam com um canivete em seu bolso esquerdo e com o papel dobrado no outro.

– Álibi confirmado por Anthony Ricco.

– Isso mesmo. Correto.

– E sua mulher não tinha inimigos que pudessem matá-la?

– Eu acho que tinha. – Kimmel ergueu as sobrancelhas de um modo quase zombeteiro e olhou para a mesa brilhantemente iluminada à sua frente. – Ela... Minha mulher não tinha uma personalidade agradável. Pelo menos, não era agradável para muita gente. No entanto, não conheço ninguém que fosse capaz de matá-la. Nunca citei qualquer nome de alguém de quem eu suspeitasse.

Corby balançou a cabeça.

– Nunca suspeitaram do senhor?

Kimmel ergueu as sobrancelhas ainda mais alto. Se Corby queria provocá-lo, ele não se permitiria ser provocado.

– Não que eu saiba. Se suspeitaram, não disseram nada para mim. – Alto, ereto e com total domínio de si mesmo, essa era a postura de Kimmel enquanto Corby o estudava.

– Eu gostaria que o senhor lesse novamente, com atenção, o caso Stackhouse. Se quiser, mando-lhe as anotações da polícia, as que

temos liberdade de tornar públicas.

– Isso realmente não me interessa tanto – disse Kimmel. – Imagino que eu deva lhe ser grato por pensar que eu me interessaria. Se houver alguma coisa em que eu possa ajudá-lo... mas, francamente, não vejo no quê. – Desempenhava novamente o papel de americano zeloso, com a cabeça atentamente inclinada para o lado.

– Provavelmente, não. – Os lábios de Corby tornaram a sorrir sob o bigodinho castanho. – Mas não se esqueça... Estou certo de que o senhor não se esquece de que o assassino de sua esposa nunca foi encontrado. As ligações mais espantosas podem aparecer.

Kimmel entreabriu ligeiramente a boca. Depois perguntou com voz firme:

– Estão à procura de um homem que persegue mulheres em paradas de ônibus?

– Sim. Um homem, pelo menos. – Corby recuou e se despediu: – Isso é tudo. Muito obrigado, sr. Kimmel.

– Não tem de quê. – Kimmel olhou enquanto ele se afastava, observou as costas angulares do sobretudo cor de ferrugem até que ficaram além do alcance de seus olhos míopes e ouviu a porta se fechar.

Tirou a nota da encomenda do bolso e colocou-a de volta no lugar em que estivera antes, no meio de outras. Se o livro de Stackhouse chegasse, ele pensou, iria deixá-lo por ali, sem avisá-lo. Se encontrassem a encomenda de Stackhouse em sua escrivaninha, diria que não se lembrava do nome no pedido. Isso era mais seguro do que destruir a fatura, caso analisassem seus papéis tão detidamente que dessem pela falta de uma nota.

Estava ficando ansioso demais, nervoso demais, pensou. Isso não era bom. No entanto, até então ninguém havia adivinhado como tudo acontecera. De repente, Stackhouse aparentemente adivinhara, e depois Corby também. Kimmel sentou-se e esforçou-se para ler toda a carta de Wrexall novamente, com todo cuidado, antes de respondê-la. Wrexall queria um livro chamado *Cães famosos em bordéis do século XIX*.

Cerca de uma hora mais tarde, recebeu um telefonema de Tony,

que dizia que um homem havia passado em sua loja para fazer perguntas sobre aquela noite e revisar todos os fatos. Kimmel disse que isso não tinha muita importância, mas não lhe disse que o mesmo homem tinha ido vê-lo na loja. Tony não parecia muito agitado, pensou. Nas primeiras vezes, Tony viera correndo até a loja para lhe contar todo o interrogatório da polícia.

23

Walter ficou em casa no dia seguinte ao funeral, uma segunda-feira, embora não houvesse nada para fazer lá, como se fosse uma vítima aquiescente, esperando as visitas corteses, a maioria das quais ele nem conhecia. Impressionante a quantidade de clientes de Clara que vieram lhe dizer o quanto haviam ficado tristes ao saber de sua morte.

Ninguém parecia suspeitar dele, pensou Walter, ninguém mesmo. A notícia nos jornais – embora os mais sensacionalistas tivessem explorado o assunto ao máximo – havia espantosamente se dissipado com muito poucos comentários, pelo menos em sua presença. Duas ou três pessoas, praticamente estranhos absolutos, haviam lamentado com ele a ironia do azar que o fizera estar presente quase a tempo de salvá-la (e vários supunham que esse fora o motivo real para ele segui-la), mas ninguém parecia duvidar da sua inocência, apesar de lhe ter parecido que Jon duvidara na noite em que fora a Filadélfia com ele. Walter suspeitava que o amigo duvidara de seu motivo para seguir o ônibus, e tinha razões para isso, pensou. Jon era a pessoa que mais sabia sobre seu relacionamento com Clara, muito mais do que os Ireton, por exemplo. Foi só depois do funeral que Walter contou a Jon os planos de ir a Reno para obter o divórcio; Jon achou isso muito estranho. E Walter vinha se comportando de modo estranho nas semanas anteriores, sem telefonar para Jon nem querer ver ninguém. Walter sentia, mais do que via, as suspeitas do amigo. Teve ímpetos de se abrir com Jon, de lhe contar a história toda, inclusive a parte referente a Kimmel e também seus propósitos confusos na noite em que seguira o ônibus. Mas desistiu.

Jon, o que mais sabia do ocorrido, ainda era seu melhor amigo.

Estava sempre disponível quando precisava e desaparecia quando Walter preferia ficar só. Jon estava na casa de Walter na quarta-feira à noite, quando Ellie telefonou.

Ela queria apenas saber se a polícia havia dito mais alguma coisa. Walter lhe disse que a polícia de Nova York o havia interrogado no trabalho, nessa manhã.

– Não foram hostis – disse Walter. – Apenas voltaram a me interrogar sobre a história que eu havia contado. – O policial à paisana levara apenas alguns minutos conversando com ele, e Walter achava que não devia ser nada muito importante, ou a polícia o teria procurado alguns dias antes.

Ellie não perguntou quando tornariam a se ver. Walter sabia que ela compreendia que não deviam ficar se encontrando depois da matéria que saíra no jornal de domingo. Seria mais um motivo a ser explorado de forma sensacionalista. No entanto, a ansiedade de Walter para vê-la foi mais forte, e ele acabou perguntando:

– Posso vê-la amanhã à noite, Ellie? Você pode vir jantar aqui?

– Se você acha que não há problema, é claro que vou.

Quando Walter voltou para a sala, Jon estava agachado em um canto, examinando alguns discos.

– Qual é a importância de Ellie para você, Walt?

– Muita, acho – Walter respondeu.

– Há quanto tempo dura essa história?

– Não há história nenhuma – disse, um tanto aborrecido.

– Você está apaixonado por ela?

Walter hesitou.

– Não sei.

– É óbvio que ela está apaixonada por você.

Walter baixou os olhos, fitou o chão e se sentiu tão desconcertado quanto um menino.

– Eu gosto dela. Talvez esteja apaixonado. Nem sei ao certo.

– Clara sabia a respeito dela?

– Sabia. Antes mesmo que houvesse alguma coisa para saber.

– Você deve ter se encontrado com Ellie *algumas* vezes – disse Jon, olhando para ele.

– Apenas duas vezes. – Walter olhou lentamente de um lado para outro da sala. Pensava no trabalho que Clara tivera para escolher o carpete, indo a todas as lojas de Manhattan até se dar por satisfeita.

– Então você deve ter causado uma forte impressão nela – disse Jon, com seu sorriso bem-humorado.

– Talvez isso não dure. Não a conheço muito bem.

– Ora, deixe disso, você não acredita no que acaba de dizer. – A voz de Jon soou como o rosnado de um urso amistoso.

– Não tenho nenhum plano em relação a Ellie – disse Walter, embaraçado. Ele e Jon nunca haviam conversado muito sobre mulheres, a não ser sobre o fato de serem casados com uma. Se Jon havia tido algum caso depois de se divorciar de Stella, não dissera nada a respeito. Walter nunca tivera um caso, até conhecer Ellie.

Jon se levantou com uma pilha de discos.

– Por falar nisso, eu gostaria de dizer novamente que gosto da Ellie. Se vocês gostam um do outro, isso é ótimo.

O sorriso de Jon fez Walter sorrir.

– Deixe que eu prepare um drinque para você.

– Não, obrigado, tenho que me preocupar com a barriga.

– Sua cintura nunca vai chegar a oitenta centímetros! Vamos fazer um brinde a Ellie.

Walter preparou duas doses generosas de uísque com soda e colocou-as sobre a mesinha de centro. Sentaram-se e ergueram os copos, e então de repente Walter desmoronou. Seu sorriso se transformou numa careta amarga. Havia lágrimas em seus olhos.

– Walter... acalme-se. – Jon estava sentado a seu lado, com um braço em torno de seu ombro.

Walter pensava em Clara, pulverizada, alguns gramas de cinzas num feio pote cinzento. Clara, que havia sido tão linda, cujo corpo ele tivera nos braços. Sentiu Jon puxar o copo de sua mão, mas Walter segurou firme.

– Você me acha um canalha, não acha? – Walter perguntou. – Acha que sou um canalha por ficar aqui sentado fazendo um brinde a outra mulher enquanto minha esposa acabou de ser enterrada, não é?

– Pare com isso, Walter. *Não!*

– E por estar aqui esta noite lhe contando tudo, não acha? – Walter continuou falando, com a cabeça baixa. – Mas tenho que dizer a você que adorava Clara. Eu a amava mais do que a qualquer outra mulher no mundo.

– Eu sei disso, Walt.

– Mas não sabe o suficiente. Ninguém sabe. – Walter sentiu o copo quebrar-se em sua mão. Olhou para a mão que segurava um caco curvo entre as pontas dos dedos, que sangravam, e deixou esse pedaço cair ao chão também. – Você não sabe. Você não sabe o que é. – Pensava na escada vazia, no leito vazio no andar superior e nas echarpes coloridas de Clara ainda na última gaveta do armário. Pensava em Jeff, esperando o dia inteiro por ela, a noite inteira. Pensava até na voz dela.

Walter sentiu que alguém o puxava e o colocava de pé. Deu-se conta de que Jon queria que ele fosse até o banheiro para lavar a mão, e começou a se desculpar.

– Me desculpe, Jon. Sinto muito. Não tem nada a ver com a bebida...

– Você não bebeu! – Jon empurrou-o escada acima. – Agora trate de lavar as mãos e o rosto e esqueça isso.

24

Naquela semana havia muito pouco trabalho para Walter no escritório, porque Dick Jensen já havia se encarregado de suas tarefas, pois, supostamente, ficaria fora por seis semanas. Walter aproveitou-se disso e começou a sair mais cedo todos os dias. O escritório o deprimia mais do que sua casa em Benedict. Na quinta-feira, por volta das três da tarde, foi falar com Dick.

– Dick, vamos sair daqui no próximo mês – disse Walter. – Vamos telefonar para Sherman e dizer a ele que assinaremos o contrato de aluguel a partir de dezembro, ou meados de novembro, se a sala estiver disponível. – Sherman era o encarregado da locação no prédio da Rua 44 que haviam escolhido para instalar o escritório.

Dick Jensen olhou para ele solenemente durante um minuto, e Walter percebeu que havia falado de forma um tanto histérica e que Dick provavelmente pensava que ele estava um pouco histérico por causa de Clara.

– Talvez seja melhor deixarmos as coisas esfriarem por um tempo – disse Dick. – Nem é preciso dizer que eu... eu sei que não foi você quem fez aquilo, Walt, mas não é bom abrir uma firma logo após esse acontecimento.

– O tipo de gente que vamos ter como clientes não vai dar a mínima para isso – disse Walter.

Dick balançou a cabeça. Estava de pé, atrás da mesa de trabalho. Havia uma expressão preocupada em seu rosto.

– Não acredito que isso seja fatal para nós, Walt. Mas acho que você está mais perturbado com tudo isso do que pensa. Estou tentando impedir que nos precipitemos.

Ele certamente queria dizer, pensou Walter, que não gostaria de ser

sócio em uma firma que corria o risco de não dar certo porque o outro sócio não tinha boa reputação. Entretanto, Dick havia dito com muita segurança, na terça-feira, o quanto confiava nele e como tinha certeza de sua integridade.

– Você disse que não tinha dúvidas de que tudo isso será esquecido. Em primeiro de dezembro certamente já estará esquecido. Eu só quis dizer que seria melhor darmos um aviso prévio a Cross, de um mês, se você preferir, e começar a fazer nossa divulgação. Se esperarmos até primeiro de dezembro, só veremos nosso primeiro cliente lá em meados de janeiro.

– Ainda acho que devemos esperar, Walt.

Walter olhou para o corpo flácido de Dick, vestido em um terno antiquado, com um colete um tanto estufado sobre camadas de centenas de *bacon* com ovos comidos no café da manhã e de almoços compostos de entrada, prato principal e sobremesa. Dick tinha uma esposa bem-humorada e tranquila esperando-o em casa, viva e respirando. Podia se dar ao luxo de ficar calmo e esperar. Walter largou sua pasta de documentos e vestiu o sobretudo.

– Já vai? – Dick perguntou.

– Vou. Este lugar me deprime. Posso muito bem ler estes papéis em casa. – E se dirigiu para a porta.

– Walt...

Walter voltou-se para ele.

– Não acho que seja cedo demais para darmos aviso prévio ao Cross. Eu não quis dizer isso. Acho que devemos lhe dar um mês. Então segunda-feira é... é dia primeiro de novembro, acho que podemos.

– Está bem – disse Walter. – Já escrevi minha carta. Só falta colocar a data.

Mas, quando saiu e se dirigiu ao elevador, ocorreu a Walter que Dick concordara com o aviso prévio só porque tinha a possibilidade de recuperar seu emprego, caso mudasse de ideia. Era de assinar o contrato de aluguel do novo escritório que Dick estava se esquivando.

A caminho do estacionamento, Walter viu uma vitrine cheia de objetos de vidro, então entrou e comprou um pesado vaso sueco para

Ellie. Não tinha muita certeza se ela gostaria, mas combinaria com o apartamento dela, pensou. O apartamento não seguia um estilo específico de decoração, pois Ellie o mobiliara com o que lhe agradava, fosse o que fosse.

Parou em três lojas em Benedict e comprou carne, cogumelos, o necessário para uma salada e uma garrafa de vinho Médoc. Tinha concedido folga a Claudia essa noite, e nas três anteriores, porque ele e Jon haviam decidido cozinhar por conta própria. Passou o restante da tarde lendo o que trouxera do escritório e, quando já eram quase seis horas, começou a organizar o jantar. Depois, acendeu o fogo na lareira da sala.

Ellie tocou a campainha dois minutos depois das sete. Ele tinha tamanha certeza de que ela seria pontual que começara a preparar os martínis às sete em ponto.

– Isto é para você – Ellie disse, entregando-lhe um buquê envolto em papel-manteiga.

Walter pegou o buquê com um sorriso.

– Você é uma garota engraçada.

– Por quê?

– Sempre trazendo flores para um homem.

– Não passam de mato do estacionamento.

Walter desembrulhou o vaso de vidro na cozinha e colocou nele as flores. Os cravos e as margaridas de haste curta quase afundaram no jarro, mas ele os levou depressa para ela.

– Isto é para você – ele disse.

– Oh, Walter! O vaso? É lindo.

– Bom – ele disse, contente por ela ter realmente gostado.

Ellie arranjou outro recipiente onde colocar as flores, trouxe o vaso de volta e colocou-o na extremidade da mesa, onde podia admirá-lo enquanto bebiam seus coquetéis. Ela usava um conjunto de seda cinza-escuro que ele ainda não tinha visto, brincos e os sapatos fechados de camurça de que ele gostava. Sabia que ela estava fazendo um esforço especial para estar bem-vestida essa noite.

– Quando você vai sair desta casa? – ela perguntou.

– Eu não havia pensado nisso. Você acha que devo?

– Eu sei que deve – ela disse.

– Vou falar logo com alguém a respeito disso. O pessoal da Knightsbridge já se ofereceu para cuidar disso, caso eu queira me livrar dela.

Havia também a propriedade da mãe de Clara em Harrisburg, Walter lembrou-se subitamente. Apesar de Clara ter morrido primeiro, metade da casa deveria ser herdada por ele, como determinava o testamento da mãe, mas a sra. Haveman tinha uma irmã em algum lugar da Filadélfia. Walter pretendia abrir mão da propriedade e da herança em favor dela.

– Você tem dormido? – Ellie perguntou.

– O suficiente. – Sentiu vontade de beijá-la, mas esperou. – Tudo bem, vou mudar de casa e de emprego no mês que vem. Dick concordou em dar aviso prévio na próxima segunda-feira. Devemos estar no novo escritório até primeiro de dezembro.

– Fico contente. Então Dick não está preocupado com as notícias nos jornais?

– Não – disse Walter. – Tudo já estará esquecido até lá. – Sentia-se otimista e confiante. O martíni estava perfeito. Seu efeito era exatamente o que esperava da bebida. Levantou-se, sentou-se ao lado de Ellie e a abraçou.

Ela o beijou lentamente nos lábios. Depois se levantou e se afastou. Walter a olhou surpreso.

– Será que é a hora errada de perguntar qual é o meu papel nisso tudo? – ela perguntou, sorrindo.

– Eu te amo, Ellie. Esse é o seu papel. – E aguardou. Sabia que ela não esperava que ele sugerisse uma data para se casarem. Não ainda. Ela apenas queria ter uma garantia de que ele a amava. Ao menos isso ele podia lhe dar, pensou. Nessa noite teve certeza de que a amava.

Terminaram de beber a jarra com martíni e fizeram mais meia jarra, depois foram para a cozinha para começar a fazer o jantar. As batatas já estavam no forno. Ellie falou a respeito de Dwight, sua criança prodígio na escola, enquanto preparava os cogumelos. Dwight estava começando a tocar sonatas de Mozart depois de dois meses de aprendizado. Walter perguntava-se se ele e Ellie teriam um filho

dotado de talento musical. Imaginava como seria ser casado com ela, imaginava-a bronzeando as pernas longas e macias no terraço da casa, ou em algum outro terraço, imaginava-a também com a cabeça com um gorro de lã quando saíssem para passear na neve durante o inverno. Imaginava-se apresentando-a a Chad. Ela e Chad gostariam um do outro.

– Você não está escutando – Ellie disse, aborrecida.

– Estou, sim. Você está falando do Dwight tocando Mozart.

– Isso foi há pelo menos cinco minutos. Acho que está na hora de fazermos os bifes, não acha?

O telefone tocou enquanto Walter levava os bifes para o forno. Olharam um para o outro, Walter deixou os bifes de lado e foi atender.

– Alô. Sr. Stackhouse?

– Sim.

– Aqui é o tenente Corby. Será que posso vê-lo por alguns minutos? É muito importante. Não vou demorar – disse a voz jovem e afável, num tom tão confiante que Walter não teve como recusar.

– Não pode falar comigo pelo telefone? Neste momento eu...

– Não vai demorar mais do que alguns minutos. Estou aqui mesmo, em Benedict.

– Está bem – disse Walter.

Foi para a cozinha, praguejando, e arrancou o pano de prato preso ao cinto para servir como avental.

– Era Corby – disse Walter. – Ele está vindo para cá. Disse que chegará em poucos minutos, mas acho melhor você não estar aqui, Ellie.

Ela apertou os lábios e respondeu:

– Está bem.

Apressou-se sem que Walter tentasse detê-la. Ela e Corby ainda corriam o risco de se esbarrar na porta, e Walter não queria que isso acontecesse.

– Por que você não vai para o Three Brothers, toma mais um drinque, e eu a chamo assim que ele for embora?

– Não quero tomar outro drinque – ela disse –, mas ficarei lá. Ele

lhe estendeu o casaco.

– Sinto muito, Ellie.

– Bem... o que se pode fazer? – Depois saiu.

Walter passou os olhos pela sala. Pegou o copo de martíni de Ellie. O dele estava na cozinha. Ainda bem que a mesa não estava posta. O telefone tocou novamente, Walter virou-se e colocou o copo atrás dos ramos de hera da moldura da lareira.

Era Bill Ireton ao telefone. Ele disse a Walter que acabara de receber a visita de um tal tenente Corby, da polícia de Filadélfia. Contou que Corby o havia interrogado a respeito da vida pessoal de Walter, quem eram seus amigos em Benedict e como era seu relacionamento com Clara.

– Você sabe, Walter, conheço você há muito tempo, há quase três anos. Não tenho uma única coisa a dizer contra você, e não disse. Você entende, não é mesmo? – Bill perguntou.

– Sim. Obrigado, Bill. – Walter ouviu o carro de Corby.

– Eu disse a ele que você e Clara não eram o casal mais feliz do mundo. Não havia como negar isso, mas disse que daria meu pescoço à forca como você não tinha tido nada a ver com a morte dela. Ele me perguntou se eu sabia de alguma briga violenta entre você e Clara. Respondi que você era o cara mais paciente que eu conhecia.

Não tinha jeito, pensou Walter. A voz de Bill não parava de soar em seu ouvido. Walter queria esvaziar o cinzeiro da sala.

– Ele me perguntou se eu sabia que vocês iam se divorciar. Eu disse que sabia.

– Você agiu bem. Obrigado por me contar. Agradeço.

– Há alguma coisa que possamos fazer por você, Walter?

– Acho que não. – A campainha da porta soou. Walter manteve a voz baixa e tranquila. – Em breve eu lhe telefono, Bill. Dê lembranças minhas à Betty. – Desligou e se encaminhou para a porta.

– Boa noite – disse Corby, tirando o chapéu. – Desculpe-me por invadir assim sua privacidade.

– Não tem importância – respondeu Walter.

Corby olhou para todos os lados quando entraram na sala de estar. Colocou o sobretudo e o chapéu em uma cadeira e foi em direção à

lareira. Parou, e Walter percebeu que ele olhava diretamente para o cinzeiro na extremidade da mesa, que continha dois cigarros sujos de batom.

– Eu interrompi algo – disse Corby. – Sinto muito.

– De maneira alguma. – Walter enfiou as mãos nos bolsos do paletó. – Sobre o que você queria conversar?

– Ah, perguntas de rotina. – Corby deixou-se cair no sofá e cruzou as pernas finas. – Andei falando com alguns amigos seus do bairro e talvez você fique sabendo. Sempre fazemos isso. – Ele sorriu. – Mas também falei com um homem chamado Kimmel.

– Kimmel? – Walter ficou tenso, esperando ouvir Corby dizer que Kimmel havia contado sobre a visita à loja dele.

– O senhor sabe quem, aquele que mencionei, cuja mulher foi assassinada no bosque perto de Tarrytown, e durante uma viagem de ônibus também.

– Ah, sim – disse Walter.

Corby pegou um dos seus cigarros com filtro na ponta.

– Estou tão convencido de que aquele homem é culpado...

Walter também pegou um cigarro.

– Você está trabalhando no caso Kimmel?

– A partir desta semana, sim. Claro que me interessei pelo caso Kimmel desde agosto. Interesso-me por todos os casos não solucionados. Talvez eu consiga concluí-lo – ele disse, à guisa de explicação, com seu sorriso jovial. – Depois de me encontrar com ele e de me informar de algumas circunstâncias, estou muito interessado em Kimmel como suspeito.

Walter não disse nada.

– Ainda não temos provas contra ele. *Eu* não tenho – acrescentou com modéstia nada convincente – e não acho que a polícia de Newark esteja se empenhando nesse caso. O senhor não se lembra do caso Kimmel, se lembra?

– Sei apenas o que você me contou. Que a mulher de Kimmel foi assassinada.

– Sim, acho que Kimmel não tem muito a ver com o senhor, mas o senhor pode ter muito a ver com Kimmel.

– Não estou entendendo.

Corby recostou a cabeça na almofada do sofá e passou a mão pela testa, com ar cansado. O chapéu deixara uma marca rosada em sua testa e havia olheiras sob seus olhos azuis.

– Quero dizer que Kimmel está muito perturbado por causa do caso Stackhouse, mais perturbado do que demonstra. E, quanto mais perturbado ficar, mais ele vai se trair, assim espero. – Corby deu uma risada. – Entretanto, ele não é do tipo de homem que se trai facilmente.

Enquanto isso, pensou Walter, eu sirvo de cobaia torturada. Corby daria uma dimensão maior ao caso Stackhouse e com isso reavivaria o caso Kimmel. Walter aguardou atentamente, imóvel. Estava tentando cooperar dessa vez.

– Kimmel é um grandalhão gordo, com um cérebro excelente, mas um tanto megalomaníaco. Gosta de ser bajulado por aqueles que o cercam e lhe são inferiores. Originário dos cortiços, considera-se um intelectual, e isso ele é mesmo.

O sorriso irritou Walter. Para ele trata-se de um jogo, pensou Walter. Brincadeira de polícia e ladrão. É preciso ter uma mentalidade com um quê de maldade ou perversão para se dedicar exclusivamente a homicídios, principalmente com o entusiasmo demonstrado por Corby.

– O que você supõe que Kimmel vai fazer? – Walter perguntou.

– Vai acabar confessando. É o que vou forçá-lo a fazer. Já descobri muita coisa sobre a mulher dele, o suficiente para perceber que Kimmel a odiava com uma intensidade que não se satisfaria com, digamos, apenas um divórcio. Tudo isso tem a ver com a personalidade do homem, o que só se pode perceber tendo um contato direto. – Corby olhou para Walter, depois apagou o cigarro no cinzeiro e acrescentou: – Se importa se eu der uma olhada na casa?

Convidados faziam a pergunta nesse mesmo tom, pensou Walter.

– Fique à vontade.

Walter ia levá-lo até a escada, mas Corby parou diante da lareira. Estendeu o braço e pegou o copo que estava atrás da hera, então rolou a haste entre os dedos. Walter sabia que havia batom na borda.

E ainda havia algumas gotas de bebida no copo.

– Aceita um drinque? – Walter perguntou.

– Não, obrigado. – Corby recolocou o copo no lugar e olhou para Walter, sorrindo com expressão compreensiva. – O senhor estava tendo um encontro com a srta. Briess esta noite?

– Estava – disse Walter, com expressão indiferente. E subiu a escada conduzindo o tenente. Corby ainda não havia mencionado Ellie. Ele certamente a colocava na categoria de namorada, supôs Walter. Ou amante. Os detalhes não tinham importância.

Corby entrou no quarto, andou para lá e para cá com as mãos nos bolsos, sem fazer comentários. Depois saiu, e Walter mostrou-lhe o quarto menor, na outra extremidade da casa, destinado a ser um quarto de empregada, embora lá não houvesse uma cama, e sim um sofá pequeno. Walter explicou que a empregada deles não dormia no emprego.

– Quem é sua empregada? – ele perguntou.

– Claudia Jackson. Ela mora em Huntington. Vem duas vezes por dia. De manhã e à noite.

– Pode me dar o endereço dela? – Corby pegou seu bloco de notas.

– Spring Street, número 717, em Huntington.

Corby anotou.

– Ela não está aqui esta noite?

– Não, esta noite não – disse Walter franzindo a testa.

– Há um quarto de hóspedes? – Corby perguntou quando passaram ao corredor.

– Minha mulher nunca quis ter um. Há um cômodo aqui, uma espécie de sala.

Corby deu uma olhada sem muito interesse. O cômodo nunca havia sido usado, embora Claudia o mantivesse arrumado. Walter agora achou horrível o aspecto daquele aposento, um lugar sem vida, como uma sala modelo numa loja de departamentos.

– O senhor vai ficar com a casa? – Corby perguntou.

– Ainda não decidi. – Walter abriu outra porta. – Aqui fica meu escritório.

– Agradável – disse Corby apreciativamente. Foi até as estantes de

livros e ficou de pé com as mãos atrás da cintura, afastando o paletó para trás. – Muitos livros de Direito. O senhor trabalha muito em casa?

– Não, não muito.

Corby baixou os olhos até a escrivaninha. O álbum de recortes de Walter, grande, azul-escuro, estava no canto.

– Álbum de retratos? – Corby perguntou, estendendo a mão para o álbum.

– Não. É uma espécie de caderno de anotações.

– Posso olhar?

Walter fez um gesto com a mão, embora lhe desagradasse que Corby tocasse no álbum, lhe desagradasse assistir a Corby fazendo aquilo. Walter tateou em busca de cigarros, viu que estava sem e cruzou os braços. Andou até uma janela. Podia ver Corby refletido no vidro da janela, curvado sobre o caderno de anotações, virando as páginas lentamente.

– O que é isso? – Corby perguntou.

Walter virou-se.

– É um passatempo meu. Anotações a respeito de pessoas sobre as quais pretendo um dia escrever um ensaio.

A ruga na testa de Walter ficou mais profunda. Voltou para onde estava Corby, tentando imaginar uma frase que o distraísse do caderno de anotações, que o desviasse das letras miúdas que Corby se esforçava para ler. Walter viu-o virar mais uma página. Havia um recorte de jornal solto. Walter olhou para o recorte. O tamanho, as letras maiores no cabeçalho lhe eram familiares. Não podia acreditar.

Corby pegou o recorte.

– Isto é a respeito de Kimmel! – o tenente disse, incrédulo.

– É mesmo? – Walter perguntou no mesmo tom.

– É, sim! – disse Corby, voltando seu sorriso espantado para Walter. – Você recortou isso?

– Devo ter recortado, mas não me lembro. – Walter olhou para Corby e, nesse momento, algo terrível aconteceu entre eles: o rosto de Corby simplesmente demonstrava uma surpresa natural, e essa surpresa era causada pela descoberta da mentira de Walter. Por um

instante, olharam um para o outro como seres humanos comuns, e Walter sentiu que o efeito sobre ele mesmo era devastador.

– O senhor não se lembra? – Corby perguntou.

– Não, eu nunca o utilizei. Corto muitas coisas dos jornais. – E fez um gesto indicando o álbum de recortes. Havia uns dez ou doze outros artigos de jornal espalhados pelo álbum. Mas Walter tinha certeza de que tinha jogado fora o recorte sobre Kimmel.

Corby passou os olhos pelo recorte outra vez, largou-o no mesmo lugar em que estivera antes, depois se inclinou sobre o álbum, lendo as seções escritas na caligrafia de Walter, e os parágrafos datilografados e colados na mesma página. Walter viu que eram as páginas sobre Jensen e Cross. Nada a ver com Kimmel, pensou Walter.

– São notas sobre... amizades inapropriadas – Walter explicou. – Algo assim. Provavelmente recortei isso achando que o assassino poderia ser encontrado mais tarde. Depois esqueci o nome. Eu estava interessado na relação entre o assassino e a vítima. Mas nada surgiu, e acho que foi por isso que esqueci. É uma coincidência espantosa. Se eu... – Walter sentiu um branco subitamente.

Corby olhava-o astutamente, embora ainda restasse alguma surpresa em sua expressão, observando-o em expectativa, como se tivesse apenas que esperar que Walter dissesse alguma coisa que confirmasse sua culpa. Corby deu um leve sorriso.

– Gostaria de saber exatamente o que passou pela sua cabeça quando recortou esse artigo.

– Eu já lhe disse. Estava interessado em saber quem, no fim das contas, era o assassino. Do mesmo modo... – Walter quase mencionara o fato de ter utilizado em seu ensaio sobre Mike e Chad um recorte que falava em um assassinato resultante de uma amizade daquele tipo, mas o recorte havia sido descartado havia muito tempo. – Eu estava interessado na relação entre Helen Kimmel e o assassino. – Walter notou que Corby se dera conta do *Helen*.

– Continue.

– Não há mais nada a dizer. – Metade da mente de Walter pensava na possibilidade de alguém haver plantado o artigo sobre Kimmel em

seu álbum de recortes. Mas era o mesmo artigo que ele recortara; reconhecia até o contorno. Então, subitamente, se lembrou: o pedaço de papel havia caído no chão no dia em que ele o jogara fora. Por preguiça, não o recolhera, então Claudia o encontrara. – Na verdade, eu joguei... – Ele se interrompeu tão subitamente quanto havia começado.

Walter não queria confessar que ao menos disso se lembrava. Maldita Claudia, ele pensou. Maldita eficiência! Clara a havia acostumado assim.

– Não é nada. Nada importante.

– Talvez seja – disse Corby persuasivamente.

– Não, não é.

– O senhor já viu Kimmel? Já falou com ele?

– Não – disse Walter, e no segundo seguinte quis mudar a resposta. Sua mente oscilava horrivelmente entre contar toda a história e ocultar o máximo que pudesse tudo que sabia sobre Kimmel. E se Kimmel contasse tudo amanhã? Walter sentia-se vítima de algum jogo complicado, redes que caíam sobre ele e se juntavam lentamente, fechando-se.

Corby pôs a mão no bolso de trás da calça e caminhou em direção a Walter, rodeando-o, mantendo certa distância, como que para vê-lo melhor à luz do novo fato.

– Você está realmente obcecado com esse caso Kimmel, não está? – Walter perguntou.

– Obcecado? – Corby deu uma risada depreciativa. – Estou trabalhando em seis casos de homicídio, no mínimo!

– Mas, ao que me parece, você não tira isso da cabeça – Walter comentou.

– Bem, pode-se dizer que foi a semelhança dos casos que fez com que o caso Kimmel fosse reaberto. A polícia de Newark já o havia classificado como "cometido por pessoa ou pessoas desconhecidas", ataque de um maníaco, indecifrável. Mas você nos mostrou de que modo o crime *pode* ter sido cometido. – Corby esperou que a informação fosse digerida. – O álibi de Kimmel não é dos mais fortes do mundo. Ninguém realmente o viu na hora em que o crime

aconteceu. Não lhe passou pela cabeça, ao recortar o artigo ou depois disso, que Kimmel pode ter matado a esposa?

– Não, acho que não passou. Dizem que ele... – E parou. Não se fazia menção ao álibi de Kimmel no artigo que Corby havia visto.

– É apenas uma coincidência, não é?

Walter manteve um silêncio obstinado. Aborrecia-se por não saber distinguir quando Corby estava sendo sarcástico ou não.

– Se importa se eu levar isto? – perguntou o tenente, pegando no álbum o recorte de jornal.

– De maneira alguma.

Corby colocou o recorte dentro de sua carteira, fechou-a e recolocou-a no bolso. Walter tentou adivinhar o que Corby faria a seguir. Mostrar o recorte para Kimmel?

– Dentro de pouco tempo o senhor poderá encontrar outras coisas interessantes sobre Melchior Kimmel nos jornais – disse Corby sorrindo. – Mas espero não ter que incomodá-lo outra vez, como hoje.

Walter não acreditou em uma única palavra. Não tinha dúvidas de que a notícia de que ele guardava um recorte sobre o caso Kimmel estaria em breve nos jornais. E saiu da sala, andando atrás do tenente.

Corby foi até a cadeira onde estavam seu sobretudo e o chapéu. Levantou a cabeça estreita.

– Tem algo queimando?

Walter nem havia notado. Foi até a cozinha e desligou o forno. Eram as batatas. Walter abriu uma das janelas da cozinha.

– Desculpe-me por ter estragado sua noite – disse Corby quando Walter voltou.

– Não tem problema – respondeu e acompanhou o tenente até a porta.

– Boa noite – disse Corby.

– Boa noite.

Walter deu as costas para a porta e olhou para o telefone, esperando ouvir a partida do carro de Corby e imaginando como explicaria tudo a Ellie. Ou a qualquer outra pessoa. Não poderia. Walter franziu a testa tentando imaginar a história dessa noite nos jornais. Não podiam condenar um homem apenas porque guardava

um recorte de jornal! Também ainda não haviam indiciado Kimmel. Talvez Kimmel não fosse o culpado. Até agora, apenas Corby parecia acreditar que ele fosse. E ele também, Walter.

Subiu correndo ao andar superior. Havia se lembrado de mais uma coisa. Dos fundos da gaveta da escrivaninha tirou um caderno de contabilidade que usava esporadicamente como diário. Não escrevia nele havia muitas semanas, mas escrevera algo, lembrava-se, nos dias que se seguiram à recuperação de Clara depois de tomar os soníferos. Ali estava a última anotação:

> É curioso que nas épocas mais importantes da vida as pessoas não se lembrem de anotar os fatos em um diário. Há coisas que até quem tem o hábito de escrever diários reluta em colocar em palavras, pelo menos na época em que estão acontecendo. E isso é uma lástima, caso haja a intenção de escrever um diário honesto. O valor de um diário reside na narrativa de épocas difíceis, e é justamente nessas épocas que nos sentimos acovardados demais para anotar as fraquezas, as fantasias, os ódios vergonhosos, as pequenas mentiras, as intenções egoístas, levadas a cabo ou não, que determinam nosso verdadeiro caráter.

Havia um mês de intervalo entre esse texto e o anterior. Um mês de discussões com Clara e, depois, sua tentativa de suicídio. Walter arrancou a página. Se um dia Corby encontrasse o caderno, imaginou Walter, isso acabaria com ele. Walter começou a queimar a página com o isqueiro, depois pegou o diário e levou-o para baixo. Havia muitas brasas na lareira. Rasgou o livro em três pedaços, colocou-os sobre as brasas e adicionou mais lenha.

Depois foi até o telefone e ligou para Ellie no Three Brothers. Desculpou-se pelo tempo que Corby havia demorado.

– O que foi que aconteceu agora? – Havia um quê de tédio e irritação na voz dela.

– Nada – disse Walter. – Nada, a não ser que as batatas queimaram.

25

– Eu estava de saída – disse Kimmel. – Se você...

– Trata-se de algo de extrema importância. Não vai demorar.

– Estou saindo de casa agora!

– Chego aí num instante – disse Corby, e desligou.

Kimmel ficou na dúvida: deveria enfrentar de vez o problema ou deixar para o dia seguinte? Tirou o sobretudo e começou, mecanicamente, a pendurá-lo, depois jogou-o, com um gesto petulante, sobre um canto do sofá de *plush* vermelho. Olhou à sua volta de maneira pensativa e viu o piano, e por um momento visualizou a forma fantasmagórica de Helen sentada ali, dedilhando melancolicamente "Tennessee Waltz". Tentou imaginar sobre o que Corby queria falar, se seria sobre nada, como na véspera, ou se estaria a caminho só para ser irritante. Perguntou a si mesmo se Corby teria feito perguntas suficientes na vizinhança a ponto de se informar sobre Kinnaird, aquele corretor de seguros grosseiro com que Helen andara fornicando. Nathan, seu amigo e professor de História na escola local, sabia a respeito de Kinnaird. Nathan havia entrado na loja de manhã para lhe dizer que Corby andara fazendo perguntas, mas o nome de Ed Kinnaird não fora mencionado. Kimmel coçou a axila. Acabava de chegar de um jantar na Oyster House e pretendia relaxar com uma cerveja e seus entalhes em madeira, ouvindo rádio, durante mais ou menos uma hora, antes de ir para a cama com um livro.

Pegaria pelo menos a cerveja, ele pensou, e seguiu pelo corredor até a cozinha. O piso da casa de madeira rangeu com seu peso. A campainha da porta soou quando ele já estava de volta, no corredor. Kimmel abriu a porta para Corby.

– Desculpe-me incomodá-lo a esta hora – disse Corby, com uma

aparência que não era a de quem se desculpava. – Nos últimos tempos, minha disponibilidade durante o dia está sendo ocupada com outros trabalhos.

Kimmel não disse nada. Corby examinava a sala de estar, curvando-se para ver mais de perto os objetos de madeira escura, minuciosamente entalhados e unidos como salsichas, que estavam em cima da comprida estante branca de livros. Kimmel preparava uma resposta obscena para o caso de Corby perguntar-lhe o que eram.

– Fui novamente visitar Stackhouse hoje – disse Corby, endireitando-se – e encontrei algo muito interessante.

– Eu já lhe disse que não estou nem um pouco interessado no caso Stackhouse ou em qualquer outra coisa que você tenha a dizer.

– Você não está em uma posição que lhe permita dizer isso – Corby respondeu, sentando-se no sofá de Kimmel. – Acontece que o considero culpado.

– Você me disse isso ontem.

– Eu disse?

– Você me perguntou se eu tinha alguém, além de Tony Ricco, para confirmar meu álibi. Sugeriu que eu era culpado.

– Acho que Stackhouse é culpado – disse Corby. – E tenho certeza de que você é.

Kimmel perguntou-se subitamente se ele teria uma arma embaixo do paletó desabotoado. Provavelmente. Pegou a cerveja que estava sobre a mesinha diante de Corby, colocou toda a bebida no copo e devolveu a garrafa no lugar.

– Pretendo comunicar isso à polícia de Newark amanhã. Ninguém lá suspeita nem duvida de mim. Minha reputação em Newark é ótima.

Corby concordou com a cabeça, sorrindo.

– Falei com a polícia de Newark antes de vir vê-lo no outro dia. Naturalmente eu lhes pediria permissão para trabalhar no caso Kimmel, já que não fica na minha jurisdição. A polícia não se importa nem um pouquinho de eu trabalhar no caso.

– Eu me importo. Eu me importo de invadirem a privacidade da minha casa.

– Creio que não há nada que você possa fazer a respeito, Kimmel.

– É melhor você sair desta casa, a não ser que prefira ser jogado para fora. Tenho um trabalho importante a fazer.

– O que é mais importante, Kimmel? O meu trabalho ou o seu? O que você pretende fazer esta noite? Ler as memórias do Marquês de Sade?

Kimmel olhou de alto a baixo o corpo frágil de Corby. O que o tenente podia saber a respeito de um livro desses? Uma confiança que lhe era habitual tomou conta de seu corpo, uma sensação de impunidade, poderosa e invencível como um mito. Era um gigante em comparação a Corby, que não teria como enfrentá-lo.

– Você se lembra, Kimmel, quando eu lhe disse que pensei que Stackhouse tivesse agido da seguinte forma: seguiu o ônibus, persuadiu a mulher a acompanhá-lo até o penhasco e a empurrou?

Finalmente Kimmel disse:

– Sim.

– Acho que você também agiu de maneira parecida.

Kimmel não disse nada.

– E o interessante é que Stackhouse adivinhou tudo – Corby continuou. – Fui visitá-lo ontem à noite em Long Island, e sabe o que encontrei? A história do assassinato de Helen Kimmel, com a data de quatorze de agosto. – Corby abriu a carteira e segurou sorrindo o pedaço de jornal.

Corby estendia o papel para ele. Kimmel pegou-o e aproximou-o dos olhos. Reconheceu-o como uma das primeiras matérias sobre o assassinato.

– Acha que vou acreditar nisso? Não acredito em você.

Mas acreditava, sim. No que não podia acreditar era na estupidez de Stackhouse.

– Pergunte a Stackhouse, se não acredita em mim – disse Corby, recolocando o pedaço de papel na carteira. – Você gostaria de se encontrar com ele?

– Não tenho interesse *algum* em me encontrar com ele.

– No entanto, acho que vou marcar esse encontro.

Foi como se Kimmel recebesse uma martelada no coração, e, a partir desse momento, começou a sentir seus batimentos cardíacos

ressoando dentro do peito largo. Kimmel abriu os braços, sinalizando com esse gesto que estava perfeitamente disposto a se encontrar com Stackhouse, mas não via nenhum motivo para isso. O livreiro estava imaginando que Stackhouse poderia entregar os pontos bem na sua loja, ou em qualquer lugar onde se encontrassem. Stackhouse contaria que tinha ido vê-lo antes, poderia até acusá-lo de ter confessado a morte de Helen e de ter-lhe explicado como fazer tudo. Kimmel não podia prever como Stackhouse se comportaria. Sentiu que tremia dos pés à cabeça, mudou de posição, descrevendo quase uma meia-volta, olhando em torno de si com olhar vago.

– Eu conheço um pouco a vida de Stackhouse. Ele tinha motivo suficiente para matar a mulher, como você fez, quando reuniu raiva suficiente. Mas, de certa forma, uma das suas motivações foi o prazer, não foi?

Kimmel brincava com o canivete que estava em seu bolso esquerdo. Ainda sentia os batimentos cardíacos. Um detector de mentiras, pensou. Costumava ter certeza de que seria capaz de enganar um detector de mentiras. Mas talvez não fosse. Stackhouse havia adivinhado tudo, pensou Kimmel, e não Corby. E Stackhouse tinha sido idiota o bastante para deixar pistas para todos os lados, levando até sua porta!

– Você tem todas as provas de que precisa contra Stackhouse? – Kimmel perguntou.

– Está ficando com medo, Kimmel? Tenho apenas provas circunstanciais, mas ele há de confessar o restante. Mas você, não. Terei que obter mais provas contra você e desmontar seu álibi. Seu amigo Tony é bem-intencionado e acha que você esteve o tempo todo no cinema, mas pode, da mesma maneira, ser convencido a pensar de outro modo se eu conversar bastante com ele. Ele não passa de...

Subitamente Kimmel jogou o copo na cabeça de Corby, agarrou o tenente pelo colarinho e puxou-o por cima da mesa. Kimmel levou a mão direita para trás, pronto para desferir um golpe capaz de quebrar um pescoço, então sentiu o que lhe pareceu ser uma bala no diafragma. Kimmel deu um soco com a mão direita, mas errou. Então seu braço foi torcido para baixo, causando uma dor muito forte, e ele

foi levantado do chão. Ao sentir um golpe violento no estômago, fechou os olhos e sentiu-se jogado no ar. Caiu sobre o quadril, e o impacto da queda fez tremer as janelas. Kimmel estava sentado no chão. Olhou para o vulto indistinto e comprido de Corby de pé diante dele. O braço esquerdo do livreiro ergueu-se independentemente de sua vontade, como um balão flutuante. Kimmel tocou o braço e percebeu que não sentia nada.

– Meu braço está quebrado! – ele disse.

Corby bufou e arrumou os punhos da camisa.

Kimmel virou o rosto nas duas direções, olhando para o chão. Ergueu-se sobre os joelhos.

– Viu onde estão meus óculos?

– Aqui.

Kimmel sentiu os óculos sendo depositados sobre os dedos de sua mão esquerda, ainda erguida para o alto, e cerrou os dedos em torno da fina haste de ouro, depois sentiu-a escorregar, ouviu-a cair, e, pelo som, soube que as lentes estavam quebradas.

– Filho da puta! – ele gritou, levantando-se. Cambaleou em direção a Corby.

O tenente deu um passo para o lado, displicentemente.

– Não comece tudo outra vez. O resultado vai ser o mesmo, só que pior.

– Saia daqui! – urrou Kimmel. – Saia daqui seu... seu verme! Seu veado!

Kimmel continuou, mencionando detalhes anatômicos e sexuais, e Corby avançou para ele, com a mão erguida. Kimmel parou de falar e se encolheu.

– Você é um covarde – disse Corby.

Kimmel repetiu o que pensava do tenente.

Corby pegou o sobretudo e vestiu-o.

– Estou avisando, Kimmel, não vou deixar você em paz. E todo mundo nesta cidade vai saber disso, todos os seus amiguinhos. E um dia desses vou entrar na sua loja com Stackhouse. Vocês dois têm muita coisa em comum. – Corby bateu a porta ao sair.

Kimmel ficou onde estava durante vários minutos, seu corpo

flácido tão tenso quanto era possível, seus olhos desfocados olhando fixo para a frente. Imaginou Corby indo falar com a srta. Brown, a bibliotecária, com Tom Bailey, ex-conselheiro municipal e o homem mais inteligente que Kimmel conhecia nos arredores, por cuja amizade tanto havia se esforçado e tanto valorizava. Tom Bailey nada sabia sobre o caso de Helen com Ed Kinnaird, mas o livreiro não duvidava de que Corby contaria a todos assim que ficasse sabendo, contaria os detalhes mais sórdidos, de como ela o atraíra na rua como se fosse uma reles prostituta, já que Lena, a melhor amiga de Helen, sabia. Helen havia se vangloriado do fato! Corby instilaria a dúvida na mente de todos eles.

De repente, Kimmel se pôs a caminhar, dando um passo cambaleante e depois parando, tateando o caminho até a cozinha, onde lavou o rosto sob a torneira de água fria. Depois tateou o caminho de volta até o telefone da sala de estar. Levou muito tempo para discar o número, e ligou errado na primeira tentativa. Tornou a discar.

– Alô, Tony, meu velho amigo – disse Kimmel alegremente. – O que você está fazendo? Ótimo, pois acaba de me acontecer uma coisa horrível. Quebrei meus óculos, tropecei no tapete e provavelmente quebrei outras coisas também, mas os óculos estão em pedaços. Venha até aqui me fazer companhia, já que não posso ler nem fazer mais nada esta noite.

Kimmel ouviu a voz de Tony dizendo que iria, dentro de poucos minutos, quando terminasse outra coisa que estava fazendo, ouviu pacientemente a voz humilde e monótona, enquanto passava em revista prazerosamente os favores que havia prestado a Tony, como aquela vez, já há três anos, quando o rapaz engravidara uma garota e ficara desesperado à procura de quem fizesse o aborto. Em poucos minutos, Kimmel havia conseguido alguém de confiança e que não cobrava caro. Tony ficara de joelhos, de tão grato, aterrorizado com a possibilidade de sua família, muito religiosa, descobrir tudo, isso sem falar na família da jovem.

Depois de desligar o telefone, Kimmel levantou a mesa que havia sido derrubada, pegou a luminária e tirou a lâmpada quebrada. Havia

um limite aos danos que a queda de um homem podia causar em uma sala. Depois ficou de pé ao lado da estante de livros, brincando com suas esculturas de madeira, mudando-as de lugar, colocando-as em posições diferentes e observando a composição. Enxergava-as vagamente contrastando com a estante de cor clara, e o efeito era muito interessante. Eram peças em formato de charuto, com as extremidades presas umas às outras, de forma invisível, por um arame. Algumas pareciam animais de pé sobre quatro patas; outras, compostas de dez peças ou mais, não cabiam em nenhuma descrição. O próprio Kimmel não tinha um nome para elas. Falando consigo mesmo, às vezes as chamava de seus cachorrinhos. Cada peça era entalhada de modo diferente, com desenhos inventados por ele mesmo, com motivos de aparência ligeiramente persa, e tão bem polidas com lixa que eram suaves ao toque. Kimmel adorava passar as pontas dos dedos sobre elas. Ainda as acariciava quando a campainha da porta soou.

Tony entrou com o chapéu na mão e enfiou-se desajeitadamente em uma poltrona, antes mesmo que Kimmel lhe pedisse para tirar o sobretudo. Tony sempre se sentia lisonjeado ao ser convidado para ir à casa de Kimmel à noite, o que não havia acontecido mais do que três ou quatro vezes. Tony levantou-se de um salto para ajudar Kimmel a procurar um cabide no armário para o casaco.

– Aceita uma cerveja? – Kimmel perguntou.

– Aceito, sim – respondeu Tony.

Kimmel seguiu pelo corredor sem perder a pose, mas meio cego, e tateou a parede em busca do interruptor de luz. Tony deve estar muito pouco à vontade, foi o que pensou, para se oferecer para ir buscar a cerveja. A burrice de Tony irritava Kimmel, mas, ao mesmo tempo, ele se sentia lisonjeado pela admiração que o rapaz tinha por sua erudição e boas maneiras, mais o fato de ser um bom companheiro para uma cerveja, o que Tony considerava uma combinação pouco comum.

– Tony, eu ficaria muito grato se você pudesse vir amanhã de manhã para me levar de carro até a ótica – disse Kimmel, colocando a cerveja e os copos sobre a mesa.

– Certamente, sr. Kimmel. A que horas?

– Hum, lá pelas nove.

– Tudo bem – disse Tony, tornando a cruzar as pernas nervosamente.

Era espantoso, pensou Kimmel, que esse sujeitinho insignificante, com marcas de varíola e um rosto inexpressivo, pudesse realmente engravidar uma garota. Tinha certeza de que Tony nunca se dera ao trabalho de pensar o que isso significava e quais eram os processos envolvidos. Por isso era tão fácil para ele. Kimmel imaginou que Tony pegava uma garota mais ou menos uma vez por semana. Tony tinha uma namorada fixa, mas Kimmel sabia que não era uma das garotas com quem os rapazes do bairro iam para a cama. Frequentemente ficava em uma janela da loja que dava para um beco, escutando, sem que percebessem, as conversas dos rapazes. Uma garota chamada Connie era a mais popular do bairro. Mas Franca, a garota de Tony, nunca era mencionada, embora Kimmel ficasse atento para o caso de ouvir o nome dela.

– O que você tem feito ultimamente, Tony?

– As mesmas coisas de sempre, trabalhando na loja, jogando um pouco de boliche.

A resposta era sempre a mesma. Mas Kimmel sempre perguntava, por uma questão de gentileza, que ele sabia que não era valorizada.

– Por falar nisso, Tony, pode ser que a polícia faça mais perguntas nos próximos dias, ou semanas. Não fique nervoso. Diga a eles...

– Ah, não – disse Tony, embora um pouco assustado.

– Conte-lhes exatamente o que aconteceu, exatamente o que você viu – disse Kimmel com voz clara e firme. – Você me viu às oito horas, quando me sentei em minha poltrona no cinema.

– Isso mesmo, sr. Kimmel.

26

– O tenente Corby está aqui e quer falar com o senhor, sr. Stackhouse – disse a voz de Joan pelo alto-falante sobre sua mesa. – Digo a ele que espere ou o senhor vai recebê-lo agora?

Walter lançou um olhar na direção de Dick Jensen, que estava de pé ao seu lado. Estavam ocupados com um parecer sobre um caso de impostos que tinha que ficar pronto às cinco horas.

– Diga-lhe que espere só um minuto – respondeu.

– Quer que eu saia? – Dick perguntou.

Dick provavelmente sabia quem era Corby, pensou Walter. Dick e Polly deviam ter recebido uma visita dele – os Ireton haviam recebido duas –, mas Dick não havia dito nada a respeito.

– Sim, acho melhor eu recebê-lo sozinho – disse Walter.

Dick pegou seu cachimbo apagado que estava em cima da mesa de Walter e foi em direção à porta, sem dizer nada nem olhar.

Walter disse a Joan que estava pronto, e Corby entrou imediatamente, apressado e sem um sorriso.

– Sei que o senhor está ocupado – disse Corby –, então irei diretamente ao assunto. Gostaria que o senhor fosse até Newark comigo esta tarde, para se encontrar com o sr. Kimmel.

Walter levantou-se lentamente.

– Não desejo me encontrar com Kimmel. E tenho um trabalho que...

– Mas eu quero que Kimmel se encontre com o senhor – disse Corby com seu sorriso mecânico. – Kimmel é culpado, e estamos concluindo o caso dele. Queremos que ele veja o senhor. Ele pensa que o senhor é culpado também, e isso o assustou.

Walter franziu a testa.

– E você acha que sou culpado também? – ele perguntou tranquilamente.

– Não, não acho que seja. Estou atrás de Kimmel. – O sorriso de Corby fez seus olhos azuis brilharem com falsa animação. – É claro que o senhor pode se recusar a ir...

– Acho que é o que vou fazer.

– ... mas posso tornar sua situação ainda mais desagradável do que já é.

Os dedos de Walter agarraram a borda da mesa. Congratulara-se porque Corby ainda não havia dito nada para os jornais a respeito da história do recorte sobre Kimmel, sentira-se até esperançoso de que o tenente se desse conta de que tudo não passava de uma série de coincidências e de que ele era inocente. Mas agora percebia que Corby guardara o recorte para usá-lo contra ele, se fosse preciso.

– Qual é seu objetivo com tudo isso? – Walter perguntou.

– Meu objetivo é chegar à verdade – disse Corby, que sorriu encabulado e acendeu um cigarro.

Subitamente Walter pensou: o objetivo dele era pegar dois homens em vez de um só, se possível, para conseguir uma homenagem ou mesmo uma promoção. De repente a ambição desmedida de Corby ficou patente aos olhos de Walter, que se surpreendeu por não ter percebido antes que essa era a única motivação do tenente.

– Se você está pensando em publicar o episódio do recorte sobre Kimmel, vá em frente, mas não quero me encontrar com ele.

Corby olhou para ele rispidamente.

– Não se trata apenas de uma notícia, apenas de um episódio. Isso pode arruinar toda sua vida.

– Não vejo as coisas tão claramente quanto você. Ainda não conseguiu provar que Kimmel é culpado, muito menos que é culpado desse crime em particular, que você acha que nós dois...

– O senhor não sabe o que já consegui provar – disse Corby, cheio de confiança. – Estou reconstruindo exatamente o que aconteceu entre Kimmel e a mulher dele na hora específica em que ela foi morta. Quando se vir diante dos fatos, Kimmel vai confessar exatamente aquilo de que eu o estou acusando.

Exatamente aquilo de que *eu* o estou acusando. A arrogância do policial estarreceu Walter, silenciando-o por um momento. A suposição era de que a confissão de Kimmel, ou a declaração, feita em retaliação, de que ele, Walter, o visitara na loja no mês anterior, declaração que Kimmel já podia ter feito, o implicaria na mesma culpa, levando-o a confessar também.

– O senhor concorda em vir comigo? Estou lhe pedindo um favor. E prometo-lhe que, se o senhor concordar, nada sairá nos jornais. – A voz de Corby era ávida, altamente confiante, e, para Walter, assustadora.

Depois que ele se encontrasse com Kimmel, o assunto não precisaria aparecer nos jornais, pensou Walter. Talvez Kimmel já tivesse dito a Corby que Walter estivera na livraria. Por que *não* diria? Parecia que Corby já sabia de tudo e só estava esperando que Walter admitisse. Se ele se recusasse a ir, o tenente traria Kimmel ao escritório, supôs Walter. Faria com que os dois se encontrassem, de um jeito ou de outro.

– Está bem – disse Walter. – Eu vou.

– Ótimo – sorriu Corby. – Voltarei lá pelas cinco horas. Estarei de carro, e iremos nele. O tenente acenou com a mão e virou-se para a porta.

Walter continuou agarrado ao tampo da mesa depois que Corby saiu. O que o aterrorizava era o fato de que agora o tenente o considerava culpado também. Até vinte minutos atrás, ousara acreditar que não, ou pelo menos que Corby estava disposto a manter o ataque em suspenso até ter certeza. Sentiu-se como alguém que acaba de concordar em ir para o inferno.

– Walter! – Dick estalou os dedos. – O que está acontecendo? Está em transe?

Walter olhou para Dick, depois para as folhas grampeadas em cima da mesa, nas quais estava escrito “O ônus da prova”.

– Ouça, Walter, o que está acontecendo? – Dick apontou com a cabeça em direção à porta. – A polícia ainda o está interrogando?

– Um homem – disse Walter. – E não a polícia.

– Eu não disse a você – falou Dick – que Corby foi lá em casa falar

comigo e com Polly uma noite dessas. Ele perguntou sobre você... e sobre Clara, evidentemente.

– Quando?

– Mais ou menos há uma semana. Ou mais.

Isso fora antes de Corby ter encontrado o recorte sobre Kimmel. As perguntas certamente haviam sido leves.

– O que ele perguntou?

– Perguntou francamente se eu achava que você era capaz de fazer aquilo. Ele não tem meias palavras, aparentemente. Eu disse enfaticamente que não. Contei a ele como você reagiu quando Clara saiu do coma. Um homem não reage daquele jeito se pretende matar a mulher.

– Obrigado – disse Walter debilmente.

– Eu não sabia que Clara tinha tentado se matar, Walter. Foi Corby quem me contou. Sabendo disso, pude entender tudo melhor. Pude entender que Clara... bem, que ela tenha se matado daquele jeito.

Walter concordou com a cabeça.

– Sim. Era de se esperar que todo mundo pudesse entender.

Dick perguntou em voz mais baixa.

– Você não está tendo nenhum problema em especial, não é mesmo, Walt... com esse detetive Corby?

Walter hesitou, depois sacudiu a cabeça.

– Não, nenhum problema em especial.

– *Algum* tipo de problema?

– Não – disse Walter. – Vamos voltar a trabalhar? – Walter queria terminar o trabalho para poder estar lá embaixo às cinco a fim de se encontrar com Corby.

Às cinco horas, o tenente ofereceu-se novamente para levar Walter em seu carro até Newark e trazê-lo de volta, o que Walter aceitou. Seguiram em silêncio até o túnel Holland. Na metade do túnel, Corby disse:

– Reconheço que o senhor está se esforçando para me ajudar, sr. Stackhouse. Fico grato por isso. – Dentro do túnel, a voz de Corby tinha um som vibrante, profundo. – Espero que isto chegue a algum lugar, mesmo que não fique imediatamente aparente.

Corby seguiu um caminho complicado para chegar à livraria, como se já o tivesse feito várias vezes. Walter, inconscientemente, havia adotado o papel de quem nunca havia visto antes o lugar, embora não fizesse perguntas. O cheiro da loja – cheiro de estagnação, poeira, permeado pelo cheiro adocicado de páginas ressecadas e de encadernações que apodreciam – pareceu muito familiar a Walter. Não havia ninguém na loja, a não ser Kimmel. Walter viu Kimmel ficar de pé lentamente atrás da escrivaninha, como se fosse um elefante levantando-se para se pôr em guarda.

– Kimmel – disse Corby com familiaridade ao se aproximarem do livreiro. – Quero apresentá-lo ao sr. Stackhouse.

A cara grande do livreiro ficou impassível.

– Como vai o senhor? – Kimmel foi o primeiro a falar.

– Como vai? – Walter esperou, tenso. O rosto de Kimmel continuava sem expressão. Walter não sabia dizer ao certo se Kimmel já o havia traído para Corby ou se pretendia fazê-lo, calmamente, assim que o tenente fizesse as perguntas adequadas.

– O sr. Stackhouse também passou pelo infortúnio de perder a esposa há pouco tempo – disse Corby, jogando o chapéu sobre uma mesa coberta de livros –, em uma catástrofe que ocorreu em uma parada de ônibus.

– Acho que li sobre isso – disse Kimmel.

– Eu acho que sim – disse Corby sorrindo.

Walter mudou de posição e olhou para Corby, cuja atitude era uma combinação desagradável, inacreditável, de objetividade profissional e decoro social.

– Acho que eu lhe disse também – continuou o policial placidamente – que o sr. Stackhouse sabia da notícia da morte de sua esposa. Encontrei um recorte de jornal, do mês de agosto, no álbum de recortes dele.

– Sim – Kimmel falou solenemente, balançando um pouco a cabeça calva.

Os lábios de Walter se contraíram em um sorriso involuntário e nervoso, embora estivesse em pânico. Os olhinhos de Kimmel mantinham a expressão fria, indiferente, como os olhos de um

assassino.

– O sr. Stackhouse lhe parece ser um assassino? – Corby perguntou a Kimmel.

– Não cabe a você descobrir isso? – Kimmel retrucou, apoiando as pontas dos dedos gordos e flexíveis no mata-borrão verde em sua mesa. – Não entendo qual é a finalidade desta visita.

Corby ficou calado por um momento. Uma expressão de aborrecimento tomou conta de seus olhos.

– A finalidade desta visita aparecerá muito em breve.

Kimmel e Walter olharam um para o outro. A expressão do livreiro havia mudado. Havia agora algo como curiosidade em seus olhos pequenos, e, diante do olhar de Walter, um lado da boca em formato de coração moveu-se em um leve sorriso que parecia dizer: somos ambos vítimas deste jovem irracional.

– Sr. Stackhouse – disse Corby –, o senhor não nega que pensava nos atos de Kimmel quando seguiu o ônibus em que estava sua mulher. Nega?

– Quando você se refere aos atos de Kimmel...

– Já falamos a respeito disso – falou Corby friamente.

– Sim – disse Walter. – Eu nego. – Nos últimos segundos brotara em Walter uma solidariedade tão grande em relação a Kimmel que o deixava embaraçado, e sentiu que precisava disfarçar isso. Agora tinha certeza de que Kimmel nunca havia contado a Corby sua visita à loja, nem pretendia contar.

Corby dirigiu-se a Kimmel.

– E posso supor que você nega que tenha passado por sua cabeça, ao ler que Stackhouse estava na parada do ônibus, que ele matou a esposa da mesma forma que *você* matou a sua?

– Dificilmente eu não pensaria nisso, já que os jornais sugeriram ou mesmo afirmaram isso – Kimmel respondeu calmamente –, mas eu não matei minha mulher!

– Kimmel, você é um mentiroso! – gritou Corby. – Você sabe que o comportamento de Stackhouse traiu *você*. E fica aí parado fazendo cara de quem não tem nada a ver com isso.

Kimmel encolheu os ombros com uma indiferença magnífica.

Walter sentiu-se tomado por novas forças. Respirou mais fundo. Ocorreu-lhe que o livreiro sentira medo de que ele, Walter, revelasse a visita – tanto medo quanto ele mesmo sentira de que Kimmel a revelasse. Mas era evidente que o livreiro pretendia revelar o menos possível a Corby. Subitamente isso pareceu tão generoso e heroico da parte de Kimmel que este lhe parecia um anjo brilhante que contrastava com o diabólico tenente.

Corby movimentava-se impacientemente de um lado para o outro. Havia deixado de lado os bons modos estudantis. Parecia um lutador flexível se movendo, pronto para agarrar traiçoeiramente o oponente.

– Você não acha nem um pouco estranho o fato de Stackhouse ter recortado do jornal a notícia da morte de sua mulher, depois seguido o ônibus que levava a esposa dele na noite em que ela foi morta?

– Você me disse que a mulher de Stackhouse havia se suicidado – disse Kimmel, surpreso.

– Isso não foi provado. – Corby deu uma tragada no cigarro e começou a andar de um lado para o outro, entre Walter e Kimmel.

– O que, exatamente, você está querendo provar? – Kimmel cruzou os braços sobre a camisa branca de mangas curtas e se encostou à parede. Seus óculos eram círculos brancos vazios, que refletiam a luz sobre a escrivaninha.

– Eu gostaria de saber – disse Corby, sarcasticamente.

Kimmel voltou a encolher os ombros.

Walter não sabia se Kimmel estava ou não olhando para ele. Olhou para baixo, para o livro aberto sobre a mesa do livreiro. Sua nuca doía quando se movimentava. Era um livro velho, muito grande, com duas colunas em cada página, como uma Bíblia.

– Sr. Stackhouse – disse Corby –, quando leu a notícia do assassinato de Helen Kimmel, o senhor não achou que ele podia ter matado a esposa?

– Você já me perguntou isso – disse Walter. – Não, não pensei.

Kimmel esticou lentamente o braço para pegar uma caixa de charutos, feita de couro, que estava em cima da mesa. Destampou-a, ofereceu a caixa a Walter, que fez não com a cabeça, depois a Corby, que não olhou para ele. Kimmel pegou um charuto.

Corby jogou a guimba do cigarro no chão e esmagou-a sob o pé.

– Vamos deixar para outra ocasião – ele disse amargamente. – Outra ocasião.

Kimmel se afastou da parede e olhou para Corby, depois para Walter, e de novo para Corby.

– Já terminamos?

– Por hoje, sim. – Corby pegou o chapéu. Depois se encaminhou para a porta.

Kimmel se abaixou para pegar a guimba de cigarro que o tenente tinha jogado no chão e, por um momento, bloqueou o caminho de Walter. Jogou a guimba na lata de lixo ao lado da escrivaninha. Chegou agilmente para o lado, para dar passagem a Walter, e seguiu os dois até a porta. Seu vulto enorme tinha uma dignidade elefantina. Escancarou a porta para eles.

Corby saiu sem dizer uma palavra.

Walter virou-se.

– Boa noite – ele disse a Kimmel.

Os olhos de Kimmel o examinaram friamente através dos óculos.

– Boa noite.

No carro, Walter disse:

– Você não precisa me levar para casa. Posso pegar um táxi aqui.

Sentia um aperto na garganta, como se toda sua tensão tivesse subitamente se acumulado ali.

Corby segurou a porta aberta.

– Vai ser difícil conseguir um táxi para Nova York esta noite. E eu vou para lá de qualquer maneira.

Para visitar um de meus amigos, pensou Walter. Havia começado a cair uma garoa fina. A rua escura parecia um túnel no inferno. Walter sentiu um desejo louco de voltar correndo para a livraria e conversar com Kimmel, dizer-lhe exatamente por que havia recortado a notícia do jornal, contar-lhe tudo o que tinha feito e por quê.

– Está bem – disse Walter. Entrou rapidamente no carro e bateu a cabeça na armação metálica da porta com tanta força que se sentiu tonto por alguns segundos.

Nada disseram um ao outro. Corby parecia ferver por dentro de

raiva pelo fracasso dessa tarde. Chegaram a Nova York antes que Walter se lembrasse de que tinha um encontro marcado com Ellie. Olhou freneticamente para o relógio de pulso e viu que estava uma hora e quarenta minutos atrasado.

– Qual é o problema? – Corby perguntou.

– Nada.

– O senhor tinha um encontro?

– Ah, não.

Quando Walter desceu do carro de Corby no estacionamento da Terceira Avenida onde guardava seu carro, disse:

– Espero que esse encontro tenha rendido o que você esperava.

O rosto estreito de Corby inclinou-se em um sinal profundo e distraído de concordância.

– Obrigado – ele disse com acidez na voz.

Walter bateu a porta. Esperou até que Corby não pudesse mais vê-lo e começou a caminhar rapidamente. Tentou de novo, agora que estava longe da presença do tenente, analisar o comportamento de Kimmel. O livreiro não teria nada a ganhar se o denunciasse, mas também não tinha motivo para protegê-lo. A não ser que pretendesse chantageá-lo. Walter franziu a testa, esforçando-se para lembrar-se da estranha fisionomia de Kimmel e tentando interpretá-la. O rosto era grosseiro, mas demonstrava muito orgulho. Seria ele do tipo que faz chantagem? Ou estava apenas tentando se manter fora do caso, dizendo o mínimo possível? Isso era o mais provável.

Walter entrou no bar do hotel Commodore. Não viu Ellie em nenhuma das mesas e já ia perguntar ao *maître* se havia algum recado para ele, mas desistiu. Foi procurá-la no saguão. Já havia desistido e ia saindo pela porta da frente quando a viu chegar, vindo da calçada.

– Ellie, sinto muitíssimo – ele disse. – Não consegui avisar você, fiquei preso em uma conferência durante três horas.

– Eu telefonei para seu escritório – ela disse.

– Nós não estávamos lá. Você comeu alguma coisa?

– Não.

– Podemos comer aqui, se você quiser.

– Não estou com disposição para isso – ela respondeu, mas foi com

ele até o bar.

Sentaram-se em uma mesa e pediram drinques. Walter quis um uísque duplo.

– Não acredito que você estava em uma conferência – disse Ellie. – Você estava com Corby, não é?

Walter sobressaltou-se e desviou os olhos do rosto dela para o broche de prata em forma de sol que ela usava ao ombro.

– Sim – ele disse.

– Bem, e o que ele está dizendo agora?

– Mais perguntas. As mesmas perguntas. Eu gostaria que você não me perguntasse, Ellie. Isso vai terminar uma hora. Não vale a pena ficar falando sobre isso o tempo todo – falou e olhou em torno, procurando pelo garçom com seu drinque.

– Eu também estive com ele.

– Com Corby?

– Ele foi à escola hoje, à uma da tarde, e me contou sobre o recorte que encontrou em sua casa.

Walter sentiu que empalidecia. Corby nem se dera ao trabalho de telefonar para Ellie antes de ir procurá-la. Tinha aguardado a hora de contar a ela algo assim.

– É verdade, não é? – Ellie perguntou.

– Sim, é verdade.

– E por que esse recorte estava com você?

Walter pegou seu drinque.

– Cortei isso do mesmo modo que recorto muitas outras coisas dos jornais. Estava misturado às anotações para os ensaios que estou escrevendo. Guardo-os em casa, em um álbum de recortes.

– Isso foi na noite em que fiquei esperando no Three Brothers?

– Sim.

– E por que você não me contou?

– Porque a história que Corby estava criando a partir disso era fantasiosa! E ainda é.

– Corby me disse que acha que Kimmel matou a esposa. Acha que ele seguiu o ônibus... e que você fez a mesma coisa.

Walter sentiu por Ellie o mesmo sentimento de autodefesa e raiva

que sentira em relação a Corby.

– E você acredita nele?

Ellie estava tão tensa quanto ele, tendo diante de si um drinque em que não havia tocado.

– Não entendo muito bem por que você guardou aquele artigo. Que ensaios são esses que você está escrevendo?

Walter explicou do que se tratava, e explicou também que tinha jogado fora o artigo, mas Claudia devia tê-lo encontrado e colocado de volta no álbum de recortes.

– Meu Deus, não havia nada no recorte a respeito de Kimmel seguir o ônibus! Corby não provou que Kimmel seguiu o ônibus, ele está obcecado. Já expliquei a ele o motivo da porcaria do recorte, e, se as pessoas não acreditam em mim, que vão para o inferno. – Walter acendeu um cigarro, depois notou que ainda havia um aceso no cinzeiro. – Acho que Corby tentou convencê-la de que matei minha mulher e que você é um dos principais motivos, não foi?

– Foi, mas posso lidar bem com isso, porque era o que eu já esperava – disse Ellie.

O que ela não conseguia entender era o recorte, pensou Walter. Olhou para os olhos atentos e ainda inquisidores de Ellie e espantou-se ao perceber que ela duvidava dele, que Corby, com seu argumento ilógico e absurdo, pudesse deixar até mesmo Ellie em dúvida.

– Ellie, essa teoria não faz sentido. Veja...

– Walter, você jura para mim que não a matou?

– O que você está dizendo? Não acredita em mim quando eu digo que não a matei?

– Eu quero que você jure – disse Ellie.

– Tenho que fazer um juramento para você? Narrei-lhe passo a passo o que aconteceu naquela noite, você sabe tão bem quanto a polícia de cada movimento meu.

– Tudo bem. Eu quero que você jure.

– Mas esse é o problema, o fato de você sentir a necessidade de me *pedir* isso! – falou com veemência.

– Mas é uma coisa tão simples.

– Nem você acredita em mim!

– Eu acredito. Quero acreditar. É que...

– Você não acredita. Se acreditasse, não pediria isso!

– Está bem, vamos parar com isso. – Ela olhou para o lado. – Melhor não falarmos tão alto.

– E que importa? Não sou culpado de nada, mas é óbvio que você não acredita em mim. Prefere duvidar, como todos os outros!

– Walter, pare com isso – sussurrou Ellie.

– Você suspeita de mim, não é verdade?

Ela voltou o olhar para ele, furiosa.

– Walter, vou desculpar tudo isso, compreendo que se trata de nervosismo, mas não se você continuar assim.

– Ah, você vai me desculpar – ele disse ironicamente.

Ellie ficou de pé repentinamente e deixou a mesa. Walter viu uma nesga do casaco dela que desaparecia porta afora. Levantou-se, enfiou a mão no bolso em busca da carteira, jogou na mesa uma nota de cinco dólares e saiu correndo.

– Ellie! – chamou. Olhou para o outro lado da rua e para a esquina, por entre as luzes e o tráfego da Rua 42. Provavelmente ela teria que ir para a Penn Station para pegar um trem e ir para casa, já que não tinha ido de carro. Iria mesmo? Onde morava Pete Slotnikoff? Em algum lugar de West Side. Para o inferno com tudo isso. Ela que fosse para o inferno.

Caminhou de volta ao estacionamento da Terceira Avenida e tomou o velho caminho para casa, pelo East River Drive.

Os salgueiros que sombreavam a Marlborough Road, perto de sua casa, o deprimiram, e fizeram com que pensasse nas estátuas melancólicas, com asas, que pairam sobre as sepulturas e os leitos de morte nas gravuras de Blake. Guardou o carro na garagem. O som de um graveto se partindo sob seu pé o fez dar um salto. Pegou cuidadosamente a trave inferior do portão, que estava solta, e, em vez de chutá-la para o lado como fazia habitualmente, apoiou-a sobre a trave.

Na manhã seguinte, Walter acordou às seis horas, de nervoso e de fome. Enfiou uma calça velha de malha, uma camisa e a jaqueta de lenhador que usava nas excursões de pesca. Ao passar pela cozinha,

pegou um pedaço de pão com queijo e foi para o depósito de ferramentas ao lado da garagem. Ia consertar o portão.

Precisou cortar um pedaço de lenha para servir de apoio sob a trave em mau estado; a madeira para lenha era do mesmo tipo que a trave do portão, e ficou satisfeito com o trabalho, depois de terminado. Estava remendado, e não perfeito, mas não se arrastaria mais pelo chão como fazia até então. Ainda faltavam vinte minutos para as sete horas, hora em que acordava habitualmente, então pegou tinta branca e um pincel na garagem e pintou os degraus da cozinha, onde a tinta já estava descascando. Já estava terminando quando ouviu passos no final da Marlborough Road. De onde estava, ele a viu sorrir e exclamar:

– Bom dia, sr. Stackhouse!

– Bom dia, Claudia! – ele respondeu. A causadora de seus problemas, pensou. Pelo menos do pior de todos. Ela trazia uma sacola de compras para ele.

– O senhor acordou cedo hoje – disse Claudia. Ela parecia feliz, tagarelando, vestida em roupas velhas.

– Achei que já tinha passado da hora de consertar aquele portão. Cuidado ao pisar no último degrau, a tinta está fresca.

– Mas isso é ótimo – disse Claudia toda animada. Ela pulou o degrau pintado e entrou na cozinha.

Walter levou a tinta de volta para a garagem, limpou a broxa com aguarrás e voltou para dentro da casa. Foi até o telefone no corredor do andar superior e ligou para Ellie. Não tinha muita certeza de que ela estaria em casa. O telefone tocou cinco vezes antes que ela atendesse. Ellie disse que estava tomando banho.

– Desculpe pela noite passada, Ellie – disse Walter. – Fui muito grosseiro. Quero dizer-lhe que juro, foi o que você me pediu ontem à noite. Eu juro, Ellie.

Seguiu-se uma pausa demorada.

– Está bem. – A voz dela soou grave e muito séria. – É impossível conversarmos quando você está assim. Você faz tudo parecer muito pior do que é. Dá a impressão de que está lutando contra alguma coisa que o aterroriza completamente.

Parecia que ela estava à espera de que ele declarasse mais um pouco sua inocência, à espera de que ele provasse tudo mais uma vez para ela. Ainda percebia certa dúvida na voz dela.

– Ellie, sinto muito por ontem à noite – disse tranquilamente. – Nunca mais vai acontecer, por Deus!

Novo silêncio.

– Posso encontrá-la esta noite, Ellie? Você quer vir jantar comigo aqui?

– Tenho que ficar no ensaio até as oito horas.

Walter lembrou-se de que estavam começando os ensaios para a peça do Dia de Ação de Graças na escola em que ela dava aula.

– Depois, então. Vou buscá-la na escola às oito.

– Está bem – ela disse, sem qualquer entusiasmo.

– Ellie, o que está acontecendo?

– Acho que você está agindo de modo estranho.

– E eu acho que você está vendo problemas onde eles não existem! – Walter respondeu.

– Você está começando outra vez. Walter, você não pode me censurar por fazer essas perguntas simples quando sou confrontada por gente como Corby, como fui ontem...

– Corby está doido – Walter interrompeu-a.

– Se Corby o interroga, não vejo por que mentir sobre isso. Você faz qualquer um pensar que há mesmo alguma coisa que está tentando esconder. Não pode me censurar por fazer perguntas simples a você, quando Corby me confronta com uma história na qual ele parece acreditar e que é possível, apenas possível, de ter acontecido, a julgar pelos fatos – ela concluiu em tom de debate.

Walter não deu a resposta que gostaria de dar. E no momento seguinte buscava desesperadamente algo que pudesse dizer para afastar as suspeitas de Ellie, para não perdê-la, pois sentia que ela se distanciava.

– A história de Corby não é possível – ele começou a dizer com toda a calma –, porque eu *não poderia* fazer o que ele diz que eu fiz e depois ficar por ali, perto do ônibus, perguntando a fulano e beltrano onde está a mulher que assassinei!

Ela se manteve em silêncio. Ele sabia que ela estava pensando “ele está se alterando outra vez, e por quê?”.

– Vejo você esta noite – ela disse. – Às oito horas.

Ele queria continuar, mas não sabia como.

– Está bem – respondeu.

E desligaram.

27

Walter ficou parado na esquina e olhou à sua volta, procurando Corby.

Um velho, segurando uma criança pela mão, atravessou a rua. O pavimento, de paralelepípedos, parecia sujo por conta da areia, do tempo e do pecado, assim como os prédios encardidos que o cercavam. Walter começou a caminhar pelo quarteirão e parou, olhando para um cavalo de dorso curvado que puxava uma carroça cheia de caixotes vazios. Ainda havia a possibilidade de telefonar, ele pensou. Telefonar havia sido sua primeira ideia, mas temia que Kimmel se recusasse a recebê-lo ou desligasse assim que ouvisse sua voz. Walter seguiu em frente. A livraria ficava no mesmo lado da rua em que ele estava. Passou por uma loja pequena, com artigos para decoração na vitrine, depois por uma modesta oficina de conserto de joias. Avistou a vitrine projetada de Kimmel.

A loja estava mais bem iluminada agora do que das outras vezes em que Walter a vira. Duas ou três pessoas olhavam os livros que estavam sobre a mesa, e, enquanto Walter observava através da vitrine, Kimmel apareceu e falou com uma mulher que lhe entregava uma quantia em dinheiro. Ainda era possível sair dali, pensou. Era uma ideia temerária e boba. Tinha abandonado no escritório um trabalho ainda por fazer, e Dick se aborrecera com ele. Podia voltar ao escritório às 16h15. Walter olhou para dentro da loja, pensando. *Vá embora*, disse para si mesmo. No entanto, sabia que voltaria para o trabalho, para casa, e as mesmas dúvidas e anseios voltariam a atormentá-lo. Walter empurrou a porta e entrou.

Percebeu que Kimmel o olhou de relance, desviou o olhar e então, subitamente, tornou a olhar para ele. O livreiro ajustou os óculos com

seus dedos rechonchudos e o observou atentamente. Walter se aproximou.

– Posso falar com você por alguns minutos?

– Você está sozinho? – Kimmel perguntou.

– Sim.

A mulher de quem Kimmel pegara um livro olhou para Walter, desinteressada, e se voltou novamente para a mesa.

Kimmel foi até os fundos da loja levando o livro e o dinheiro da mulher.

Walter ficou esperando. Esperou pacientemente ao lado de outra mesa, de onde pegou um livro cuja capa examinou. Finalmente Kimmel se aproximou.

– Você tinha que voltar aqui? – perguntou olhando para Walter com seus olhos castanhos, frios e quase sem expressão.

Walter o seguiu e tirou o chapéu.

– Fique com ele na cabeça – disse Kimmel.

Walter pôs de volta o chapéu.

Kimmel, enorme e hostil, posicionou-se atrás da escrivaninha, aguardando.

– Eu queria que você soubesse que não sou culpado – Walter disse rapidamente.

– Acho que isso não me interessa muito, certo? – Kimmel retrucou.

Walter pensava que havia se preparado para a hostilidade de Kimmel, mas, frente a frente, ela o deixou perturbado.

– Tenho a impressão de que deve ser de *algum* interesse. No fim das contas ficará provado que não sou culpado, mas me dei conta de que botei a polícia na sua cola.

– Ah, é mesmo?

– Sei também que tudo que eu disser será inadequado... e ridículo – Walter continuou com determinação. – Eu mesmo estou numa situação difícil.

– Ah, *você* está? – Kimmel falou mais alto, embora, como Walter, não levantasse a voz o suficiente para atrair a atenção das pessoas na loja. – Está, sim – afirmou num tom diferente, no qual havia uma ponta de satisfação. – Você está em situação pior do que a minha.

– Mas eu não sou culpado – disse Walter.

– Isso não me interessa. Não me importa o que você fez ou deixou de fazer. – Kimmel inclinou-se para a frente, com as mãos apoiadas na mesa.

Para Walter, a coisa mais vulgar para a qual já havia olhado era a boca polpuda de Kimmel, com uma grande cicatriz sobre o lábio superior em formato de coração.

– Percebo que você não se importa. Percebo que seu único desejo é nunca mais me ver. Eu vim aqui só para... – Walter se calou quando um rapaz se aproximou da mesa e perguntou:

– Tem algum livro sobre motores de popa?

Kimmel deu a volta na escrivaninha.

Não estava dando certo. Walter havia imaginado um demorado diálogo entre ele e Kimmel, em que haveria inclusive lugar para o ressentimento do livreiro, mas que lhe permitiria dizer as coisas que tinha vindo dizer. Agora não conseguia dizê-las. Recomeçou quando Kimmel voltou.

– Nem eu me importo se você é inocente ou culpado – disse Walter calmamente.

Kimmel, curvado sobre a mesa, sobre a qual havia escrito alguma coisa num caderno, voltou a cabeça para Walter.

– E o que você *acha*? – ele perguntou.

Walter achava que ele era culpado. Corby pensava o mesmo. Mas será que ele agia como culpado? Não agia, pensou Walter.

– O que foi? – Kimmel perguntou ousadamente, reerguendo-se e colocando a tampa na caneta. – Sua opinião é da maior importância, não é mesmo?

– Eu o considero culpado – disse Walter –, mas isso não importa para mim.

Por um momento, Kimmel pareceu muito confuso.

– O que você quer dizer com isso, de não importar para você?

– É essa a questão. Eu me intrometi na sua vida. As pessoas acham que também sou culpado. Pelo menos a polícia me investiga como se achasse que sou culpado. Estamos em posições idênticas. – Walter calou-se, mas isso não era tudo o que tinha a dizer. Esperou que

Kimmel dissesse alguma coisa.

– Por que você acha que eu me importo se você é inocente? – Kimmel perguntou.

Walter ignorou a pergunta de Kimmel. Havia algo mais importante a dizer:

– Quero lhe agradecer por ter feito algo que não tinha obrigação de fazer, não ter dito a Corby que eu já tinha vindo ver você.

– Não tem de quê – Kimmel falou rispidamente.

– Se você falasse, isso não o prejudicaria, mas me prejudicaria... talvez de maneira fatal.

– É claro que ainda posso contar a ele – disse Kimmel friamente.

Walter piscou os olhos. Foi como se Kimmel tivesse cuspido na sua cara.

– E vai contar?

– Tenho algum motivo para protegê-lo? – Kimmel perguntou, e sua voz baixa tremia. – Você se dá conta do que fez comigo?

– Sim.

– Você percebe que para mim isto vai continuar indefinidamente, e, provavelmente, para você também?

– Sim – disse Walter. Mas na verdade não pensava assim, não em relação a si mesmo. Respondeu a Kimmel como uma criança que é repreendida ou leva um sermão. Cerrou os dentes para não responder a outras perguntas de Kimmel, mas este não fez mais perguntas. – Você matou sua mulher? – Walter perguntou, e viu distintamente a boca feia de Kimmel e um canto dela se inclinar para o alto, num sorriso de incredulidade.

– Você realmente acredita que eu lhe diria isso, seu idiota intrometido?

– Eu quero saber – disse Walter, inclinando-se para a frente. – Eu quis dizer que não me importo se você é culpado ou não do ponto de vista da polícia. Não me importo. Apenas quero *saber*. – Walter esperou, observando Kimmel, e sentiu que ele ia responder, e que tudo, sua vida, seu destino, era como uma rocha à beira de um precipício, e que a resposta decidiria se ela cairia ou não.

– Você não se importa se eu for considerado culpado ou não – disse

Kimmel num sussurro zangado –, mas todas as suas ações, inclusive o fato de estar aqui agora, me incriminam.

– Você me protegeu. Não vou traí-lo.

– Eu nunca lhe diria. Você acha que merece alguma confiança? Até quando se trata da inocência de um homem?

– Sim, até nisso. – Walter encarou Kimmel.

– Não sou culpado – disse Kimmel.

Walter não acreditou, mas sentiu que Kimmel havia chegado ao ponto de acreditar que ele, Walter, era inocente. Percebeu isso pelo jeito arrogante com que Kimmel se endireitou e pelo olhar ofendido, desafiador, que lhe lançou. Isso fascinou Walter. Subitamente ele se deu conta de que queria acreditar na culpa de Kimmel – e de que, logicamente, ainda havia uma possibilidade de que o livreiro não fosse culpado. Essa possibilidade aterrorizou Walter.

– Nunca passou pela sua cabeça fazer aquilo? – Walter perguntou.

– Matar minha mulher? – Kimmel bufou espantado. – Não, mas obviamente passou pela sua.

– Não quando recortei a notícia do jornal. Recortei-a por outro motivo. Admito que me passou pela cabeça que você tinha assassinado sua mulher. Admito que me passou pela cabeça matar a minha do mesmo modo. Mas não a matei. Você tem que acreditar em mim. – Walter apoiou-se em um canto da mesa.

– Por que eu teria que acreditar em qualquer coisa que você me diga?

Walter não respondeu.

– E você me culpa por seus problemas? – Kimmel perguntou impaciente.

– Claro que não. Se eu fosse culpado... culpado em meus pensamentos...

– Ei, espere um pouco – gritou Kimmel. – Isso foi mandado pela Wainwright's?

Kimmel foi até a entrada da loja, onde Walter viu um homem carregando sobre o ombro um caixote cheio de livros.

Walter olhou para o chão e mudou de lugar, sentindo-se completamente incapaz de dizer o que queria dizer, sentindo que toda

sua missão era inútil, seria inútil. Estava permanecendo mais do que devia no palco, como um mau ator que foi vaiado e mandado embora, mas que continua atuando, apesar da humilhação e da vergonha. Quando Kimmel voltou, Walter se preparou para mais uma tentativa.

Kimmel trazia alguns recibos na mão. Assinou um, carimbou o outro e entregou o assinado para o entregador. Depois, voltou-se para Walter.

– Acho melhor você ir embora daqui. Nunca se sabe quando o tenente Corby vai chegar. Isso não seria bom para você.

– Tenho mais uma coisa a dizer.

– O que é?

– Sinto... sinto que, de certo modo, somos ambos culpados.

– Eu já lhe disse que não sou culpado.

O diálogo penoso em voz baixa continuou.

– Pois eu acho que você é – disse Walter, e depois subiu o tom de voz: – Eu lhe disse que *pensei* naquilo, que eu poderia ter feito aquilo naquela noite se tivesse encontrado minha mulher. Mas não a vi. Não consegui encontrá-la. – Ele se curvou para perto de Kimmel. – Preciso lhe dizer isso, e não me importa o que fará depois com essa informação, ou se contará à polícia. Está entendendo? Somos ambos culpados, e, de certa forma, partilho sua culpa. – Walter notou que suas palavras só faziam sentido para ele, que era só o fato de ele acreditar na culpa de Kimmel que equilibrava a balança, e não a culpa propriamente dita, pois essa não fora provada. Via que Kimmel agora o escutava, mas, assim que percebeu isso, suas palavras foram silenciadas pela timidez. – Você é a minha culpa! – disse Walter.

As mãos de Kimmel tremeram.

– Cale-se!

Walter não tinha percebido que falava tão alto. Ainda havia um homem na loja.

– Me desculpe – ele disse arrependido. – Me desculpe mesmo.

A testa de Kimmel continuava franzida pela raiva. Ele apoiou as coxas pesadas contra a borda da mesa e pegou alguns cadernos, e, com toda petulância, jogou-os, um a um, em cima da mesa. Walter teve a impressão de já tê-lo visto fazer o mesmo gesto. Kimmel

levantou apreensivamente a sobrancelha e olhou em direção à frente da loja, depois se voltou para Walter.

– Compreendo você – ele disse. – Mas isso não faz com que eu goste mais de você. Eu o detesto intensamente. – Kimmel fez uma pausa. Parecia esperar que sua raiva aumentasse. – Gostaria que jamais tivesse posto os pés nesta loja! Está entendendo?

– Claro que entendo – disse Walter. De repente, sentiu-se curiosamente aliviado.

– E agora quero que você vá embora daqui.

– Eu vou – Walter sorriu de leve. Olhou mais uma vez para Kimmel, grandalhão, os óculos novamente sem deixar transparecer qualquer luz, a boca bem desenhada e lasciva, mas inteligente. Walter voltou-se e andou rapidamente até a entrada da loja.

Continuou andando rapidamente até chegar à esquina onde havia hesitado. Parou mais uma vez e inspecionou com os olhos o cenário um pouco mais escuro, com um sentimento de prazer e alívio. Colocou um cigarro entre os lábios e acendeu-o. O odor do fumo lhe pareceu delicioso, como se não fumasse há dias. Pôs o cigarro na boca e foi para onde havia deixado o carro.

Mais do que nunca acreditava que Kimmel era culpado, embora não se lembrasse de algo em especial que houvesse acontecido hoje que o fizesse pensar assim. *Eu já lhe disse que não sou culpado*, a voz de Kimmel repetia em seu ouvido, soando como se fosse verdade. *Compreendo você, mas isso não faz com que eu goste mais de você. Eu o detesto intensamente*. .. Walter caminhava com vivacidade. Sentia-se livre de uma grande tensão, embora não soubesse exatamente que tipo de tensão era aquela. Kimmel não se importava se ele era inocente ou não! Walter sentia-se tão mais bem-disposto que não conseguia acreditar que a única razão para isso era o fato de ter se livrado de uma declaração que Kimmel não estava nem um pouco interessado em ouvir. Por que diabos havia pensado que Kimmel *estaria* interessado? Que tipo de confissão era uma confissão de inocência? *É igualmente condenável o fato de ter apenas pensado em matar Clara*, pensou Walter, como já havia pensado várias vezes antes. *Se a intenção era matá-la, o fato de eu não ter tocado a mão nela*

não torna o fato menos medonho. Walter sentiu que suas ideias se desencadeavam, perdiam o rumo, tomando uma direção perigosa. Havia acabado de pensar em contar a Ellie a conversa com Kimmel! Por achar que a conversa com Kimmel tinha sido uma coisa boa, uma coisa oportuna, desejava compartilhá-la com ela, porque a amava. Só que talvez não a amasse. Lembrou-se da semana anterior, quando Ellie quisera que ele passasse a noite no apartamento dela e ele havia insistido em voltar para casa. Não que o fato de ele ficar ou não provasse alguma coisa, mas o modo como ele havia se recusado a permanecer agora lhe parecia egoísta e insensível. Sentiu-se envergonhado, e envergonhado também pela primeira noite que passara no apartamento de Ellie, quando Clara ainda estava viva. Por um momento, para se justificar, Walter tentou reviver a atmosfera desagradável daqueles dias: as acusações insanas de Clara, que o haviam empurrado para Ellie. Nada era tão horrível, tão insano ou tão errado quanto era agora, porque naquela época pelo menos Clara estava viva.

Walter tentava colocar as ideias em ordem, com a mão apoiada à porta do carro. Sentia-se trêmulo novamente, sem saber que rumo tomar. Teria agido mal mais uma vez ao falar com Kimmel? Só agora percebia o perigo que havia corrido, e olhou em volta, em busca de Corby ou de um espião disfarçado. Um pouco tarde para pensar em espiões, pensou Walter. Entrou no carro e deu a partida. Eram apenas 16h10, mas não queria voltar ao escritório. Faltavam umas quatro horas para ir buscar Ellie. E se Ellie tivesse telefonado para ele no escritório esta tarde? Ela raramente fazia isso, mas podia ter feito. Ele nem ao menos inventara uma desculpa para o pessoal do escritório. Simplesmente dissera a Dick que ia sair por uma hora, ou pouco mais, e talvez não voltasse. Se Ellie tivesse telefonado, certamente imaginaria que ele estivera com Corby mais uma vez. Provavelmente não acreditaria, à noite, quando ele lhe dissesse que não.

28

Walter esperou dentro do carro, numa rua curva que ia do portão da escola até o auditório. Havia apenas mais quatro ou cinco carros na via, todos eles vazios. Um parecia Boadicea, grande, sob uma cobertura de lona, simples como um tamanco de madeira. Walter sentia-se um pouco envergonhado sentado ali, temendo que algum conhecido – os Ireton ou os Roger – o visse e percebesse que ele esperava por Ellie. Mas os ensaios haviam acabado às seis horas, ele sabia, e restavam apenas os instrutores, discutindo os trajes que seriam usados. Lembrou-se de que já havia debatido isso consigo mesmo há várias semanas. Já que ia se encontrar com Ellie, ia fazê-lo de cabeça erguida.

Saiu do carro e foi ao encontro dela quando a viu sair. Walter quis que ela deixasse o carro em Lennert e seguisse no dele, mas Ellie preferiu ir no próprio carro, para poupá-lo de uma ida e volta até Lennert essa noite.

Foram para a casa de Walter e começaram imediatamente a fazer o jantar, pois ambos estavam com fome. Ele tomou um drinque na cozinha. Ellie disse que estava cansada demais para aceitar um, mas continuou conversando com ele, divertindo-o com uma história que mostrava o pão-durismo da sra. Pierson, a tesoureira da escola, para fornecer o dinheiro para os trajes do espetáculo *João e Maria*. As bruxas haviam ensaiado sua participação à tarde com as saias, mas sem a parte superior.

– Tive que *mostrar* a ela as garotas semidespidas no palco para que ela acreditasse em mim – disse Ellie dando uma gargalhada. – Finalmente consegui. Mais 55 paus.

Ele adorava ouvir a gargalhada de Ellie. Alta e espontânea, enchia

uma sala com sua vibração, tal como o acorde vigoroso com que costumava encerrar uma sessão ao violino.

Colocaram uma mesa pequena, de cartas, na sala de estar e já iam se sentar para comer quando soou a campainha. Walter foi atender. Eram os Ireton, pedindo mil desculpas por chegarem logo na hora do jantar, mas em poucos minutos já estavam sentados, assistindo enquanto Walter e Ellie comiam. Walter não conseguia saber ao certo se eles estavam um pouco "altos" ou se isso servia de disfarce para o fato de que queriam bisbilhotar um pouco – e tinham chegado na hora certa –, cheios de animação.

– Soube que você vai tocar piano na festa do Dia de Ação de Graças na Escola Harridge – Betty Ireton disse a Ellie. – Eu vou à festa com a sra. Agnew, a mãe de Florence, como você sabe.

– Oh, sim – disse Ellie se lembrando e sorrindo. – A Flo faz parte do coro dos cucos.

– Meus filhos ainda são muito pequenos para ir à escola...

Betty estava sendo muito mais amável do que seria necessário. Walter limpou os lábios cuidadosamente. Ellie estava praticamente sem batom.

– Como vão os negócios, Walt? – Bill fez um movimento com os joelhos, inclinando o rosto simpático e corado em direção a Walter.

– A mesma coisa de sempre – respondeu.

– Tem visto Joel e Ernestine ultimamente?

– Não. Na semana passada não pude ir a alguma coisa, não me lembro o quê, para a qual eles me convidaram.

– Um chá à moda de Boston – disse Bill. Essa era uma expressão local para designar um coquetel que começa às quatro da tarde, num fim de semana.

Pelo menos ele tinha sido convidado, pensou Walter. Mas ocorreu-lhe subitamente que ainda não ouvira falar sobre as festas de Ação de Graças ou de Natal. Normalmente, nessa época do ano, o assunto eram as reuniões para servir gemada, as festas a fantasia e até passeios de trenó, se nevasse. Walter tinha certeza de que as festas estavam sendo programadas. Simplesmente não o convidaram. Walter estava comendo devagar e pouco à vontade. Deixou de lado o garfo e

a faca. Betty e Ellie, educadamente, conversavam sobre banalidades, sobre como era bom para Walter ver pessoas ou passar por uma mudança de ares. Este sentia que o silêncio entre ele e Bill estava pleno de palavras. Fazia apenas um mês que Clara morrera, e ali estava Ellie jantando na casa em que ela vivera. Numa tarde, cerca de quinze dias antes, os Ireton o haviam visto fazendo compras com Ellie na mercearia em Benedict. Walter ainda se lembrava: Bill apenas acenara para ele e não se aproximara para conversar.

– Teve mais alguma conversa desagradável com a polícia? – Bill perguntou a Walter.

– Não – disse Walter. – Não tive. E você?

– Não... mas achei que você gostaria de saber que Corby tem conversado com várias pessoas lá no clube – respondeu, em um tom de voz baixo que não interferiu na conversa de Betty e Ellie. – Foi Sonny Cole quem me contou. Acho que Corby falou com Sonny e com Marvin Hays. E também com o Ralph. – Bill sorriu de leve.

Walter mal se lembrava de que Ralph era o nome do *barman* do clube.

– Isso é muito desagradável – Walter falou calmamente. – O que eles sabem a meu respeito? Faz meses que não vou ao clube.

– Oh, não tem nada a ver com você, é o que eu acho. Eles queriam saber... isto é, aquele tal de Corby... Bem, Walter, no final das contas o que eles estão tentando descobrir é se ela se suicidou ou se alguém a matou, não é isso? Acho que eles estão investigando possíveis inimigos. – Bill olhou para baixo, para as mãos cruzadas. Apertava uma palma contra a outra, o que produzia sons de sucção.

Walter sabia que Corby andava fazendo perguntas sobre ele, mas não sobre possíveis inimigos. Notou que Betty e Ellie tinham passado a prestar atenção na conversa. E *ele* tinha estado lá, na parada de ônibus. Todos eles sabiam disso. Walter sentiu que todos estavam esperando que ele afirmasse, pela milésima vez, que não havia matado Clara. Estavam querendo ver de que modo isso seria dito dessa vez, para digeri-lo, testá-lo, sentir que gosto tinha, cheirá-lo, para decidir se era ou não verdade. Ou, para ser mais exato, não tomar uma decisão *exata*. Até Ellie, pensou Walter. Ele manteve um

silêncio obstinado.

– Corby esteve de novo em nossa casa também – Bill continuou, no mesmo tom de voz impassível, muito diferente da voz amigável, animada, da noite em que telefonara para falar de Corby. – Ele me contou que encontrou um recorte de jornal na sua casa sobre o caso Kimmel.

Bill falou como se soubesse tudo a respeito do caso Kimmel. Walter olhou para Ellie de relance, e naquela fração de segundo percebeu que ela também esperava para ouvir o que ele responderia, um olhar quase tão desagradável quanto a curiosidade evidente dos Ireton.

– Parece que Corby acha que existem semelhanças – disse Bill, que balançou a cabeça, constrangido. – Tenho certeza de que eu não gostaria... quer dizer...

– O que você quer dizer, Bill? – Walter perguntou.

– Quero dizer que as aparências são péssimas, Walter, você não acha? – Um medo furtivo se apossou do rosto de Bill, como se ele temesse que Walter se erguesse de um salto e o agredisse.

Foi pior do que se Corby tivesse divulgado nos jornais, pensou Walter. Corby estava fazendo todo mundo pensar que o recorte era uma prova importante entre as que estava coletando, mas ainda secreta e explosiva demais para ser impressa.

– Eu expliquei ao Corby sobre o recorte. Minha explicação foi satisfatória – respondeu Walter, estendendo a mão para pegar um cigarro. – Se o tenente faz questão de que isso pareça pior do que é, é essa a impressão que todos vão ter. Ele está tentando dar a entender que tanto Kimmel quanto eu podemos ser assassinos. Ainda não provaram a culpa de Kimmel. Ele não foi nem indiciado. E eu certamente não fui.

Betty Ireton estava sentada ereta, escutando com olhos e ouvidos.

– Parece que ele pensa que Kimmel também seguiu a mulher – disse Bill, hesitante – e a matou naquela noite na...

– Não há nenhuma prova disso! – falou Walter.

– Quer um cigarro? – Ellie perguntou.

Walter não havia encontrado seus cigarros e aceitou o que Ellie lhe ofereceu.

– Não vejo nenhuma similaridade entre o meu caso e o de Kimmel, a não ser o fato de nossas mulheres terem morrido durante uma viagem de ônibus.

– Mas eles não suspeitam de *você*, Walter – disse Betty conciliatoriamente. – Deus me livre!

Walter olhou para ela.

– Não suspeitam, é? E o que é isso que estão fazendo? Dá para você imaginar o que é ter que contar a mesma história várias vezes, narrando cada movimento seu, centímetro por centímetro, e ainda assim não acreditarem em você? Aliás, a polícia acredita em mim. É o Corby que não acredita, ou finge que não acredita. Será que devo pedir à polícia proteção contra Corby?

Isso ele já tentara. Não havia, entretanto, um meio de impedir um detetive da força policial de investigar um homem que ele achava que deveria ser investigado.

– Walter... – Ellie disse desaprovadoramente, tentando acalmá-lo.

Walter olhou para o guardanapo. Suas mãos trêmulas o constrangiam. O silêncio da expectativa dos demais o desconcertava. Sua vontade era explodir e dizer a todos eles que, quando se fica repetindo e repetindo a mesma história inúmeras vezes, acaba-se ficando em dúvida também, porque as palavras deixam de fazer sentido. Isso era um fato importante, mas não podia dizê-lo porque todos lhe dariam importância demais. Até mesmo Ellie. Walter levantou-se da mesa e se afastou, depois se voltou subitamente.

– Bill, não sei se Corby lhe contou também que Clara tentou se matar em setembro passado.

– Não – disse Bill com voz solene.

– Ela tomou soníferos. Foi por isso que ela passou uns dias no hospital. Ela tinha uma mente suicida. Eu não ia contar nada, mas, diante do que vem acontecendo, esses fatos, acho que você deveria ser informado disso.

– Bem, ouvimos falar algo do gênero – disse Bill.

– Nós ouvimos o *boato* – Betty Ireton corrigiu cuidadosamente. – Acho que foi Ernestine quem nos contou. Ela achava que era isso que tinha acontecido. Sem nenhum motivo definido, mas ela é muito

intuitiva sobre essas coisas. Ela sabia que Clara estava mal. – Betty falou com a doçura e o decoro que se costuma dirigir aos mortos.

Betty e Bill ainda olhavam para ele, aguardando. Isso deixou Walter perplexo. Ele tinha pensado que o episódio dos soníferos praticamente provaria que ela havia se matado. Mas eles continuavam olhando para Walter com as mesmas perguntas estampadas na face.

– O que esperam que eu faça? – Walter exclamou. – Quem vai conseguir provar alguma coisa em um caso como este?

– Walter, não acho que estejam investigando *você* – Betty repetiu. – Você não deve ficar tão nervoso... *pessoalmente*. Pelo amor de Deus!

– Isso é muito fácil de dizer. Eu mesmo não gostaria de ter Corby como adversário – disse Bill. – Isto é... já vi o que ele está querendo fazer.

– Tenho certeza de que ele explicou – disse Walter. – Ele explica para todo mundo.

– Faço questão de lhe contar, Walter, embora não seja preciso, que eu disse a Corby que tinha certeza absoluta de que você nunca faria uma coisa dessas. Sei o que eles dizem das pessoas que *fazem* isso. Que nunca se pode supor tal coisa a respeito delas. – Bill gesticulou com a mão aberta. Isso não reforçava em nada suas palavras. – Embora vocês não se dessem bem, você nunca a mataria.

Para Walter, isso soou como tolice, e tolice sem a menor sinceridade, ainda por cima. Nem tinha certeza de que Bill dissera *mesmo* isso a Corby. Walter engoliu o que pretendia dizer a respeito de Corby e limitou-se a um rouco “obrigado”.

Seguiu-se novo silêncio. Bill olhou para Betty. Ambos se entreolharam com um olhar demorado e solene, depois Bill ficou de pé.

– Acho melhor irmos andando. Vamos para casa, meu bem. – Bill frequentemente sugeria que fossem para casa antes que sua mulher o fizesse.

Betty levantou-se obedientemente.

Walter teve vontade de segurá-los e fazê-los ficar mais um pouco, enquanto dizia mais uma coisa, uma coisa que faria com que acreditassem nele. Esses eram seus melhores amigos na vizinhança!

Ele os acompanhou até a porta, cerimoniosamente, com as mãos nos bolsos do paletó. Estavam prontos para se voltar contra ele, já tinham se voltado contra ele. O velho esporte favorito da espécie humana: caçar um ao outro.

– Boa noite – falou Walter. Conseguiu que sua voz soasse alegre. Fechou a porta e voltou-se para Ellie. – O que você achou disso tudo?

– Eles estão se comportando como qualquer pessoa. Acredite em mim, Walter. E provavelmente melhor do que a maioria.

– Bem, você viu outros piores? Em relação a mim?

– Não, não vi. – Ela começou a tirar a mesa. – Se tivesse visto, teria contado.

Pela voz dela, Walter percebeu que ela queria mudar de assunto. Mas se não posso falar com você, ele pensou, com quem vou falar? Subitamente imaginou alguém falando a Jon sobre o recorte de jornal e se sentiu enjoado. Imaginou essa frase fazendo Jon abandonar a dúvida em que estava e transformá-la em certeza. Começou a ajudar Ellie a tirar a mesa, mas ela já havia quase terminado, pois sabia onde colocar cada coisa e era mais rápida do que Claudia. O café estava quase pronto na cafeteira elétrica. Ele disse a Ellie que deixasse a louça para Claudia lavar no dia seguinte. Quando terminaram de arrumar a cozinha, o café estava pronto, e eles o levaram para a sala de estar, onde Walter encheu as xícaras.

Ellie sentou-se no sofá a apoiou a cabeça, com um gesto cansado, na almofada. A luz que vinha do abajur ao lado do sofá incidia sobre sua maçã do rosto, de traços eslavos. Estava mais magra do que no verão e tinha perdido quase todo o bronzeado, mas, para Walter, estava ainda mais atraente. Inclinou-se sobre ela, que abriu os olhos. Ele a beijou nos lábios. Ela sorriu, mas Walter percebeu uma expressão desconfiada, indagadora, em seu olhar, como se ela não soubesse o que pensar dele. Ellie passou os braços em torno dele e o abraçou, mas não disse nada. Nem ele. Walter beijou-a na testa, nos lábios, sentindo-se invadido por um contentamento animal que vinha da sensação do corpo dela em seus braços. Era errado, ele pensou, não se falarem. Era errado beijarem-se dessa forma – ele a beijando porque ela estava ali, disponível, ela porque o desejava fisicamente.

Walter percebia isso pela tensão de Ellie, por sua respiração abafada e pelo modo como ela se voltava para ele. Isso não o atraía, mas ele a manteve nos braços assim mesmo, e beijou-a.

Quando Ellie se levantou para pegar um cigarro, Walter sentiu o desejo dela como algo que o arrastava através do espaço entre eles. Levantou-se para acender o cigarro dela. Ela envolveu o pescoço dele com os braços.

– Walter – ela disse –, eu quero passar esta noite aqui.

– Eu não posso. Aqui não.

Os braços dela se apertaram mais em volta do pescoço de Walter.

– Então vamos para a minha casa, por favor.

O apelo presente na voz dela deixou-o constrangido. E então ele se envergonhou de seu constrangimento idiota.

– Não posso, Ellie. Não posso... ainda. Compreende? – E afastou dela a mão.

Lentamente ela pegou o isqueiro e acendeu o próprio cigarro.

– Não sei se entendo, mas pelo visto vou ter que fazer o possível para entender.

Walter ficou parado, sem saber o que dizer. O que ele deveria ter explicado, ou estar explicando, é que não tinha nada a ver com a casa ou com a própria indiferença desta noite. O que o deixava sem fala era não poder nem ao menos dizer a ela que um dia tudo seria diferente ou que ele tinha planos dos quais ela fazia parte.

– Seria bom se às vezes coincidíssemos... em relação a nossos sentimentos – ela disse, olhando-o de lado. Sorriu, e havia humor em seu sorriso. – Portanto, Boadicea e eu vamos para casa.

– Gostaria que não fossem.

– Prefiro ir – disse ela, pegando a bolsa e as luvas.

Ele estava sendo injusto, Walter disse a si mesmo, usando-a deliberadamente e ferindo-a. Seguiu-a e foi até o carro com ela. Ela lhe deu um boa-noite gentil pela janela do carro, mas não esperou pelo beijo.

Walter entrou na casa vazia. Será que continuava na casa somente porque representava uma barreira, pensou, entre ele e Ellie? A casa não o deprimia – na verdade deprimia Ellie. Sabia que nunca se

sentiria à vontade com Ellie naquele lugar, porque ali havia vivido Clara, ainda vivia. No andar superior, Claudia tinha mudado o quarto, mesmo sem ele lhe ter pedido – a cama foi para os fundos do cômodo, e a penteadeira de Clara, livre dos vidros de perfume, das caixas de pó de arroz e do retrato dele e dela, foi colocada entre as duas janelas da frente. O armário estava repleto de malas com as roupas de Clara e de seus casacos ainda pendurados. Ele tinha que fazer alguma coisa com as roupas, e logo, pensou, doá-las, doá-las para Claudia distribuir entre seus conhecidos. Mas continuava adiando.

O telefone tocou. Walter estava de pé, na sala. Teve um pressentimento, tão forte quanto se o toque do telefone fosse uma voz humana, de que era Corby querendo falar com ele. Depois de quatro ou cinco chamadas, Walter se dispôs a ir atender, mas acabou não o fazendo. Continuou na sala, rígido, escutando, enquanto os pelos se arrepiavam em sua nuca, até que, depois de tocar umas dez vezes, o telefone se calou.

29

Cerca de cinco horas mais tarde, Kimmel foi acordado em sua casa pelo tenente Lawrence Corby e recebeu a ordem de se vestir e ir com ele até a Sétima Delegacia de Newark.

Na pressa de se vestir, Kimmel se esqueceu de colocar as roupas de baixo. A lã de que era feito o terno roçava a pele delicada de suas nádegas, e ele se sentia nu. A delegacia era um prédio feio e quadrado, com dois lances externos de escada que levavam à entrada principal, degraus que fizeram com que viesse à mente do livreiro a palavra *perron* e o Palácio Belvedere, em Viena, onde havia o mesmo tipo de escadaria – embora a terrível feiura do prédio, típica do século xix, tornasse ridícula a associação –, e, enquanto galgava os degraus, Kimmel seguiu repetindo mentalmente a palavra, *perron, perron, perron*, de forma aterrorizante, como uma espécie de feitiçaria pessoal e protetora contra o que poderia lhe acontecer dentro do prédio. A sala do subsolo, para onde Corby o levou, era revestida de pequenos azulejos brancos hexagonais, como se fosse um enorme banheiro. Kimmel ficou de pé embaixo de uma lâmpada. O brilho da lâmpada incidindo sobre os azulejos fizeram arder seus olhos. Não havia nada na sala, a não ser uma mesa.

– Você acha que Stackhouse é culpado? – Corby perguntou.

Kimmel encolheu os ombros.

– O que você *acha*? Todo mundo tem alguma opinião sobre Stackhouse.

– Meu caro tenente Corby – disse Kimmel pomposamente –, você está totalmente convencido de que todo mundo se sente fascinado por crimes e não sossega enquanto o criminoso não for levado a julgamento... por você! Quem se importa em saber se Stackhouse é

culpado ou não?

Corby sentou-se na borda da mesa de madeira, balançando as pernas para a frente e para trás.

– O que mais disse Stackhouse?

– Só isso.

– O que mais ele disse? – A voz de Corby, ressoando naquela sala vazia, irritava mais do que uma lixa de metal.

– Só isso – Kimmel repetiu com dignidade. Suas mãos rechonchudas se torciam e retorciam, com as pontas dos dedos se tocando de leve logo abaixo da proeminência do seu ventre.

– Então Stackhouse levou vinte minutos para se desculpar?

– Fomos interrompidos várias vezes. Ele apenas ficou lá nos fundos da minha loja e conversou comigo.

– Conversou. Ele disse: "Sinto muito, sr. Kimmel, por ter lhe causado este probleminha". E o que você respondeu? "Ora, tudo bem, sr. Stackhouse. Sem ressentimentos." Você ofereceu a ele um charuto?

– Eu disse a ele – falou Kimmel – que nenhum de nós dois tinha com que se preocupar, mas que seria melhor ele não voltar à minha loja, porque você podia ter uma impressão errada.

Corby riu.

Kimmel ergueu um pouco mais a cabeça. Imóvel, a não ser pelas mãos que tremiam e se movimentavam de leve, olhava fixamente para a parede. Apoiava-se sobre um pé, o outro estava graciosamente relaxado, e seu corpo ligeiramente de costas para Corby. Kimmel percebeu que era a mesma posição escultural em que às vezes examinava a si mesmo, nu, no espelho comprido da porta do banheiro. Involuntariamente havia adotado essa posição, e, embora em algum recanto secreto do seu cérebro isso o fizesse sentir-se envergonhado, tinha a sensação de que lhe dava certa aura de indestrutibilidade. Kimmel manteve a pose, como se estivesse paralisado.

– Culpado ou não, imagino que você saiba que Stackhouse dedurou você, não sabe, Kimmel?

– Isso é tão óbvio que nem é preciso mencionar – Kimmel respondeu.

Corby continuou balançando a perna sobre a borda da mesa. A mesa castanha de madeira lembrava uma mesa cirúrgica imunda e primitiva. Kimmel se perguntou se Corby finalmente iria lançá-lo sobre a mesa usando um golpe de jiu-jítsu.

– Stackhouse explicou por que estava com o recorte de jornal? – Corby perguntou.

– Não.

– Então ele não confessou tudo, não é?

– Ele não tinha nada a confessar. Disse que sentia muito por ter feito a polícia cair em cima de mim.

– Stackhouse tem muita coisa para confessar – retorquiu Corby. – As ações dele são muito estranhas para serem ações de um inocente. Ele não lhe contou por que seguiu o ônibus da esposa naquela noite?

– Não – Kimmel respondeu no mesmo tom de voz indiferente.

– Talvez você possa me dizer por quê.

Kimmel comprimiu os lábios. Os lábios tremiam. Estava simplesmente entediado com as perguntas de Corby. Deviam estar apertando Stackhouse também, imaginou Kimmel. Por um momento, chegou a sentir uma empatia por Stackhouse, mesclada com sua aversão ao tenente. Kimmel acreditava no que Stackhouse havia lhe dito e não pensava que ele fosse culpado.

– Se você duvida tanto do meu relato sobre o que ele me disse, deveria ter enviado um espião à loja, para escutar.

– Oh, nós sabemos que você é perito em identificar policiais. Você teria prevenido Stackhouse, e ele deixaria de falar. Mas acabaremos arrancando tudo de vocês dois. – Corby sorriu e aproximou-se de Kimmel. Parecia descansado e bem-disposto. Agora trabalhava no turno da noite, como dissera ao livreiro. – Você está protegendo Stackhouse, não é mesmo, Kimmel? Você gosta de assassinos, certo?

– Pensei que você não o considerasse um assassino.

– Desde que encontrei o recorte, penso que sim. Eu disse isso a você assim que encontrei o jornal!

– Acho que você pensa que ainda há muitos motivos para não se ter certeza sobre Stackhouse, mas não se permite ser justo com ele porque decidiu que vai resolver um caso espetacular! – Kimmel gritou

mais alto do que Corby. – Mesmo que precise inventar os crimes.

– Ohhh, Kimmel – Corby falou com voz arrastada. – Não fui eu que inventei o cadáver de sua mulher. Ou fui?

– Você inventa minha participação no caso!

– Você já tinha visto Stackhouse antes que eu o levasse a sua loja? – Corby perguntou. – Tinha?

– Não.

– Pensei até que ele tinha ido ver você – Corby falou especulativamente. – Ele é do tipo de gente que faz essas coisas.

Kimmel se perguntou intimamente se Stackhouse teria sido idiota o bastante para contar a Corby que tinha ido até a livraria.

– Não – disse Kimmel, num tom menos positivo. Tirou os óculos, deu uma baforada neles, enfiou a mão no bolso em busca do lenço e, como não o encontrou, limpou os óculos no punho da camisa.

– Posso até imaginar Stackhouse indo até sua loja, olhando-o de alto a baixo, talvez até lhe oferecendo consolo. Talvez ele o tenha examinado para ver se você tinha mesmo cara de assassino. E é claro que você tem.

Kimmel pôs os óculos novamente e recompôs a face. O medo já havia começado a crescer nele, como uma fagulha, fazendo com que ele trocasse o peso do corpo de uma perna para outra, com vontade de sair correndo. Até a chegada de Corby, Kimmel acreditara que tinha certa imunidade sobrenatural, e agora era o próprio tenente que aparentava ter poderes sobrenaturais, como uma nêmesis. Corby não era justo. Seus métodos não eram do tipo geralmente associados à justiça, e, no entanto, gozava da imunidade que lhe conferia a justiça oficial e uniformizada.

– Mandou consertar os óculos? – Corby perguntou, e caminhou na direção dele como um galo empertigado, as mãos apoiadas à cintura, o que mantinha seu sobretudo aberto. Parou bem na frente do livreiro. – Kimmel, vou acabar com você. Tony já acha que você matou Helen, sabia?

Kimmel não se mexeu. Sentia medo fisicamente de Corby, e isso o deixava furioso, porque, fisicamente, Corby não passava de um nada. Fechado com ele numa sala, Kimmel sentia-se amedrontado, sem

ninguém que pudesse chamar em seu socorro, temendo ser jogado sobre o chão duro de ladrilho, que parecia o piso de um matadouro. Imaginava as piores torturas acontecendo naquela sala. Acreditava que a polícia limpava o sangue da parede com uma mangueira depois de terem torturado um homem ali. Subitamente, Kimmel precisou ir ao banheiro.

– Tony agora está colaborando conosco – Corby falou bem próximo do rosto de Kimmel. – Está se lembrando de coisas, tais como você ter dito a ele, poucos dias antes de matar Helen, que havia meios para se livrar da esposa errada.

Kimmel lembrou-se disso, sentado com Tony à mesa da Oyster House, tomando cerveja. Tony apareceu com alguns amigos adolescentes e se sentara à sua mesa, sem ser convidado. Na verdade, Kimmel havia falado de maneira tão ousada porque se aborrecera por Tony ter se sentado antes mesmo de ser convidado.

– E do que mais Tony se lembra? – Kimmel perguntou.

– Lembra-se de ter tentado ir à sua casa depois do cinema, naquela noite, e não o encontrar lá. Você não chegou em casa até muito depois da meia-noite, Kimmel. O que aconteceria se você tivesse de dizer onde estava?

Kimmel deu uma risada.

– Isso é absurdo! Eu *sei* que Tony não foi até minha casa. É um absurdo tentar reconstituir a noite mais pacata, mais chata do mundo três meses depois, quando todo mundo já se esqueceu do que aconteceu.

– A noite mais pacata e mais chata do mundo. – Corby acendeu um cigarro. Subitamente, sua mão se moveu como um raio, e Kimmel sentiu uma dor aguda na face esquerda.

Kimmel quis tirar os óculos antes que fosse tarde demais, mas não se mexeu. Seu rosto continuava doendo, queimando, humilhante.

– Apanhar é o único argumento que você entende, não é, Kimmel? Palavras e fatos não o perturbam, porque você é louco e se recusa a entender o que eles significam. Você vive em um mundo particular, e a única maneira de penetrar nele é batendo em você. – As mãos de Corby se ergueram novamente.

Kimmel se esquivou para o lado, mas Corby não havia batido nele, estava apenas tirando os óculos, que Kimmel sentiu serem arrancados de suas orelhas. A sala girou, sem nitidez, e o livreiro tentou focalizar a mancha escura em que Corby havia se transformado e que se movimentava em direção à mancha escura que era a mesa. Rapidamente Kimmel colocou a mão aberta diante do rosto, enxergou-a, puxou-a para trás de si mesmo, apertando-a contra a outra.

Corby voltou.

– Por que você não admite que sabe que Stackhouse é culpado? Por que não admite que ele lhe contou o suficiente para que você tenha certeza disso. Você não vai querer que eu acredite que gosta tanto de Stackhouse que está disposto a protegê-lo, Kimmel.

– Nós somos dois homens inocentes na mesma situação – Kimmel falou com voz monótona –, como disse Stackhouse. Foi para isso que ele foi me ver.

Corby atingiu-o no estômago. Isso fez Kimmel se contorcer, tal como acontecera ao levar o soco em sua casa. O livreiro esperou pelo empurrão, pela queda ao chão, que não aconteceram. Continuou curvado, recuperando aos poucos a respiração. Viu manchas pretas no chão, e mais outras foram aparecendo à medida que ele olhava, e se deu conta de que eram gotas de sangue que pingavam do seu nariz. Abriu a boca para respirar e sentiu o gosto delas, um gosto semelhante ao de laranja, mas salgado. Corby andava em torno dele, e Kimmel se virava também, para ter sempre o vulto do tenente diante de si. De repente o livreiro levou os dedos ao nariz, assoou com toda a força e sacudiu a mão para o lado.

– Você tem que ter sangue neste chão! – Kimmel gritou. – Devia ter sangue escorrendo pelas paredes! Sangue dos homens que você torturou!

Corby agarrou Kimmel pelo ombro e lhe deu uma joelhada na barriga.

Kimmel caiu de quatro, arfando, sentindo uma dor mais forte do que antes.

– Confesse que sabe que Stackhouse é culpado!

Kimmel simplesmente o ignorou. Sua mente estava inteiramente ocupada pela piedade que sentia por si próprio. Até a recuperação da respiração era um processo involuntário, em que ele ofegava dolorosamente, como quem soluça. Então Corby chutou-o ou empurrou-o no quadril, e Kimmel desabou subitamente no chão. Caiu sobre um lado do quadril, com a cabeça virada para cima.

– Levante-se, seu vagabundo – disse o tenente.

Kimmel não queria se levantar, então Corby chutou seu traseiro. O livreiro apoiou-se sobre os pés e, lentamente, se ergueu até ficar ereto, de cabeça erguida, embora nunca tivesse se sentido tão fraco nem tão passivo. Quanto mais perto Corby pavoneava em volta dele, mais frouxo se sentia, como se o tenente o hipnotizasse. Sentia dor, sentia pontadas em uma dúzia de lugares. Kimmel percebeu que estava se sentindo intensamente feminino, muito mais do que quando olhava para suas curvas sensuais no espelho do banheiro ou lia livros e, para seu próprio prazer, soltava a imaginação, e percebeu que isso lhe dava prazer de um tipo que não sentia fazia anos. Esperou pelo golpe seguinte, que previu que atingiria seu ouvido.

Como se o entendesse, Corby golpeou a cabeça de Kimmel no lado.

Subitamente Kimmel gritou, liberando em um único guincho agudo toda a vergonha e o prazer que sentia alternadamente. Kimmel ouviu a risada de Corby.

– Kimmel, você está corando – disse Corby. – Vamos mudar de assunto? Vamos falar de Helen? Daquela vez em que ela jogou fora sua *Enciclopédia Britânica*, só de maldade? Disseram que você pagou cinquenta dólares pela enciclopédia, de segunda mão, e que, naquela época, era uma despesa muito grande para você.

Kimmel ouviu Corby pulando, triunfalmente, embora ainda estivesse envergonhado demais para olhar para ele. Fez um esforço tremendo tentando imaginar quem poderia ter contado a Corby o caso da *Enciclopédia Britânica*, porque isso tinha acontecido lá na Filadélfia.

– Também ouvi falar da época em que Helen fazia as unhas das amigas para ganhar um dinheirinho extra. Você deve ter adorado isso, mulheres entrando e saindo da casa o dia inteiro, sentadas por todo

lado, tagarelando. Foi quando você se convenceu de que jamais poderia educar Helen para que ela ficasse à sua altura.

Mas o episódio como manicure não havia durado mais que um mês, pensou Kimmel. Ele tinha acabado com aquilo. De repente, olhou para o lado, embora ainda temesse um ataque súbito de Corby. O livreiro sentiu os pelos se arrepiarem sob a calça, como se estivesse nu e um vento frio soprasse em volta dele.

– Mesmo antes disso – continuou Corby –, você chegou a um ponto que nem suportava tocá-la. Para você, ela era asquerosa, e, gradualmente, a repugnância estendeu-se às outras mulheres também. Você convenceu a si mesmo de que as odiava porque todas elas eram idiotas, e a mais idiota era Helen. Isso foi muito estranho, Kimmel, você era tão ardente na juventude! Passou a obter satisfação apenas em livros pornográficos?

– Você me enoja – disse Kimmel.

– O que pode enojar você? – Corby chegou mais perto. – Você tinha vinte anos quando se casou com Helen, jovem demais para saber alguma coisa sobre as mulheres. Era muito religioso naquela época e achava que deviam se casar antes de aproveitar a... Você deve ter um nome para isso, Kimmel.

– Você deve estar adorando! – Kimmel gaguejou e limpou a boca com as costas das mãos.

– Quer os seus óculos?

Kimmel pegou os óculos e colocou-os. A sala e o rosto magro de Corby ficaram nítidos outra vez. Debaixo do bigodinho do tenente havia um sorriso de escárnio.

– De todo modo, o dia em que se casou com você foi um dia triste para Helen. Mal sabia ela, menina simples dos cortiços da Filadélfia. Você achou que ela o tornava impotente. Isso até que não era mau, pois podia botar a culpa em Helen e ter o prazer de odiá-la.

– Eu não a odiava – Kimmel protestou. – Ela era simplesmente uma retardada. Eu não tinha nada a ver com ela.

– Ela não era retardada – disse Corby. – Bem, continuando. Uma mulher com a qual você foi um fiasco contou para Helen, que passou a zombar de você.

– Helen não fez isso! Não houve mulher alguma!

– Houve, sim. O nome dela era Laura. Eu conversei com Laura, que me contou tudo. Ela não gosta de você, diz que você lhe causa calafrios.

Kimmel ficou rígido de vergonha, revendo a cena à medida que Corby continuava a falar. A tarde furtiva no apartamento de Laura enquanto o marido dela estava no trabalho... Ele sempre dizia a si mesmo que fora a clandestinidade da situação que havia causado tudo naquele dia, mas, independentemente do que causara aquilo, jamais tivera coragem de tentar mais uma vez depois de... de ver Laura subindo a escada da casa dele no dia seguinte para contar a Helen. Kimmel não a vira subindo a escada, mas imaginara vividamente a situação, porque Laura mancava de um pé e tinha que se agarrar ao corrimão para subir. Podia imaginar as duas mulheres rindo dele, depois tapando a boca com as mãos, como crianças idiotas, envergonhadas pelo que tinham dito. Na mesma noite, Helen lhe contara a visita de Laura, e a esposa ainda ria ao relatar, olhando para ele. Helen, com seu riso insano, havia assassinado a si mesma naquela noite!

– Depois você achou que todo mundo ficaria sabendo – disse Corby –, então se mudou para Newark. A última gota foi o que aconteceu aqui em Newark... O corretor de seguros, Ed Kinnaird.

Kimmel estremeceu.

– Quem lhe contou isso?

– Isso é segredo – disse Corby. – Pena que você não matou Kinnaird em vez de Helen, Kimmel. Talvez você tivesse escapado. Aquele cafajeste! E Helen o havia encontrado na calçada, como uma prostituta. Com 39 anos de idade, uma mulher flácida tentando uma última aventura. Isso lhe pareceu repugnante. Ela se orgulhava dele, gabando-se com as vizinhas de tudo que ele sabia fazer. Você não pôde suportar, não enquanto mantinha uma correspondência culta com professores universitários de todo o país. Naquela época, você já tinha conquistado a reputação de livreiro que entende do negócio.

– Quem lhe falou sobre Kinnaird? – Kimmel perguntou. – Foi o Nathan?

– Não costumo revelar minhas fontes – Corby falou sorrindo.

Nathan tinha ido à casa deles na noite anterior, lembrou-se Kimmel, na noite em que Helen e Kinnaird haviam entrado, mas o livreiro não acreditava que Nathan fosse capaz de contar, pelo menos não o que acontecera naquela noite. Lena poderia ter falado sobre Kinnaird, ou Greta Kane, ou qualquer outra pessoa de baixo nível da vizinhança com as quais Helen mantinha relações. Mas o que mais incomodava Kimmel era o fato de que ninguém viera lhe contar que Corby andava investigando no bairro.

– Não foi o Nathan – disse Corby, balançando a cabeça –, mas ele me falou sobre a noite em que ele e você estavam jogando cartas e Helen entrou com Ed Kinnaird, para trocar de roupa antes de sair para dançar em algum lugar qualquer. Kinnaird entrou sem a menor cerimônia. Nathan sabia o que estava acontecendo. Era como se você não passasse de um gordo eunuco sentado ali.

Kimmel cambaleou para a frente, tentando alcançar Corby com os braços. O estômago do livreiro se contorceu, seus pés se soltaram do chão e algo se espatifou entre suas omoplatas. Por um instante, o rosto dele ficou comprimido contra sua barriga, os pés apoiados na parede. *Todos os ossos do meu corpo estão quebrados,* pensou Kimmel. Nem tentou se mexer, embora a dor na coluna fosse insuportável.

– Você mandou que ela saísse de casa, bem na frente de Nathan. Não era a primeira vez, mas dessa vez era para valer. Ed saiu, mas ela ficou, contando tudo aos berros para Lena, pelo telefone.

Kimmel sentiu um chute nas pernas. Seus pés, que estavam apoiados na parede, bateram no chão e começaram a doer. Logo o Nathan, que não era de falatórios, pensou Kimmel. Então era por isso que ele não vinha visitá-lo há tanto tempo. Kimmel ficara sabendo, pela polícia de Newark, que Nathan, ao ser interrogado, nem ao menos dissera "*Talvez ele tenha feito isso*". Mas talvez a polícia de Newark não tivesse ficado sabendo do caso. Nathan o havia traído, Nathan, seu professor de História no ensino médio e que Kimmel considerava um cavalheiro e homem culto. Uma profunda decepção com Nathan, semelhante a um inferno íntimo e pessoal, tomou conta da mente do livreiro, inferno que se igualava ao que tomara conta da

sala. Perdeu os óculos mais uma vez.

– Lena aconselhou Helen a ir passar um tempo na casa da irmã, em Albany. Um palpite azarado. Para falar a verdade, Kimmel, com tanta gente sabendo das desavenças de vocês, você até que tem se saído bem até agora, não acha?

Kimmel já não conseguia falar. Parecia um fardo jogado no chão. A mancha escura perto dos seus olhos era um sapato, ele pensou. Estendeu a mão para pegá-lo e sua mão tocou uma coisa fria, mas ele não teve como saber se era o chão ou a parede.

– Você não matou Helen porque ela estava tendo um caso com Kinnaird, mas sim porque era idiota. Kinnaird foi apenas a gota d'água. Então, naquela noite, você seguiu o ônibus em que ia sua mulher e a matou. Confesse, Kimmel!

Kimmel sentia a língua mole dentro da boca. De certo modo, havia também fechado os ouvidos à voz de Corby. Encolhia-se no chão como um cachorro, dolorosamente consciente de que parecia um cachorro, mas assim mesmo suportando tudo, porque sabia que não havia alternativa. Não havia alternativa à voz áspera e estridente de Corby, às mãos do tenente que o puxavam pelos ombros com sua força aterrorizante e o encostavam à parede, batiam sua cabeça contra a parede. Kimmel não via nada. Estava tudo ainda mais turvo do que antes.

– Olhe para você! Porco! Admita que Stackhouse é culpado! Admita que sabe que está aqui por causa de Stackhouse e que ele é tão culpado quanto você.

Kimmel sentiu seu primeiro impulso de ressentimento contra Stackhouse, mas não deixaria Corby perceber isso por nada neste mundo, porque era o que ele queria que fizesse.

– Meus óculos – disse Kimmel com voz aguda, que não parecia ser dele. Sentiu que os óculos eram enfiados em sua mão e que a peça que ligava os dois aros se partia. A metade de uma das lentes se fora. Colocou os óculos, que ficaram caídos para um lado, abaixo do nível dos olhos. Teve que segurá-los para poder ver alguma coisa.

– Por hoje chega – disse Corby.

Kimmel não se mexeu, e Corby repetiu o que havia dito. O livreiro

não sabia para que lado ficava a porta e teve medo de olhar, medo até de virar a cabeça. Então, sentiu Corby puxá-lo por um braço e dar-lhe um empurrão nas costas. Kimmel quase tropeçou nos próprios pés grandes. Atrás dele, alguém jogou alguma coisa que quicou no chão. Era seu sapato, que Corby havia jogado. Kimmel começou a calçá-lo, mas para isso teve que se sentar no chão gelado. Conseguiu subir até o piso térreo do prédio. O tenente havia desaparecido. Kimmel estava sozinho. Havia um policial lendo o jornal sentado a uma mesa e que nem olhou para ele quando passou. Kimmel teve a estranha sensação de que talvez estivesse morto e invisível.

Desceu os degraus que levavam à rua e agarrou-se ao corrimão, pensando em Laura fazendo o mesmo. Firmou-se no final do corrimão, tentando lembrar onde estava. Começou a caminhar, depois se virou e seguiu na direção oposta, ainda segurando os óculos para poder enxergar. Já havia amanhecido, embora o sol ainda não tivesse se levantado. Quando sentiu o vento frio bater nele, percebeu que havia molhado a calça. Seus dentes começaram a bater, e ele não sabia se era de frio ou de medo.

Assim que chegou em casa, Kimmel ligou para a casa de Tony. O pai dele atendeu, e Kimmel teve que conversar um tempão com ele antes que ele largasse o fone e fosse chamar o filho. A voz do pai de Tony parecia normal, pensou Kimmel.

– Alô, sr. Kimmel – disse Tony.

– Oi, Tony. Será que você pode fazer o favor de vir à minha casa? Agora?

Do outro lado fez-se um silêncio espantado.

– Certamente, sr. Kimmel. Na sua *casa*?

– Sim.

– Certamente, sr. Kimmel. Ah, ainda não tomei meu café.

– Tome seu café. – Kimmel desligou o telefone e foi, com toda a dignidade que lhe era possível, com a calça molhada, para seu quarto, no andar superior. Tirou a calça e pendurou-a para secar antes de levá-la para a lavanderia.

No banheiro, lavou cuidadosamente os sapatos, colocou as meias de molho na pia e preparou um banho quente. Banhou-se lentamente,

do mesmo modo que sempre fazia. No entanto, sentia-se observado, e mal se olhou no espelho quando saiu da banheira, e mesmo assim lançou um olhar furtivo e desaprovador. No quarto, pegou uma camisa branca limpa da gaveta, vestiu-a e enfiou por cima o roupão. Distraidamente e com prazer, seus dedos acariciaram o colarinho branco engomado. Amava camisas brancas mais do que quase todos os outros objetos tangíveis.

"Que provas Tony poderia fornecer a eles?", perguntou-se subitamente. E se Tony se voltasse contra ele? Isso não provaria nada.

A campainha da porta soou quando ele estava descendo a escada para ligar a cafeteira. Abriu a porta para Tony entrar. Este entrou sorrateiramente, um tanto relutante. Kimmel percebeu a apreensão nos olhos dele. Como um cachorrinho com medo de apanhar, pensou Kimmel.

– Pisei neles – disse Kimmel já esperando que Tony perguntasse alguma coisa a respeito dos óculos. – Vamos para a cozinha?

Foram para a cozinha. Kimmel apontou uma cadeira de encosto reto para Tony e começou a fazer o café, o que era difícil, porque tinha que ficar segurando os óculos.

– Soube que você andou conversando com Corby outra vez – disse Kimmel. – Diga o que foi que você contou para ele.

– As mesmas coisas de sempre.

– E o que mais? – Kimmel perguntou, olhando para ele.

Tony estalou os dedos.

– Ele me perguntou se eu tinha visto o senhor depois que o filme acabou. Eu disse que não... no começo. Eu realmente não vi o senhor, o senhor sabe disso, não é?

– E daí se você não me viu? Você não estava me procurando, estava, Tony?

Tony hesitou.

Kimmel ficou esperando. Uma testemunha idiota! Por que ele tinha escolhido uma testemunha idiota? Se tivesse continuado procurando aquela noite, olhado todo o cinema, talvez tivesse até encontrado Nathan.

– Você não se lembra? Você nunca me disse que estava me

procurando, e nós conversamos no dia seguinte. – Kimmel sentiu repulsa aos pelos pretos brilhantes que cresciam acima do nariz de Tony, ligando-se às suas sobrancelhas. A aparência dele era pouco melhor do que a de um delinquente juvenil, pensou Kimmel.

– Sim, eu me lembro – disse Tony. – Mas podia ter esquecido.

– E quem lhe contou *isso*? Foi Corby?

– Não. Bem, ele disse, sim. – A fisionomia de Tony ficou séria, mas não mais inteligente do que sua expressão habitual.

– Ele lhe disse que talvez você tivesse se esquecido. Disse-lhe que eu poderia, às nove e meia ou dez horas, estar a milhas de distância matando a Helen, não foi? Quem *ele* pensa que é para ditar o que você deve pensar? – Kimmel rugiu de indignação.

Tony fez cara de assustado.

– Ele só disse que isso era possível, sr. Kimmel.

– Possível o diabo! Tudo é possível, não é?

– Sim – Tony concordou.

Kimmel percebeu que Tony estava olhando para a marca rosada em seu maxilar direito, onde Corby o havia golpeado.

– Quem é esse homem para vir aqui criar problemas para você, para mim e para toda a vizinhança?

Tony escorregou para a borda da cadeira. Parecia que estava mesmo tentando lembrar quem era Corby.

– Ele falou com o médico também. Ele disse...

– Qual médico?

– O médico da sra. Kimmel.

Kimmel perdeu o fôlego. Sabia quem era: o dr. Phelan. Deveria ter imaginado que Helen conversaria com o dr. Phelan, que a havia curado de dores de artrite nas costas. Helen o considerava milagroso. Kimmel pensou até que se lembrava de quando Helen estava indo às consultas com ele, mais ou menos um mês antes de morrer, numa época em que ela debatia consigo mesma se devia desistir de Ed Kinnaird ou desafiar o marido e aproveitar essa última aventura. Claro que o dr. Phelan lhe diria para fazer o que queria, mas Helen certamente havia contado os esforços do marido para impedi-la.

– O que disse o doutor? – Kimmel perguntou.

– Corby não me contou – disse Tony.

Kimmel olhou para Tony franzindo a testa. Medo e dúvida era o que via agora na fisionomia do rapaz. E quando uma mente primitiva como a de Tony começava a duvidar... Tony *não* podia duvidar, pensou Kimmel. Para duvidar era preciso ser capaz de pensar em duas possibilidades ao mesmo tempo.

– Corby disse... O doutor contou a ele sobre Ed Kinnaird. Alguma coisa desse tipo. Um sujeito...

Todo mundo sabia, pensou Kimmel. Corby havia circulado como um jornal.

Tony levantou-se escorregando para a frente da cadeira. Parecia estar com medo de Kimmel.

– Sr. Kimmel, acho que... acho que eu não devo mais visitar tanto o senhor. O senhor entende, sr. Kimmel – ele continuou, agora falando mais rápido –, eu não quero arranjar mais encrenca. O senhor entende, não entende? Não me leve a mal, sr. Kimmel. – Tony hesitou, como se pretendesse estender a mão, mas estava com medo demais para fazer isso. Deu alguns passos de lado, na direção da porta. – Por mim tudo o que o senhor disser está bem. Isto é, tudo o que o senhor fizer.

Kimmel, quase em transe de perplexidade, voltou a si.

– Tony... – andou em direção a Tony, mas parou ao vê-lo recuar. – Tony, você faz parte dessa história pelo fato de ser uma testemunha. Você me viu no cinema. Essa foi a única coisa que lhe pedi para dizer, não foi?

– Sim – disse Tony.

– Isso também é verdade, não é?

– Sim. Mas não fique zangado, sr. Kimmel, se eu não tomar mais tantas cervejas com o senhor. Estou com medo. – Balançou a cabeça. Parecia mesmo assustado. – Estou com medo, sr. Kimmel. – Então virou-se, seguiu pelo corredor e saiu pela porta da frente.

Kimmel ficou imóvel por um minuto, sentindo-se fraco, fisicamente fraco, e um pouco tonto. Começou a andar para todos os lados da cozinha. Uma concentração de palavrões chacoalhava em sua cabeça, palavrões leves e pesados, em polonês e em alemão, mas a maioria

em inglês, palavrões dirigidos a ninguém e a nada, depois a Corby, e então a Stackhouse, dr. Phelan e Tony, mas poupou Tony um pouco. Caminhou pesadamente pela cozinha com o queixo enfiado nas gordas dobras de carne que continuavam até seu peito.

– Stackhouse! – Kimmel gritou. O grito ecoou como pedaços de vidro despencando em volta dele.

30

– Quero cinquenta mil – disse Kimmel. – Nem mais nem menos.

Walter estendeu a mão até os cigarros em cima da mesa.

– Você pode pagar em prestações, se quiser, mas quero receber tudo em um ano.

– Acha que eu pensaria numa coisa dessas? Para início de conversa, acha que eu sou culpado? Eu sou inocente.

– Mas pode-se dar um jeito de fazê-lo parecer muito culpado. Eu posso torná-lo culpado – Kimmel respondeu tranquilamente. – O mais importante não é a prova. É a dúvida.

Walter sabia disso. Sabia que Kimmel podia fazer com que sua primeira visita à loja parecesse comprometedora, e podia provar com a fatura que a visita existira. Ele sabia por que Kimmel estava ali e por que seus óculos estavam quebrados e amarrados com barbante, e compreendeu que ele finalmente se deixara vencer pelo desespero e pelo desejo de vingança. Entretanto, choque e surpresa foram as emoções mais fortes que sentiu Walter ao ver Kimmel ali e ao se ver ameaçado por ele.

– Mesmo assim – disse Walter –, prefiro correr o risco do que ceder a uma chantagem.

– Muito imprudente da sua parte.

– Você está tentando me vender algo que não quero comprar.

– O direito de viver?

– Duvido que você possa me causar tamanho dano. Que provas você tem? Não tem testemunha.

– Eu lhe disse que não estou interessado em provas. Ainda tenho a fatura da encomenda, com a data, que você deixou na minha loja. A data pode ser confirmada pelas pessoas a quem escrevi procurando o

livro. Posso inventar uma história fatal para os jornais a respeito daquele dia em que você foi à minha loja pela primeira vez. – Os olhos de Kimmel demonstravam expectativa por trás dos óculos, os quais os faziam parecer menores.

Walter examinou esses olhos em busca de coragem, determinação, confiança. As três estavam presentes.

– Não compro – ele disse, dando uma volta na mesa. – Pode dizer a Corby o que quiser.

– Você está cometendo um grande erro – retrucou Kimmel, sem se mexer. – Quer que eu lhe dê mais 48 horas para pensar?

– Não.

– Porque em 48 horas eu posso começar a lhe mostrar o que *eu* sou capaz de fazer.

– Eu sei o que você é capaz de fazer. Sei o que você vai fazer.

– Esta é sua última palavra?

– Sim.

Kimmel se levantou. Walter sentiu que o livreiro era como uma torre acima dele, embora fosse apenas uns cinco centímetros mais alto.

– Hoje de manhã protegi você – disse Kimmel, mudando de tom. – Fui espancado, torturado para dizer se havia visto você antes da morte de sua mulher. Mas não o traí. – A voz de Kimmel tremeu. Estava convencido de que havia passado pelo fogo do inferno, e tudo para ajudar Stackhouse. Estava convencido de que Stackhouse lhe devia alguma coisa. Sentira-se envergonhado por pedir dinheiro, e só pedira porque achava que merecia. Havia se humilhado mais uma vez ao vir a esse lugar nessa manhã, e tudo para receber uma recusa desse trapalhão idiota e ingrato!

– Essa proteção não foi inteiramente altruísta, foi? – Walter perguntou. – Sinto muito que tenha sido espancado, mas não precisa me proteger. Não tenho medo da verdade.

– Ah, você não tem medo da verdade! Eu poderia ter contado tudo hoje de manhã. Poderia ter contado mais do que a verdade!

Walter sentiu o cheiro horrível da livraria em Kimmel, ou em suas roupas, emanando delas. Isso lhe dava a sensação de estar trancado e

preso em uma armadilha, com o agravante do teto à prova de som que abafava a voz exaltada de Kimmel.

– Tenho perfeita noção disso, mas fique sabendo que o que vai acontecer é que eu mesmo vou contar a verdade a Corby. Você pode embelezá-la, se quiser. Vou correr o risco, mas não lhe pagarei um centavo por coisa alguma.

– Você é realmente um homem de coragem, Stackhouse, mas no fundo não passa de um completo idiota e covarde.

Walter começou a abrir a porta para que Kimmel saísse, mas parou com a mão na maçaneta. Não queria que Joan os ouvisse.

– Já terminou, sr. Schaeffer?

Kimmel fez uma careta. Sua cara larga e lisa parecia a de um bebê fazendo careta.

– Você preferiria que eu tivesse dado meu nome verdadeiro?

Walter escancarou a porta.

– Saia!

Kimmel passou lentamente, de cabeça erguida. Depois se voltou.

– De todo modo, telefonarei dentro de 48 horas.

– Será tarde demais.

Walter fechou a porta, caminhou até a janela e olhou para o céu vazio além da borda de outro edifício. A ideia de falar com Corby antes que Kimmel o fizesse começava a se dissipar. Quanto mais ele falava, mais revelava detalhes da verdade – depois de tanto tempo –, e isso piorava sua situação. Walter tinha Corby diante dos olhos, triunfante ao ouvi-lo confessar a primeira visita. O tenente relutaria em acreditar que ele tinha ido lá por acaso ou pelo motivo pelo qual havia realmente ido, apenas para ver Kimmel. Por que ele quis ver Kimmel?, Corby pensaria. Claro que devia haver algum motivo. Nenhuma ação era totalmente desprovida de motivo ou de explicação.

Walter imaginou-se entrando furtivamente na livraria, remexendo a escrivaninha até encontrar a fatura. Kimmel certamente não a deixara ali. Provavelmente estava escondida. Ou Kimmel a levava consigo agora. Olhou para o telefone e indagou a si mesmo onde poderia encontrar Corby a essa hora da manhã. Ou seria melhor esperar 48 horas até que Kimmel tornasse a ligar? Alguma coisa podia

acontecer até lá. Mas o quê? Independentemente do que acontecesse, ele, Walter, só fazia afundar cada vez mais. Era isso que acontecia. Ele fechou os polegares entre os dedos. Num impulso de medo, estendeu a mão para o telefone, depois chegou à conclusão de que não teria coragem de contar a Jon. Havia jantado com ele dois dias atrás. Jon havia agido de maneira natural e, aparentemente, acreditara que o recorte sobre Kimmel era pura coincidência. Corby havia contado a ele a história do recorte. Jon sabia que Walter tinha o hábito de recortar artigos dos jornais. Portanto, pelo que percebera, Jon não havia dado importância ao recorte, mas, se soubesse que ele tinha ido à loja de Kimmel... Seria a gota d'água, e o restante se definiria.

Walter saiu calmamente do escritório e desceu pelo elevador. Foi até um hotel do lado oposto da rua e telefonou para o Departamento de Polícia da Filadélfia, Divisão de Homicídios, e pediu para falar com o tenente Lawrence Corby. A ligação foi transferida para outra linha e teve que aguardar. Por alguns momentos, pensou em desligar, pois lhe ocorreu que Corby poderia não acreditar em nada que Kimmel lhe dissesse sobre a visita ou sobre a encomenda. A fatura da encomenda tinha sido escrita a lápis, lembrou-se Walter, e Kimmel poderia ter escrito o nome dele, Walter, em uma fatura destinada a outra pessoa. O livreiro provavelmente não escrevera o nome dele nas cartas que enviara a outras livrarias perguntando pelo livro. Era o tipo de coisa que Kimmel faria, para se vingar dele, e Corby saberia disso. Mas Walter sabia que Corby, acreditando ou não, preferiria se aproveitar disso e desafiá-lo a provar que não era verdade. Aquilo em que cada um acreditava não teria a menor influência sobre o tenente. Walter segurou com força o telefone.

– O tenente Corby está hoje em Newark. Não deve voltar antes de 48 horas. Quem está falando é o chefe de Corby, capitão Dan Royer.

– Muito obrigado – disse Walter.

– Posso saber quem está falando?

– Isso não tem importância – disse Walter.

E seguiu para Newark às 17h30.

31

As duas primeiras delegacias para as quais Walter telefonou nunca tinham ouvido falar de Corby. Ficou na dúvida se ele estaria trabalhando por iniciativa própria em Newark. Tentou uma terceira e obteve uma resposta. Corby tinha estado ali pela manhã. Não sabiam a que horas voltaria.

Walter voltou para o carro, desencorajado. Decidiu passar no lugar para o qual havia telefonado por último e deixar um envelope fechado, contendo um recado para que ele lhe telefonasse. A caminho da delegacia, reconheceu a rua na qual havia estacionado o carro quando fora ver Kimmel para lhe dizer que era inocente. Virou a esquina e entrou na rua da livraria. Assim que avistou a vitrine saliente, suas luzes se apagaram. Walter diminuiu a velocidade. O vulto enorme do livreiro saiu pela porta recuando, parou um momento para trancar a porta, depois se virou, a três metros do carro de Walter. Walter o viu dar uns doze passos pela calçada – curvado, cabeça baixa, como se tivesse que empurrar seu corpo volumoso para poder seguir adiante – e, então, o carro de Walter o ultrapassou. Pisou no acelerador como se Kimmel o estivesse perseguindo. *Meu Deus*, pensou Walter, *meu Deus*! Continuou repetindo essas palavras em sua mente por muitas vezes.

Parecia coisa de loucos. Kimmel – espancado pela manhã, fechando a loja de noite, tendo o inferno dentro da cabeça, um plano para se vingar dele. E o que ele tinha a ver com um estranho numa rua escura de Newark?

Um policial da delegacia havia dito que esperava ver Corby de volta entre nove e meia e meia-noite.

– Ele está trabalhando num caso aqui perto – o homem disse

displicentemente. – Ele entra e sai.

Walter esperou no carro. Depois dirigiu a esmo por algum tempo, para aliviar a tensão, então voltou, tornou a perguntar e aguardou. Será que, pensou ele, conseguiria que Corby não divulgasse aos jornais a notícia de sua primeira visita a Kimmel e impedisse que o próprio Kimmel o fizesse? Chegou a se indagar se o tenente iria pensar, ou fingir pensar, que ele era culpado depois de ouvir a versão de Kimmel da visita, e se seria possível persuadir Corby a esperar até que todas as provas fossem reunidas. Mas o policial poderia dizer que essas provas lhe bastavam. *Mas eu não fiz nada,* Walter pensou. Antes, o fato de ele não ter feito nada parecia animá-lo. Agora a animação parecia oca e irreal.

Ao olhar para a frente, Walter viu na calçada o vulto comprido e desengonçado emergindo da escuridão, e saiu do carro.

O rosto estreito de Corby iluminou-se sob a aba elegante do chapéu.

– Boa noite, sr. Stackhouse.

– Vim falar com você – disse Walter.

– Não quer entrar? – Corby apontou para o prédio lúgubre com tanto prazer quanto se fosse sua casa.

– Trata-se de algo muito particular. Prefiro ficar no carro.

– É proibido estacionar aqui. No entanto, é um delito tão pequeno. – Corby deu um sorriso juvenil e entrou no carro.

Walter começou assim que fecharam as portas.

– Kimmel veio me procurar hoje para fazer uma chantagem. E eu vou lhe contar tudo, antes que ele o faça. Eu me encontrei com Kimmel em outubro, cerca de duas semanas antes da morte da minha mulher.

– O senhor se *encontrou* com ele?

– Fui à loja dele e encomendei um livro. Eu sabia que ele era Kimmel, o homem cuja mulher havia sido assassinada. Eu disse isso a ele, que eu sabia do fato. Mas isso é tudo que foi dito. Deixei meu nome e endereço quando encomendei o livro.

– Seu nome e endereço! – Corby sentou-se ereto, sorrindo. – Mesmo?

– Não havia razões para eu não fazer isso – disse Walter. – E ainda não há. Eu *não matei* minha mulher!

Corby sacudiu a cabeça, como se isso fosse a coisa mais difícil em que se acreditar.

– O senhor admite, sr. Stackhouse, que pelo menos pensava em matá-la?

– Sim.

– E não matou?

– Não.

– E também descobriu como Kimmel matou a dele?

– Como Kimmel *talvez* tenha matado a dele.

Corby riu e estendeu as mãos.

– O que é isso? Vocês dois, um defendendo o outro?

Walter franziu a testa.

– Se você tem tantas provas contra Kimmel, por que não o prende?

– Vamos chegar lá. Estou apenas reunindo mais alguns fatos fornecidos pelos vizinhos – respondeu, tirando o bloco de notas do bolso. – Motivação.

– Pode-se condenar um homem por ter motivos? Ou por evidências circunstanciais? Não é preciso ser advogado para saber que você não tem provas suficientes para nos indiciar, Corby. Se tivesse tudo de que precisa, nós já estaríamos na cadeia!

Corby escrevia em seu bloco. Olhou em volta e acendeu a luz do carro, para poder enxegar melhor.

– Kimmel vai acabar confessando. Ele tem uma estrutura psíquica peculiar – disse o tenente como um aluno pedante –, cheia de pontos fracos. Só tenho que achar o mais frágil deles.

– Em mim não vai encontrar nenhum.

Corby simplesmente ignorou-o.

– Se importa de me fornecer a data de sua visita a Kimmel? Houve mais do que uma?

– Não. Se bem me lembro, foi em torno de sete de outubro. – Walter se lembrava da data com exatidão porque nesse dia foi pela primeira vez ao apartamento de Ellie, em Lennert.

– E quanto tempo você ficou lá?

– Mais ou menos dez minutos.

– Pode me contar tudo o que disse? Tudo o que vocês dois disseram?

Walter contou, e Corby tomou nota. Foi tudo muito breve porque haviam trocado poucas palavras.

– Kimmel provavelmente vai lhe dizer que eu conversei com ele sobre assassinar minha mulher – disse Walter –, ou vai dizer que fiz tantas perguntas que era óbvio o que eu queria saber.

– O que o senhor queria saber?

– Eu estava me referindo ao que Kimmel *vai* dizer que eu queria saber. Para ser franco, a verdade é que eu queria ver Kimmel. Apenas vê-lo. Eu achava que Kimmel talvez tivesse matado a mulher. Isso me fascinava. Eu queria conhecê-lo para ver se ele tinha cara de quem tinha feito uma coisa dessas.

– Isso fascinava o senhor. – Corby olhou para ele com algum interesse, com um ar de estudante inteligente, como se comparasse Walter com algum protótipo de criminoso, descrito nos livros, que conhecia tão bem.

Walter lamentou ter usado essa palavra.

– Isso me interessava, confesso.

– Por que não confessou isso antes?

– Por causa... por causa da posição em que me encontrava – disse Walter desesperadamente. – Estou lhe confessando, neste momento, que Kimmel tem uma fatura com meu nome e uma data que prova minha visita. Estou prevenindo você antecipadamente que Kimmel vai tentar fazê-lo acreditar sabe-se lá no quê a respeito dessa visita.

A expressão de Corby, ostentando um meio sorriso, não mudou.

– Sr. Stackhouse, não acredito nem um pouco na *sua* história.

– Tudo bem, ouça o que Kimmel tem a dizer.

– Farei isso. Stackhouse, acho que você não conversou com Kimmel sobre assassinatos, mas acho que matou sua mulher, que é tão culpado quanto ele.

– Então você não está sendo lógico! Está tão decidido a provar que sou culpado que não consegue mais olhar para os fatos nem julgar coisa alguma.

– Eu estou olhando para os fatos, e eles são muito comprometedores do ponto de vista de qualquer pessoa. Quanto mais fatos você me oferece, Stackhouse... – Corby não terminou a frase e sorriu. – Talvez na próxima semana tenhamos o que ainda está faltando. É só isso por esta noite?

Walter cerrou os dentes. Sentiu que havia esgotado todos os argumentos de defesa que tinha, cada fato, e que não havia mais nada que pudesse dizer. Sentia-se arrastado para o esgoto.

– Kimmel não é burro. Mas você, Stackhouse, é. – Corby saiu do carro e bateu a porta.

Walter ouviu os passos rápidos do tenente subindo uma das escadas que levavam à porta do prédio da polícia. Como tinha sido ridículo ao pensar que Corby acreditaria nele! Que absurdo pensar que poderia pedir a Corby para não avisar aos jornais o que tinha acabado de lhe contar. Percebeu que o tenente precisava de algo explosivo para levar adiante o caso Kimmel-Stackhouse. Isso era muito mais espetacular do que simplesmente encontrar o recorte.

Sentado ali, Walter foi tomado por um sentimento estranho. Levou algum tempo para entender que sentimento era. Então entendeu: estava entregando os pontos. Não se importava mais. Diria isso a Ellie. Diria a Jon, a todo mundo. Perderia todos eles. Desceria sozinho pelo ralo.

Walter deu a partida no carro. Ellie seria a primeira, pensou. Já passava das nove horas. Ficou na dúvida se deveria telefonar-lhe de Newark para saber se estaria em casa e subitamente se lembrou de que esta era a noite de *João e Maria*. Véspera do Dia de Ação de Graças. Nesse momento, Ellie estaria tocando no auditório da Escola Harridge, e ele deveria estar lá. Estava com sua entrada no bolso. Walter parou o carro, praguejando, sentindo-se completamente aturdido. A história seria conhecida na sexta-feira à noite se Kimmel conseguisse que fosse publicada nos jornais. Não teria como falar com o pessoal do escritório até segunda-feira. E, quando chegasse segunda-feira, Dick Jensen estaria à espera para dizer: “Não vai dar, Walter. Eu estou fora”. Estavam planejando mudar-se para o escritório novo em primeiro de dezembro. Cross lhe diria que ele não tinha mais nada

a ver com o escritório e que seria melhor ele sair. Walter se perguntou se teria coragem de ir até o escritório na segunda-feira.

Suas mãos suavam ao volante. Dirigiu em direção ao túnel. Ficou imaginando que desculpa daria a Ellie por não ter ido ao espetáculo. Bem, essa, pelo menos. Ao menos uma vez, a verdade.

32

Às onze da noite, Ellie não estava em casa, embora Walter soubesse que o espetáculo terminaria às dez. Dirigiu até Lennert e ficou sentado no carro diante da casa dela, do outro lado da rua, esperando. Sentia-se terrivelmente sonolento e foi preciso fazer um esforço para não adormecer.

O carro de Ellie dobrou a esquina e entrou na rua quando faltavam mais ou menos quinze minutos para a meia-noite. Walter caminhou até a vaga na qual ela geralmente deixava seu Boadicea.

– O que aconteceu com você? – Ellie perguntou.

– Lá em cima eu explico. Podemos entrar?

– Mais problemas com Corby?

Ele concordou com a cabeça.

Ela o fitou com um olhar exasperado, apenas isso, depois destrancou a porta do prédio e subiram. Walter levava uma caixa da Mark Cross com a bolsa de crocodilo em que ele mandara gravar as iniciais dela e havia apanhado de manhã, antes de ir para ao escritório. Entregou a caixa a Ellie quando entraram no apartamento.

– Meu presente do Dia de Ação de Graças – ele disse. – Sinto muito não ter estado lá esta noite, Ellie. Correu tudo bem?

– Tudo bem. Estive agora mesmo com Virginia e com a sra. Pierson. Elas gostaram mais do que do espetáculo do ano passado. – Olhou para ele, sorriu um pouco, depois começou a abrir a caixa.

A bolsa estava em uma caixa grande, quadrada, embrulhada em papel de seda. Ellie fez um “oh” de surpresa quando viu o que continha: couro lustroso de crocodilo, com um fecho dourado e uma alça.

– É grande o bastante? – ele perguntou.

Ellie riu.

– Parece até uma mala.

– Encomendei a maior de todas. Se não, você já a teria recebido algumas semanas atrás.

– Conte-me a respeito de Corby.

– Tive que ir a Newark – Walter disse, mas logo parou. Estava começando a sentir que não conseguiria contar a ela. – Na verdade não aconteceu nada. Eu... Eu me encontrei com Kimmel.

– Kimmel! Que cara ele tem?

A fisionomia de Ellie demonstrava apenas curiosidade, pensou Walter.

– É um sujeito grandalhão, de uns quarenta anos de idade, inteligente, frio...

– Você acha que ele é culpado?

– Isso eu não sei.

– Bem, e o que aconteceu? Você foi a uma delegacia?

– Fui. Kimmel não está preso. Ele pode não ser culpado. Corby está suspeitando, sabe como é. Está doido por uma promoção à custa de qualquer um.

– Mas o que *aconteceu*?

Walter olhou para ela.

– Ele queria saber se havia algum tipo de ligação entre mim e Kimmel além do recorte que eu guardei. É claro que não – disse num tom de convicção desesperada que chegou a enganar a ele próprio. Talvez esta seja a última vez em que você fala com ela, ele pensou, a última vez em que estará nesta sala, depois que ela descobrir que você mentiu. Se não fossem os jornais de sexta-feira, o próprio Corby sairia contando para todo mundo que ele conhecia Kimmel. – Ele não nos atormentou com interrogatórios, simplesmente fez algumas perguntas.

– Você parece exausto.

Ele se sentou no sofá.

– Estou mesmo.

– E o que mais? – ela perguntou, dobrando o papel de embrulho que viera com a caixa.

Walter teve certeza de que ela guardaria o papel para alguma coisa. Clara também guardaria, pensou.

– Foi só isso – ele disse. – Eu tinha que ir. Só fiquei chateado de perder o espetáculo desta noite.

Ela olhou para ele por um momento, e Walter se perguntou se ela acreditara que tinha sido só isso, embora a fisionomia dela não demonstrasse qualquer dúvida.

– Você comeu alguma coisa? – ela perguntou.

Walter não se lembrava. Não respondeu, apenas olhou para ela. Um nó ia se formando na garganta, como pânico, como terror. Ele não sabia o que era. De repente, desejou que fosse casado com Ellie, que eles tivessem se casado logo depois da morte de Clara, e, no momento seguinte, se envergonhou de desejar isso.

– Vou preparar ovos mexidos para você. Não há nada em casa, a não ser ovos. – Ela foi para a cozinha. – Por que você não cochila um pouco? Dentro de uns quinze minutos comeremos e tomaremos café.

Walter continuou sentado no sofá, com a postura ereta. O modo como ela aceitava as coisas parecia-lhe irreal. Até mesmo o fato de ele não ter ido ao espetáculo nessa noite. A atmosfera se tornou ainda mais irreal por achar que ela poderia estar fingindo, antes de tirá-lo da vida dela de um só golpe.

– Sabia que você está emagrecendo muito? – Ellie perguntou da cozinha. – Não dá para você se lembrar de comer de vez em quando?

Ele não respondeu. Recostou a cabeça e fechou os olhos, mas o sono lhe fugira. Após alguns minutos, levantou-se para ajudá-la a colocar os pratos na mesinha de centro. Comeram ovos mexidos com torrada e geleia.

– Vamos passar um dia agradável amanhã – disse Ellie. – Não vamos fazer nada para estragá-lo.

– Não. – O jantar de Ação de Graças deles seria em um restaurante perto de Montauk, depois passeariam um pouco de carro, talvez dessem uma caminhada pela praia, como Ellie gostava.

Depois de comer, Walter sentiu-se cansado demais até para fumar um cigarro. Seus braços e pernas pesavam, como se ele estivesse drogado. Mas podia sentir os dedos de Ellie apertando sua mão,

sentada no sofá, ao seu lado.

– Posso ficar aqui com você esta noite?

– Sim – ela respondeu tranquilamente, como se ele já lhe tivesse pedido muitas vezes antes.

Ficaram muito tempo sentados ali até se levantarem para tirar os pratos e abrirem o sofá que se transformava em cama de casal.

Covarde, Walter disse a si próprio. Walter Stackhouse, um covarde e um canalha.

Walter contentou-se em ficar deitado nos braços dela, e ela o abraçava como se não esperasse que ele fizesse amor com ela. Mas pouco antes de amanhecer, depois de ter dormido um pouco, ele fez. Dessa vez, pareceu-lhe melhor, muito melhor do que a primeira, e mais intenso também, porque Walter temia que fosse a última vez, e a intensidade de Ellie o fez pensar que ela também sabia. Walter viu em imaginação uma linda janelinha quadrada, fora do seu alcance, através da qual se via o céu de um tom azul-claro e uma impressão de relva verde logo abaixo.

33

Dick e Pete se levantaram de um salto para ajudá-lo, mas não havia nada que pudessem fazer a não ser ficar de pé ali enquanto ele se curvava sobre a pia, com ânsias de vômito. Não havia nada em seu estômago, apenas o café que tomara pela manhã, mas a ânsia durou cerca de dez minutos. Era tão forte que ele não podia dizer a Dick nem a Pete que voltassem para Cross e não se preocupassem com ele. Ali, curvado, com a porcelana verde da pia diante dos olhos, escutando zumbidos sinfônicos que soavam em seus ouvidos, Walter disse a si mesmo que estava farto do trabalho que Cross tinha para ele e para Dick, estava cansado e chateado, e que esse era um dos últimos trabalhos que faziam no escritório, e de que adiantava reagir assim? Walter sabia que se sentia mal porque aguardava o telefonema de Kimmel às 11h30, quando se esgotaria o prazo de 48 horas.

– Onde você comeu peru na noite passada? – Dick perguntou, tentando fazer uma brincadeira e dando-lhe um tapinha nas costas.

Walter nem tentou responder. Sua intenção era mandar Kimmel para o inferno, dizer-lhe que agisse como quisesse. Agora lhe faltava coragem para manter a palavra. Suava tanto que suas roupas grudavam ao corpo. Dick precisou ajudá-lo a se sentar no sofá de couro que havia ao canto, e, se não fosse a toalha fria colocada sobre seu rosto, certamente teria desmaiado.

– Será que você teve uma intoxicação alimentar? – Dick perguntou.

Walter balançou a cabeça. Percebeu o rosto moreno e empapuçado de Cross olhando lá de sua mesa por cima do ombro, aparentando estar aborrecido. Vá para o inferno você também, Walter pensou, depois, finalmente, ficou de pé e disse que iria para sua própria sala, para se recompor.

– Eu sinto muito – Walter disse para Cross.

– *Eu* sinto muito – Cross respondeu secamente. – Vá para casa se não está se sentindo bem.

Walter pegou uma garrafa de uísque em uma gaveta inferior da escrivaninha e tomou um gole. Isso o fez se sentir ligeiramente melhor.

Às 10h30 saiu do escritório.

Faltavam cinco minutos para o meio-dia quando chegou em casa. Estava vazia. Claudia devia ter saído às onze. Walter se perguntou se Kimmel teria ligado antes das onze e falado com ela.

Walter foi diretamente para o escritório e pegou sua máquina de escrever portátil. Tratou de agir rapidamente, embora ainda se sentisse fraco e trêmulo. Escreveu uma carta endereçada ao Departamento de Administração da Faculdade de Direito da Universidade Columbia, comunicando que estava abrindo um escritório de pequenas causas em Manhattan e gostaria de dois ou três estudantes em final de curso para trabalhar como estagiários em diferentes turnos. Pediu que colocassem uma nota no quadro de avisos da faculdade, de modo que qualquer estudante interessado pudesse entrar em contato com ele. Não estava conseguindo expressar seus pensamentos com clareza, e foi preciso reescrever a carta.

Ainda estava datilografando quando o telefone tocou.

Walter atendeu no corredor.

– Alô, sr. Stackhouse – era a voz de Kimmel.

– A resposta continua a ser não.

– O senhor está cometendo um grande erro.

– Eu falei com Corby – disse Walter. – Se você acrescentar mais alguma coisa ao que eu disse a ele, ele não vai acreditar em você.

– Não estou interessado no que você contou a Corby. Estou interessado no que vou dizer aos jornais. Você também deveria estar.

Apesar da calma absoluta de Kimmel, Walter percebeu seu ressentimento porque a manobra dele havia sido derrotada.

– Não vão acreditar em você. Não vão publicar a história.

Kimmel deu uma risada ferina.

– Eles publicarão tudo que eu lhes fornecer, desde que eu me

responsabilize pelo que disser. O que farei com todo prazer. Você não está disposto a mudar de ideia por meros cinquenta mil dólares?

– Não.

O livreiro ficou em silêncio, mas Walter continuou na linha, esperando. Foi Kimmel que finalmente desligou.

Walter retomou a escrita da carta. Até mesmo suas mãos estavam fracas, úmidas de suor, e teve que datilografar muito lentamente. Acrescentou mais um parágrafo, sentindo-se um pouco insano, como os malucos que botam anúncios nos jornais vendendo propriedades que não possuem ou se oferecendo para comprar um iate que não têm como pagar.

> Estou interessado em contratar principalmente alguns jovens sérios. Jovens que, de outra forma, não teriam como adquirir experiência profissional tão cedo em suas carreiras e que preferem esse tipo de trabalho ao mais tedioso e impessoal que lhes seria confiado se aceitassem trabalhar como advogado júnior em firmas maiores de advocacia.
>
> Aguardo um retorno desta carta segundo sua conveniência.
>
> Atenciosamente,
>
> WALTER P. STACKHOUSE

Forneceu o endereço e o telefone do escritório Cross, Martinson e Buchman, assim como o endereço do novo escritório na Rua 44, onde ele e Dick pretendiam já estar na terça-feira. Walter havia discutido com Dick a conveniência de contratarem alguns estudantes de Direito para ajudar no escritório, e Dick havia aprovado a ideia. Agora Walter tinha a impressão de que havia escrito a carta para ter alguém, quem quer que fosse, com ele no escritório, como se soubesse que, quando visse Dick novamente, este iria lhe dizer que não seria seu sócio.

Walter tomou uma dose de uísque puro e sentiu-se melhor tão depressa que soube que o efeito terapêutico da bebida havia sido puramente mental. Bem, ele não havia decidido, mentalmente, na quarta-feira, sentado em seu carro diante da delegacia de Newark,

que não se importava mais? O fato de sentir-se fisicamente tão fraco hoje era um acaso, pensou. E que diabos importava se Kimmel conseguisse que sua história maluca fosse publicada? Seria uma mentira a mais, só isso. Já havia enfrentado tantas mentiras: *por que* ele estava na parada do ônibus, *por que* tinha o recorte sobre o caso Kimmel, *por que* tinha voltado à loja de Kimmel para conversar com ele? Bem, agora iria ouvir: *por que* tinha ido à loja de Kimmel pela primeira vez?, e enfrentaria isso também. Quando os doidos dos guardiões da justiça viessem buscá-lo – finalmente –, encontrariam-no trabalhando duro em um escritório de advocacia na Rua 44. Talvez sozinho. Tomou um segundo drinque, dos grandes.

Depois foi até a cozinha e encontrou no armário uma lata de sopa de tomate, abriu-a e colocou-a para esquentar. Na cozinha silenciosa, só se ouvia o ruído da chama do gás. Walter ficou esperando e, por fim, começou a andar para lá e para cá, a fim de romper o silêncio. Então ouviu os passos de Clara no andar superior e parou abruptamente. Seu cérebro também estava se confundindo. Ele havia *realmente* ouvido os passos dela, tão claramente quanto se fossem um trecho musical – seis ou sete passos.

Walter se deu conta de que estava parado na metade da escada, olhando para o corredor vazio. Será que esperava ver Clara? Nem se lembrava de ter começado a subir a escada. Quando voltou à cozinha, a sopa de tomate havia fervido e transbordava. Colocou um pouco de sopa em uma tigela e começou a comer à mesa da cozinha.

Ouviu a voz de Clara emitindo vagos sussurros. Inclinou a cabeça, escutando, e, quanto mais se concentrava, mais lhe parecia ouvi-los distintamente a ponto de distinguir o que ela estava dizendo. Eram frases sibilantes, frases risonhas, como se a ouvisse brincando com Jeff. Ou como havia realmente se dirigido a ele durante o primeiro mês em que haviam morado nessa casa. Walter sabia que Jeff estava encolhido em uma cadeira na sala de estar. Se os sons fossem reais, Jeff iria...

Walter ficou de pé. Talvez estivesse enlouquecendo. Talvez fosse a casa. Passou os dedos pelos cabelos, depois foi depressa até a janela e a abriu.

Ficou ali, esforçando-se para pensar, decidir, lembrar, lembrar-se de Clara ali com ele, das vezes em que tinham sido felizes ali, antes que fosse tarde demais para lembrar, e, depois de alguns segundos loucos e agonizantes, percebeu que não estava sentindo nada a não ser, talvez, confusão.

Caminhou até o telefone e ligou para a Imobiliária Knightsbridge. A naturalidade com que fez isso era agradável e aterrorizante. Era como se Clara estivesse viva novamente. O telefone tocou e tocou, e Walter sabia que os Philpott não haviam aberto o escritório hoje, mas deixou que tocasse umas quinze vezes antes de desistir.

Telefonou para a casa da sra. Philpott. Ela estava lá, e Walter lhe disse que queria vender a casa imediatamente. Disse que poderia facilmente sair dali até segunda-feira e que no dia seguinte cuidaria da venda de parte dos móveis. A transação seria muito simples, ela disse: a Imobiliária Knightsbridge compraria a casa por 25 mil dólares.

– Por coincidência – ela comentou – um homem vem amanhã fazer avaliações. Justamente um avaliador de mobiliário. Que tal eu ir até aí com ele amanhã de manhã? Você estará em casa em torno do meio-dia?

– Sim, posso estar aqui a essa hora – respondeu.

– Eu entendo de avaliação de mobiliário. Não quero que você seja enganado – ela disse com uma risada.

Naquela tarde, Walter começou a separar as coisas que daria a Claudia. O pai dele e Cliff poderiam querer ficar com alguns dos móveis da sala de estar, pensou. Ele deveria responder à carta do irmão, que tinha chegado havia dez dias. A terceira ou quarta carta de Cliff desde a morte de Clara, repleta de afeição fraterna e da bondade tímida e cheia de rodeios típicos do irmão, que havia comovido Walter a ponto de levá-lo às lágrimas. Mas ele ainda não a havia respondido.

Walter foi para o andar superior e começou a colocar toda a roupa de cama em cima da cama, mas perdeu o pique depois de alguns poucos minutos e decidiu esperar a chegada de Claudia, à noite, para que ela o ajudasse.

Resolveu telefonar para Ellie, para lhe contar que ia vender a casa, e chegou a ir até o telefone, mas depois mudou de ideia. Decidiu ir de carro até Benedict para despachar a carta para Columbia. Entrou no veículo e tomou o rumo de Benedict.

Já eram 15h12. Ficou na dúvida se deixaria o carro estacionado em algum lugar e daria um passeio pelo bosque ou se voltaria para casa e se embebedaria sozinho. Ellie já tinha partido. Pretendia sair por volta das duas da tarde para visitar a mãe em Corning e passaria a noite lá. Havia jornais em Corning também, é claro. Ellie talvez visse a notícia à noite, ou certamente amanhã cedo. Pensou consigo mesmo se algum dia voltaria a vê-la. Arrancou com o carro e rumou para Nova York. Faria o que estava querendo fazer, esperar em Manhattan que os jornais vespertinos fossem para a rua. Estacionaria em algum lugar e caminharia sem rumo. Sempre gostara de caminhar em Nova York. Ninguém olhava para ele, ninguém prestava atenção nele. Podia parar e olhar as vitrines cheias de tesouras e facas brilhantes e não sentir atrás dele nada mais que um par de olhos não identificados.

Então foi, e caminhou, e esperou. Tomou doses de conhaque e xícaras de café, depois andou mais. Às dez horas da noite a história não estava nos jornais. Durante horas, ele ficou na dúvida se deveria telefonar para Corby e lhe pedir que impedisse Kimmel de agir. Entremeado às dúvidas, seu orgulho se insurgia, e ele assumia uma atitude arrogante de quem não se importa. De todo modo, Corby atuando como salvador não passava de uma ideia absurda. Nesse caso, ele tomaria o partido de Kimmel. Ou melhor, ele apoiaria qualquer um dos dois, o que acusasse o outro.

Sairia mais uma edição, por volta da meia-noite. Walter esperou por ela, e ainda não havia nada sobre ele. Chegou a pensar que talvez Kimmel acabasse não informando os jornais. Ou Kimmel estaria sentado em alguma sala em Newark, esperando que ele telefonasse para dizer que havia mudado de ideia?

Ou talvez Corby estivesse espancando Kimmel mais uma vez esta noite. O livreiro talvez não tivera tempo de ir aos jornais. Mas Walter não conseguia imaginar Corby detendo Kimmel se ele tivesse uma missão tão importante a cumprir.

Na esquina da Rua 53 com a Terceira Avenida, Walter olhava a velha estrutura do elevado, acima de sua cabeça, apertando os olhos quando o freio de um táxi cantou. O clarão da loja Rikers' ali ao lado irritou seus olhos. Quando olhou para cima, para o túnel escuro sob o elevado, um ônibus veio para cima dele silenciosamente com faróis que mais pareciam os olhos de um monstro. Walter se arrepiou.

Estava no inferno.

34

Ficou acordado, esperando pelo leve impacto do jornal contra a porta da frente. O jornal geralmente chegava às quinze para as sete. Mas, como até aquele momento ele não ouvira nada, desceu, abriu ligeiramente a porta da frente e olhou para os degraus. O jornal não viera. Voltou para cima e vestiu-se.

Quando saiu pela porta da frente, o jornal já havia chegado. Walter olhou-o sob a luminária do *hall* de entrada.

> HOMEM DE NEWARK REVELA ASSASSINATO PREMEDITADO DE UMA MULHER DE BENEDICT 27 de novembro – uma história assombrosa, com nada mais do que uma encomenda de um livro, escrita a lápis, e as declarações macabras e sérias de um homem torturado para confirmá-la, foi revelada ontem no escritório do *Newark Sun*. Melchior J. Kimmel, proprietário de uma livraria em Newark, declarou que Walter Stackhouse, marido da falecida Clara Stackhouse, de Benedict, Long Island, foi à loja dele duas semanas antes da morte da sra. Stackhouse, em outubro, e lhe fez perguntas relativas à morte de Helen Kimmel, esposa de Kimmel...

Walter colocou o jornal debaixo do braço e correu para o carro. Queria os outros jornais, todos eles, imediatamente. Acendeu a luz dentro do veículo e olhou as duas colunas compactas novamente.

> “Fiquei horrorizado”, declarou Kimmel. “Comecei a pensar que o homem era um psicopata criminoso, mas, pensando melhor, achei melhor lavar minhas mãos e ignorar o assunto. Porém, em vista dos acontecimentos recentes, lamento amargamente minha covardia.”

Walter deu a partida no carro. Ainda estava um pouco escuro, e seu farol iluminou Claudia, que caminhava em sua direção pela Marlborough Drive. Walter viu quando ela se afastou rapidamente para o lado da estrada, e sentiu como se ela se afastasse dele, e não do carro em alta velocidade. Tentou imaginar se ela já tinha visto, ou se tinha conversado com a mulher que às vezes viajava a seu lado no ônibus.

Dirigiu para Oyster Bay e parou na primeira banca de jornal. Viu a matéria na primeira página de dois jornais de Nova York. Comprou todas as edições matutinas dos jornais e levou-as para o carro. Começou a lê-las imediatamente, saltando páginas, procurando o pior.

> O corpo de Helen Kimmel foi encontrado no bosque, perto de uma parada de ônibus em Tarrytown, Nova York, em 14 de agosto. O corpo de Clara Stackhouse foi encontrado no fundo de um precipício perto de Allentown, Pensilvânia, em 24 de outubro. A polícia, que registrou a morte da sra. Stackhouse como suicídio, ainda não comentou a história de Kimmel.
>
> LIVREIRO DE NEWARK AFIRMA QUE STACKHOUSE "PLANEJOU"
> O ASSASSINATO DA MULHER NA PARADA DE ÔNIBUS

A reportagem do *The New York Times* não era muito longa, mas havia uma acusação de assassinato, com a declaração de Kimmel abrandada por expressões como "suposta", "segundo Kimmel", "Kimmel afirmou".

Um tabloide de Nova York trazia uma longa narrativa, com uma foto de Kimmel falando furiosamente com o dedo em riste, e uma foto da fatura de encomenda com o nome dele, Walter, bem legível. E a data.

> Melchior Kimmel, 40 anos, impressionantemente volumoso, com vivos olhos castanhos atrás de óculos de lentes grossas, apropriadas a um estudioso, contou sua história em frases retumbantes e demonstrando uma convicção inabalável que tornam difícil não acreditar em sua história, disse o editor Grimler, do *Newark Sun* [...]

A conversa sobre o assassinato teria acontecido, segundo Kimmel, depois que Stackhouse (um advogado) encomendou um livro chamado *Homens que deturpam a interpretação da lei*. Kimmel, para comprovar sua declaração, exibiu a fatura datada da encomenda do livro. O livreiro afirmou que Stackhouse parecia convencido de que ele (Kimmel) havia matado sua esposa Helen, e disse que pretendia matar a sua própria utilizando o "mesmo método", isto é, atacando-a durante uma parada em uma viagem de ônibus.

A narrativa de Kimmel continua com a afirmação de que Stackhouse pretendia seguir o ônibus de carro, falar com a esposa durante a parada e convencê-la a ir com ele para um local afastado, onde poderia atacá-la e matá-la sem ser visto, método que, segundo Kimmel, Stackhouse acreditava que ele havia utilizado para matar a própria esposa.

"Isto", Kimmel acusou ontem, "é o que Stackhouse fez".

Além disso, Kimmel afirmou que Stackhouse foi vê-lo de novo em 15 de novembro, a fim de apresentar uma "desculpa sentimental" e confessar sua culpa pela morte da mulher. Stackhouse, que nega ter participado da morte da própria esposa, é, segundo Kimmel, "psicoticamente fixado em mim". Kimmel deu a entender que as visitas de Stackhouse eram frequentes, e que preferia não falar no assunto. A visita de Stackhouse em 15 de novembro foi confirmada pelo tenente Lawrence Corby, detetive da Divisão de Homicídios da Polícia da Filadélfia, que há várias semanas investiga os casos Kimmel e Stackhouse.

Kimmel declarou que as supostas ações de Stackhouse haviam "complicado sua vida", levando a polícia a investigar as dele (Kimmel) na noite em que sua mulher foi assassinada. Fora isso, ele disse, que o levara a revelar agora a história da visita de Stackhouse em outubro.

"Não sou um homem vingativo", disse Kimmel, "mas esse homem é evidentemente culpado e, além disso, transtornou minha vida pessoal e profissional em sua tentativa de denegrir minha reputação. Peço que se faça a devida justiça."

As alegações de Kimmel estão de acordo com as declarações iniciais da polícia de que Stackhouse foi visto e identificado no cenário em que sua mulher foi morta, às 19h30 do dia 23 de outubro, embora, em seus

primeiros depoimentos à polícia, Stackhouse tenha declarado que estava em Long Island na noite da morte de sua mulher.

Uma reportagem sobre o assassinato de Helen Kimmel foi encontrada em posse de Stackhouse em 29 de outubro. A afirmação de Stackhouse de que havia recortado essa reportagem de um jornal e a guardado em um álbum foi corroborada pelo tenente Corby, quando o editor Grimler, do *Sun*, lhe telefonou para confirmar a história.

O tenente Corby lembrou a Grimler que o próprio Kimmel não está livre de suspeita no caso do assassinato de sua mulher, e que não se responsabiliza por nenhuma coisa que Kimmel diga contra Stackhouse, a não ser o que ele mesmo confirme. [...]

Mas Corby confirmara quase tudo que Kimmel havia dito, pensou Walter. Talvez, na véspera, o tenente tivesse passado a tarde instruindo Kimmel, para se assegurar de que ele falasse com suficiente convicção ao narrar fatos fictícios.

Walter pisou com força no acelerador e tomou, automaticamente, o rumo de casa.

Encontrou Claudia de pé na cozinha, ainda com o casaco e o chapéu, e um jornal na mão. Estava atordoada.

– Myra me deu isto no ônibus hoje de manhã – ela disse, apontando para o jornal. – Sr. Stackhouse, eu vim aqui para lhe dizer que quero pedir demissão... se o senhor não se importa, sr. Stackhouse.

Por um minuto, Walter não conseguiu dizer nada, apenas olhou para o rosto dela, ao mesmo tempo rígido, tímido e aterrorizado. Ele caminhou para o centro da cozinha e viu que Claudia recuava, então ele parou, sabendo que ela estava com medo porque acreditava que ele era um assassino.

– Tudo bem, Claudia, eu entendo. Vou pegar...

– Se o senhor não se importar, vou apenas pegar meus sapatos no armário e mais algumas coisas.

– Vá em frente, Claudia.

Mas ela olhou para trás.

– Eu não acreditei quando Myra me contou logo de manhã, mas,

depois que li... – ela então parou de falar.

Walter não disse nada.

– Além do mais, também não gosto dessa gente da polícia me fazendo perguntas o tempo todo – ela disse, mais segura de si.

– Sinto muito – ele disse.

– Ele, o sr. Corby, me disse para eu não lhe dizer nada, mas acho que agora não tem mais importância. Eu não podia impedi-lo de vir, mas não quero ter nada a ver com isso.

Que safado nojento, pensou Walter. Podia até vê-lo pressionando Claudia em busca de detalhes. Semanas atrás, Walter pensara em perguntar a Claudia se Corby tinha ido vê-la. Mas não tivera coragem.

– Eu nunca disse ao sr. Corby qualquer coisa contra o senhor, sr. Stackhouse – disse Claudia um pouco assustada.

Walter concordou com a cabeça.

– Vá buscar seus sapatos, Claudia – ele disse e se dirigiu para o *hall* de entrada, subindo a escada. Ia buscar a carteira para pagá-la. Ele a havia esquecido ao sair pela manhã, e saíra de casa somente com dinheiro trocado no bolso.

Walter parou quando estava pegando as notas de dinheiro. Teve a impressão de ouvir um grito de Clara – chocado e acusativo – porque Claudia os estava deixando, e por culpa dele. Por um momento, Walter sentiu aquele sentimento familiar de vergonha, raiva súbita e ressentimento, porque havia feito uma trapalhada pela qual Clara o estava repreendendo. Recuperou os movimentos e desceu correndo a escada com o dinheiro e o talão de cheques. Fez um cheque no valor de duas semanas de trabalho e o entregou a ela junto com três notas de dez dólares.

– As notas de dez são um agradecimento por seus bons serviços, Claudia – ele disse.

Claudia olhou para as notas, depois devolveu o cheque.

– Eu só trabalhei quatro dias esta semana, sr. Stackhouse. Só vou aceitar o que é meu por direito, nada mais. Vou ficar apenas com os trinta dólares.

– Mas isso não é o bastante – Walter protestou.

– Está muito bem desse jeito – disse Claudia, afastando-se. – Vou

embora, acho que já peguei tudo.

Ele não podia nem lhe dar referências, pensou Walter. Ela não haveria de querer referências dadas por ele. Claudia levava nos braços uma sacola grande de papel, e Walter abriu a porta para ela. Ela passou por ele desviando-se, demonstrando o medo que sentia. Não adiantaria se oferecer para levá-la de carro até o ponto do ônibus no final da Marlborough Road, não adiantaria dizer mais nada. Ficou olhando-a enquanto ela descia a rampa do gramado até chegar à rua, viu-a fazer a curva e caminhar sob a fileira de salgueiros. Era difícil aceitar que provavelmente jamais voltaria a ver Claudia. E era surpreendente o quanto a partida dela doía nele.

Walter fechou a porta da cozinha. Subitamente sentiu-se sozinho e desolado. E isso tinha sido só a empregada. E os outros? E Ellie? E Jon? E Cliff e o pai? E Dick? Walter fez mecanicamente o café. Ficou na dúvida se a sra. Philpott viria esta manhã, se telefonaria dando uma desculpa ou nem telefonaria.

O telefone tocou quando eram quase nove horas. A ligação vinha de um telefone público, e Walter esperou enquanto as moedas caíam. Sabia que devia ser Ellie telefonando de Corning. No entanto, foi a voz de Jon que ouviu.

– Walter?

– Sim, Jon.

– Bem, eu já vi.

Walter aguardou.

– Até que ponto isso é verdade? – Jon perguntou.

– As visitas são verdade, a maioria delas. É mentira o que ele diz que eu falei.

Até a voz de Walter soava cansada e desesperançada, e não inspirava credibilidade. Jon ficou calado por muito tempo, como se não acreditasse nele.

– O que vão fazer com você?

– Nada! – explodiu Walter. – Não vão me botar na cadeia nem fazer nada lógico assim. De qualquer modo, eles não têm os fatos. Não estão tentando provar nada. Qualquer pessoa pode ir lá e dizer o que quiser, essa é a técnica deles.

– Ouça, Walter, quando você esfriar um pouco a cabeça, seria melhor fazer uma declaração e contar tudo – disse Jon em sua voz grave e calma. – Conte-lhes tudo o que omitiu e...

– Eu não omiti nada.

– Essas visitas...

– Foram somente três visitas, sendo que o próprio Corby, que *sabe* de todas elas, participou da segunda.

– Walter, a impressão que eu tenho é a de que toda semana aparece uma coisa nova. Sugiro que você conte tudo por escrito, faça um juramento e prove tudo.

Walter sentiu a frieza na voz arrastada de Jon, percebeu a impaciência e o distanciamento.

– Se você for inocente – Jon acrescentou casualmente.

– Você pelo visto duvida – disse Walter.

– Ouça, Walter, estou apenas sugerindo que você conte a história toda, em vez de contar por partes...

Walter desligou.

Ficou pensando no que havia dito um jornal. Que era muito estranho, se a história de Kimmel *não* estivesse correta, que Stackhouse tivesse optado por ir a uma livraria obscura em Newark para procurar um livro que poderia ter obtido mais facilmente em muitas livrarias de Nova York.

Walter pegou a garrafa de conhaque e serviu-se de uma dose.

O que aconteceria com ele de agora em diante? Poderia dar uma declaração à imprensa, é claro. Seria a verdade, mas quem acreditaria nele? A verdade era tão sem graça, e a história de Kimmel, tão espetacular.

Levou Jeff para dar um passeio no bosque que ficava no final da Marlborough Road. Jeff deixara de ficar alerta, à espera de Clara, mas se tornara um cachorrinho mais triste. Até quando Walter fazia suas brincadeiras prediletas, como balançar um pedaço de pano na frente dele até que o cachorro acabasse de despedaçá-lo com os dentes, a expressão de Jeff não era petulante nem brincalhona como quando Clara era viva. Ellie havia notado isso e se oferecera para ficar com ele, se Walter não o quisesse. Mas ele queria: tentava cuidar tão bem

dele quanto Clara cuidava, corria com ele uma vez por dia e preparava ele mesmo a comida de Jeff, de manhã e à noite, mesmo quando Claudia estava por perto. Mas, se alguma coisa lhe acontecesse, pensou Walter, precisava tomar providências para que o cachorro fosse entregue a Ellie ou aos Philpott.

Preparou a refeição matinal de Jeff – leite derramado sobre uma torrada amanteigada – e ficou observando-o comer. Os calcanhares de Walter batiam contra o chão de linóleo, devido ao cansaço. O cachorro levantou o focinho do prato para averiguar o ruído, e Walter pressionou os calcanhares contra o chão.

Walter ouviu o telefone.

Era a sra. Philpott querendo saber se ele podia receber o sr. Kammerman, o avaliador de móveis, agora mesmo. Walter disse que sim. A voz da sra. Philpott, ainda tranquila, cortês, o espantou. Mas então ela disse:

– Desculpe-me, Walter, se eu não puder ir. Apareceu um assunto esta manhã que eu tenho que resolver.

35

Walter telefonou de Nova York para a delegacia de polícia de Newark. Disseram-lhe que Corby estava na cidade, mas não sabiam em que lugar exatamente. Walter foi para Newark.

O relógio marcava 13h15. Começara a cair uma chuva fina.

Quando chegou, Corby não estava na delegacia. Um policial perguntou a Walter qual era seu nome, mas ele se recusou a dizê-lo. Voltou para o carro e seguiu para a livraria de Kimmel. A loja estava fechada. Havia uma grande rachadura em uma das vitrines da frente, uma cicatriz cristalina no meio da vitrine, onde algo duro a atingira, e, ao ver isso, Walter sentiu dentro de si um surto de sede de sangue; olhou para a calçada em busca do tijolo, mas já não estava lá.

Dirigiu até um posto de gasolina, mandou encher o tanque e procurou em uma lista telefônica o endereço de Melchior Kimmel. Lembrou-se de que o nome dele não constava da lista, mas viu o nome de Helen Kimmel na Bowdoin Street. O frentista do posto não sabia onde ficava a rua. Walter perguntou a um guarda de trânsito, que tinha uma ligeira ideia, mas, quando Walter seguiu as instruções, não a encontrou. Isso o deixou tão furioso que sentiu dificuldade em controlar a voz para perguntar a uma mulher na calçada onde ficava a rua. Ela sabia. Ficava quatro ruas adiante.

Era uma rua de casas de madeira. O número era 245; uma casa pequena, vermelho-amarronzada, com dois andares, separada da rua por uma faixa estreita de grama malcuidada, com uma cerca inútil de estacas de ferro em torno. Todas as cortinas estavam cerradas. Walter olhou a calçada, para ambos os lados. Depois saiu do carro e galgou os degraus de madeira que levavam até a entrada. A campainha emitiu um som estridente, mas não vinha nenhum som do interior da

casa. Walter imaginou que Kimmel o estaria observando por trás de uma das cortinas fechadas. Um medo físico se apossou dele, seu corpo ficou tenso, pronto para a briga, mas não havia ninguém. Ele voltou a tocar a campainha, ainda mais insistentemente. Tentou abrir a porta, e as arestas da maçaneta feriram sua mão. A porta estava trancada.

Walter voltou para o carro e ficou ao lado do veículo por um momento, sentindo que seu medo se transformava em raiva frustrada. Talvez estivessem todos mais uma vez no *Newark Sun*. Talvez ele devesse ir até lá e fazer uma declaração em sua defesa, mas certamente não a publicariam, pensou Walter. Ele já não era confiável. Precisaria do apoio de Corby, um ótimo policial, honrado, para corroborar o que dissesse. Deu a volta com o carro e dirigiu-se novamente para a delegacia.

Disseram-lhe que Corby já se encontrava no prédio, mas estava ocupado.

– Diga-lhe que Walter Stackhouse gostaria de vê-lo.

O sargento de polícia tornou a olhar para ele, depois abriu uma porta no saguão e desceu alguns degraus. Walter foi atrás dele. Seguiram por mais um corredor e pararam diante de uma porta na qual o sargento bateu com força.

– Sim? – respondeu a voz abafada de Corby.

– Walter Stackhouse! – o sargento gritou encostado à porta.

A fechadura girou. Corby escancarou a porta, sorrindo.

– Olá! Eu o esperava hoje!

Walter entrou, as mãos dentro dos bolsos do sobretudo, e viu que Corby olhava para elas, como se suspeitasse de que ele estivesse armado. Walter parou subitamente: Kimmel estava sentado em uma cadeira de encosto reto, seu corpanzil torcido, como se estivesse com muita dor. Kimmel olhou para ele como se não o reconhecesse. Em sua fisionomia, havia apenas uma expressão entorpecida, indisfarçada, de terror.

– Hoje é dia de confissões – disse Corby cordialmente. – Tony já confessou, Kimmel vai ser o próximo, depois você.

Walter não disse nada. Passou os olhos pelo rapaz assustado, de cabelos escuros, que estava na outra cadeira reta. A sala era

azulejada, fria, de cor branca que brilhava sob a luz. O grande rosto de Kimmel estava molhado, de suor ou de lágrimas. Seu colarinho havia sido aberto à força e a gravata pendia frouxa, ainda com o nó.

– Deseja sentar-se, Stackhouse? Só sobrou a mesa.

Walter notou que a porta estava fechada pelo lado de dentro por uma tranca de correr, como as trancas usadas no interior das câmaras refrigeradas em que trabalham os açougueiros.

– Vim perguntar-lhe o que vai acontecer a seguir. Quero botar tudo em pratos limpos. Não faço objeção de ser julgado, mas não vou engolir um monte de mentiras ditas por você ou por qualquer outro...

– Você tornaria tudo mais rápido se admitisse tudo o que fez, Stackhouse! – Corby interrompeu-o.

Walter olhou para aquela figura arrogante, sua cara pequena e contraída – um pequeno demagogo que se escondia atrás do distintivo. De repente, Walter agarrou o braço de Corby e o fez se virar, e com a outra mão desferiu um soco no maxilar do tenente, mas este agarrou seu punho antes que ele o atingisse e empurrou Walter para a frente. Walter escorregou no chão de ladrilhos e teria caído se o tenente não o mantivesse preso pelo pulso e o puxasse para cima de novo.

– Kimmel já descobriu que sou intocável, Stackhouse. É bom que você também saiba disso. – O rosto ossudo de Corby corou. Ele moveu os ombros, ajeitou as roupas. Depois tirou o sobretudo e jogou-o sobre a mesa de madeira.

– Eu lhe perguntei o que vai acontecer a seguir – disse Walter. – Ou deve ser surpresa? Quem você pensa que é para divulgar mentiras para os jornais?

– Não há uma mentira no jornal. Talvez uma possível inverdade, mas à qual o jornal se refere como afirmação não confirmada e, portanto, uma possível inverdade.

Inverdade! Que raio de palavra, pensou Walter. Observou a figura magra e arrogante de Corby andando em círculos em torno da cadeira de Kimmel, como se este fosse um elefante que ele tivesse capturado, um elefante que ainda não morrera. O rosto e a cabeça de Kimmel estavam completamente molhados de suor, embora a sala estivesse

gelada. Walter viu Kimmel retrair-se quando Corby passou por ele, e compreendeu subitamente por que Kimmel estava com uma aparência tão feia e nua: estava sem os óculos. Corby devia tê-lo atormentado muito, pensou Walter, provavelmente a noite toda. E mesmo depois dos bons serviços que Kimmel prestou aos jornais! Os punhos de Walter cerraram-se mais fortemente dentro dos bolsos. Corby olhava para ele toda vez que completava uma volta em torno da cadeira. Então, subitamente, o tenente falou:

– Tentei um método tranquilo com você, Stackhouse, mas não funcionou.

– O que você quer dizer com tranquilo?

– Não divulguei aos jornais tudo que poderia ter divulgado. Queria que você percebesse a idiotice que é esconder aquilo que você sabe que é seu eu verdadeiro. Não deu certo. Vou ter que usar mais pressão. Os jornais de hoje foram apenas um começo. A pressão que posso exercer sobre você não tem limites. – Corby ficou de pé, com os pés afastados, olhando para Walter de maneira ameaçadora. Um tremor em uma pálpebra de seus olhos cansados deu mais ênfase a seu aspecto de intensidade embriagada.

– Até você tem superiores – disse Walter. – Talvez eu devesse ir falar com o capitão Royer.

Corby franziu ainda mais as sobrancelhas.

– O capitão Royer me apoia inteiramente. Está muito satisfeito com meu trabalho, e os superiores *dele* também. Fiz em cinco semanas o que a polícia de Newark não conseguiu fazer em dois meses, quando a pista ainda estava fresca.

A não ser no caso de Hitler, a não ser dentro de um asilo de loucos, Walter nunca tinha visto coisa igual.

– Veja só o Tony – disse Corby, apontando para o rapaz. – Tony concordou que Kimmel pode ter saído do cinema logo depois que ele o viu, às oito horas e cinco minutos. Tony até se lembra de ter tentado encontrar Kimmel em casa, naquela noite, depois do filme, mas ele não estava lá.

– Ele não... ele não disse que tentou – Kimmel protestou nervoso, numa voz estranha, anasalada. – Ele não disse que *foi*. ..

– Kimmel, você fede de tão culpado! – Corby gritou, e sua voz parecia uma lima rangendo na sala oca. – Você é tão culpado quanto Stackhouse!

– Eu não fiz nada, eu não fiz nada – disse Kimmel no tom de voz nasal, com acentuado sotaque estrangeiro como Walter não ouvira até então. Havia algo de patético nas negativas desesperadas do livreiro, como os últimos tremores de um corpo no qual todos os ossos foram quebrados.

– Tony sabe que sua mulher estava tendo um caso com Ed Kinnaird. Ele me disse hoje de manhã. Ele ouviu todos os vizinhos dizerem a mesma coisa! – Corby berrou para Kimmel. – Tony sabia que você era capaz de matar Helen por isso, ou por muito menos, não é? E não foi o que aconteceu?

Walter olhava para tudo horrorizado. Tentou imaginar Tony no banco de testemunhas – um bandidinho aterrorizado, burro, com cara de quem diria qualquer coisa que lhe pagassem ou ameaçassem para dizer. Os métodos de Corby eram tão primitivos, mas, estranhamente, davam resultado. A impressão era de que Kimmel estava murchando, derretendo, como uma enorme bola de banha. Então ele disse de novo, em voz alta:

– Eu não fiz nada, eu não fiz nada!

Subitamente Corby chutou a cadeira de Kimmel e, como não conseguiu derrubá-la com o chute, abaixou-se e puxou as duas pernas traseiras para o lado, fazendo Kimmel cair no chão com um ruído surdo. Tony fez menção de se levantar, como se fosse ajudar Kimmel, mas não o fez. Corby empurrou Kimmel com a sola do sapato, e este se levantou lentamente, com a dignidade exausta de um elefante ferido. A voz de Corby não calava um instante, exortando Kimmel a confessar, repetindo o tempo todo que ele não tinha escapatória. Walter sabia exatamente o que diria Corby quando chegasse a vez dele: rememoraria as visitas a Kimmel, fingiria que acreditava implicitamente no livreiro sobre a conversa dos assassinatos, sobre sua posterior confissão a Kimmel, fingiria acreditar que todo mundo acreditava também e que a situação dele era a mais desesperadora possível. Walter viu quando Corby, gesticulando, veio em sua direção,

berrando como se falasse para uma enorme audiência,

– ... *este* homem! *Este* homem lhe causou tudo isto, Kimmel! Walter Stackhouse, o trapalhão!

– *Cale a boca!* – disse Walter. – Você sabe que não sou culpado! Você disse isso uma vez, até duas, ou sei lá quantas vezes! Mas, se pode inventar uma história espetacular e receber um tapinha no ombro dado por um sujeito de patente superior, nesse caso você é capaz de mentir e de cometer perjúrio mil vezes para provar que sua ideia sem pé nem cabeça é verdadeira!

– *Sua* ideia sem pé nem cabeça! – repetiu Corby, nem um pouco ofendido.

Walter lançou-se sobre ele. Seu punho atingiu o queixo de Corby, e ele viu o tenente voar pelos ares e bater na parede branca por um instante; então Corby caiu no chão, ajeitando a jaqueta. O tenente apontou uma arma para ele e se levantou lentamente.

– Mais uma dessas e eu atiro – disse Corby.

– Nesse caso você não obteria a confissão que tanto quer – disse Walter. – Por que não me prende? Eu agredi um policial!

– Eu não prenderia você, Stackhouse – rosnou Corby. – Isso o deixaria protegido. Você não merece isso.

Corby estava de pé, imóvel, mas mantinha a arma apontada para Walter, que voltou a estudar aquele rosto miúdo, os frios olhos azul-claros, e pensou consigo mesmo se seria possível que Corby acreditasse realmente que ele era culpado. Chegou à conclusão de que ele acreditava, sim, pela simples certeza de que Corby não tinha um fiapo de dúvida de sua culpa, independentemente de qualquer dado que surgisse indicando sua inocência. Walter olhou para Kimmel, o qual olhava para ele com uma expressão totalmente vazia e exausta. Corby o havia levado à loucura, Walter pensou de repente. Estavam ambos loucos, Corby e Kimmel, cada um a seu modo. Sem contar aquele rapaz débil mental sentado na cadeira!

Walter disse:

– Ou me prendem, ou saio daqui. – Virou-se e caminhou em direção à porta.

De um salto, Corby se colocou entre ele e a porta, ainda segurando

a arma.

– Para trás – ele disse bem perto da cara de Walter. Havia suor em sua testa ossuda e sardenta, e uma marca rosada em seu queixo, onde Walter o atingira. – Para onde pensa que vai? O que pensa que existe para você lá fora? Liberdade? Quem vai querer falar com você? Quem são seus amigos agora?

Walter não recuou. Olhou para a cara de Corby, rígida e tensa como a de um louco, e lembrou-se de Clara.

– O que você vai fazer? Me ameaçar com uma arma para me obrigar a confessar? Não vou confessar nem que você me mate. – Apossou-se dele a mesma calma sobrenatural que sempre sentia quando Clara se enfurecia contra ele, e não teve mais medo da arma do que teria de um brinquedo. – Vá em frente e atire – disse Walter. – Vai receber uma medalha por isso. Certamente uma promoção.

Corby limpou a boca com as costas da mão.

– Fique ali, junto do Kimmel.

Walter voltou-se ligeiramente, mas não saiu do lugar. O tenente chegou mais perto de Kimmel, ainda apontando a arma para Walter. Este pensou: não há mesmo como sair daqui, já que Corby é um louco com uma arma na mão.

O policial esfregou o maxilar com a mão livre.

– Diga-me como se sentiu hoje de manhã ao ver os jornais, Stackhouse.

Walter não respondeu.

– Veja o caso do Tony – Corby apontou para ele com a arma. – Ele passou a enxergar tudo mais claramente ao ler as notícias. Chegou à conclusão de que não era totalmente impossível que Kimmel tivesse matado a esposa. Da mesma maneira que você.

– Ele pensou nisso quando viu os jornais? – Walter deu uma risada.

– Sim – disse Corby. – Kimmel pretendia denunciar você, mas o tiro saiu pela culatra. A reportagem demonstrou para Tony o que poderia ter acontecido. Tony tem se mostrado um rapaz muito inteligente e cooperativo – disse Corby em tom condescendente, indo em direção ao rapaz, que parecia morto de medo.

Walter riu mais alto. Inclinou o corpo para trás e soltou uma

gargalhada que ecoou na parede. Olhou para Tony, cuja expressão apatetada e ansiosa não havia mudado, depois olhou para Kimmel, que começava a se mostrar ofendido, pessoalmente ofendido pelas risadas. Sentia-se tão louco como os outros que estavam ali, e começou a rir da sonoridade louca de seu próprio riso. Balançava-se sobre os pés, embora a parte do seu cérebro que continuava perfeitamente sã achasse que ele ria apenas por estar nervoso e cansado e que ele estava se comportando como um idiota, e também como um trapalhão. Ele pensava: Corby não era mais representante da lei do que Kimmel ou Tony, e ele, Walter, era um advogado e não podia fazer nada a respeito disso. O juiz imparcial que Walter havia imaginado – um homem calmo e sábio, de cabelos grisalhos e vestindo uma toga preta, que o escutaria e ouviria sua história até o fim, e então o declararia inocente – existia apenas em sua imaginação. Ninguém ouviria sua história até o final. Ninguém o ouviria sem que um exército de Corbys o interrompesse, e ninguém acreditaria no que havia realmente acontecido – ou no que *não* havia acontecido.

– Por que está rindo, seu idiota? – perguntou Kimmel, levantando-se vagarosamente da cadeira.

Walter viu a cara flácida do livreiro endurecer de raiva, e seu sorriso enfraqueceu. Observou a dignidade, o ressentimento inflexível que havia notado quando fora vê-lo para lhe dizer que era inocente. Subitamente teve medo de Kimmel.

– Veja o que você fez, e mesmo assim você ri! – Kimmel disse, ainda com voz anasalada. Suas mãos tremiam, e as pontas dos dedos se tocavam, em movimentos curiosamente delicados e infantis. No entanto, seus olhos avermelhados fulminavam Walter, chocados e cheios de ódio.

Walter olhou para Corby. O tenente observava Kimmel, parecendo satisfeito com a boa atuação de seus elefantes, pensou Walter. Percebeu que o objetivo de Corby era instigar o máximo possível o ódio de Kimmel contra ele, fazendo com que, se possível, o livreiro o atacasse fisicamente. Walter viu nos olhos de Kimmel a convicção maníaca da própria inocência, da injustiça da desgraça que caíra

sobre ele, e sentiu-se subitamente envergonhado, como se tivesse de fato arrastado um homem inocente para uma armadilha da qual não tinha como escapar. Walter queria ir embora, apresentar suas desculpas para as quais não achava palavras, sair da sala e fugir.

Kimmel deu um passo em sua direção. Seu corpo enorme parecia cambalear e depois firmar-se, embora ainda se agarrasse ao encosto da cadeira.

– Idiota! – ele gritou para Walter. – Assassino!

Walter olhou de relance para Corby, e viu que Corby sorria.

– Você pode ir agora – Corby disse para Walter. – É o melhor que tem a fazer.

Walter hesitou por um momento, depois se virou e, esmagado por um sentimento de vergonha e por ter consciência de que estava fugindo, caminhou para a porta. A tranca não se moveu imediatamente, e ele utilizou outro fecho mais abaixo, fez uma enorme força enquanto o suor começava a brotar. Imaginou Corby apontando a arma atrás dele, ou Kimmel avançando em sua direção. Então a tranca se abriu e Walker puxou a maçaneta, escancarando a porta.

– *Assassino!* – a voz de Kimmel urrava atrás dele.

Walter subiu correndo a escada até o saguão principal. Suas pernas estavam bambas. Desceu a escada externa, depois parou por um momento, amparado numa bola de ferro no final do corrimão. Teve a sensação de que sufocava, de que não podia se mover. Era como num sonho, a imagem congelada no final de um sonho. Para trás ficara a loucura na câmara do subsolo. E ele havia rido da loucura. Lembrou-se do rosto transtornado de Kimmel enquanto ele ria, então soltou o corrimão, amedrontado, e começou a caminhar.

36

– Parece que você ainda não me entendeu – disse Ellie. – Se você a tivesse matado... Posso até imaginar isso, e talvez até o perdoasse. Isso não é impossível para mim. O que não consigo perdoar são as mentiras.

Estavam sentados lado a lado nos bancos da frente do carro dela. Walter olhou para aqueles olhos fixos. Eles mantinham uma expressão calma e límpida, quase a mesma expressão que se acostumara a ver neles tantas vezes antes, quando olhavam para ele. Mas agora não da mesma forma.

– Você disse que não acreditava na história de Kimmel – disse Walter.

– Com certeza não acredito que você tenha ido lá e conversado com ele a respeito de assassinato. Mas você admitiu as visitas a ele.

– Duas – disse Walter. – Se ao menos você pudesse perceber, Ellie, que isso foi uma série de circunstâncias... acidentes. Que tudo isso aconteceu, mas mesmo assim sou inocente. – Ele esperava que ela afirmasse que acreditava na inocência dele, mas ela não o fez.

Ela manteve os olhos fixos nele, alertas, imóveis.

– Você não pode acreditar que eu seja culpado de um assassinato, Ellie! – exclamou.

– Prefiro não dizer nada.

– Você tem que me responder!

– Permita-me ao menos isto – ela retorquiu. – Prefiro não dizer nada.

Walter havia se espantado com a calma demonstrada por ela ao telefone, nessa manhã, quando ele lhe telefonou, e por concordar em encontrá-lo. Agora percebia que, na véspera, ao ler os jornais, ela

havia decidido o que sentia e como agiria.

– O que estou tentando dizer é que eu poderia ter suportado tudo se você tivesse ao menos sido honesto. Não gosto disso, e não gosto mais de você – disse ela passando os dedos pelo chaveiro de couro que tinha nas mãos, como se estivesse com pressa de partir. – Isso não deve abalar demais você. Afinal, nunca chegou a fazer planos para nós, muito menos pensou em casamento.

Walter pensou subitamente: ela também estava ressentida por causa da última noite que passara na casa dela. Exatamente a noite em que pretendera lhe contar que as denúncias de Kimmel talvez fossem publicadas no jornal. Walter pensou consigo mesmo que, caso ele não tivesse ocultado naquela noite o que sabia, e caso não tivesse feito amor com ela, ela não *reagiria* agora dessa forma, e ele não a perderia. Sabia que ainda não havia tomado uma decisão sobre se casar com ela. No entanto, agora se lembrava dolorosamente do júbilo que sentira depois de passar a primeira noite com Ellie, quando, apesar das barreiras que o cercavam, estava convicto de que finalmente acabariam juntos porque se amavam. Lembrava-se da própria convicção de que a amava – aquela noite em que ele lhe telefonara do Three Brothers e ela não pudera encontrá-lo. Lembrava-se do seu orgulho por ela ser tão semelhante ao ideal que ele sempre imaginara: leal, inteligente, gentil e, ao contrário de Clara, simplesmente dona de uma mente saudável. Agora tinha a impressão de que jogara sempre a carta errada, e, ainda mais, de forma deliberada. Ou como se a vontade de Clara, negativa, inamistosa, se fizesse sentir e houvesse dominado a situação, mesmo depois de morta.

– Suponho que este seja nosso último encontro – disse Ellie, com voz tranquila, tão mortífera e silenciosa quanto o bisturi de um cirurgião cortando um coração. – Vou me mudar na próxima semana, vou para algum lugar em Long Island, mas não ficarei em Lennert. Quero sair daquele apartamento.

Os dedos impacientes de Walter tocaram o painel do carro.

– Você disse que não acreditava em Kimmel. É verdade?

– Isso tem alguma importância?

– Esse foi o único acontecimento de ontem. É a única coisa que mudou tudo.

– Não, não foi isso. A questão é: você admite ter se encontrado com ele no início de outubro, portanto você mentiu para mim.

– Mas não é esta a questão para mim. Perguntei se você optou por acreditar em Kimmel sobre a Clara, mesmo depois de tudo que eu lhe disse sobre ele.

– Sim – ela disse mansamente, ainda olhando para ele. – Posso até dizer que, de certo modo, suspeitei de você o tempo todo.

Walter olhou para Ellie, estupefato. Viu uma nova expressão estampar-se no rosto dela agora. Medo. Ela dava a impressão de temer uma retaliação física dele.

– Tudo bem – ele disse entre os dentes cerrados. – Já não me importo. Consegue entender isso?

Ela simplesmente ficou olhando para ele. Seus lábios cheios, tensos, até esboçavam um sorriso nos cantos.

– Gostaria de deixar isto claro para você e para todos – disse Walter. – Estou farto de tudo isto! Não me importa mais o que as pessoas pensam. Entende?

Ela concordou com a cabeça e disse:

– Sim.

– Se ninguém entende a verdade, da minha parte estou cansado de explicar. Entende? – Abriu a porta do carro, começou a sair, depois olhou para trás. – Isto é o que eu acho. Que este... este nosso último encontro é totalmente perfeito. Encaixa-se em todo o resto!

Então fechou a porta e atravessou a rua até o carro dele. Cambaleava de fraqueza, como se estivesse bêbado.

37

O escritório era simples, maravilhosamente simples. Walter simplesmente entrou na sala de George Martinson – era um daqueles dias em que Willie Cross não estava, embora Walter preferisse que ele estivesse – e anunciou que estava indo embora, e Martinson consentiu, com poucas palavras. Martinson olhou para ele como se estivesse surpreso por ele ainda estar, pelo menos aparentemente, livre.

Todos olharam para ele do mesmo modo, até Peter Slotnikoff. Ninguém disse nada, a não ser um "oi" resmungado. Parecia que todos esperavam que alguém tomasse a iniciativa e saltasse sobre ele e o segurasse, ou o levasse para a cadeia. Até Joan parecia ter medo dele, medo de dizer uma palavra amistosa. Walter não se importou. Alguma coisa – sua indiferença, que se tornara completa e autêntica, ou seu cansaço físico, que mais se assemelhava a embriaguez – fazia que se sentisse revestido por uma armadura que o protegia contra tudo e contra todos.

Dick Jensen entrou na sala de Walter enquanto ele esvaziava as gavetas e recolhia seus livros. Walter se endireitou e observou-o se aproximando, com o queixo reflexivamente afundado no colarinho e o sol matinal refletindo lindamente no relógio de bolso preso a seu colete.

– Você não precisa dizer nada – Walter começou. – Está tudo bem.

– Para onde você vai? – Dick perguntou.

– Para a Rua 44.

– Vai abrir sozinho o escritório?

– Sim. – E continuou a esvaziar as gavetas.

– Walt, espero que você compreenda porque não posso ir com

você. Tenho uma esposa para sustentar.

– Eu entendo – disse Walter com voz indiferente. Levantou-se e pegou sua carteira. – Antes que eu me esqueça, quero lhe devolver sua parte no aluguel. Aqui está um cheque no valor de 225 dólares. – Walter colocou o cheque na borda da mesa.

– Aceito com a condição de que você fique com o *Corpus Juris* – disse Dick.

– Mas é seu.

– Nós íamos usá-lo juntos.

O *Corpus Juris* estava no apartamento de Dick e fazia parte de sua biblioteca particular.

– Você vai precisar dele um dia desses – disse Walter.

– Vai demorar. De todo modo, quero que fique com ele. E com os *State Digests* também. Estarão completamente ultrapassados no dia em que eu abrir meu próprio escritório.

– Obrigado, Dick – disse Walter.

– Vi o anúncio do escritório hoje de manhã no jornal.

Walter ainda não tinha visto. Era uma nota que mandara publicar desafiadoramente, no sábado de manhã, pouco antes de ir para Newark.

– Tive o cuidado de não mencionar nossos nomes – disse Walter. – Seu nome. O meu nome vai aparecer no segundo anúncio, esta semana.

Os olhos castanhos, grandes e doces de Dick piscaram. Parecia surpreso.

– Eu queria dizer, Walt, que admiro sua coragem.

Walter esperou, faminto por algo mais. Mas aparentemente Dick não ia dizer mais nada. Viu quando ele pegou o cheque e dobrou-o.

– Terei prazer em ir buscar os livros de carro, um dia desses. Numa noite em que seja conveniente para você. Vou morar em Manhattan a partir de hoje. Considero os livros um empréstimo, até você precisar deles.

– Ah, eu posso trazê-los para cá um dia desses – disse Dick – e os levo até seu escritório. – E caminhou em direção da porta.

Walter seguiu-o, involuntariamente. Apesar de Dick tê-lo

abandonado, da relutância dele em dizer o que estava pensando, Walter não podia terminar assim quatro anos de amizade.

– Dick – ele chamou.

Dick voltou-se.

– O que foi?

– Quero lhe fazer uma pergunta. Você acha que sou culpado? É isso?

Dick franziu a testa e passou a língua pelos lábios.

– Bem, eu... eu acho que simplesmente não *sei*, Walter. Se quer que eu seja totalmente honesto... – Dick olhou para ele, ainda constrangido, mas diretamente em seus olhos, como se tivesse acabado de dizer tudo que Walter poderia esperar que alguém dissesse.

E Walter sabia que não havia o que fazer e que não podia culpar Dick por pensar algo que era inevitável. Enquanto olhava para Dick, soube que os últimos resquícios da confiança que existira entre eles, a lealdade de ambos, suas promessas um ao outro, tinham sido varridos para longe, e que, em seu lugar, havia um vazio feio e amargo.

– Você vai lutar, não vai? – Dick perguntou. – O que vai acontecer?

– Eu sou inocente! – disse Walter.

– Bem, e você não vai dar pelo menos uma declaração?

– Será que eu tenho que *provar* que sou inocente? – exclamou Walter. – É esse o novo sistema?

– OK – disse Dick. – Você está absolutamente correto, mas...

– Você acha que eu estaria aqui se eu fosse culpado? Eles não têm o suficiente nem para me indiciar.

– Mas muita gente como eu...

– Que se danem as pessoas como você! Estou de saco cheio delas e cansado de conversas sem fatos concretos para confirmá-las! Não dou mais a mínima para o que *qualquer pessoa* tenha a dizer.

– Desejo que você sobreviva, Walter – disse Dick, num tom extremamente frio. Ele se virou e saiu.

Walter voltou à escrivaninha e continuou a empilhar seus papéis.

Joan entrou quando ele já estava para sair e fechou a porta atrás de si.

– Você vai embora hoje? – ela perguntou. – Vai abrir o escritório novo?

– Vou sim. – Ele notou que ela estava constrangida e, para ajudá-la, disse: – Eu compreendo, Joan. Não fique pensando que tem alguma obrigação comigo. Quer dizer, no que diz respeito a trabalhar para mim.

Ela hesitou. Por um momento ele pensou que, em sua voz tranquila, mansa, Joan ia dizer que ainda acreditava nele e que ainda queria trabalhar para ele, porque acreditava que ele se livraria disso tudo. Por um momento, ousou esperar por isso. Então ela disse:

– Achei que devia lhe dizer que mudei de ideia quanto a deixar o escritório, este escritório. Acho que prefiro continuar aqui.

Ele concordou com a cabeça:

– Tudo bem. – Continuou olhando para ela, esperando que ela dissesse alguma coisa mais forte, alguma coisa mais precisa. Ela havia lhe dado dois anos de sua lealdade. Subitamente, ele se sentiu tão constrangido quanto ela. – Está tudo bem, Joan. Não se preocupe. – Ele passou por ela e chegou até a porta. – Você foi uma ótima secretária – acrescentou.

Joan não disse nada.

Walter virou-se rapidamente e saiu.

Era assim que aconteceria, ele pensou, um após o outro. Como os amigos dele, quando Clara estava viva. Isso era a quintessência do pensamento de Clara. Isolamento! Logo ele saberia o que significava isolamento, que, muito em breve, seria total. Não acreditava realmente que algum rapaz se candidataria a trabalhar em seu escritório, não depois de saber o nome de quem oferecia o emprego. Apenas se obstinava em executar algo que havia imposto a si, do mesmo modo como havia obstinadamente enfrentado a tarefa de desmontar a casa, da mesma forma que se ocuparia à tarde procurando um apart-hotel para morar e pagaria um ou dois meses adiantados de aluguel, mas contando não ficar lá mais do que uma semana ou pouco mais. De alguma forma haveria um final: uma mão pousaria pesadamente em seu ombro, uma mão apontaria e uma bala viria ao seu encontro, saída da escuridão. Ou as mãos de Kimmel

apertariam sua garganta. Mas, antes disso, todos teriam se afastado dele. Não haveria ninguém para falar com ele. A Terra se pareceria com a Lua, e ele se sentiria tão solitário como se fosse o único homem em sua superfície.

38

Pela quarta vez, Kimmel foi até a ótica Bausch e Skaggs, na Avenida Phillston, e encomendou óculos novos. Desta vez, o jovem balconista não só sorriu como riu abertamente.

– Deixou-os cair de novo, sr. Kimmel? Não acha que seria melhor prendê-los a um cordão?

Por causa da risada incontrolável do rapaz, o livreiro percebeu que ele sabia por que os óculos haviam se quebrado. E não tinha a menor dúvida de que o balconista contava para todo mundo o que sabia sobre os óculos dele. Kimmel teria preferido encomendá-los em outra ótica, mas a Bausch e Skaggs era a mais rápida de todas e era confiável para tirar as medidas certas.

– O senhor se importaria de deixar um depósito, sr. Kimmel?

Kimmel pegou a carteira e tirou uma nota entre as que estavam do lado direito, pois sabia que seria uma nota de dez dólares.

– Ficarão prontos amanhã de manhã. Quer que mande entregá-los? – perguntou o balconista ironicamente.

– Se puder fazer o favor. Em casa, eu darei o cheque referente ao valor restante.

Então, pela quarta vez, Kimmel saiu e atravessou a calçada até o carro que o esperava, embora nessa ocasião não fosse seu próprio veículo, com Tony dentro dele; era um táxi. Kimmel começou a sentir fome durante o caminho para casa, muita fome mesmo, apesar do farto café da manhã que tomara uma hora atrás. Ponderou a respeito, examinando sua sensação de vazio como se fosse um problema palpável que estivesse investigando com as pontas dos dedos, evocando a ideia de um sanduíche de pão de centeio, com salsicha de fígado e rodelas de cebola.

– Motorista, pode fazer o favor de parar na... na esquina da Rua 24 com a Exeter? Na delicatéssen Shamrock.

Em frente à delicatéssen, Kimmel saiu do táxi mais uma vez, cruzou a calçada tão cuidadosamente como se estivesse em uma avenida de tráfego intenso e entrou na loja. Pediu um sanduíche de salsicha de fígado e várias latas de cerveja. O sanduíche não se comparava com o do Ricco, mas ele não frequentava mais o Ricco. Tony fugia ao vê-lo. O pai de Tony não falava mais com ele quando se cruzavam na rua. Kimmel levou o sanduíche e as latas de cerveja para o táxi e disse ao motorista que seguisse para casa. Abriu o papel para dar uma mordida no sanduíche, mas, quando chegou em casa, três quartos do sanduíche já haviam sido devorados e ele se arrependeu por não ter comprado dois. O taxímetro marcava 2,10 dólares, de acordo com o que disse o motorista. Kimmel não podia enxergar e não acreditou no motorista, mas pagou assim mesmo.

Em casa, bebeu duas latas de cerveja, comeu o restante do sanduíche e um pedaço de pão com *cream cheese*, depois se sentou na sala de estar para aguardar. Gostaria ao menos de poder ler, mas não conseguia. Não havia nada que pudesse fazer a não ser aguardar, aguardar pelos óculos, aguardar que Corby viesse quebrá-los outra vez. Pensou na vitrine quebrada da loja. Alguém havia jogado um tijolo na sexta-feira passada, quando ele estava lá. O tijolo não tinha feito um buraco na vitrine, mas deixara uma comprida rachadura diagonal. Kimmel agora tinha medo de ficar lá durante o dia. Por algum motivo, temia uma briga na loja, mais do que em sua própria casa. Talvez porque todo mundo soubesse que a livraria Kimmel pertencia a Melchior Kimmel, mas nem todos sabiam onde ele morava.

Kimmel se levantou e foi até a cozinha. Pegou um pedaço de pinho que comprara em uma serraria para fazer suas esculturas, levou-o para a sala e começou a cortar um pedaço de uns dezoito centímetros. A madeira havia sido cortada quadrada, mas Kimmel arredondou as arestas, dando-lhe a forma de um charuto. Não enxergava o suficiente para decorá-la, mas podia prepará-la. Trabalhava depressa com o canivete afiado, cuja lâmina, embora ainda forte, havia sido amolada

tantas vezes que se tornara estreita e terminava em uma ponta arredondada, afiada como uma navalha.

Pensou mais uma vez na risada de Stackhouse, e isso foi como um chacoalhão em seu cérebro, como um pontapé de Corby. Sua mente começou a girar em uma tempestade de raiva. Quando pensava na risada de Stackhouse, seu pensamento se concentrava em esmagá-lo, esfaqueá-lo. Kimmel se levantou, jogou o canivete e a madeira sobre o sofá e começou a andar em volta da sala, com as mãos nos bolsos da calça volumosa. Sua mente estava dividida entre esquecer completamente Stackhouse – como havia se esquecido de Tony, apenas riscando-o da memória – ou esmagá-lo fisicamente para aplacar sua terrível sede de vingança. Stackhouse era um pobre coitado covarde, que assassinava, mentia, ria de suas vítimas e saía de tudo miraculosamente livre, mesmo quando seus crimes eram descobertos. Corby nunca encostara a mão nele. E, além disso, tinha dinheiro! Kimmel imaginou Stackhouse morando em uma propriedade rural em Long Island, vivendo no luxo, com alguns empregados (mesmo que eles o tivessem deixado, Stackhouse podia contratar outros) e talvez com uma piscina no jardim, nos fundos da casa. E aquele idiota tinha sido pão-duro a ponto de não abrir mão de cinquenta mil para evitar que seu nome caísse na lama! Kimmel não só se sentia revoltado pelo que considerava uma decisão idiota de Stackhouse como também acreditava que Stackhouse lhe devia pelo menos cinquenta mil dólares pelos danos que havia causado à sua vida.

Kimmel abriu a geladeira e tirou o prato com meio salsichão de carne suína e bovina, dirigiu-se à caixa de pão para pegar mais uma fatia, mas o odor defumado e de especiarias que emanava do embutido era tentador demais, então Kimmel o pegou e mordeu um pedaço, tomando cuidado para que seus dentes mordessem a parte interna, sem a pele. Pegou também uma lata de cerveja. Depois voltou para o sofá da sala e pegou novamente a madeira e o canivete.

Podia ir para outra cidade, pensou. Ninguém o estava impedindo de fazer isso. Sem sombra de dúvida, Corby iria atrás dele, mas pelo menos por algum tempo não teria vizinhos olhando-o nem amigos e

conhecidos que não falavam com ele quando o viam. Se a nova cidade – Paterson ou Trenton – acabasse o rejeitando, isso não seria tão doloroso quanto em Newark, onde suas amizades eram antigas.

Começou a fazer riscos na madeira. Esperava que Stackhouse estivesse perdendo todos os amigos. Kimmel escavou furos redondos com a ponta arredondada do canivete. Fez alguns Xs nos furos, ajustando-os, buscando o ângulo certo com a unha do polegar. Sem os óculos, não podia fazer desenhos trançados e elaborados, mas divertia-se desenhando apenas com a ajuda do tato. Estava contente com seu trabalho, embora, à medida que trabalhava mais rapidamente e com segurança, tivesse começado a se sentir zangado e tenso outra vez. Pensava que o único castigo apropriado para Stackhouse seria a castração. Perguntou a si mesmo se a área em torno da casa de Stackhouse em Long Island seria escura. Kimmel bufava enquanto enterrava o canivete na madeira. Deu-se conta de que começava a achar que Stackhouse era culpado e de que, no início, o julgara inocente, mas para Kimmel essa mudança na maneira de pensar não tinha importância alguma. Pelo contrário, não tinha a menor importância se Stackhouse havia mesmo matado a mulher. O que havia de curioso em Corby, Kimmel pensou, era que ele sentia o mesmo. Kimmel se lembrava claramente de que Corby considerava Stackhouse inocente, mesmo depois de ter encontrado o recorte sobre a morte de Helen. Corby apenas começara a *dizer* que considerava Stackhouse culpado e a tratá-lo como tal. Os resultados eram os mesmos, fosse o advogado culpado ou não: a mulher dele estava morta, a impressão era de que ele a havia matado e ele havia transformado em um inferno a vida de um homem que até então vivia perfeitamente em paz. Kimmel estava consciente de que *preferia* considerar Stackhouse culpado porque a culpa de Stackhouse e a imunidade de que ele gozava o tornavam ainda mais odioso. Kimmel imaginou Stackhouse com alguns de seus amigos leais – leais, com aquela lealdade superior das classe altas, que preferiam acreditar que um homem como Stackhouse seria incapaz de um crime tão bestial como o assassinato –, todos bebendo um bom uísque e tentando assegurar-lhe de que ele havia sido vítima de uma conspiração

sórdida, uma infeliz sucessão de coincidências. Talvez até rissem ao falar disso! Kimmel de repente percebeu que tinha feito um sulco profundo no meio da peça, como se fosse dividi-la em duas. Parou e começou a aplainar o sulco, mas já não gostava da obra. Ele a tinha estragado. Kimmel deu um salto ao ouvir a campainha da porta tocar.

Não tinha ouvido passos se aproximando. O *hall* de entrada estava escuro, e ele levantou cuidadosamente uma ponta da cortina da porta, para ver quem era, e notou o contorno indistinto de um chapéu e de ombros; reconheceu que eram de Corby.

– Abra a porta, Kimmel, sei que você está aí – disse Corby, como se o estivesse vendo, mas Kimmel não tinha certeza de que ele o via.

Kimmel abriu a porta.

Corby entrou.

– Procurei por você em sua loja. Você não trabalha mais lá? Ah, os óculos de novo! – Corby falou sorrindo. – É claro. – Corby passou por Kimmel e entrou na sala.

Kimmel tropeçou no tapete. Foi direto para o sofá, pegou o canivete e depois o pedaço de madeira, que colocou no bolso. Manteve o canivete na mão, entre o polegar e as pontas dos dedos.

– O que você tem feito ultimamente? – perguntou o tenente, sentando-se.

Kimmel não respondeu. Corby tinha estado com ele até as três horas da madrugada e sabia tudo que ele havia feito, as pessoas com as quais tinha se encontrado – isto é, ninguém – desde a *sessão* que tinham tido na delegacia.

– Stackhouse abriu um escritório novo, sozinho, na Rua 44. Fui lá vê-lo hoje de manhã. Diante das circunstâncias, ele parece estar bem.

Kimmel continuou de pé, esperando. Estava acostumado a essas visitas de Corby, a essas informações pingadas, como excrementos de pássaros.

– Denunciar Stackhouse não ajudou muito você, não é verdade, Kimmel? Não recebeu dinheiro dele, vai ter que fechar a loja por causa de novos inimigos e Stackhouse conseguiu abrir um escritório com o próprio nome! Kimmel, parece que você não tem sorte, não é?

O livreiro sentiu desejo de jogar o canivete nos dentes de Corby.

– Não me interessa o que Stackhouse esteja fazendo – Kimmel disse friamente.

– Posso ver seu canivete? – Corby perguntou, estendendo a mão.

Sentiu-se irritado ao ver o tenente esparramado em seu sofá, sabendo que, se tentasse se lançar sobre ele, Corby provavelmente apararia o golpe. Kimmel entregou-lhe o canivete.

– É uma beleza – Corby disse com admiração. – Onde você o conseguiu?

Kimmel sorriu de leve, rigidamente, mas com prazer.

– Na Filadélfia. É um canivete comum.

– Mas capaz de fazer um bom estrago. Foi o que você usou para matar Helen, não foi?

Ah, sim, era o que Kimmel gostaria de dizer casualmente. Mas não disse nada. Seus lábios grossos se fecharam. Continuou de pé, esperando, com uma calma covarde, embora a resposta dentro dele azedasse como veneno e chegasse a deixá-lo um pouco tonto, com o estômago um pouco revirado. Previa os momentos seguintes, em que Corby se levantaria para esbofeteá-lo, golpeá-lo no estômago, e, se ele retaliasse de alguma forma, o tenente bateria ainda mais forte. Kimmel gostava de imaginar como seria colocar as mãos em volta do pescoço de Corby, mesmo que fosse uma mão. Se o fizesse, não soltaria de jeito nenhum, não importava onde Corby o golpeasse nem quão forte batesse. Jamais soltaria, e talvez isso acontecesse hoje, pensou Kimmel, consolando-se com um pouco de esperança. Ou então seria tão fácil enterrar o canivete na parte de trás do pescoço de Corby quando ele estivesse de saída. Ou será que, nesse momento, estaria ele, Kimmel, encolhido no chão da sala, como de costume, amedontrado como um monte de trapos?

– Você não acha interessante isso que eu contei sobre Stackhouse? Parece que a popularidade dele não foi nem um pouco prejudicada. – Corby abria e fechava o canivete.

Nas mãos do tenente, o som familiar do canivete era insuportável para Kimmel.

– Eu já disse que não me importo!

– Onde você compra seus óculos? – Corby perguntou num tom de

indiferença.

O livreiro não respondeu. A destruição de seus óculos já havia lhe custado 260 dólares.

Corby levantou-se.

– Nós nos veremos de novo, Kimmel. Talvez amanhã. – E saiu da sala.

– Meu canivete! – disse Kimmel, indo atrás dele.

Corby voltou-se ao chegar à porta e entregou-lhe o canivete.

– O que você faria sem ele?

39

Na noite seguinte, Kimmel tirou o carro da garagem e foi até Benedict, em Long Island. Primeiro passou por Hoboken, pegou a balsa no último minuto e, então, em Manhattan, fez um caminho extremamente tortuoso pela zona leste e desceu a Park Avenue até virar para o leste, pelo túnel Midtown, numa tentativa de despistar o homem de Corby que sabia que o seguiria desde o momento que saísse de casa. Irritava-o ser seguido, quase tanto quanto se irritava com os insultos de Corby. Sempre que descobria o homem – e geralmente descobria, embora o tenente trocasse o homem o tempo todo – a caminho da loja ou da mercearia, Kimmel ficava vermelho de raiva, contorcia-se todo e, ao mesmo tempo, um surto de dignidade tomava conta dele e o impedia de fazer alguma coisa contra o perseguidor, ou mesmo de sentir alguma coisa por ele, a não ser um desejo silencioso e homicida de tirar a vida do homem com as próprias mãos, como faria com um mosquito, caso ele chegasse perto o bastante. Nessa noite em que decidira ir a Benedict, não vira seu perseguidor, mas imaginava-o mesmo depois de ter certeza de que o havia despistado. Isso era bastante irritante. Kimmel estava taciturno e inquieto.

Havia arranjado um mapa em um posto de gasolina, mas não era suficientemente detalhado a ponto de incluir a Marlborough Road. Pediu informações em uma delicatéssen, num centro comercial fora da cidade. O homem sabia onde ficava a rua e não pareceu nem um pouco interessado em sua pergunta, pensou Kimmel. A salada de batata, os arenques e as salsichas atrás do balcão de vidro pareciam frescos e atraentes, mas o livreiro não estava com fome e não comprou nada.

Kimmel estacionou o carro na rua principal, perto do cruzamento com a Marlborough Road, trancou-o e saiu andando. Era uma rua estreita de terra, com apenas duas ou três casas, pelo que ele podia ver na escuridão. Não viu números em nenhuma delas, mas, com sua lanterna de bolso, viu os nomes nas caixas de correio à beira do caminho. Nenhum era de Stackhouse, e Kimmel se encaminhou para a casa branca atrás das árvores. Olhou para trás. Nem faróis de carros nem ruídos. Aproximou-se da caixa de correio e iluminou-a com a pequena lanterna de bolso. W. P. Stackhouse. Nenhuma das janelas da casa estava iluminada. Kimmel olhou o relógio de pulso. Eram apenas 21h33. Stackhouse provavelmente havia saído para passar a noite com algum de seus amigos leais. Mesmo assim, atravessou o gramado cautelosamente para se aproximar da casa. Andava na ponta dos pés, e seu corpo balançava de um lado para outro, mas assim mesmo avançava com certa graça, muito mais do que quando caminhava normalmente. Abaixou-se com suavidade para evitar uma trepadeira baixa do jardim e continuou circundando a casa. Não havia luzes.

Kimmel parou novamente diante da porta de entrada. Ficou na dúvida se tocava ou não a campainha. Seria divertido irritar Stackhouse, fazer com que se preocupasse com seu bem-estar físico. Stackhouse ainda não tinha sido suficientemente amedrontado. Podia até matá-lo esta noite, agora que se livrara do seu seguidor, e que se dane seu álibi. Não deixaria rastros. Mentiria mais uma vez. Kimmel tremeu ao pensar em espremer a garganta de Stackhouse com as mãos, e subitamente se deu conta de onde estava, num lugar onde Stackhouse poderia facilmente vê-lo, destacado contra a luz fraca da rua. Deu-se conta de que tinha vindo apenas para satisfazer a curiosidade de ver onde o advogado morava. Stackhouse muito provavelmente não estava em casa. Era até uma sorte o fato de ele não estar lá, porque assim poderia olhar melhor a casa.

Aproximou-se lentamente da porta da frente, encostou a lanterna no vidro da parte superior da porta e olhou para dentro. A luz iluminou um *hall* deserto e seu piso brilhante e escuro. O *hall* de entrada parecia totalmente vazio, embora o feixe de luz só o iluminasse até pouco mais de um metro. Encontrou uma janela térrea

na lateral da casa. Apontou a luz. A iluminação caiu sobre uma parede branca e um piso vazio. Não havia cortinas. Foi quando lhe veio a ideia de que Stackhouse podia ter se mudado, e a súbita decepção o fez dar meia-volta e retornar rapidamente à porta de entrada.

Tocou a campainha. Um som de sinos foi a resposta. Esperou, depois voltou a tocar. Sentiu-se aborrecido e furioso. Furioso porque sentiu que havia feito uma longa jornada para nada e que Stackhouse lhe escapara, e ficou muito ressentido, como se o advogado tivesse fugido com todas as suas posses, há apenas cinco minutos, enquanto ele se aproximava da casa. Kimmel tocou a campainha, apertando-a ritmadamente, enchendo a casa com o som banal e repetitivo de sinos. Só parou quando seu dedo começou a doer. Então virou-se, praguejando em voz alta.

Poderia ver Stackhouse se quisesse, pensou, e ninguém haveria de impedi-lo, nem mesmo os homens de Corby. O antigo escritório de Stackhouse lhe daria com prazer o endereço do escritório novo. Podia imaginar a expressão dele ao ver Kimmel esperando por ele na entrada do prédio, esperando para segui-lo até sua nova casa. Stackhouse *poderia* ficar com medo. Kimmel havia percebido isso desde o dia em que o advogado fora visitá-lo na loja pela primeira vez. Kimmel queria muito amedrontá-lo, e então talvez matá-lo, em uma noite igual a esta, em algum lugar. Era uma grande pena que Stackhouse não estivesse ali aquela noite, pensou Kimmel. Tudo poderia ter acontecido naquele momento mesmo.

Kimmel subitamente se afastou da porta e atravessou o gramado, com a cabeça erguida com indiferença e os braços balançando. O lugar era exatamente como ele imaginava que seria a residência de Stackhouse, amplo e, evidentemente, caro como um livro encadernado em papel velino branco, mas sem ostentação; Stackhouse era o tipo de homem de bom gosto, ciente dos direitos que tinha por trás da barreira do dinheiro, de sua classe social, de sua aparência anglo-saxônica. Kimmel se deteve e urinou em um dos salgueiros que margeavam a rua.

40

Walter pegou o telefone.

– Alô?

– Alô. É o sr. Stackhouse?

– Sim.

Walter olhou para o homem que esperava junto à porta de entrada.

– Aqui é Melchior Kimmel. Gostaria de falar com o senhor. Poderia marcar uma hora para mim esta semana?

Walter desejava que o homem fosse embora. Tinham terminado a conversa, mas ele continuava ali, observando-o.

– Estou sem tempo esta semana.

– Trata-se de algo importante – disse Kimmel com uma rispidez súbita. – Quero vê-lo à noite, esta semana. Se o senhor não concordar, eu...

Walter colocou o telefone no gancho, lentamente, eliminando a voz, e levantou-se devagar para então se aproximar do homem junto à porta.

– Vou levar o caso ao tribunal nos primeiros dias da próxima semana. Dou notícias assim que houver uma decisão.

O homem olhou para ele como se não pudesse acreditar.

– Geralmente me dizem: nunca discuta com um senhorio. Dizem para nem tentar.

– Mas é para isso que estou aqui. Vamos tentar e vamos ganhar – disse Walter abrindo a porta.

O homem concordou com a cabeça. O que Walter julgara ser suspeita na fisionomia dele não passava de apreensão, pensou Walter, medo de que ele não conseguisse recuperar os 225 dólares que havia pagado a mais durante oito meses a um senhorio ganancioso. Walter

observou-o seguindo pelo corredor até o elevador. Então, voltou para o escritório.

Olhou para os dois documentos em cima da mesa. Um referente ao caso do senhorio, o outro sobre um caso de detenção injustificada por embriaguez. Isso era tudo. O escritório ficara silencioso. O telefone estava silencioso. Ainda era o oitavo dia, pensou. Não podia esperar uma avalanche de clientes em oito dias, e talvez ele tivesse perdido algumas ligações quando passara duas manhãs na biblioteca. Talvez tivesse havido até um telefonema de um estudante que queria trabalhar para ele. Talvez devesse anunciar novamente, colocar um anúncio maior do que o anterior.

Olhou para o jornal dobrado no canto da mesa e pensou no parágrafo da coluna de fofocas intitulado “Casa mal-assombrada?” “O mistério da participação de um jovem advogado na morte de sua mulher continua sem solução, mas não há mistério quanto ao paradeiro dele. Aparentemente destemido, abriu sozinho um escritório em Manhattan. Será que os clientes que o evitam agora são tão numerosos quanto os que não se interessam por sua mansão de Long Island, agora à venda? A população local diz que a casa é mal-assombrada [...]”.

Realmente, não poderia haver anúncio melhor do que esse. Walter deu um sorriso torto, ouvindo atentamente os passos no corredor, passos que se afastavam. Sua esperança tinha sido a de que fosse o carteiro. O que será que lhe traria a correspondência nesta manhã?

Será que Kimmel tentaria novamente lhe extorquir dinheiro? Ou pretendia matá-lo? O que estaria fazendo Corby? O tenente estava silencioso há uma semana. O que Kimmel e Corby estariam planejando juntos? Walter levantou a cabeça, tentando raciocinar. Não conseguiu. Sentiu que havia um muro diante do seu cérebro. Levantou-se, como se esse movimento pudesse livrá-lo desses pensamentos, e começou a andar no pequeno espaço em volta de sua mesa.

Objetos brancos caíram da abertura para cartas na porta. Walter deu um salto e foi pegá-los. Eram quatro cartas. Escolheu o envelope simples escrito à máquina.

Era a carta de um estudante chamado Stanley Utter. Tinha 22 anos de idade, estava no terceiro ano de Direito e esperava que seus conhecimentos atuais fossem suficientes, porque estava se especializando no código penal. Pedia para marcarem uma hora e dizia que telefonaria. Era uma carta muito séria e respeitosa, e tocou Walter como nenhuma outra correspondência de cunho pessoal tocara antes. Talvez Stanley Utter fosse exatamente o tipo de rapaz que ele queria. Talvez Stanley Utter valesse mais do que dez outros candidatos.

Walter colocou de lado um envelope que parecia conter anúncios e abriu o que tinha como remetente a firma Cross, Martinson e Buchman.

> Caro Walt,
>
> Acredito que devo preveni-lo de que Cross vai fazer todo o possível para que você seja expulso da ordem dos advogados. Eles não podem fazer isso a não ser que você seja considerado culpado, é claro, mas, nesse ínterim, Cross pode criar rumores suficientes para arruinar seu novo escritório. Não sei qual conselho lhe dar, mas achei que seria justo lhe contar.
>
> Dick

Walter dobrou a carta, depois a rasgou automaticamente. Ele estava esperando algo assim também. Seria como todo o resto. Oficialmente não teriam como impedi-lo de advogar. Apenas extraoficialmente. Espalhariam o boato de sua expulsão da ordem, e isso acabaria com seu negócio.

41

Será que ele deveria lhes dar mais uma chance?

Walter riu, um riso nervoso que o fazia encolher os ombros de medo e vergonha enquanto entrava na sala. Olhava para o chão, para o tapete estampado em verde e vermelho.

A sala esperava. As duas cadeiras de espaldar alto encostadas à parede esperavam; a cama vazia, feia, o relógio dourado que não funcionava esperava por ele. Tudo estava à espera, menos Jeff, que dormia na cadeira de espaldar alto, como sempre fizera em casa.

Mas Ellie. Jon. Dick. Cliff. Os Ireton e os McClintock. Deviam estar esperando também que alguma coisa acontecesse, que ele se admitisse derrotado.

– Como está se sentindo, Walt? – Bill Ireton havia perguntado três dias atrás. – Bem, um dia desses iremos visitá-lo.

Walter apertara os olhos numa careta ao ouvir aquelas palavras ocas, palavras terríveis que não demonstravam nada a não ser curiosidade, uma mentira hipócrita do outro lado da linha telefônica. Perguntou-se se a curiosidade de Bill seria suficiente para fazê-lo ligar novamente.

Walter continuou olhando para Jeff, tentando lembrar se já o havia alimentado esta noite. Não conseguiu recordar. Foi até a pequena cozinha, abriu a geladeira e olhou para a lata de comida para cães, que estava pela metade e que não lhe despertou nenhuma lembrança. Colocou um pouco em uma panela, aqueceu e levou para Jeff. Ficou observando o cachorro, que comia lentamente.

Devia sair e postar a carta para Stanley Utter, pensou. A carta estava pronta sobre a mesa do *hall* de entrada.

Sentiu desejo de telefonar para Jon. Sem esperança de nada,

apenas queria dizer a última palavra, aquela que Walter nunca chegara a dizer. Havia telefonado para Jon na semana anterior e se desculpado por ter desligado o telefone quando Jon havia telefonado para ele, em Long Island. Jon não ficara com raiva e falara exatamente no mesmo tom em que falara no dia em que fizera o interurbano:

– Quando você se acalmar, talvez possa falar direito comigo, Walter.

– Mas eu *estou* calmo. É por isso que estou telefonando.

E, justamente quando ia perguntar quando poderiam se encontrar, Jon dissera:

– Se você parar de se acovardar diante dos fatos... sejam eles quais forem...

Então Walter se dera conta de que eles continuavam na mesma, que *ele*, Walter, sentia-se acovardado diante dos fatos, porque tinha medo de que Jon não acreditaria nele mesmo que explicasse toda a verdade, porque ninguém havia acreditado nele.

– Vamos deixar isto para lá? – Walter, por fim, dissera a Jon, e Jon não havia retornado o telefonema.

– Conte-me o que realmente aconteceu, Walt – Cliff havia escrito na semana anterior. – Isso não vai acabar enquanto você não contar o que aconteceu.

– Ah, sim – dissera Corby –, isto nunca vai ter fim enquanto você não confessar.

E Ellie:

– O que não consigo perdoar são as mentiras... Posso até dizer que suspeitei de você o tempo todo.

Seu desejo era telefonar para Jon. Diria:

– Fui suspenso. Acabou tudo. Olhem para mim! Podem se regozijar! Podem se dar os parabéns! Vocês conseguiram, estou liquidado!

O que acontecia com pessoas como ele?

Tornavam-se um nada, pensou Walter. Como se sentira às vezes com Clara, de pé no gramado de alguém em Benedict, com um drinque na mão, perguntando-se por que estava ali e para onde iria. E

por quê? Sem jamais encontrar a resposta.

Olhou para Jeff na cadeira. *Eu te amo, Clara*, ele pensou. Será que amava? Um nada tinha a capacidade de amar? Não fazia sentido dizer que um nada podia amar. O que fazia sentido? Desejou que Clara estivesse ali. Era o único desejo real que sentia, e fazia menos sentido do que tudo.

Walter pegou o sobretudo no armário e vestiu-o depressa, percebeu que não tinha colocado o paletó e deixou por isso mesmo. Enrolou um cachecol de lã em volta do pescoço, lembrando-se mecanicamente, e com total indiferença, que fazia muito frio esta noite. Apanhou a carta para Stanley Utter.

Caminhou para oeste, na direção do Central Park. Dava para ver a massa escura formada pelas árvores, e o parque parecia um refúgio, como uma selva. Caminhava atento, procurando uma caixa do correio, mas não havia nenhuma à vista. Empurrou a carta para dentro do bolso do sobretudo e colocou as mãos nos bolsos, porque estava sem luvas. Se o parque fosse uma selva, ele pensou, continuaria andando e penetrando cada vez mais no interior dela, indo tão longe que ninguém o encontraria. Seu corpo nunca seria achado. Ele simplesmente desapareceria. Como fazer para se matar sem deixar rastros? Ácido. Ou uma explosão. Lembrou-se da explosão da ponte no sonho que tivera. Parecia tão real como se tivesse mesmo acontecido.

Entrou no parque. Diante dele, havia um caminho sinuoso, iluminado por um poste, uma porção finita de cimento curvo. Depois da curva, havia outra. Fazia tanto frio que não havia ninguém no parque, pensou. Então viu um casal sentado num banco, numa fila de bancos vazios, abraçando-se e beijando-se. Walter deixou o caminho e começou a subir uma colina.

Na escuridão, tropeçou numa pedra. Os galhos de um arbusto prenderam-se à barra de sua calça. Ele continuou subindo com passos incertos. Não pensava em nada. Era uma sensação agradável, e ele se concentrou nisso. *Estou pensando no fato de não estar pensando em nada.* Seria isso possível? Não estaria ele na verdade pensando em todas as pessoas e em todos os acontecimentos que estava tentando

ignorar? E quando se pensa em ignorar uma coisa não se está na verdade pensando nela?

Pensou ter ouvido a voz de Ellie dizendo claramente “Eu te amo, Walter”. Ele parou subitamente, escutando. Quantas vezes ela havia dito aquilo? E o que significava? Parecia não ter a metade do significado que tinha quando Clara dizia, e ela, ao dizê-lo, parecia estar sendo sincera. Recomeçou a caminhar, mas parou quase imediatamente e olhou para trás.

Escutara o ruído de um sapato tropeçando numa pedra.

Seus olhos tentaram ver o que havia na escuridão à sua frente. Já não ouvia nada. Olhou em volta, à procura de um caminho. Não sabia onde estava. Continuou na mesma direção. Talvez tivesse imaginado o som. Mas, por um instante, sentira-se absurdamente amedrontado, imaginando Kimmel perseguindo-o, bufando na subida da colina, raivoso, procurando por ele. Walter obrigou-se a andar em passos longos e lentos. Sentiu que o solo começava a formar um declive.

Um graveto estalou atrás dele.

Walter terminou a descida do declive aos saltos e finalmente pulou da borda de uma rocha para uma aleia. Encaminhou-se rapidamente para a sombra de uma árvore frondosa. A aleia era fracamente iluminada por uma lâmpada a muitos metros de distância, mas dali Walter conseguia avistar distintamente a rocha alta da qual havia pulado e o declive mais suave que havia do outro lado e levava até ali.

Então ouviu passos.

Viu Kimmel se aproximar da zona iluminada acima da rocha, olhar em volta e depois descer pelo caminho mais suave. Viu quando Kimmel olhou para um lado e para o outro, depois caminhou na direção dele. Walter encostou-se à superfície da face inclinada da rocha. A cara enorme de Kimmel olhava para a direita e para a esquerda à medida que caminhava. Sua mão estava numa posição estranha, como se carregasse um canivete aberto, cuja lâmina estivesse oculta na manga do casaco. Walter olhou para aquela mão, tentando ver alguma coisa, enquanto Kimmel passou por ele.

O livreiro provavelmente o havia seguido desde o apartamento,

pensou Walter, e certamente vigiava o edifício.

Walter esperou até que o homem estivesse longe o suficiente para que seus passos não fossem ouvidos, e só então se mexeu. Voltou para o caminho e andou na direção oposta. Deu vários passos antes de olhar para trás, mas, quando olhou, Kimmel também se voltou. Walter podia vê-lo muito bem, iluminado pelo poste, e, no instante em que se deteve, achou que Kimmel o havia visto, já que este começou a vir rapidamente na sua direção.

Walter correu. Correu como se estivesse em pânico, mas sua mente parecia andar calma e logicamente, perguntando: *Por que está correndo? Você queria ter uma chance de tirar tudo a limpo com Kimmel. Chegou a hora.* Até pensou: Kimmel provavelmente não me viu, porque é míope. Mas o livreiro começou a correr. Walter ouvia os passos pesados que ressoavam dentro do túnel pavimentado com cimento que ele, Walter, acabara de atravessar.

Não tinha ideia de onde estava. Olhou em volta, tentando ver algum prédio que lhe servisse de orientação. Não viu nenhum. Subiu uma colina fora do caminho principal, agarrando-se aos arbustos para se segurar. Queria se esconder, mas também queria enxergar, se possível, alguma saída do parque. A colina não era alta o suficiente para que pudesse ver algum prédio acima da muralha fechada formada pelas árvores. Walter parou, escutando.

Kimmel passou trotando pelo caminho lá embaixo. Walter viu-o, uma enorme sombra escura, por entre os galhos desfolhados de uma árvore. Esperou até que lhe pareceu que três ou quatro minutos haviam passado, então começou a descer de volta a colina. Sentiu-se exausto subitamente, e mais ofegante do que quando corria.

Ouviu Kimmel voltando. Walter estava quase chegando ao final da descida. Por um momento, agarrou-se a um galho de árvore, seus sapatos escorregavam, ouvia os passos que vinham em sua direção, já quase o alcançando. Sabia que não havia mais como se esconder, que Kimmel certamente veria seus pés ou ouviria seus passos se ele tornasse a subir a colina. Walter praguejou: por que não havia continuado o caminho que passava pela colina? Seu corpo tenso preparou-se para saltar sobre Kimmel e, quando viu a silhueta escura

à sua frente, saltou.

Ambos se curvaram com o impacto e caíram. Walter bateu em Kimmel com toda sua força. Meio ajoelhado sobre Kimmel, bateu em seu rosto o mais rápido e o mais forte que pôde, depois investiu contra a garganta dele e não soltou. Estava ganhando. Sentia-se intensamente forte, sentia que seus braços eram fortes como aço e que seus polegares afundavam na garganta tão profundamente quanto balas de revólver. Walter levantou aquela cabeça pesada e bateu com ela diversas vezes sobre o piso de cimento. Levantou a cabeça e bateu-a contra o chão até seus braços doerem e seus movimentos se tornarem mais e mais lentos. Seu peito doía a ponto de ele mal poder respirar. Atirou a cabeça de Kimmel contra o chão pela última vez e sentou-se sobre os calcanhares, ofegante.

Ouviu um passo e levantou-se cambaleando, pronto para correr. Mas permaneceu imóvel enquanto alguém muito alto se aproximava dele.

Era Kimmel.

Uma onda de enjoo e terror se abateu sobre ele. Deu um passo para trás, mas não conseguiu se obrigar a correr, enquanto Kimmel vinha em sua direção, erguendo o enorme braço direito para golpeá-lo.

Kimmel atingiu-o num lado da cabeça, e Walter caiu. As pernas endurecidas do homem morto estavam embaixo dele, e Walter arrastou-se para se livrar do corpo, mas o livreiro se inclinou sobre ele e o manteve contra o chão, como se fosse uma montanha negra.

– Idiota! – disse Kimmel. – Assassino!

O punho de Kimmel desferiu um golpe violento contra seu rosto. Walter sentiu o cheiro adocicado de mofo da livraria, das roupas de Kimmel, do próprio Kimmel, como se estivesse em outro mundo complicado nesse ar frio. Os braços de Walter tremeram em vão, enquanto sentia a mão de Kimmel tentando, e a seguir conseguindo, agarrar-lhe o pescoço. Tentou gritar. Viu a mão do agressor se erguer, depois sua boca aberta sentiu a dor de uma lâmina que lhe atravessava a língua, sentiu a lâmina ranger de encontro a seus dentes. A dor terrível na garganta se espalhou pelo peito. Isso era morrer. Sentiu algo frio resvalar por sua testa. O canivete. Ouviu um

rugido em suas orelhas semelhante a um trovão. Era a morte e a voz de Kimmel. Chamando-o de assassino, idiota, trapalhão, até que o significado das palavras se tornou uma única coisa, como uma montanha que pesava sobre ele, e ele já não tinha desejo de lutar contra ela. Então teve a impressão de que saía planando como um pássaro, e viu a janelinha que tinha avistado com Ellie, clara e iluminada pelo sol, mas pequena e longe demais para que pudesse fugir por ela. Viu Clara mover a cabeça e olhar para ele, um sorriso rápido e gentil, cheio de afeto, da forma como sorria logo que a havia conhecido. *Eu te amo, Clara*, surpreendeu-se dizendo. E a dor começou a diminuir, rapidamente, como se toda a dor do mundo escorresse por um ralo, deixando-o vazio e agradavelmente leve.

Kimmel ficou de pé, olhando em volta, fechando sem qualquer cuidado o canivete pegajoso e prestando atenção a algum som mais alto que sua própria respiração ofegante. Depois virou-se para o local mais escuro e começou a andar. Não sabia para onde ia. Queria apenas que fosse um lugar escuro. Sentia-se extremamente cansado e satisfeito, exatamente como depois de matar Helen, lembrou-se. Aos poucos, recuperou o fôlego, ainda com os ouvidos atentos, embora, a esta altura, tivesse certeza de que não havia ninguém por perto.

Dois cadáveres! Kimmel quase riu, porque era quase engraçado! Eles que decifrassem o que havia acontecido!

Um deles era Stackhouse, de qualquer maneira! O inimigo número um! Corby era o próximo. Kimmel sentiu um ímpeto de animosidade tomar conta dele e pensou que bom seria se o tenente estivesse ali; acabaria com ele nesta noite também.

Kimmel viu as luzes nas janelas de um prédio diante dele.

– Kimmel?

Kimmel virou-se e viu, à distância de uns três metros, um brilho fosco na ponta do cano de uma arma apontada para ele. O homem chegou mais perto. O livreiro não se mexeu. Nunca havia visto o homem antes, mas sabia que era um dos homens de Corby: a paralisia já tomava conta dele. Durante os segundos que o policial levou para avançar, sabia que não se moveria, e a causa não era o medo da arma nem da morte, era algo muito mais profundo do que qualquer coisa

da qual pudesse se lembrar desde sua infância. Era um terror, terror de um poder abstrato, de um grupo organizado, terror da autoridade. Kimmel sentia esse terror intensamente agora, e o havia sentido mil vezes antes, e pensou consigo mesmo se, apesar do terror, deveria agir, mas agora isso era impossível, mais do que nunca. Suas mãos se ergueram automaticamente, e Kimmel odiou ter feito isso mais do que tudo, mas, quando o homem chegou muito perto e lhe fez sinal com a arma para se virar e sair andando, Kimmel virou-se com toda a calma, sem qualquer temor, e começou a andar. Kimmel pensou: desta vez estou mesmo perdido e vou morrer, mas não teve medo também, como se não tivesse nada a ver com aquilo. Sentia-se apenas envergonhado de estar fisicamente tão próximo do homenzinho a seu lado, e envergonhado por não existir nenhuma relação entre eles.

1 “Lá nos daremos as mãos, querida”, trecho da ópera *Don Giovanni*, de Mozart. [N. T.]